

About Academia

(Estudo de Caso: Universidade de São Paulo, SP)

um projeto por Muntadas

Realização:



| Secretaria de
Cultura e Economia Criativa



Edição:



About Academia

(Estudo de Caso: Universidade de São Paulo, SP)

um projeto por Muntadas

Organização

Martin Grossmann

<https://aboutacademia.iea.usp.br/>

Introdução 6

Antoni Muntadas

Frequentar uma academia é essencial 7

Guilherme Ary Plonski

Con/ciência|sobre academia 9

Martin Grossmann

1ª Mesa-redonda: Que universidade queremos? 14

Martin Grossmann, Antoni Muntadas, Ailton Krenak, Macaé Evaristo,
Néstor Garcia Canclini e Guilherme Ary Plonski

2ª Mesa-redonda: Intercontinental Academia 64

Martin Grossmann, Mariko Murata, Nikki Moore, David Gange,
Érica Peçanha e Antoni Muntadas

3ª Mesa-redonda: Universidade e contexto 114

Renato Janine Ribeiro, Guilherme Wisnik, Helena Nader e
Naomar de Almeida Filho

4ª Mesa-redonda: About Academia e o debate STEM & STEAM 160

Guilherme Ary Plonski, Soraya S. Smaili, Marcos Buckeridge,
Antoni Muntadas e Martin Grossmann

Introdução

About Academia (estudo de caso: Universidade de São Paulo, SP) é o resultado de um esforço coletivo do grupo de pesquisa do Fórum Permanente, com culturadoria de Martin Grossmann em estreita colaboração com Diego de Kerchove, Arthur Lauriano do Carmo e Marcela Mancino. Desde o início contou com o apoio da diretoria do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, além de uma cadeia de colaboradores interessados em analisar a função da Universidade a partir de um ponto de vista latino-americano.

Quando o projeto começou no MIT em 2011 e foi apresentado no Carpenter Center em Harvard, concebi o projeto como uma abordagem e reflexão sobre a Universidade (About Academia) através de diferentes participantes: professores e alunos que serviriam como um protótipo a ser discutido.

É evidente que, no início, esta reflexão foi planejada para um contexto norte-americano, mas as sucessivas apresentações em Vancouver (Canadá), Amsterdam (Holanda), Roma (Itália), Sevilha e Granada (Espanha) exigiram uma recontextualização do projeto, não como um modelo a seguir mas, pelo contrário, para ter consciência desse modelo a ser questionado e revisto de acordo com o local e os seus diferentes participantes.

Em São Paulo, o projeto foi proposto como uma revisão parcial para a América Latina e as suas diferentes mesas de discussão provinham de diferentes esferas sociais e educativas.

A concepção digital do projeto acrescenta um possível uso da tecnologia para reinterpretar e aumentar o acesso possível através da experimentação de diferentes meios. Em um momento crítico em que a Universidade está sendo transformada por meio de iniciativas que nem sempre são estritamente educacionais e em que o poder dos modelos econômicos se aproxima dos modelos corporativos, a instituição como Academia e Universidade deve prevalecer em termos de seus valores de conhecimento.

Muntadas

Frequentar uma academia é essencial

No competitivo contexto acadêmico global, exacerbado pelos onipresentes *rankings*, eis uma notícia auspiciosa: o Brasil está em segundo lugar, atrás apenas dos Estados Unidos. Temos aproximadamente 32 mil academias, um pouco abaixo das cerca de 40 mil no país líder. Em número de frequentadores (9,6 milhões) estamos na quarta posição, a léguas de distância dos irmãos do Norte (62 milhões).

Esses números se referem obviamente a “estabelecimentos em que se oferecem aulas de ginástica, ou onde se praticam esportes, lutas, danças etc.”, acepção costumeira do termo *academia* em nosso meio e, por isso, o primeiro registro num dos dicionários mais utilizados. Os assentamentos seguintes são “sociedade de caráter literário, artístico ou científico” e “estabelecimento de ensino, geralmente superior; faculdade; universidade”, que aparece em terceiro lugar.

A evolução do número de frequentadores dos dois tipos de estabelecimentos apontados indica tendências diferentes. Os que focalizam os cuidados com o corpo recebem números crescentes, no contexto da conscientização sobre hábitos saudáveis para a prevenção de doenças e maior qualidade de vida. Em contraposição, nos Estados Unidos, foco do notável projeto de Antoni Muntadas, o número de matrículas na graduação tem declinado consistentemente desde 2010. Em nosso meio, a redução se manifesta inicialmente na menor demanda pela pós-graduação clássica, os mestrados e doutorados acadêmicos.

Essas quedas, que têm múltiplas causas, vêm gerando movimentos de reflexão transformadora no meio universitário. Eles se manifestam, entre outros, nos esforços de renovação das práticas educacionais clássicas, na valorização da produção interdisciplinar de conhecimentos e na maior articulação com outros segmentos da sociedade.

Discrepando de opiniões descoladas de evidências, que por vezes são enunciadas até por pessoas geralmente bem-informadas, as universidades estão longe de serem entes estáticos. Pelo contrário, a história mostra transformações tão radicais que recebem a denominação de “revoluções acadêmicas” – a primeira marcada pela incorporação da pesquisa no século 19 e a segunda pela incorporação do empreendedorismo inovador no século 20.

Estamos nos aproximando de 2088, quando se completarão mil anos da *Alma Mater Studiorum*, a Universidade de Bolonha, na Itália, considerada o marco inicial desse tipo de instituição no mundo ocidental. Como será a universidade quando chegar ao primeiro milênio de existência continuada? Em que pese expressões

atraentes, como “universidade engajada” e “universidade cívica”, ainda é cedo para comemorar uma terceira revolução acadêmica, capaz de grifar o século 21. Mas está claro que o conjunto de movimentos em andamento reconfigurará a universidade mais uma vez.

A extensão e a profundidade das transformações pelas quais passa variam bastante. Em algumas, as mudanças se assemelham a um botox cosmético, estando mais presentes nas falas motivacionais de dirigentes do que na prática institucional concreta. Em outras, tende a ser um *aggiornamento*, uma atualização de processos acadêmicos tradicionais pela incorporação de recursos tecnológicos contemporâneos. Mas há notícias de experiências inovativas ousadas, por exemplo a que leva uma universidade a ter papel impulsionador na construção de ecossistemas de desenvolvimento regional sustentável baseado no conhecimento.

Não deve surpreender o fato de movimentos ousados principiarem por iniciativas acadêmicas isoladas. Conformando a teoria, a experiência mostra que quando iniciativas afins coalescem, pode-se gerar um movimento de baixo para cima que leva projetos marginais a se tornarem estratégias institucionais. Um exemplo em nosso meio é a incorporação do empreendedorismo inovador nas plataformas reitorais recentes, superando os estágios de desconhecimento, oposição e mera tolerância a iniciativas de alguns grupos de docentes e estudantes, que começaram em meados dos anos 1980. Ou, duas décadas antes, a instituição de fundações de apoio capazes de dinamizar a interface entre a universidade e o seu entorno relevante.

É largamente conhecida a ocorrência de tensões, por vezes intensas, ao longo de processos de mudança em qualquer tipo de organização. As reações e contrarreações tendem a ser exacerbadas nas universidades, instituições tradicionalistas por natureza, conforme atesta a perenidade de ritualismos criados no medievo. Elas operam o tempo todo com ideias e seu ethos inclui a belicosidade intelectual, o que potencializa o risco de tensões descambarem em conflitos destrutivos.

Os chocantes cenários recentes em *campi* de universidades estadunidenses renomadas são um exemplo estridente da elevada entropia decorrente da sujeição das suas lideranças a ideários exógenos à agenda acadêmica orgânica. Esses ideários são esgrimidos por grupos de interesse que, em essência, buscam instrumentalizar as universidades, colocando-as a serviço de causas que lhes são forâneas. Algumas dessas movimentações são generosamente financiadas externamente: uma nação do Oriente Médio aportou sozinha 4,7 bilhões de dólares a universidades estadunidenses no período de 2001 a 2021.

As fissuras abertas no ambiente acadêmico graças à habilidade de grupos docentes e discentes na arte da espetacularização se tornam voçorocas quando as lide-

ranças acadêmicas são capturadas e substituem a defesa de valores universitários consolidados, alguns a duras penas, pelo temor de infringirem minudências normativas. Não é demais lembrar que a excelência acadêmica construída com muito esforço ao longo de gerações pode ruir rapidamente por uma combinação de ataques externos e cooptações internas. Um exemplo gritante é o das universidades alemãs nos anos 1930, que em poucos anos passaram de templos do saber internacionalmente respeitados a lupanares intelectualizados a serviço de um regime político assassino.

As conversas sobre processos de transformação das universidades constituem o fulcro do original projeto *About Academia* que nos propicia o artista, professor e intelectual público Antoni Muntadas. Trata-se de uma iniciativa singularmente relevante, criativa na linguagem e impactante no efeito sobre os que a conhecem e exploram. O projeto se nutre particularmente da extensa e intensa vivência de Antoni num dos principais centros transformadores do sistema universitário estadunidense e além-fronteiras no século 20, o MIT, onde atuou por 35 anos.

De fato, é essa uma universidade icônica: não é possível descrevê-la sem salientar o fluxo de inovações que sistematicamente gera, assim como não é razoável contar a história da inovação no século passado sem se referir ao papel precursor do MIT em transformações organizacionais críticas que favorecem essa produção de inovações. Uma delas é solução que costurou para a “controvérsia sobre consultoria”: permitir a professores em dedicação integral realizar atividades externas, inclusive remuneradas – desde que por recursos não oriundos do orçamento da universidade, durante até 20% do seu tempo contratual.

O modelo adotado pela USP em 1989 para essa flexibilização, que é formalmente denominada “exercício de atividades simultâneas”, inspira-se naquela solução. Cabe assinalar que a nossa Universidade vivia então um período de inflexão na sua trajetória: cessava a ingerência do regime autoritário na vida acadêmica; medravam realizações modernizadoras, implementadas por uma gestão ousada e destemida; a autonomia financeira estava a caminho; e elaborava-se um novo marco legal, na esteira da promulgação da nova Constituição estadual.

A academia brasileira, em particular as universidades estaduais paulistas, se de-fre-ntam no momento com desafios de natureza similar aos daqueles tempos: a autonomia financeira está em risco por conta da reforma tributária e são recorrentes as tentativas de ingerência de governantes na vida acadêmica, ainda que bem mais sutis do que as havidas no período autoritário. Questões novas surgem, entre elas a metabolização das aceleradas inovações tecnológicas estruturantes, a manutenção do ethos acadêmico em face da deterioração generalizada da capa-

cidade de manter diálogos respeitosos e a viabilização do atendimento a demandas por inclusão de grupos que se consideram subrepresentados.

A pandemia da Covid-19 despertou a necessidade de, com inteligência e esforço locais, produzir uma versão digital das videoinstalações apresentadas por Antoni em várias universidades ao longo da década passada. *About Academia* – a exposição e as instigantes mesas redondas associadas, aconteceram graças ao esforço coletivo do “Fórum Permanente: Sistema Cultural entre o Público e o Privado”, grupo de pesquisa do Instituto de Estudos Avançados da USP, em parceria com a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, também da USP e o apoio do Programa de Ação Cultural da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo. Conforme assinala o professor Martin Grossmann, culturador do projeto em nosso meio, houve uma originalidade adicional na aterrissagem do projeto em Terra Brasilis nesse período delicado: a obra “foi esculpida digitalmente considerando outro tipo de espaço que é a virtualidade, um espaço que potencialmente possui n-possibilidades de modelagem”.

Também as academias esportivas tiveram que reinventar o seu modelo de atuação em virtude das limitações sanitárias impostas pela pandemia. A exploração das possibilidades do meio digital para lidar com algo essencialmente físico, como são os exercícios corporais, levou o neologismo “figital” ao seu sentido mais castiço.

Estabelecimentos focalizados nos cuidados com o corpo humano e estabelecimentos voltados ao desenvolvimento das potencialidades da mente humana adotaram, ambos, a designação derivada de Akadēmeia, nome de uma área nas cercanias de Atenas em que havia um pomar de oliveiras dedicadas à Atena, a divindade mitológica grega que simboliza a sabedoria, também chamada de Palas Atena.

Ambas as academias podem muito contribuir para o bem-estar humano, justificando a sábia frase do poeta romano Juvenal (55-128), cujo segundo milênio de nascimento chegará ainda antes do primeiro milênio da universidade: *Orandum est ut sit mens sana in corpore sano* (“Você deve orar por uma mente saudável em um corpo saudável”).

Grato, estimado Antoni, por estimular as nossas mentes e tocar os nossos corações numa reflexão com múltiplas ênfases sobre a nossa alma mater comum.

Guilherme Ary Plonski, diretor do IEA-USP de 2020 a 2024

Con/ciência | sobre academia

*O risco inerente à prática é o que garante sua perene qualidade subversiva, sua capacidade de expor as contradições em nosso sistema que consideramos naturais e dadas. **Jose Falconi 2017**¹*

*Portanto, é um ataque de dentro, uma contaminação interna, que faz com que essas estruturas parem de funcionar por um momento da forma que normalmente se espera, para que possamos percebê-las de outro ângulo, de preferência crítico. **Arlindo Machado 2002**²*

*Os artistas devem manter a mesma posição crítica que está na base das obras mais lúcidas da história da arte; aquelas obras enraizadas em um determinado tempo e lugar, ou seja, em um contexto. **Antoni Muntadas 1990**³*

*A universidade é a instituição anfitriã e o aparato, enquanto academia é uma maneira de pensar, uma metodologia e também uma reflexão do conhecimento como tal e uma compreensão particular do mundo. **Ute Meta Bauer 2011**⁴*

*A academia, para mim, é mais uma ideia abstrata sobre a operação da produção de conhecimento, enquanto a universidade lida com a logística e a infraestrutura reais dessa produção. **Jie Zhang 2017**⁵*

1 “The risk inherent in the practice is what guarantees its perennial subversive quality, its capacity of exposing the contradictions in our system that we take to be natural and given.” (FALCONI, J. *Fortunate Alignment [A Brief Recollection on Muntada’s About Academia]* in VAN TOMME (Ed.), *Muntadas. Activating Artifacts: About Academia*, Baltimore, The Center for Art, Design and Visual Culture - UMBC, 2017, pp-122

OBS.: José Falconi é o curador da exposição em sua primeira aparição no *The Carpenter Center for Visual Arts* da Universidade de Harvard em Cambridge, Massachusetts, na primavera de 2011.

2 MACHADO, Arlindo. *Muntadas entre a Arte e os Mídia* in ALONSO, Rodrigo, “Muntadas: con/textos : [una antología crítica]”. Buenos Aires, Ediciones Simurg, 2002 pg 113

3 MUNTADAS, Antoni. *La Intervención Tecnológica de Los Artistas en un Espacio Virtual o El Artista como Escéptico en un Mundo Simulado* in ALONSO, Rodrigo, “Muntadas: con/textos: [una antología crítica]”. Buenos Aires, Ediciones Simurg, 2002 pg 442

4 META BAUER, U. depoimento in MUNTADAS, Antoni. *About Academia I: um documento interno*. São Paulo, Fórum Permanente, 2021, p 127.

5 ZHANG, J. depoimento in MUNTADAS, Antoni. *About Academia II: um documento interno*. São Paulo, Fórum Permanente, 2021, p. 10

Academia, de qual academia estamos falando?

Certamente não é a Academia de Belas Artes, tampouco a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas em Hollywood, também não a Academia Brasileira de Ciências.

Nas impressionantes cenas iniciais do filme *Fausto* (2011) do cineasta russo Sokurov, baseado na obra prima de Goethe, o assistente do estudioso Heinrich Faust pergunta ao mestre: onde reside, onde podemos encontrar a alma no corpo humano?

Onde está a academia? Onde a encontramos hoje, local, territorial, global, universal e virtualmente? Como ela é formalizada nessas diversas situações e quais seriam suas principais características?

Não respondendo objetivamente a tais perguntas, mas ativando processos dialógicos e mantendo latente o espírito crítico neste contexto específico que é a universidade, o artista Antoni Muntadas mais uma vez e certamente identifica temas / conceitos / situações que geram questionamentos e estranhamentos, tirando-nos do lugar comum, do conforto daquilo que consideramos como dado, como estabelecido. Desta vez seu foco e alvo é o entendimento, a princípio senso-comum, do que chamamos de Academia que, por sua vez, em contraponto, questiona o estado da arte da Universidade. Ao problematizar o entendimento da Academia, Muntadas expõe, desnuda a universidade, promovendo o debate e a autocrítica. O artista coloca em evidência a inequívoca presença local, física, ubíqua e universal da universidade na sociedade contemporânea. Seculares, resilientes, a despeito de guerras, das barbáries, de governos autocráticos, as universidades modernas são simultaneamente paradigmas e paradoxos: por um lado, por serem indissociáveis aos processos civilizatórios, democráticos e progressistas, e sobretudo da ampliação e da salvaguarda do conhecimento humano; por outro, por estarem inevitavelmente associadas a sistemas de poder hierarquizados, colonizadores e hegemônicos que ainda são perpetuados, mas não só, por centralidades como as prestigiadas universidades europeias e também a dobradinha Harvard e MIT em Cambridge, Massachusetts, nos Estados Unidos da América, *locus* inicial deste projeto de arte de Muntadas. Universidades fazem parte da paisagem das cidades, integram o *establishment*, fomentam, produzem e conservam o conhecimento, como também são diferenciais em certas situações, urbanas ou não. No entanto, estão sob intenso bombardeio e, as-

sim sendo, precisam ser revigoradas. A autocrítica, a meta-crítica são essenciais para o fortalecimento, o reposicionamento e a reestruturação das instituições.

A participação da arte, dos artistas, nesses processos faz diferença, como *About Academia* demonstra em sua proposição e subseqüente execuções. Os ambientes produzidos pelo artista em parceria com seus associados em cada situação, seja nas versões analógicas⁶ como também nesta interpretação online desenvolvida pelo artista e o Fórum Permanente para a virtualidade, ativam um estado de consciência. Os diálogos com professores e estudantes de universidades norte-americanas são os ignitores do processo. As entrevistas, gravadas como “talking-heads”⁷, estão acompanhadas por duas outras projeções: inserções textuais que dizem respeito à conceituação histórica e contemporânea da academia e das universidades em paralelo com imagens em movimento das arquiteturas, espaços, ambientes e situações típicas dos campi universitários abarcados pelo projeto. Na interpretação online foi reforçado o protagonismo das projeções nesta ambientação instalativa composta por dois conjuntos de 3 projeções.

Para tanto, na modelagem do ambiente virtual não foi utilizado software ou plataforma pré-existent, tampouco templates, ou até mesmo outros ambientes digitais 3D disponíveis no mercado. Igualmente, o “cubo branco” (galeria de arte) e/ou a “caixa preta” (teatro e cinema) não são considerados como referências. Tampouco optou-se por criar uma simulação de espaços existentes na fisicalidade, analógicos, como seria o caso aqui no Brasil do espaço expositivo da Biblioteca Brasileira, onde a exposição teria acontecido ⁸, ou até mesmo, outros espaços arquitetônicos da cultura material em que se expôs *About Academia* anteriormente, como o Carpenter Center em Cambridge, Massachusetts, EUA, De Appel em Amsterdam, Holanda ou Audain Art Gallery em Vancouver, Canadá.

A interpretação online foi montada “matando na unha”, ou seja, foi esculpida digitalmente considerando outro tipo de espaço que é a virtualidade, um espaço que potencialmente possui n-possibilidades de modelagem. Portanto, o visitante explora nesse momento um projeto original nunca antes imaginado. Um grande diferencial desta interpretação online é que o ambiente digital não possui paredes,

6 O projeto teve início em Cambridge, Massachusetts, nos EUA em 2011 e, desde então, já foi exposto em Sevilha, Espanha; em Baltimore, EUA; em Amsterdam, Holanda; em Vancouver, Canadá; em Arizona, EUA.

7 “cabeças-falantes”: um comentarista ou repórter na televisão que se dirige à câmera e é visto em close-up.

8 Devido à pandemia, optou-se pela transferência da exposição de um lugar físico para a virtualidade

teto e piso, nem mesmo carrega em si qualquer referência espacial analógica. As “superfícies” de projeção que compõem a videoinstalação não são consideradas simplesmente “telas”, mas suportes, entidades projetivas, que ativam o estado de consciência do visitante, atuando também como fantasmagorias dos principais referentes, a academia e a universidade. Imersos em uma instigante polifonia, esses conjuntos projetivos, assim como cada projeção, são singularidades no espaço, daí a necessidade do site ter seis players de vídeo performando simultaneamente.

E porque interessa a Muntadas uma análise crítica e poética da Academia que inevitavelmente, por afiliação e conectividade, promove uma reflexão e um debate incisivo sobre o papel da Universidade na contemporaneidade?

Muntadas é um artista-professor-pesquisador ⁹ e como já destacado na epígrafe deste texto, entende que artistas devem manter a mesma posição crítica que está na base das obras mais lúcidas da história da arte. Essas obras são fruto de pesquisas, alicerçadas em sua contemporaneidade e ao mesmo tempo inquietas em relação a essa sua natureza, o que acaba por gerar um contínuo e permanente questionamento ontológico, que envolve a todos e a tudo. A arte na universidade, assim como a ciência, está baseada em processos de investigação. Os próprios artistas-professores-pesquisadores na universidade e seus associados ou comunidades, não só examinam criticamente a sua própria produção e seus contextos de produção e reflexão como também problematizam a produção da arte contemporânea dentro e fora do campo acadêmico. Isso é realizado *pari passu* com outros pesquisadores, entre eles historiadores e teóricos da arte e da arquitetura, estetas, filósofos, psicólogos, psicanalistas, antropólogos, sociólogos e curadores. Nesse espírito, Muntadas transpõe uma estratégia de “crítica institucional” ¹⁰ reservada anteriormente apenas para o circuito da arte, para um contexto ampliado, aquele que abriga o ensino e a pesquisa da arte: a universidade.

9 Ricardo Basbaum, artista-professor-pesquisador da Universidade Federal Fluminense, sugere um termo que abarca essa condição: o “artista, etc.” | vide: Ricardo Basbaum, *I love etc-artists*. Texto originalmente publicado em inglês, parte do projeto *The Next Documenta Should Be Curated by an Artist*, traduzido para o português em Políticas institucionais, práticas curatoriais, organizado por Rodrigo Moura (Belo Horizonte, Museu de Arte da Pampulha, 2005)

10 Esse questionamento ontológico promovido pelas poéticas visuais já forneceram para outras instâncias do conhecimento humano, conceitos como a **curadoria** e o de **crítica institucional**, além do **site-specific** vide: 1) BHASKAR, *Michael Curadoria: O poder da seleção no mundo do excesso*, São Paulo, Edições Sesc São Paulo, 2019, 320 p., e 2) ALBERRO; STIMSON. *Institutional critique – an anthology of artist’s writings*. Massachusetts: The MIT Press, 2009. 3) BARRETO, Jorge Mascarenhas Menna. Lugares moles. 2007. Dissertação (Mestrado em Artes Plásticas) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.27.2007.tde-05072009-204120. Acesso em: 2021-04-28.

Esta intencionalidade do artista, sua poética visual, soma-se agora a outras proposições dialógicas, críticas e discursivas que possuem como objeto a universidade (e a academia) que ganharam protagonismo desde o final da década de 1990¹¹ em um *site-specific* da interdisciplinaridade na Universidade de São Paulo: o Instituto de Estudos Avançados da Usp (IEA-USP).

Com esta exposição de Muntadas, o IEA reforça outro elemento que o caracteriza, além de *think-tank*¹², de incubadora e laboratório da pesquisa interdisciplinar: o de plataforma de crítica institucional, seja da Usp, seja da universidade pública ou até mesmo da academia, já que pode ser vista como “*uma maneira de pensar, uma metodologia, e também uma reflexão do conhecimento como tal e uma compreensão particular do mundo*”¹³.

Embora as instituições acadêmicas sejam um subtipo particular de instituição, a academia como conceito é distinta, referindo-se mais a uma rede de conhecimentos ou a um círculo de ideias e pessoas conectadas entre si e à busca da vida da mente. Tais redes e compromissos intelectuais não precisam ser limitados por instituições formais, mas geralmente são mantidas dentro das instituições acadêmicas. Diane E. Davis 2011¹⁴

Martin Grossmann, culturador

11 O IEA-USP desde sua criação em 1986 desenvolveu e abrigou substantivas empreitadas que tiveram e tem a universidade como objeto, vide: <http://www.iea.usp.br/pesquisa/projetos-institucionais/projetos-especias-antiores/os-desafios-do-ensino-superior-no-brasil-1/os-desafios-do-ensino-superior-no-brasil> e <http://intercontinental-academia.ubias.net/programme/first-phase#Universities-Axis>

12 Think tanks são instituições que desempenham um papel de *advocacy* para políticas públicas, além de terem a capacidade de explicar, mobilizar e articular os atores. Produzem pesquisas, análises e recomendações que contribuem para um ambiente de conhecimento, permitindo, inclusive, que os formadores de políticas públicas tenham ferramentas para tomar decisões mais embasadas, além de ter um papel importante na disseminação de conhecimento à sociedade.

13 META BAUER, U. depoimento in MUNTADAS, Antoni. *About Academia I: um documento interno*. São Paulo, Fórum Permanente, 2021, p 127.

14 DAVIES, D. depoimento in MUNTADAS, Antoni. *About Academia I: um documento interno*. São Paulo, Fórum Permanente, 2021. p 65.

1ª Mesa-redonda:

Que universidade queremos?

Evento do ciclo de debates acerca da exposição

About Academia de Antoni Muntadas

**Com Martin Grossmann (moderador), Antoni Muntadas,
Ailton Krenak, Macaé Evaristo, Néstor Garcia Canclini e
Guilherme Ary Plonski**

30.04.21 | 14:00

Sala zoom do IEA-USP

Registro audiovisual:

<https://e.usp.br/rp0>

Exposição:

<https://aboutacademia.iea.usp.br/>

Grossmann: Boa tarde a todos e a todas. É com enorme satisfação que damos início a esse encontro, que eu diria que é um encontro de titãs. É um encontro que foi, em grande parte, provocado por esse projeto, *About Academia*, do artista catalão, espanhol e residente nos Estados Unidos, Antoni Muntadas.

Mais adiante traçarei o perfil de cada convidado e falarei um pouco mais sobre nosso artista, Antoni Muntadas. Mas gostaria de passar a tela para nosso diretor, Ary Plonski, diretor do Instituto de Estudos Avançados (IEA).

Plonski: Muito obrigado, Martin. Boa tarde a todos e a todas que estão nos acompanhando. Em particular, eu queria saudar, agora formalmente, nosso artista, Antoni Muntadas. Tenho a impressão de que temos algo em comum, porque ele cursou a Escuela de Ingeniería Industrial, que aqui no Brasil chamamos de engenharia de produção. E eu sou, por acaso, professor de engenharia de produção. Então temos algo em comum. E, também, sou um admirador de sua trajetória de trânsito interdisciplinar entre tecnologia, arte e tantas linguagens.

Queria cumprimentar também, com muito carinho, o professor Néstor García Canclini, que é o titular da Cátedra Olavo Setúbal, que, já no seu segundo ciclo, tem no professor Canclini o primeiro titular, o primeiro catedrático internacional ou, mais corretamente, estrangeiro, mas que tem reconhecimento na América Latina inteira.

Queria saudar a professora Macaé Evaristo, que é uma pessoa da comunidade educacional. Anteontem, professora, foi o Dia Mundial da Educação. É auspicioso que esse encontro se inicie nesta semana. E mais auspicioso ainda que a senhora esteja conosco representando a comunidade das pessoas, dos ativistas e das ativistas em Educação Básica.

Queria agradecer¹⁵ também à equipe do instituto, aos tradutores, em particular ao Sérgio, ao Aziz e à querida Sandra. Queria cumprimentar, em particular, o professor Martin Grossmann, que é um criador e implementador, pois ele consegue criar e transformar as ideias em realidade. O professor Martin é ex-diretor do instituto, mas vai ser sempre diretor. Como brincamos, é um ex-diretor em exercício. Ele coordena o Fórum Permanente: Sistema Cultural entre o Público e

15 nota: O diretor do Instituto não menciona o convidado Ailton Krenak, uma vez que ele, naquele momento ainda não tinha se conectado a sala zoom criada para este encontro virtual.

o Privado, que está sediado no instituto. Gostaria, também, de mencionar duas importantes parcerias: com a Biblioteca Mindlin e com o Programa de Ação Cultural (Proac), e, portanto, com a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo.

Para o IEA é um privilégio poder abrir esse espaço, ou melhor, avançar, para usar o termo que está no nome do instituto, ao trazer, primeiro, arte contemporânea, e, segundo, uma arte que dialoga com a essência do que fazemos no instituto, já que somos o IEA da Universidade de São Paulo (USP). Existem institutos de estudos avançados que são isolados. Por exemplo: o instituto pioneiro, em Princeton, é um instituto isolado. Brilhante, mas isolado. Mas existe uma rede de institutos no mundo conectados à universidade, o UBIAS. E o nosso instituto integra essa rede.

Portanto, o tema desse encontro, arte com o IEA, focaliza, justamente, esse ambiente no qual o instituto está, que é a academia. E o título que o Antoni Muntadas deu, *About Academia*, é muito interessante. Na apresentação que o Martin fez da exposição, que é neste momento uma exposição virtual, ele usou uma expressão, que é “¿Donde está la academia?”. Portanto, se o Antoni Muntadas me permite, acho que a exposição e esse seminário, que começa hoje e continua no dia 10, se refere, por um lado, à exposição *About Academia*, mas também traz a pergunta: “*Academia, whereabouts?*”. Qual o paradeiro da academia? Qual o paradeiro da universidade? Que lugar a universidade tem? Como ela é percebida? Onde está a universidade nos grandes desafios da humanidade? (Seja no desafio atual, que é o desafio da saúde, seja no desafio da saúde no seu sentido mais amplo, não de pandemia, mas de *sin-demia*, uma combinação entre aspectos biológicos e aspectos de natureza social.)

Acho que hoje estamos começando uma conversa motivada pela arte e que vai focalizar, com um olhar avançado, diferente e inovador, esse ambiente onde estamos, que é a universidade. Então, agradeço mais uma vez ao Antoni Muntadas. Cumprimento-o pelo brilho da sua capacidade de traduzir o contemporâneo em uma forma visual. Agradeço ao Martin por ter organizado essa festa cultural, que iniciamos agora. Cumprimento, mais uma vez, o professor Canclini, Macaé Evaristo e Allton Krenak. E desejo um excelente evento para todos nós.

Grossmann: Muito obrigado, Ary, por essas palavras introdutórias. Você, com isso, já apresenta os convidados. Vou falar um pouquinho mais sobre eles. Mas você também nos lembra dessa parceria que conseguimos fechar, uma parceria entre o IEA, a Biblioteca Brasileira da USP e o Fórum Permanente, que é um gru-

po de pesquisa que tem uma sede no IEA, mas também integra a pós-graduação, a pesquisa da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP. O fórum trouxe esses parceiros, com essa ideia de criar um projeto que discuta a universidade, como fazemos já há um bom tempo. O IEA vem criando esses ambientes de debate, de troca, de intercâmbio, mas também de crítica, desde o final da década de 1990, quando o instituto começou a organizar esses eventos e até grupos, com uma função mais temporária de discutir a universidade moderna e a universidade no Brasil, principalmente a questão da universidade pública.

Então como o IEA assumiu esse objetivo, essa meta, de ser uma plataforma de crítica institucional, achei muito interessante que, mais do que um museu, uma galeria de arte ou a própria Maria Antônia, o IEA, nessa parceria, pudesse abrigar uma exposição com essas características que o Muntadas traz. E reforço que o Muntadas, em vez de chamar de exposição, chama de projeto. Porque é um projeto que se iniciou em Harvard, em Cambridge, que é essa cidade que traz duas das mais importantes universidades da Ivy League. Foi esse lugar muito especial nos Estados Unidos, que abriga pesquisadores, intelectuais e artistas em um ambiente bastante motivante, que produziu essa exposição.

O Muntadas, na época, estava terminando o seu longo período como professor do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), também num contexto de estudos avançados. O Muntadas participou de um grupo, que teve alguns nomes, mas primeiro se chamou Instituto de Pesquisas Avançadas em Arte, muito relacionado às ideias das vanguardas do século passado, além de mobilizar esse espírito de vanguarda da Europa para os Estados Unidos, sempre envolvendo ensino. Então, a importância de estarmos numa plataforma como o IEA, que é uma plataforma interdisciplinar que pensa ou que motiva a transdisciplinaridade, faz com que esse projeto, *About Academia*, tenha seu lugar mais apropriado na USP, cujas características são bastante diversas.

Antes de passar a palavra ao Muntadas, queria mais uma vez agradecer aos nossos participantes e dizer que o que é importante no Fórum Permanente é que há uma ideia que vem desde o seu nascedouro, que é a ideia de servir como uma plataforma flutuante, em inglês chamo isso de uma "*floating.org*", porque ela se caracteriza por estar nos interstícios, por fazer as conexões entre diferentes agentes do sistema da arte e da cultura.

O Fórum Permanente, a partir de 2003, foi desenvolvendo várias estratégias para que o ambiente da arte estivesse mais aberto a outras áreas do conhecimento, a outras práticas. E, com isso, ele também foi bastante inovador ao ser um dos primeiros grupos de pesquisa a utilizar a tecnologia do *webcast*, da transmissão online, do streaming, ao vivo, de importantes debates que são realizados nessa esfera da arte contemporânea, das instituições, das artes, enfim, dessas relações que existem com a cultura.

E, mais uma vez com o Muntadas, e agradeço muito ao Muntadas por isso, conseguimos fazer uma parceria e fazer com que, em vez de desistirmos dessa ideia, de trazer *About Academia* para o Brasil, por causa da pandemia, avançássemos e enfrentássemos esse desafio de traduzir o seu projeto para a virtualidade. Nos últimos meses, a gente vem trabalhando em estreita colaboração, para tornar essa ideia de uma exposição virtual uma realidade. Com isso, queria também agradecer a toda a equipe do Fórum Permanente e à equipe do IEA, que abriu as portas e se mostrou bastante permeável a pensar nessa tradução, nesse processo de sairmos do espaço físico e migrarmos para a virtualidade.

A exposição que fizemos, entendo que é um projeto não só inovador, mas também ligado a um papel que a arte tem na área, na galáxia dos conhecimentos, que é o da invenção. Fizemos algo bastante distinto em termos de experiência espacial. E estou muito curioso para ouvir as reações que os nossos convidados tiveram em relação a esse projeto comandado pelo Muntadas.

Assim, nesta tarde, além do artista Antoni Muntadas, que tem uma trajetória incrível, sobretudo se pensarmos o artista contemporâneo como aquele que não tem mais um ateliê necessariamente fixo (obviamente, o Muntadas tem duas casas, dois ateliês, duas residências, um em Nova York e outro em Barcelona), um artista que é do globo, um artista planetário e um artista que consegue criar redes onde estiver: um *globetrotter*! Então, o Muntadas tem um conhecimento de sistemas de educação e arte, e da relação entre mídia e tecnologia do mundo que é muito interessante e único. Aqui no Brasil, o Muntadas se relacionou, desde o início, a empreitadas de vanguarda de grupos fortes envolvendo Walter Zanini, primeiro diretor do Museu de Arte Contemporânea (MAC), os artistas Regina Silveira e Julio Plaza, por exemplo e, com isso, foi criando redes com os estudantes, de modo que ele também foi convidado, com uma certa frequência, a retornar ao Brasil, não só

para expor sua obra, mas para ministrar cursos, principalmente de pós-graduação. Ao longo desses anos, Muntadas foi conhecendo diferentes artistas, diferentes formações, o que certamente também ocorre em outros países do mundo, em particular na América Latina, pois Muntadas, com certa frequência, vai à Colômbia, além de já ter estado em Cuba, Venezuela, Argentina, Uruguai, entre outros.

Isso é bastante importante e interessante para nós nesta tarde, visto que reunimos uma equipe, um grupo muito diverso, mas que também tem relações com outras cosmologias, outros saberes, e não só com a cosmologia ocidental, eurocêntrica, que comanda, ainda em grande parte, essa ideia do conhecimento e das relações que ocorrem dentro da universidade. Então acho que é importante essa discussão que o Muntadas trouxe do Norte, desse eixo pan-americano, esse contato com outros pensamentos, outras reflexões, acerca não só da formação de novos quadros, do ensino, mas também sobre como se constitui o conhecimento e sobre o que foi colocado de lado nessa trajetória, apagado até, o que não foi valorizado.

Nesse sentido, entendo que hoje é extremamente importante a presença de Macaé Evaristo, que esteve à frente da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais e da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, pois ela tem muito a nos dizer. Macaé tem um trabalho incrível sobre essa revolução que está por ser feita, de termos de fato outros saberes, outras experiências, outros valores na universidade, além de um trabalho também importante de educação integral. Ela envolveu várias instituições culturais no ensino, no estado e no município, inclusive um dos ícones da arte contemporânea no Brasil, que é o Instituto Inhotim.

Com isso, aproveito e faço a conexão com o nosso queridíssimo filósofo, pensador, artista, um ser mediúnico que transita entre o saber ancestral e presente dos originários da nossa terra, os proprietários desse lugar chamado Brasil, que é o Ailton Krenak. Tive outras oportunidades de estar com o Ailton, a última ao vivo. Estávamos na favela da Maré com Eliana Souza Silva e com Jailson de Souza e Silva Foi Eliana quem trouxe ao IEA uma maravilhosa ideia de ver a periferia como potência. Então, essa abertura ou essa procura do IEA, como plataforma de estudos avançados da USP, por propor novos caminhos e novos desafios foi, em grande parte, conduzida por Eliana, como catedrática da Cátedra de Arte, Cultura e Ciência da USP, quem trouxe, com essa sua experiência da Maré. Assim como o

Ailton hoje certamente vai fazer uma ponte entre algo que está na pergunta desse nosso tema: “Que universidade queremos?”. Está na ordem do desejo, mas também na ordem da utopia. E entendemos, diante da situação em que nos encontramos, não só no Brasil mas no mundo, que uma das coisas que são necessárias é fomentar a utopia. Então isso significa pensarmos juntos como essa universidade não só no aqui e agora pode enfrentar ou nos conduzir a um mundo diferente desse em que vivemos hoje. Não sei se será melhor, mas espero que tenha melhorias significativas. Entendo que o trajeto da educação no Brasil nos últimos trinta anos mostra a potência, a capacidade, a criatividade que temos de pensar nos outros modos de educação. O Ary mencionou que o próprio IEA tem uma Cátedra em Educação Básica. Isso está no seio do pensamento e da estratégia de um instituto de estudos avançados.

Por fim, quero traçar só uma relação com o nosso catedrático titular atual, Néstor García Canclini, uma vez que hoje ele é o nosso representante da América Latina aqui. Então, Néstor, você fala de uma imensidão, de um território bastante complexo, e se olharmos para o conhecimento gerado sobre a cultura na América Latina, você é um dos principais protagonistas e pensadores que tenta entender quem somos e para onde vamos.

Então, só tenho uma imensa expectativa. E queria dizer mais uma vez: uma imensa satisfação de estar na companhia de vocês. A presença de vocês hoje aqui é de difícil descrição. Está na ordem do inefável, de tão importante. Mais uma vez agradeço ao Antoni Muntadas por nos dar a possibilidade desse encontro e dessa discussão que teremos nesta tarde.

Muntadas: Obrigado, Martin. E obrigado a todos por estarem aqui, conversando e discutindo preocupações que não são comuns. Eu preciso dizer ao Ary que prefiro a arte à engenharia e que a produção como artista me trouxe até aqui, embora eu tenha que admitir que a universidade foi importante para organizar a cabeça, para organizar e ordenar. Eu sempre digo que, embora tenha deixado de lado as práticas de engenharia, foi um período interessante para racionalizar minha maneira de pensar.

Bem, vou fazer uma breve introdução e quero começar pelo fim. Quero começar com o que geralmente são os agradecimentos, que são sempre os últimos. E com isso gostaria dizer, como em um filme, que sou muito grato ao Martin Grossmann,

porque sem ele isso não teria sido possível. Por causa de sua perseverança, de seu interesse e de sua vontade de fazer ele conseguiu desenvolver um projeto. Quando estávamos na biblioteca Brasileira, definindo o espaço físico, que já estava muito avançado, a pandemia apareceu, e tivemos que mudar de marcha e procurar uma maneira de torná-la visível por meio das redes.

E acho que isso foi uma experiência. Às vezes, os projetos inovadores são forçados. Forçados pelas circunstâncias. Aconteceu comigo em outros projetos do File Room e do Between the Frames. Às vezes as circunstâncias levam à necessidade de inventar outras situações. E, neste caso, promovido pelo Martin, foi a tradução digital. Gosto de usar a palavra tradução porque acho que é um conceito que me liga à maneira de entender a cultura. Creio que ele, junto com Diego Kerchove, Andrea Nacach, Arthur Lauriano do Carmo e Marcela Mancino têm sido uma equipe fantástica no desenvolvimento desse projeto que podemos ver digitalmente.

Bem, como isso começou? Começou em Cambridge, como Martin estava falando. Eu estava lecionando no MIT e depois de quase quarenta anos estava prestes a sair, em 2014. E, por falar nisso, Néstor estava na despedida em um seminário. Néstor é, além de um interlocutor, um cúmplice que eu prezo muito, e sou grato por ele estar aqui conosco. Então Harvard me propôs fazer um projeto, e eu achei que era um bom momento, depois de repensar os anos em que estive na universidade, as diferentes experiências etc., para enfrentar a situação da academia e da universidade.

E dessa possibilidade de apresentação no Carpenters Center surgiu o projeto Academia, que mais tarde foi chamado de *About Academia 1*, no qual colegas e diferentes professores, especialmente do MIT e de Harvard, foram as primeiras pessoas que entrevistei. E a entrevista, do ponto de vista da arte, às vezes é difícil de entender. Eu a entendo a partir das práticas sociais. Acho que as entrevistas, assim como o trabalho de campo, são algo que sempre alimentou minha maneira de fazer as coisas, porque acho que elas são diálogos. Na verdade, a entrevista é pedir a alguém que tem informações que as forneça a você. Em outras palavras, a ideia da entrevista é entendida de forma equivocada por causa da ideia de mídia de massa e da ideia de propaganda. A entrevista é algo elementar do ponto de vista da compreensão e do recebimento de informações.

Então, essas entrevistas com pessoas que estavam no MIT, em Harvard, depois se estenderam a outras universidades, porque começaram a aparecer outras questões, e eu queria reunir arquitetos, urbanistas etc., para ver também a globalização da universidade. Acho que foi uma experiência que durou quase três anos, com alguns solavancos que não foram muito grandes. Foi o esforço de muitas pessoas, como ocorre na maioria dos projetos. E devo dizer que essa é uma das poucas coisas com as quais talvez não concordemos com Martin, sobre a qual ele não quer refletir tanto, mas eu reflito. O que quero dizer é que esse projeto é um projeto feito nos Estados Unidos sobre a universidade americana e que, quando for apresentado no exterior, é muito importante apresentar mesas-redondas, diálogos, discussões, para que não seja entendido como um gesto de colonização.

Acho que o projeto é uma reflexão crítica sobre a universidade americana. Há coisas positivas, mas muitas coisas problemáticas. Vou falar sobre as perguntas que fiz, que são as perguntas que me levaram a fazer esse projeto, e quero enfatizar que essas mesas-redondas podem dialogar com outros formatos e outros modelos de universidade. Sobretudo na América Latina, porque esse projeto é feito para a América Latina. O Brasil é a América Latina, ou seja, é preciso dizer que está muito claro que esses modelos e esses contextos refletem e têm o interesse do *About Academia*, uma interpretação digital.

Voltando à ideia originária, tive a possibilidade de entrevistar pessoas conhecidas e outras não conhecidas, mas isso está em todo o projeto. Agradeço a todos eles pelo tempo em que tivemos a discussão, que foram entrevistas de mais de uma hora. E também devo dizer que, quando o projeto de Harvard foi concluído, depois de um tempo pensei: “Está faltando alguma coisa aqui. Preciso concluir esse projeto”. E nasceu o *About Academia 2*, que consistia em ouvir as vozes dos alunos. Passei quase um ano e meio entrevistando alguns de meus ex-alunos, mas também alunos de outras universidades. Isso pôde ser feito em Baltimore e foi apresentado em Baltimore, no centro de estudos avançados de lá.

Quero dizer que a voz dos alunos se tornou quase mais crítica do que a voz do corpo docente. Foi muito interessante do ponto de vista da experiência, porque eles começaram a revelar situações representativas da universidade americana, situações de raça, de gênero, situações de discriminação, situações de hierarquias, de classificações, o que significa uma universidade da Ivy League, com uma uni-

versidade pública, uma universidade particular. Todas essas são questões que puderam, graças às conversas com os professores e com os alunos, ser reveladas e estão nesses pequenos livros de transcrição, que considero parte do projeto e que, de certa forma, complementam uma leitura mais lenta do que pode ser, ou seja, ouvir e ler em conjunto.

Acho que, nessa situação, eu diria que não posso dizer muito mais. Acho que, em grande parte dessa situação, o que proponho é que as pessoas vejam o projeto. E eu diria que o vejo como um artefato. Um artefato a ser ativado. Muitos de meus projetos são assim: se não forem ativados, não fazem sentido. E a possibilidade de ser ativado e de trazer à tona algumas perguntas, a continuação de uma resposta e uma cadeia não significa que não funcione. E isso em todos os projetos. Trabalhei por dez anos no projeto *Between the Frames*, sobre o sistema de arte de 1982 a 1993, e foi a mesma coisa: 150 entrevistas com pessoas do sistema.

De certa forma, *About Academia* é a segunda parte dessa série de análise dos sistemas de cultura e de como somos. Em resumo, nós usamos, conhecemos e podemos vir a recebê-los. Por fim, vou fazer uma breve lista das perguntas. É uma lista, uma coluna de quinze palavras: “academia versus universidade”, “privado versus público”, “conhecimento versus titulação ou emprego”, “instituição versus corporação”,

Se você não se importa com as décadas de 1960 e 1970, que, na minha opinião, foram momentos importantes de valorização da situação, você poderia fazer uma pergunta sobre o que também é esta última década, os anos 1990. “Pensamento crítico”, “poder”, “alternativas”, “utopia”, “pesquisa”, “interdisciplinaridade”, “gênero”, “raça”, “trabalho”, “estresse”, “economia”, “classificações”, “espaço”, “arquitetura”, “urbanismo”, “gentrificação” e, finalmente, “globalização”. A partir dessas quinze perguntas, o projeto foi desenvolvido, e se tem acesso a ele. Bem, neste caso, a pandemia pode ser um elemento a favor. Martin, vou lhe dar a palavra. E muito obrigado a todos vocês.

Grossmann: Obrigado mais uma vez, Muntadas, por essa contextualização. É muito importante enumerar as perguntas que fizeram parte desse *guión*, desse seu roteiro nas entrevistas com professores, intelectuais, pesquisadores do *About Academia I* e com os estudantes de *About Academia II*. Queria deixar muito claro, Muntadas, que não há uma diferença. O que vejo é que a sua posição, uma vez

que você conhece diferentes realidades no globo, permitiu reunir não só esse conjunto de perguntas, mas também colocar a universidade em xeque.

E essa universidade em xeque, obviamente, não é um assunto exclusivo só de universidades como essa em que você teve essa relação estreita sendo professor do MIT, mas tem muito a ver com a nossa situação aqui. Só que, obviamente, uma vez ao organizamos este evento, você me deu essa liberdade de pensar essa estrutura dialógica, que é esse próprio evento, esse debate. Assim, podemos pensar e trazer para essa arena, para esse momento de debate, representantes de novos rumos para o ensino no Brasil. E, claro, considerando essa posição *hors concours* do Néstor García Canclini, uma vez que ele é um pensador desse continente maior, que é esse eixo pan-americano, se pensarmos essa comunicação, esse fluxo entre as diferentes partes desse globo. Assim, eu entendo que são perguntas e é um *site specific*, um sítio específico, um lugar específico onde você produziu a sua exposição, mas você teve essa habilidade, Muntadas, de fazer com que ela pudesse se adaptar a essas nossas outras situações.

Então, é a primeira vez que a exposição vem para o Sul Global, não só para o Hemisfério Sul. Eu entendo que uma universidade como a USP às vezes se comporta como se estivesse só fazendo parte da Ivy League, quando, de fato, ela é uma universidade mundial, global, mas é também uma universidade-paradigma no Brasil, que se relaciona muito com seu contexto, que teve e tem uma relação muito direta com as políticas públicas e uma relação direta com a construção de um país muito jovem, algo que o Ailton tem muito a dizer, sobre isso.

Dessa forma, eu entendo que a presença desse trio de hoje, Ailton, Macaé e Néstor (infelizmente não temos Eliana Sousa Silva), vai apresentar situações bastante importantes diante desse projeto que certamente vai continuar viajando pelo globo, movimentando situações como essa de hoje.

E, nesse sentido, eu gostaria de, sem mais delongas, passar a palavra ao Néstor. Eu não sei se o Ailton está de acordo com essa ordem. Mas, Ailton, bem-vindo à nossa tarde de discussão. Entre nós, a gente pensou que você talvez pudesse ser o último convidado a falar. Então iniciaremos com o Néstor, depois passamos a palavra à Macaé e aí a você, Ailton.

Canclini: Sim, muito bem. Muito obrigado. Eu vou falar em espanhol, mas com-

preendo o português, mesmo o brasileiro. É um grande prazer estar mais uma vez com o Antoni em mais uma cidade do mundo e acompanhar seus projetos. Li alguns artigos sobre diferentes trabalhos dele. E, nesta ocasião, acho que também poderíamos começar apontando o contexto do marco temporal deste ano tão singular ou desses dois anos em que tivemos essa interrupção.

Mas foi uma interrupção com nuances, com complexidades e não uma desaparecimento. Estar neste ano trabalhando na Cátedra Olavo Setubal da USP tem sido um estímulo enorme para mim. Todos sabemos dos momentos de desânimo, da dificuldade, de suspender a vida e de tantas circunstâncias incertas. E ter um trabalho muito estimulante, como a pesquisa que estamos fazendo comparando as novas formas de institucionalidade que estão sendo deixadas no momento e as instituições culturais, especialmente no Brasil, além de buscar uma certa comparação com o que está acontecendo, com essas políticas de emergência cultural na Argentina e no México, é um estímulo extraordinário que reaviva, que dá muita expectativa em relação ao que ainda podemos aprender e repensar em outras instituições sobre as universidades.

Portanto, essa exposição, esse projeto de Muntadas, que eu conhecia desde sua edição anterior em inglês, me estimula a vê-lo como parte deste ano em que estou trabalhando na Cátedra da USP. Tenho que partir de uma pergunta básica: Como ler e ver o *About Academia* neste momento de interrupção, quando não há aulas em salas de aula? A universidade está fechada, esvaziada. O que costumava acontecer nos prédios agora é transmitido da casa do professor para a casa dos alunos.

As entrevistas, os espaços e a arquitetura dos museus, da academia, que sempre foram tão importantes no trabalho de Muntadas e sobre os quais há perguntas nesta exposição, nesses livros, esses espaços de arquitetura, das universidades são fundamentais como parte da discussão. E o fato de elas estarem fechadas ou de nos perguntarmos de que forma elas estavam fechadas antes, estavam isoladas, nos incita a pensar novamente sobre o que podemos fazer com a universidade, o que a universidade poderia ser no futuro.

Quero enfatizar, em primeiro lugar, que se trata de um artista que está fazendo essas entrevistas, que fez as perguntas, um artista que tem muito conhecimento sobre as universidades do mundo, especialmente sobre as dos Estados Unidos, onde ele lecionou, fez exposições, onde procurou aqueles que podem falar sobre

seu trabalho e que estão nos catálogos dessas exposições. O estilo do artista, como pode ser visto neste livro/exposição, *About Academia*, é o de não ter respostas, mas perguntas. Podemos dizer, de forma um pouco esquemática, que a ciência e a tecnologia dão respostas às perguntas de uma sociedade: Como resolver isso? Como criar essa máquina? Como intervir em um processo social? Como conhecê-lo melhor para poder governá-lo?

A arte, por sua vez, trabalha com perguntas para as quais não temos respostas. Perguntas cujo interesse reside em sua incerteza. E essa exposição, *About Academia* (Sobre a Academia), é gerado por um artista, Muntadas, que tem algumas perguntas muito afiadas, intrigantes e, às vezes, desafiadoras. Não é muito comum que alguém que é estrangeiro, apesar de ter vivido por décadas nos Estados Unidos, ouse fazer perguntas tão incisivas e incômodas para alguns dos principais acadêmicos, os professores eméritos, como as que estão em *About Academia I*.

Parece-me que esse estilo do artista, como questionador, deveria ser enfatizado em primeiro lugar. E, de qualquer forma, volto à pergunta inicial: Qual é o sentido de questionar as instituições com edifícios quando estamos nos movendo, ao que parece, das instituições para a contingência? Estamos em uma incerteza generalizada. Em 2010, entrevistados como Carol Baker disseram: “Eu sonhava em abrir uma escola de arte com um grupo de pessoas sem ter nenhuma instalação”.

É claro que a gente ouve isso e vê como utopicamente interessante, mas hoje sabemos, porque não temos a possibilidade de ir aos prédios da universidade, como ensinar química, como trabalhar em laboratórios sem estar no mesmo prédio, no mesmo espaço experimental, com os aparelhos que temos de compartilhar. E essa é uma pergunta que vem junto com ela: por que ter prédios em uma determinada área da cidade, ou, às vezes, como em muitas cidades dos Estados Unidos, fora das cidades, sem uma cidade.

No livro e na exposição, há algumas respostas: Por que ter edifícios em uma determinada área da cidade? Há universidades que pensaram em fazer investimentos. E muitas universidades, por exemplo, as de Nova York, Columbia, NYU, têm muitos prédios ao seu redor que são alugados, onde os alunos moram e de onde obtêm fundos. Esses são investimentos para financiar a universidade, ou para prestar serviços. As universidades disponibilizam suas instalações para

oferecer educação a outras pessoas que não estão matriculadas como alunos regulares, que não têm o diploma ou que não concluíram os estudos secundários que as qualificariam.

Há também o caso de a universidade estar localizada em uma parte da cidade para atrair alunos dessa área. Eu pertenço a uma universidade, a Universidade Autônoma Metropolitana do México, que fica em uma das áreas mais marginais – um pouco como o ABC de São Paulo – em Iztapalapa, onde está localizado o Grande Centro de Abastecimento, que costumava estar no centro da cidade, onde 330.000 pessoas trabalham todos os dias e onde há uma grande população informal, com autoconstrutores que vivem em locais muito precários. E lá temos que trabalhar com a universidade, que presta serviços à população. Quais serviços? Por exemplo, como em muitas universidades da América Latina, há uma parceria com a prefeitura, nesse caso uma mulher de Iztapalapa, para ver quais serviços, quais soluções para os problemas de Iztapalapa, dessa região muito periférica e precária, podem ser oferecidos, ou para resolver problemas de insegurança, ou ainda para construir caminhos de pedestres da melhor maneira, permitindo que os alunos cheguem à universidade a partir do metrô, mas também proporcionando aos habitantes da Cidade do México que circulem em áreas bem iluminadas e protegidas sem serem assaltados, ou ao menos com condições controladas, reduzindo as possibilidades que isso ocorra e sem que as mulheres sejam estupradas.

Mas Muntadas pergunta a Carol Baker: “Como você percebe o fato de que a cultura pode ser produzida tanto dentro quanto fora da universidade?”. E aqui está a experiência de que a universidade não é apenas um campus, como acontece muito nos Estados Unidos e cada vez mais nas universidades latino-americanas. Ao contrário, estar em um campus pode significar, em uma determinada área da cidade, conectar-se melhor com o que está fora.

E Carol Baker responde a outra pergunta de Muntadas sobre se não está havendo uma transição da universidade como instituição para a universidade como empresa, que treina elites empresariais e governamentais associadas a empresas nos Estados Unidos e em muitos outros países, que enviam alunos ou cujos alunos querem estudar em Columbia, Stanford etc. E a resposta de Carol Baker é curiosa, porque diz: “Não consigo imaginar a universidade como uma marca

única que as pessoas frequentam, na qual investem e da qual sai um produto. Não consigo vê-la como uma empresa, porque seu produto é muito efêmero”.

Fiquei surpreso quando li isso, sobretudo nessa época em que os produtos são tão efêmeros. A industrialização há muito tempo se dedicou a que os carros não durem 25 anos, como na década de 1960. Quem se lembra hoje que há pouquíssimo tempo, pouco mais de uma década, usávamos intensamente um conjunto de instrumentos de dispositivos eletrônicos, como o FAX por exemplo. Essa obsolescência também atinge a universidade.

Em mais alguns minutos, vou apontar alguns dos aspectos que encontramos nas entrevistas e na exposição que agora está em cartaz na USP. Há uma diferença em termos de atores que falam entre o *About Academia* I e o II, feitos em 2017, porque em 2017 aparecem os desafios do ativismo estudantil, dentre outras questões que não apareciam antes. Nessas entrevistas, quase todas realizadas em 2016, eles falam sobre o Occupy Wall Street, sobre a diferença entre os protestos nas ruas e no ambiente digital.

E aqui temos que evocar a importância que as universidades tiveram como lugares de geração, de intervenções sociais, urbanas, e fora das cidades, na Argentina, no Chile, no Peru, no México, na Colômbia, em muitos países latino-americanos e em outras regiões, encontrando, mesmo durante a pandemia, uma forma de sair do campus, sair do digital e estar presentes nas ruas, derrubando monumentos e realizando ações performáticas que aproximam muito o conhecimento universitário da práxis artística. Tudo isso está intimamente relacionado a outro tema que aparece em várias perguntas e conversas geradas por Muntadas, como as desenvolvidas talvez mais extensivamente por John Coatsworth quando ele fala sobre a universidade como uma urbanização fechada, ou desurbanização.

Lembro-me da minha experiência quando cheguei, há mais ou menos uma década, na Universidade de Columbia, a uma homenagem a Jean Franco, essa grande latino-americanista e grande professora de origem inglesa que lecionou em Columbia. Falaram comigo no hotel, disseram-me que um jovem professor viria me buscar, porque era um prédio de catorze andares e as entradas eram controladas eletronicamente, então eu não conseguiria entrar. Havia esses cartões, como para entrar no metrô ou em um banco, e a universidade tinha esse tipo de barricada.

Há muitas universidades nos Estados Unidos que estão isoladas ou foram isoladas por terem sido geradas em um campus, às vezes em um campus sem cidade, com duas ruas e nada mais para caminhar e onde vivem poucas pessoas que não trabalham na universidade ou em algumas lojas. Como Duke University por exemplo. E os professores universitários, em geral, nos Estados Unidos, não escrevem nos grandes jornais nem aparecem na televisão, não são convidados para essas mídias. Nesse sentido, eu gostaria de mencionar uma diferença fundamental em relação à América Latina. Na América Latina, há uma inserção social e histórica de professores e pesquisadores, que podem escrever ocasionalmente, alguns semanalmente, como fazem para a Folha ou O Estado de S. Paulo, como se faz em jornais na Argentina, em *La Nación*, *Página 12*, no México, na Colômbia etc. Há essa presença muito visível, pelo menos para aqueles que ainda leem jornais. Mas a presença pública dos professores mudou com a videopolítica. Houve uma redução do papel dos intelectuais em geral, especialmente dos professores universitários. E esse é um motivo, parece-me, para reflexão, não para dizer “Somos diferentes na América Latina”, mas para dizer que estamos em uma nova esfera, uma órbita comunicacional que nos leva a pensar o papel da universidade em relação à sociedade e ao público em outros termos.

Gostaria de mencionar mais um ponto. Parece-me fundamental que a relação das universidades da América Latina e dos Estados Unidos com a sociedade é muito fraca e restrita, se pensarmos que o horizonte do que acontece nas sociedades é global. Não tem a ver apenas com o que a universidade faz, mas também com o que acontece ao redor do prédio em outras partes da cidade ou do país e sim, com o que acontece no mundo. A globalização não é apenas um slogan. É algo que vem ocorrendo há três décadas, pelo menos de forma intensa.

E aqui me fiz a pergunta, que gostaria de colocar apenas como uma pergunta em contraste com outra: Quantos centros de ensino e pesquisa sobre a América Latina existem nos Estados Unidos? E quantos sobre os Estados Unidos existem na América Latina, em nossas universidades? Sabemos pouco sobre os norte-americanos, aqueles de quem dependemos, muito menos do que eles sabem sobre nós. Essa assimetria foi agravada quando passamos da era do colonialismo e do imperialismo norte-americano, britânico e francês para a era da interdependência globalizada e desigual.

Agora a questão também é: Quantos centros de ensino e pesquisa sobre a América Latina existem na China? Em 2009, tive a oportunidade de dar uma palestra na Universidade de Nottingham, em Ningbo, essa cidade de 4,5 milhões de habitantes que fica perto de Xangai, na outra extremidade da Grande Baía. E eu não estava acostumado a pensar nessa relação, Nottingham mas em Ningbo. Perguntei o que estava acontecendo, quem era o dono dessa universidade. Disseram-me que era um acordo entre a Universidade Britânica de Nottingham e a proprietária da universidade, que era uma empresária chinesa.

Havia outros fatores, mas entendi mais tarde que o problema do poder era mais complexo, embora houvesse evidências em outros lugares, como descobri naquela viagem. Havia Stanford, também na China, e assim por diante. Portanto, esse horizonte asiático – que Muntadas conhece muito bem porque trabalhou com coreanos, fez exposições na Ásia – também é um horizonte para os latino-americanos. A China é o segundo maior investidor em muitos países latino-americanos, depois dos Estados Unidos, e está criando centros de pesquisa e centros sobre a América Latina, e alguns, que são chamados de Confúcio, como no Brasil, estão em nosso território.

Então, eu gostaria de apontar como uma extensão desse tipo de delimitação geográfica muito bem-feita, que o projeto de Muntadas propõe, essa abertura, que já podemos ver na *About Academia II* (2016), porque nela aparecem homens e mulheres chineses que ensinam ou estudam nos Estados Unidos. Vou parar por aqui, mas há muito mais a dizer. Gostaria apenas de lançar uma pergunta para tratarmos em outro momento. Sinto que algo fundamental nesse momento em que a exposição está sendo realizada em São Paulo é ver não apenas o território como referente, que é tão importante para as universidades, para seus prédios, seu campus, mas também a situação on-line.

Isso significa que estamos passando da universidade localizada em um determinado lugar da cidade para a universidade que está se irradiando para o mundo por meio de conferências, de aulas on-line, que podem ser feitas em outros países. São alunos, por exemplo, que deixam de morar ao lado da Universidade de Miami, para desespero dos moradores de Miami, que, com seus aluguéis, financiam seu orçamento, ou parte dele, e voltam para seus países, para suas cidades, deixando de pagar aluguel. Faço uma pausa aqui para que possamos debater mais adiante.

Grossmann: Néstor, muito obrigado por essa contribuição inicial. Usando um dos seus mais conhecidos livros fruto de suas pesquisas nesse eixo pan-americano, *Culturas Híbridas*, diria que “aqui nós temos que empregar as estratégias de entrar e sair da modernidade”. Com isso, eu passo a palavra à Macaé Evaristo, de quem eu fiz uma breve descrição de sua riquíssima trajetória. Estamos todos bastante ansiosos para saber como é que você, Macaé, vê a relação entre arte e universidade, diante também desse seu esforço histórico de relacionar o ensino com a cultura.

Uma coisa que eu realmente acho ser importante para nossa leveza nessa discussão é que a Macaé tem como lema: “Eu sou geneticamente feliz”. Então, esta mesa reúne, talvez, otimistas diante da situação atual. São certamente aqueles que ajudam as utopias, de certa maneira, a virarem projetos concretos. Macaé, por favor.

Evaristo: Boa tarde a todos vocês. Quero agradecer em nome do Martin pela oportunidade e o convite do IEA para essa mesa. Gostaria de dizer que estou muito feliz de poder compartilhar com pessoas tão especiais e tão inspiradoras esse debate sobre a universidade que queremos, sobre arte e universidade. Acho que é importante eu me apresentar um pouco, porque sou convidada para falar da universidade, mas não sou uma docente da universidade. Sou uma professora de Educação Básica que dedicou a maior parte da vida à docência no Ensino Fundamental, e depois a trabalhar com formação de professores, a pensar políticas e a desenvolver, efetivar políticas públicas, principalmente com foco na redução das desigualdades.

Uma grande parte de minha trajetória profissional se dá em escolas públicas da periferia de Belo Horizonte, a capital de Minas Gerais, com o trabalho em comunidades que tinham índice de desenvolvimento humano abaixo da linha da pobreza, no momento em que saíamos da ditadura militar no Brasil, em 1984. E há na minha trajetória também várias inquietações. Primeiro a inquietação com a impossibilidade de milhares de crianças de terem acesso à escola, de terem acesso à educação; e, segundo, por olhar para dentro das nossas escolas públicas e perceber como nós, homens e mulheres negras, sujeitos das periferias, como nós não nos encaixávamos.

Essa escola que estava posta dava pouca margem para que pudéssemos ser a gente mesmos, e toda a perspectiva era uma construção em uma lógica muito grande

de exclusão, de silenciamento, de apagamento da nossa memória, da nossa história, de apagamento de toda produção cultural dos espaços onde nós estávamos inseridos. Minha trajetória será bastante imbuída desse espírito, desse olhar para essa instituição, reconhecendo sua importância, porque venho de uma família que coloca a educação em um lugar muito importante, um lugar de emancipação.

Minha mãe era uma mulher que criou quatro filhas sozinha, e ela dizia: “Vocês precisam estudar, porque a educação é o único caminho que vocês têm para entrar em qualquer lugar pela porta da frente em um país como o Brasil, que é extremamente racista, extremamente machista e excludente”. Mas, ao mesmo tempo, quando estamos dentro dessa escola, vemos os inúmeros mecanismos que são construídos para nossa exclusão. Então, eu fiz minha trajetória em associação com isso, em uma tentativa de me contrapor a uma burocracia institucional que me parece ser completamente instituída para nos colocar à margem, para não nos dar possibilidade de falarmos de nós mesmos, de sermos nós mesmos.

Trabalhei, então, em escolas de periferia, e foi a partir do meu trabalho nessas escolas que depois vou me encontrar com o Ailton Krenak, quando eu serei chamada para trabalhar em um programa de formação de professores indígenas aqui em Minas Gerais. E, ao ser chamada para trabalhar em um programa de formação de escolas indígenas, um outro universo vai se descortinar para mim nesse processo de tentar entender o que é a construção de uma escola que já carrega em sua própria nomenclatura, em sua conceituação, uma memória colonizadora, digamos assim, e que não foi pensada, que em momento algum estava posta para as populações indígenas.

Mas eu vou me deparar com outro universo também, de vários grupos que, ao mesmo tempo que querem ir à escola, não querem a escola, não essa que está aí, essa que está posta, e que viverão isso em uma tensão permanente. Depois eu poderia falar muito dessa passagem pela educação indígena, mas passarei mais rápido, porque, da educação indígena, eu voltei para a rede pública de Belo Horizonte, já como gestora. Fui chamada para ser gestora em função dessa experiência de lidar com essa diversidade de povos, de pensar estruturas diferentes, de como subverter a ordem que estava colocada.

Eu volto para a rede pública e me deparo, então, com a necessidade de pensarmos políticas que se articulem um pouco com o que eu tinha aprendido com os

povos indígenas. “Como articulamos a luta pela terra, a luta pela vida, a luta por melhores condições de vida e a luta pela produção cultural com esse universo escolar?” Eu acho que é dessa história que o Martin falava um pouco. Nós desenvolvemos em Belo Horizonte um programa de educação integral chamado Escola Integrada, que partia do pressuposto de que nós não faríamos uma escola só para dentro da escola, mas que pensaríamos em uma agenda de educação integral que pudesse articular diferentes instituições na cidade.

Dentre dessas instituições estavam, inclusive, as universidades. Mas, no caso de Belo Horizonte, nós articulamos treze instituições de ensino superior, várias universidades, toda a rede de museus da cidade, incluindo Inhotim. Fizemos, além disso, um mapeamento em toda a cidade, de todas as praças, parques, associações comunitárias e bibliotecas comunitárias. Enfim, todos os espaços que ficam no entorno da escola. Buscávamos pensar uma formulação em que fosse possível que a escola dialogasse com seu entorno, mas, mais do que isso, um mapeamento também da produção cultural que havia no entorno dessas escolas.

Quem eram os artistas, quem eram os fotógrafos, os cantores de hip-hop, de rap, quem eram os mestres de capoeira. E fizemos um projeto, uma política pública, que ao mesmo tempo tinha um conceito amplo, porque nós chegamos a atender 45 mil estudantes nessa dinâmica, mas simultaneamente fazendo uma costura quase artesanal, porque cada região da cidade, cada território, tinha características bastante próprias. Além disso, havia a produção cultural que se dava ali, ao mesmo tempo que era possível conectá-la com outras regiões da cidade, porque pensávamos muito nessa questão de não aprisionar as pessoas em seus territórios. Considerávamos que, ao potencializar essas agendas nos territórios, era possível fazer essa troca, promover esse encontro.

E foi então que muitas crianças da escola pública se encontraram com toda a produção artística e cultural que existe em Inhotim, por exemplo. Mas não se encontraram só com a produção cultural que existe em Inhotim. Encontraram-se também, por exemplo, com a produção cultural que se faz na aldeia Pataxó, que fica a cem quilômetros de Belo Horizonte, se encontraram com a produção cultural de comunidades quilombolas que estavam no entorno da cidade e dentro da cidade, comunidades quilombolas que vivem aqui não porque o quilombo é urbano, mas porque a cidade capturou esse espaço e essa terra.

Eu falo de todas essas questões porque eu acho que, quando pensamos a universidade que queremos, particularmente eu sempre a pensei a partir das demandas dos movimentos populares. Também atuei no Ministério da Educação, como secretária da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão deste ministério, e naquele espaço eu pude conduzir alguns debates que retomam um pouco minha trajetória na Educação Básica. Um desses debates permitiu trabalhar para a construção e para a garantia das licenciaturas interculturais indígenas.

Quando comecei a trabalhar na formação de professores indígenas, foi primeiramente com a formação de professores de nível médio. Em boa parte das comunidades, até então, aqui em Minas Gerais, os professores que atuavam dentro das terras indígenas eram professores que os estudantes chamavam de “professores brancos”, e nós, os formadores, também éramos chamados de “professores brancos”. Então, um dia, eu falei para a turma: “Gente, vocês não estão me enxergando? Olhem bem para mim. Vocês têm coragem de falar na cara de uma negona dessas que eu sou uma professora branca? Prestem atenção!”.

Mas esse curso, que começou como magistério indígena em Minas Gerais e em vários lugares – em alguns desses locais por autoria das organizações de professores indígenas – quando estávamos pensando nele do ponto de vista da construção das licenciaturas interculturais indígenas, já tínhamos nesse debate muitos professores indígenas que contribuíram com essa discussão. Além disso, no contexto da minha presença no Ministério da Educação, nós conseguimos avançar muito. Hoje nós temos licenciaturas interculturais em várias universidades brasileiras. Para isso, nós nos agarramos a um debate, que era o debate da construção de uma universidade indígena no Brasil.

Como pensar a construção de uma universidade indígena no Brasil? Existem pontos de vista muito diferentes sobre essa ideia, mas eu falo que o aprisionamento fundamental quando vamos atrás e queremos nos aprofundar nesse debate está muito ligado às estruturas, a como se estrutura a instituição universidade, porque ela ainda é muito pouco permeável à emergência dos saberes tradicionais e das lógicas como se organizam estes saberes. É muito recente a discussão nas universidades sobre a entrada e a participação, por exemplo, de indígenas, não como estudantes, mas como mestres, como doutores que são em seus povos. Como eles

entram, se não fizeram todo esse percurso que é pensado para qualquer um dentro da universidade?

Ainda hoje, a universidade tem uma lógica segundo a qual só se é reconhecido se se cumprem todos os seus ritos e todos os seus cânones. Porém, em um país como o Brasil, que passou todo o século XX excluindo as populações indígenas e excluindo a população negra do acesso à educação – inclusive nós fomos proibidos de estudar, proibidos de ter acesso, e não é nem à universidade, é à Educação Básica –, como reconhecer essa universidade da qual absolutamente nós não participamos, do ponto de vista da sua concepção?

Eu lembro aqui do livro de James Baldwin, em que ele escreve sobre o filho nativo. Estou tentando me lembrar do nome do ensaio dele em que ele fala da ocasião em que vai morar em Paris e olha para toda aquela construção que ali estava e não se reconhece, não se vê. Ele fala: “Nada disso aqui diz respeito à minha história, à minha memória”. Penso que, muitas vezes, nós chegamos na universidade e na escola, olhamos para toda essa estrutura e não nos vemos, não nos encontramos. Não nos encontramos nessa arquitetura, não nos encontramos nas formas de relacionamento, muitas vezes nossos saberes de memórias ancestrais muitas vezes não cabem nestes lugares.

Eu estava pensando aqui enquanto o Canclini falava e me lembrando do livro dele, o primeiro que eu li e que me marcou muito: *Diferentes, desiguais e desconectados*. Esse livro me marcou muito porque, quando olhamos para o Brasil, reafirmamos nossa diferença como movimento social e político. Nós não queremos dizer que nós somos iguais. Eu sou uma mulher negra, não sou igual ao Ailton Krenak. Eu tenho uma história, uma cultura, não sou o “povo Krenak”. Nós queremos afirmar essa diferença, mas não queremos que ela seja fundamento para nos tornar desiguais, no sentido de que não temos nenhuma garantia do ponto de vista dos direitos, do direito a estar vivos, a estar neste mundo.

Quando se fala “desconectados”, eu me pergunto “Desconectados de quê?”, ou “Quem disse que nos desconectou?”. Então, eu queria repensar isso e pensar essas palavras, porque quando o Muntadas vai dizendo essas palavras, eu, que estou sempre aqui fazendo cada vez mais no âmbito da educação, numa luta em defesa da escola pública, pensei: “Eu sei muito bem de que lado eu me posiciono em cada dupla de palavras dessas”. Público ou privado? Eu falo que eu sei que

defendo a escola pública. Mas o que é público em nosso país? Muitas vezes, o público em nosso país é confundido com estatal, porque é financiado pelo Estado, mas não é público no sentido de que nós, os diferentes sujeitos, podemos nos apropriar desses espaços.

Então, quando pensamos em que universidade nós queremos, significa que nós queremos a universidade, mas não essa que olha para nós e nos desconecta. Nós queremos a universidade, mas queremos fazer uma universidade que também nos respeite como sujeitos coletivos, respeite nossa forma de produção intelectual, respeite nossa forma de compreender e exercer as relações humanas, econômicas e sociais, que nos oportunize uma convivência. Eu falava muito de convivência democrática, pensando em democracia. Depois eu ouvi falar de “florestania” e de toda essa discussão que ele traz, de que essa democracia que aí está, essa democracia formal, absolutamente não nos representa, porque está aliada a formas de estar no mundo que nos excluem cada vez mais, nos põem para fora.

Eu queria trazer esta contribuição e gostaria de dizer que estou sempre pensando em como podemos reinventar esses lugares. Eu quero estar na universidade. Eu sempre falo isso em relação à Educação Básica. As pessoas falam: “Vamos discutir currículo!”. Eu sempre costumo dizer: “Não podemos inventar outra palavra?”. Quando falamos em currículo, já há tanta coisa colocada que é melhor não pensarmos sobre isso. Se formos discutir currículo no Brasil hoje, por exemplo, não há lugar para a arte.

Preciso dizer isso para o Muntadas: não há lugar para a arte no currículo da educação brasileira. Não há lugar para a filosofia no currículo da educação brasileira. Não há lugar para a sociologia. Não há lugar para as mulheres. Nós não podemos discutir gênero, a depender da lógica econômica ultraliberal que ordena hoje o governo brasileiro, além de uma teocracia que tenta se estabelecer. Então não há lugar para isso. Nosso lugar é o lugar da subversão. Que universidade nós queremos? Nós queremos subverter essa universidade que está aí, primeiro com os nossos corpos, estando presentes. Isso já é uma revolução.

Quando aprovamos a lei de cotas, um jornal de Brasília fez uma publicação na qual veiculava que enfim a esquerda iria destruir a universidade brasileira, que afinal iria colocar nela “esses aí”, os estudantes das escolas públicas, os pretos, os indígenas, e que a universidade brasileira iria perder a qualidade. Esse é um

debate que segue ainda, porque nessa semana o Ministro da Fazenda disse que é um absurdo que o governo Lula tenha financiado estudos até para o filho do porteiro, que tirou zero na prova. Enfim, uma universidade que acha que os filhos dos porteiros, das trabalhadoras domésticas, das mulheres das periferias não cabem dentro desse espaço não pode ser uma universidade. Eu não acho que seja uma universidade. Inclusive, se propõe a universalizar o quê? A universalizar uma única forma de pensar sobre todas as outras? Não é isso que queremos. A universidade que queremos é uma universidade que consiga realmente conviver com os nossos corpos, com a nossa história, com a nossa memória, com o nosso jeito de pensar esse mundo, de pensar as relações nesse planeta. E, para mim, isso se alia a uma ideia de pensar a justiça. Justiça econômica, justiça ambiental. Eu acho que talvez essa seja uma das questões mais importantes, mas eu não sou especialista nisso. Eu acho que o Ailton pode falar disso muito melhor do que eu. Paro por aqui e agradeço a vocês pela escuta.

Grossmann: Macaé, somos nós que agradecemos pela sua fala, que foi ganhando um tom que deixou claro esse não lugar para um Brasil que só agora consegue criar espaços, e com muita luta, com um trabalho, como você descreve pela sua própria história de vida, que foi o trabalho de forçar essa inclusão. A instituição não tem isso em seus objetivos. E, mais uma vez, eu cito a Eliana Souza Silva, que não está aqui conosco nesta tarde: esses 70% de brasileiros periféricos que não têm lugar, eles têm uma potência. E é essa potência que nós desconhecemos.

Na sua fala fica muito claro que existe uma infinitude de saberes, de práticas, de experiências das quais estamos afastados, e que a universidade talvez fosse esse lugar, nessa utopia, que possibilitaria certa interface dessas várias práticas, pelo menos no sentido de também termos aqui um ensino universitário, uma pesquisa, que tenha correspondências com essa ideia de universidade universal, mas que pense esse contexto, pense o que é esse Brasil. Para isso, além de você, nada melhor do que o Ailton finalizar essa primeira parte, para tentarmos ter, ao final, um espaço para perguntas.

Mais uma vez, Ailton, muito obrigado pela sua presença aqui. Assistimos a sua fala no Roda Viva na TV Cultura, que foi incrível. Do ponto de vista ocidental, que é a minha formação, eu vejo você como um artista. Então, quando o Muntadas

nos colocou esse desafio de reunirmos intelectuais, pessoas que fazem a diferença, eu não tive dúvida que você estaria aqui entre nós.

Além disso, há essa relação que não é só do corpo. Às vezes eu fico pensando na palavra “telúrica”, mas não sei se ela é apropriada. No Roda Viva, eu fui vendo você ganhando uma reverberação durante aquelas quase duas horas. Você faz uma performance, você se coloca nessa situação e no envolve, mais uma vez, eu acho que isso também é importante aqui nesse nosso ambiente virtual. Então, a palavra é sua e estamos na escuta.

Krenak: Obrigado, Martin. Obrigado pela oportunidade de estar aqui entre anciãos. Eu fico muito honrado. A querida Macaé traz mesmo esse entusiasmo, esse DNA da alegria que você mencionou, e ele é patente. Eu ouvi atentamente a observação que o mestre Néstor fez sobre esse projeto maravilhoso que, da perspectiva da arte, questiona a academia. Eu queria refletir sobre essa potência da arte que é capaz de questionar o mundo que nós compartilhamos.

A arte tem esse maravilhoso dom de poder tocar nessas coisas duras e que permanecem por muito tempo dormindo, como uma espécie de pedra preta em algum lugar. E a arte toca nisso, a arte tem o dom de fazer essa movimentação. Eu fico muito feliz de o mestre Muntadas ter configurado um projeto que, em dois movimentos, acerta o lugar confortável dessa instituição impressionante que é a universidade pensada globalmente, pensada no mundo do Ocidente, mas ao mesmo tempo fazendo um recorte muito interessante, que é pensar de dentro, a partir, dos Estados Unidos, o que essa academia, o que essa universidade representa naquela sociedade fantástica, porque aquilo é um modelo de sociedade que se estruturou para governar o planeta.

Então a universidade nos Estados Unidos tem um sentido, provavelmente, muito distinto do que ela tem em outros lugares. Mas, como nós estamos pensando a América, eu queria considerar a visão do projeto a partir dos Estados Unidos, questionando a academia de dentro dos Estados Unidos e seus reflexos para a América Latina. É como se virássemos a página. Quando você vira a página daquilo que acontece no contexto dos Estados Unidos e olha a América Latina, vê-se outro mundo. Vê-se, definitivamente, um mundo que só atina com a ideia da instituição-universidade como alguma coisa estranha, como aquilo que a Macaé descreveu como impenetrável, alguma coisa tão dura que não consegue se inserir nas sociedades por onde ela aparece.

Eu pensei, no contexto desses diálogos tão gentis que estão sendo proporcionados, em fazer uma parábola. Há dez anos, um boeing caiu na floresta amazônica. O Exército sobrevoou, a Marinha, a Aeronáutica... todos tentavam achar onde estava aquele boeing. Um grupo de caçadores indígenas do povo Kayapó assumiu a tarefa de localizar os restos dessa aeronave, e eles foram responsáveis por resgatar nada mais, nada menos do que a caixa-preta. Eu pensei nessa imagem de um grupo de caçadores-coletores dentro da floresta que observou essa aeronave despencar e cair, e da qual ninguém conseguia achar os restos. Mas os Kayapó acharam a caixa-preta do boeing.

Vamos imaginar que a universidade, como se instalou nas Américas e como se reproduziu no século XX, se configurou como uma caixa-preta. Ali está reunido todo o repertório, todo o desenvolvimento de uma lógica, de uma racionalidade e de um método de medir e de reproduzir o mundo. Se pensarmos a universidade no continente americano como um objeto não identificável, não estaremos exagerando, considerando que, na América Latina, à parte os Estados Unidos, durante todo o século XX a universidade só deu acesso aos filhos dos proprietários de terra e às lideranças políticas desses países, aquilo que se vulgarizou chamar de elite, e na verdade eu não sei por quê, mas essas pessoas são as únicas que formavam médicos e que formavam advogados.

Médico e advogado na América Latina são sinônimo de proprietário. Então, esses senhores reproduziram a sociedade colonial que se implantou na América Latina com tanta tranquilidade e naturalidade que ninguém questiona o fato de eles estarem perpetuando um poder colonial disfarçado em modernidade. O século XX deu uma configuração para esse vasto mundo acadêmico, que é a reprodução das estruturas políticas de dominação, alimentando esse fluxo. Ele não o interrompe, ele o alimenta, e ele não o questiona.

É muito interessante, no caso do Brasil, por exemplo, observarmos que nosso querido Fernando Henrique Cardoso era considerado, nas décadas de 1970 e 1980, um luminar do mundo acadêmico. Ele era chamado de príncipe dos sociólogos. E no que deu a experiência desse senhor na Presidência da República? A replicação do velho padrão hierárquico e a reprodução de um sistema cruel que não abre espaço para a diferença. Não houve inclusão até o final da década de 1980 e 1990. Nós tivemos um movimento social que desaguou em uma Constituinte e

não teve a coragem de expandir nenhuma entrada para além dos espaços já definidos para essa sociabilidade feita por senhores herdeiros da colônia.

Como muito bem disse a Macaé, nem os povos indígenas e nem a vasta população de negros do Brasil, até o final das décadas de 1980 e 1990, sequer eram recebidos dentro dos campi das nossas universidades, a não ser excelências, alguns mestres, como Milton Santos. Conta-se nos dedos. Abdias do Nascimento. Então, não é elogioso um país desse tamanho contar nos dedos as pessoas não brancas que conseguiram ter uma trajetória dentro da academia e se sentar à mesa com os doutores. Não é um elogio.

A caixa-preta ainda está por ser achada em algum lugar remoto, e a universidade, no sentido de reproduzir a desigualdade, se rendeu a esse apelo de reprodução da desigualdade, quando, na verdade, o sentimento comum de milhões de pessoas na América Latina era a expectativa de que essa instituição se comprometesse com a vida, se comprometesse com os territórios onde ela se implanta e tomasse a causa dos povos onde ela está implantada, instalada, para que ela possa experimentar uma metamorfose até o ponto dela não ter mais muros, de os muros serem permeáveis, de os muros serem parecidos com aqueles parangolés do Hélio Oiticica, para que eles pudessem ser alguma coisa que nós vestimos, que passa por dentro e vai para a vida, para o cotidiano, como pessoas comuns, e não como esta coisa em que o sujeito passa e sai do outro lado como se fosse um arco-íris. Do outro lado do arco-íris sai um sujeito envernizado, orgulhoso e estranho que não consegue mais abraçar os seus parentes, os seus iguais. A universidade cobra um alto preço daquelas pessoas que têm uma memória de si, que vivem uma experiência do comum, e que para passar por esse duto devem se render a um conjunto de valores e protocolos que tornam-nas estranhas ao voltarem para o meio social de onde saíram.

É muito comum nas aldeias, quando um jovem vai para a universidade, os mais velhos dizerem: “Será que esse menino volta para casa?”. Essa pergunta é muito interessante, pois ela deve revelar muito sobre o que o povo da América Latina pensa da tal academia, da universidade. Se essa multidão de gente do outro lado do muro dessas instituições acha que ela é uma caixa-preta, e tendo em vista o questionamento sobre se ela continuará existindo no século XXI – após passando esse período de suspensão que estamos vivendo, não só na América Latina e nos Estados

Unidos, mas no mundo inteiro –, será que o desafio não será exatamente atravessar todas essas muralhas que instituíram essas cidadelas do saber e nos misturar com outros saberes, com outras perspectivas, com outras invenções de mundo?

Eu senti muito, na trajetória descrita aqui e testemunhada pela própria voz e pelo corpo da Macaé, o quanto é doloroso ter que derrubar os muros da universidade com as próprias mãos, quando eles deveriam se desmanchar pelo efeito das nossas relações, dos nossos afetos. A arte tem esse dom, a arte tem esse poder. Eu gostei muito dos questionamentos que esse projeto traz, pois ele põe a questão das universidades no século XX terem sido capturadas pelas corporações.

Eu tive uma rara oportunidade de estar em uma conferência sobre religião, ciência e natureza em uma universidade na Flórida, e um colega que faz pesquisas na Amazônia me convidou para falar em uma conferência dessas.

Foi uma experiência muito rica para mim. Tinha gente de todos os continentes nessa conferência sobre religião, natureza e ciência. Eu falei que achava muito interessante que a ciência tivesse chegado ao final do século XX capturada pelo corporativismo e que as pesquisas dentro das universidades, principalmente nos Estados Unidos, mas também em toda a América Latina, eram direcionadas e encomendadas. As empresas encomendavam e as universidades produziam. Alguns de nossos laboratórios são construídos, equipados e mantidos por empresas.

Na década de 1980, no Brasil, foi muito celebrada a ideia de que as empresas deveriam adotar as universidades. Seria mais ou menos como a raposa adotar um galinheiro. A parábola pode parecer estranha, mas empresas adotarem a universidade é uma coisa terrível, é uma rendição. Naquela ocasião, na Universidade da Flórida, havia muitos cientistas. Depois que eu fiz essa declaração, na abertura de uma conferência, eu senti que se instalava um mal-estar por onde eu passava depois, porque acabei concluindo a minha palestra dizendo que eu entendia que não existiam mais cientistas da maneira como pensávamos romanticamente: alguém desenvolvendo conhecimento, testando, trabalhando sem obrigação de desembocar em um resultado específico por encomenda de uma empresa, de um laboratório ou de uma montadora de automóveis, por exemplo.

A maior parte das pesquisas nas universidades estão atendendo ao interesse de colocar uma estação em Marte ou de fazer um carro elétrico. Então, nós temos

uma ciência que já tem encomenda. Seria talvez uma grosseria, mas nós estamos chegando perto, considerando, nesses termos, a universidade do século XX, que ainda não mudou a sua configuração e ainda tem muito daquela estrutura, do momento em que a universidade terá de ser confrontada agora com uma realidade de jovens que não vão querer ir para aqueles redutos e que vão mesmo, como já foi mencionado antes, preferir ficar no seus territórios de origem e, a partir desses lugares, em experiências muito parecidas com essa que nós estamos tendo agora de nos encontrarmos virtualmente, continuarem suas comunicações, seus estudos e suas pesquisas utilizando essas tecnologias.

Essas tecnologias é que irão questionar os muros duros da universidade, a caixa-preta da universidade. Eu achei muito interessante observar que essas mudanças que estão ocorrendo no campo das novas tecnologias e que tornam obsoletas muitas outras de nossas experiências do século passado alcançam também as instituições que nós chamamos de universidades. Elas também, se não forem capazes de fazer a mudança a partir de dentro, sofrerão uma obsolescência, virarão maravilhosos centros de visitação algum dia, como visitamos, em alguns lugares do mundo, monumentos históricos que são muito interessantes.

Elas podem até continuar tendo alguma função social, mas não mais como centros de conhecimento e produção de conhecimento, porque as corporações já terão capturado esse lugar de uma maneira tão irredutível que quem está determinando agora a prioridade de cuidar do planeta ou de ir embora do planeta não são as universidades, quem está fazendo isso são as empresas, são as corporações. Eu fiquei abismado quando vi que a maior parte dos projetos da Nasa já estava fazendo aquilo que no Brasil é chamado de PPP, a política pública-privada, com empresários bilionários comprando programas internos de pesquisa da Nasa, como esses que estão acontecendo agora, das viagens espaciais.

Quem está fazendo viagens espaciais hoje não são as universidades, são as empresas. Quem está na ponta da tecnologia, digamos, mais atuante no mundo hoje são as empresas. A pergunta é: Onde a ciência está? Ela ainda está dentro dos paredões da universidade ou ela já migrou para os gabinetes dos executivos, dos conselhos administrativos e das gerências? Aqui no Brasil, nós assistimos a um verdadeiro assalto à pesquisa científica quando a nossa empresa brasileira que trabalha com tecnologia para a agricultura e a pecuária foi tomada por outras

empresas. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) não faz mais pesquisa de interesse social, de interesse comum. A Embrapa faz pesquisa para o agronegócio, porque o agro é pop. Assim como alguns outros setores de pesquisa nossos estão interessados em trabalhar para produzir e reproduzir as encomendas da indústria de novos equipamentos, e não propriamente de qualidade de vida ou para melhorar a relação das nossas comunidades com o território onde vivem, com o ambiente onde vivem. Quem se interessará por conhecer a Terra, esse maravilhoso organismo que nós todos compartilhamos, no norte e sul, seja nos Estados Unidos ou na África? Quem está interessado em conhecer este maravilhoso organismo que é a Terra? A maior parte das nossas universidades virou as costas para a Terra, no sentido amplo, poético, e voltaram os olhos apenas aos financiamentos. Entre universidades públicas e universidades privadas, parece que a maior corrente de força é o financiamento, não importa se ele é público ou se ele é privado. Essas questões são muito importantes. Elas foram levantadas no projeto de uma maneira que acho potente e que pode ajudar quem está longe desse campo intenso da disputa a fortalecer também os argumentos, os movimentos sociais, as comunidades, que sempre ficaram estranhas a esse lugar, de modo que elas possam ter também mais argumentos para questionar as estruturas que estão instaladas, sejam elas dos governos, sejam elas das empresas. Então, nós temos que ser capazes de botar em questão tanto a universidade chamada pública, que a Macaé já revelou que não tem nada de público ali a não ser o fato de ela receber dinheiro do Estado, como a tal da universidade privada. No final das contas, elas estão produzindo o mesmo tipo de pesquisa. Elas não são capazes de se diferenciar no interesse social amplo. Eu não tenho muito mais a dizer além de agradecer por estar entre vocês, aprendendo e ouvindo. Gratidão.

Grossmann: Ailton, muito obrigado por você estar aqui conosco neste ambiente. Na sua fala, eu fiquei pensando em algumas coisas, mas não vou me adiantar, porque eu entendo que talvez, entre nós, haja perguntas para um e outro, não é? Nós temos ainda um certo tempo para finalizar, a princípio nosso limite são as cinco horas da tarde. Eu tenho duas perguntas que o público enviou, mas acho que depois da sua fala, da Macaé e do Néstor, eu abro para o nosso ambiente desse primeiro núcleo para depois dialogarmos com o pessoal de fora? Não sei se Néstor ou a Macaé têm perguntas ao Ailton e vice-versa, ou até o próprio Muntadas.

Muntadas: Martin, vou fazer uma intervenção. Os depoimentos que escutei agora, e que achei muito interessantes, falam sobre o contexto, um projeto que sempre pensa no contexto, em um sentido que... Esses depoimentos trouxeram uma palavra que é importante para mim: acesso, acesso à universidade. Quem vai para a universidade, como vai, e isso está claramente ligado à economia. E essas são situações que, acho que, quando fiz esse projeto pensando no que estava acontecendo nos Estados Unidos, ficou claro que eu estava ciente de que cada contexto é diferente.

As universidades públicas de Sevilha, que foram apresentadas neste projeto, ou de Roma, são universidades que estão mais próximas da América Latina do que as universidades americanas. Portanto, toda a ideia de como a economia está afetando a universidade e o conhecimento me faz pensar que a questão da instituição versus corporação é uma dialética muito importante no sentido de que as universidades estão se tornando corporações, estão se tornando corporações porque são regidas pelas leis do mercado. Não quero ser ingênuo nessa situação. Mas devemos pensar que o que governa as universidades, especialmente as americanas, é uma economia que investe não tanto em educação quanto em negócios, ela investe no mercado imobiliário

Os campi universitários estão se expandindo para partes da cidade onde investem, criando situações de gentrificação. A universidade de Columbia está absorvendo o Harlem. Harvard teve de atravessar o rio. Todas as situações das universidades significam que elas estão investindo em território, em vez de pensar que precisam investir em território também.... Obviamente, é preciso pensar na educação.

Acho que, nessa situação, os contextos são importantes no sentido de que eles me fazem pensar que esse trabalho sem mesas-redondas não faria sentido. Estou lá vendo coisas que certamente são uma perspectiva que, se fizermos isso.... O que eu vi em Sevilha, o que eu vi em Amsterdã foi totalmente diferente. É por isso que acho que funciona quando o artefato é ativado. Acho que sim. Martin, não sei, vou deixar você... Vou passar a palavra. .

Grossmann: O chat está aberto. Então, por favor, quem tiver algum comentário.

Canclini: Acho que o que a Macaé e o Ailton acabaram de dizer é fundamental. Lembrei-me de muitas experiências que fizemos em universidades públicas e al-

gumas privadas, no México. Neste momento há algumas pesquisas sobre o campo digital, por exemplo, e sobre o papel das redes digitais como lugares de ativação da cidadania plural, na Universidade de Guadalajara e sobretudo no Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente (Iteso), que é uma universidade jesuíta, porque tem um grupo muito dinâmico, talvez o maior do país, para gerar esse tipo de pesquisa, gráficos, até mesmo em nível mundial. O que acontece com os *tweets*, com a página do Facebook etc.?

Eu pensava também no grande desenvolvimento na América Latina das universidades indígenas e das universidades interculturais. Às vezes, intercultural também é uma forma peculiar de nomear as universidades indígenas. Porém, em muitos casos, elas enfatizam mais o fato de que os povos indígenas não querem simplesmente ter sua própria universidade, mas que querem participar da elaboração das questões de conhecimento que são feitas nos Estados nacionais, por exemplo quando é feito um censo. Na Argentina, onde há 39 povos indígenas, existe atualmente uma campanha para um censo populacional em preparação para o censo de 2022, para renovar a formulação do censo e permitir que os grupos indígenas expressem suas próprias perguntas, que devem ser incorporadas ao censo, sobre como eles se percebem. Porque não há evidências do censo sobre o número de falantes ou informações precisas sobre os modos de organização e a presença em diferentes regiões do país. Muita coisa mudou, em parte eu diria que graças aos movimentos indígenas, especialmente no sul e no extremo norte do país. Mudou muito a percepção daquela sociedade que se considerava branca, crioula, importada da Europa, nascida na Argentina por engano, mas europeia.

Agora esses direitos estão sendo reconhecidos e começa-se a saber mais sobre esses povos indígenas, inclusive sobre a população afro-americana, que foi tão extirpada e negada na história argentina. O mesmo acontece na história mexicana. Houve uma população afro muito forte. Há carnavais, onde eles ainda são lembrados, houve algumas músicas, a chamada salsa, que é um nome ruim para uma música muito diferente regionalmente, e que não existiria sem os afro-caribenhos, o que também inclui o México. E assim podemos ver muitas questões nas quais os antropólogos também contribuíram com suas pesquisas em solidariedade aos povos indígenas na Patagônia, no Chaco argentino, nas áreas mixtecas e nos outros 67 grupos étnicos indígenas no México. Mas, do ponto de vista do que é, do que deveria ser a função da universidade, muito tem a ver com quem faz as perguntas

na pesquisa: os pesquisadores brancos, os crioulos ou os indígenas, especialmente quando se trata de sua maneira de conceber a natureza, suas relações sociais ou o ensino de sua língua. Mas quase nada disso é reconhecido na chamada educação oficial ou educação nacional. Portanto, é preciso dizer que me parece haver um potencial de colaboração e que há algumas disciplinas, como a antropologia, e também alguns sociólogos, alguns ecologistas, dispostos a revisar radicalmente o que se entende sobre o que é a universidade nessas disciplinas, nesses campos e, portanto, a incorporar as perguntas feitas pelos próprios atores no censo.

Não são os funcionários brancos das secretarias da cidade de Buenos Aires que devem determinar como o censo vai perguntar quem são os povos indígenas e como eles vivem. As políticas concretas com as quais os povos indígenas tentaram garantir seus direitos linguísticos, sociais e culturais devem ser abertas. No México, estamos vivendo uma situação de simulação da busca de conhecimento porque o governo nacional atual decidiu, por exemplo, construir um trem maia, arrasando milhares de casas localizadas ao longo da rota do trem, sem consultar as comunidades indígenas. Foram realizados rituais simulados nos quais o próprio presidente, que não é indígena, vestiu trajes indígenas e símbolos de poder, com um pequeno grupo de dez pessoas cooptadas. Então, como devem ser produzidos os novos conhecimentos para novas políticas de participação? Não exercidas a partir dos escritórios, de um instituto nacional, mas sim das perguntas que incorporem recenseadores indígenas multilíngues, que incorporem a forma de pensar sobre a linguagem, a natureza, o universo e o capitalismo por parte desses grupos indígenas. Acho que precisamos nos capacitar em todas as universidades para fazer esse trabalho de forma solidária.

Krenak: Querida, Macaé, você quer iluminar a paisagem?

Evaristo: Eu queria trazer alguns dados aqui sobre a questão do acesso à educação superior por estudantes indígenas. Nós ampliamos o número de estudantes indígenas nas universidades. Em 2017, chegamos a 56.700 estudantes indígenas matriculados. Mas, desses estudantes, 42,8% estavam matriculados em instituições particulares de Ensino Superior. Nas instituições públicas, esse aumento se deu, principalmente, em função da Lei nº 12.711, de 2012, que é a Lei de Cotas, e que foi seguida de um dispositivo, a criação de uma bolsa permanência, com valor específico para os estudantes indígenas.

Há duas características importantes quando se está pensando no acesso à educação escolar indígena no Brasil. No campo, principalmente, da formação de professores indígenas, há construção de licenciaturas interculturais. São licenciaturas construídas especificamente para acolher estudantes indígenas. Mas existe uma outra modalidade em várias outras universidades, que é uma modalidade que envolver abrir vagas adicionais nos cursos regulares. Antes da política de cotas, algumas universidades começaram a fazer esse exercício de abrir vagas adicionais nos cursos regulares.

Então, havia um curso de medicina e abriam-se duas vagas, três vagas, para estudantes indígenas. Qual é a questão? O curso de medicina continua com a mesma característica, a mesma organização curricular. Não se pensa em um diálogo de saberes entre tudo o que se tem quando se considera o potencial de conhecimento das populações indígenas brasileiras sobre o corpo, sobre a saúde. Isso não entra nos currículos, por exemplo, das escolas de medicina, assim como não entra nos cursos de enfermagem.

Eu falava um pouco no nosso debate sobre uma universidade indígena. Muitas coisas que chegamos a discutir nos levava a tentar desenhos diferentes, porque há tanta burocracia hoje dentro de uma universidade, que qualquer possibilidade de a gente construir diálogos e pensar trocas é engessada e bloqueada pela estrutura burocrática. Chegamos a estudar um pouco e quem tem um pouco mais de flexibilidade nisso são os Institutos Federais. Alguns desenhos de Institutos Federais seriam mais fluidos, no sentido de garantir que a gente pudesse estabelecer essa troca.

Acho que tem muita gente no Brasil se debruçando sobre isso. A própria Eliana Sousa Silva e o Jailson Sousa e Silva, com quem a gente trabalha, têm pensado sobre como avançar na construção de uma universidade a partir das periferias. Isto é, considerando o potencial que existe nas periferias do Brasil, como pensar uma universidade que dê conta de dialogar com tudo que se faz e se produz nesses espaços, a partir da lógica e da organização desses produtores culturais, desses artistas, das mulheres dessa comunidade, que têm uma série de saberes? Como se faria isso? Como se levariam essa pedagogia e essas lógicas de organização para dentro da universidade? Acho que isso é um exercício. Algumas universidades conseguem avançar mais.

Uma outra questão, que trata mais especificamente da questão indígena, por exemplo: existem os povos Ticuna, lá no Amazonas, mas, muitas vezes, os professores que atuam com os Ticuna podem estar na USP, ou podem estar lá no Rio Grande do Sul. Como trabalhar numa lógica em que professores possam circular entre as universidades? Isso também é tão amarrado que, para avançar um pouquinho nisso, fizemos um programa que chamava Saberes Indígenas na Escola, e nós constituímos vários núcleos de universidades, de cooperação entre universidades.

Porém, esses núcleos eram completamente diferentes. Quer dizer, é preciso incorporar uma universidade do Rio Grande do Sul com a Universidade de Minas Gerais e com a USP se quisermos fazer um trabalho, por exemplo, com os Ianomâmi, pensando diferentes áreas de conhecimento. Então, há uma série de mecanismos que exercitamos para tentar desconstruir essa lógica do Estado, desconstruir essa lógica burocrática que está posta, feita para isso mesmo, para que não seja possível acontecer. Inclusive o fluxo do dinheiro, o fluxo financeiro.

Existem populações que têm outra forma de se relacionar com o dinheiro, e por vezes é necessário pagar uma passagem, por exemplo, porque é preciso trazer um professor indígena lá do norte de Minas Gerais. Aí a burocracia diz: “Tem que ter nota fiscal”. É muito difícil que ele ache alguma venda no meio dessa estrada e que ele consiga chegar com a nota fiscal para prestar conta desse dinheiro.

A mesma coisa acontece no Amazonas. Ele vai pegar uma voadeira, que é uma lanchinha... há lugares no Brasil em que ainda se usa dinheiro corrente. Eu falo que trabalhei muito lá em Benjamin Constant e que Benjamin Constant é o município que mais consegue aproveitar uma nota. As notas lá tinham passado muitas vezes em muitas mãos, sem serem substituídas. Não havia nada, não havia um cartão de débito. Há lugares no Brasil para os quais, se for viajar, deve-se quebrar o cartão, porque não vai adiantar nada ter esse cartão.

Estou dando esses exemplos para tentar trazer para o nível da concretude o que é o desafio que começa nessas coisas banais. Pode parecer que isso é banal, mas é para vermos o abismo em que estamos.

Hoje no país o que a gente vê no país é uma tendência cada vez mais forte de pensar o Estado com uma lógica do mercado, esse mercado que a gente não sabe exatamente onde está. Mas é como se existisse uma economia sem pessoas. O de-

bate da economia virou uma coisa tão abstrata que as vidas não valem nada. As vidas não importam. E, se as vidas não importam, que lugar há para a arte? Que lugar há para o encantamento? Que lugar há para as matas? Que lugar há para os animais? As vidas não contam.

Estou num estado em que se luta contra a mineração e o mar de eucaliptos. Temos dois dilemas imensos aqui no nosso estado, dois desafios. Aí eu penso: E a universidade? Em que medida ela tem se debruçado sobre isso? Há milhares de municípios aqui em Minas Gerais em que as pessoas hoje vivem em pânico. Elas estão dormindo e toca uma sirene. E elas têm que sair. Por quê? Por causa da mineração. Porque não sabem em que momento um mar de lama vai passar sobre as suas cabeças. E esse também é o estado onde a gente tem inúmeros defensores de direitos humanos que estão sendo ameaçados, cujas vidas correm perigo. No Brasil, hoje, ser defensor dos direitos humanos é colocar sua vida em risco.

Todo dia a gente tem uma história para contar. Hoje foi assassinada uma defensora dos direitos humanos, que milita na área do desencarceramento, uma mulher que luta contra o encarceramento absurdo da população negra que há no Brasil. Ela foi assassinada hoje. Então, eu fico pensando: Que universidade? Que universidade? Essa pergunta é instigante. Mas que universidade? A gente precisa de uma universidade que nos ajude a lidar com todas essas questões. Que isso seja uma questão.

Grossmann: Temos duas perguntas de uma mesma pessoa. São perguntas muito bem formuladas. Mas acho importante colocarmos as questões antes de encerrarmos, porque o que você traz, Macaé, é essa relação com a realidade. Eu nunca tinha me atentado tanto à relação, por exemplo, da USP com meus colegas docentes que se denominam pretos, negros. Eles são apenas 2,7%. Onde estão os indígenas na universidade? Também há esse temor, que o próprio Ailton levanta, da transformação desse jovem indígena que vai para a universidade e sai envernizado. Então, é um mecanismo, é uma caixa-preta, repetindo o que o Ailton estava dizendo, que necessariamente não gera pertencimento.

Evaristo: Vamos brincar aqui. Preta não. É uma caixa branca, Ailton. Preto é o que não tem aí.

Grossmann: Então, é uma caixa branca. Isso mesmo. Ailton, acho que tem que mudar a sua parábola.

Krenak: Obrigado pela correção.

Plonski: Martin, caixa opaca. Por que tem que ter cor?

Grossmann: Uma caixa opaca. Ótimo. Boa lembrança, Ary. Acho que a gente vai lapidando aqui os termos. Uma das perguntas do Lucas pergunta é esta: “De que maneira, o acolhimento de outras cosmologias e a implementação de novas tecnologias podem fortalecer as pontes entre a academia, as universidades e a sociedade?”.

Eu só queria colocar uma coisa que acho que é interessante. O que ficou claro, para mim, na troca dessa tarde, é que o Néstor falou dessa reinvenção, a Macaé também e o próprio Ailton. O artista... às vezes, vejo a arte como um vírus. Então ele trabalha dentro desses sistemas e causa distúrbios. Não necessariamente mudando. Mas fico pensando se ainda somos capazes de criar um sistema operacional que possa abarcar, na universidade ou fora dela, essa riqueza, essa complexidade das nossas realidades, como colocado por vocês nesta tarde. Acho que isso dialoga com essa pergunta do Lucas em relação à tecnologia poder fortalecer essas relações entre academia, universidade e sociedade, juntamente com esses vários saberes, com essas outras cosmologias, com as quais a universidade reluta em compartilhar e trabalhar com.

Krenak: Isso pode acontecer, desde que a experiência de dentro dessas novas tecnologias esteja disposta a realizar exatamente essa manobra que o Martin menciona: buscar desenvolver sistemas operacionais onde o acesso a essas novas tecnologias, no caso, tecnologia da informação, não crie a situação de 4 milhões e meio de jovens e adolescentes que estarão fora da escola, porque não têm acesso à internet. Li essa semana que 4.600.000 estudantes não têm como acessar a aula. Eles estão tendo oferta de aula, mas não têm como acessar a aula.

E a campanha que está sendo feita é para doar equipamentos para esses meninos e meninas. Mas acho que a questão que o Martin traz não é a de doar equipamentos, e sim como pensar que esse acesso seja possível, sem que se tenha que se submeter a esse regime da mercadoria. Senão tudo é mercadoria. Nós vamos animar o mercado de novas bugigangas.

Canclini: Eu gostaria de ver aqui um jogo entre outras formas de periferia, além da periferia física das margens das cidades ou da sociedade atual, do ponto de vista territorial, essas enormes periferias da sociedade, que hoje constituem as

gerações jovens, sem trabalho, sem qualificações acadêmicas, além de muitas outros que têm qualificações acadêmicas, até mesmo doutorado, mas não conseguem empregos ou só conseguem empregos informais e temporários, sem segurança, sem serviços médicos.

Há muitas maneiras de ser periférico e, embora não possamos agrupar todos os jovens em um mesmo grupo, porque isso também é transclassista e transétnico. Há uma discriminação sistemática contra as novas gerações que não conseguem entrar no mercado de trabalho ou que entram em situações muito desfavoráveis de dependência. Isso é muito complexo e só posso citar algumas correlações. Não há bons sistemas de aposentadoria na maioria dos países da América Latina ou no México, onde estou morando. Portanto, é impossível para os professores com mais de 65 ou 70 anos de idade se aposentarem, porque as pensões são miseráveis. E, portanto, não há novos lugares para as gerações mais jovens entrarem, reconceituarem a universidade e desempenharem um papel de liderança no redesenho de nossa sociedade. Ser jovem não é suficiente para possibilitar a reconceitualização de que precisamos, mas há um setor enorme que é excluído. E isso me parece ter a ver com um dos lugares em que os jovens conseguiram se inserir de forma mais criativa e massiva, que são as redes digitais, que não são apenas uma forma de comunicar conteúdos antigos e novos, mas novas formas de se organizar em redes para estar presente na vida social fora dos prédios, fora das hierarquias convencionais da burocracia. E depois introduzimos as mobilizações, protestos virtuais, interrupções da ordem hierárquica, branca e patriarcal e a produção de outros tipos de ações na sociedade.

Parece-me que há uma enorme responsabilidade das universidades existentes, públicas, privadas, interculturais, indígenas, de relacionar de novas maneiras o que pode ser feito on-line, desde tutoriais do YouTube até uma aula de software. Como enfraquecemos a pressão da instituição hierárquica e de seus edifícios quando a colocamos em outros modos de aprendizagem? Em vídeos, em comunicações, em redes, em sites controlados por corporações, que é o outro grande referente que acho que precisa ser levado em conta aqui. Não são apenas as corporações industriais que estão muito presentes nas entrevistas de Muntadas, mas também essas corporações eletrônicas, que nos transformam de cidadãos em simples elementos de algoritmos, de articulações de algoritmos. O que fazer com o excesso de informações que todos os tipos de serviços digitais nos forne-

cem? E aqui eu simplesmente aponto algo que é fundamental na redefinição do que devemos entender hoje por universidade. A universidade como um local para a edição de informações, não apenas para a reconstrução do conhecimento, um local aberto a perguntas, que devem ser feitas inclusive pelos setores sociais, mas também um local onde o conhecimento é criado em termos de novos objetivos e com um projeto mais justo para o que a sociedade deve ser.

Muntadas: Acho que seria interessante, Martin, se você pudesse, como parte do projeto e das mesas-redondas, reunir as perguntas que são apropriadas aqui, que são apropriadas ao Brasil. Em outras palavras, uma série de considerações e uma série de situações surgiram devido ao contexto, o que torna interessante não refazer o projeto *About Academia* sobre o Brasil, mas coletar uma série de perguntas que eu acho que seriam fundamentais para o que poderia ser uma reformulação, no sentido de invenção, de alternativas, uma série de novos processos educacionais. Em suma, uma série de elementos que eu acho que seria importante confirmar e fazer referência, como parte da pesquisa.

Grossmann: Muito bem. Tarefa recebida. De qualquer maneira, acho que com as falas, com esse debate que a gente tem agora, há muito material. Então, isso não só está sendo gravado. Mas a ideia é transcrever isso e, talvez, relacionar isso como contribuição ao seu trabalho, Muntadas, nessa sua trajetória pelo globo. Você é um defensor indiretamente do planeta, porque você tem esse papel de fazer a relação entre diferentes sistemas, diferentes pessoas. A Macaé estava falando sobre dificuldade de nós nos conhecermos, de trocarmos, de estarmos em diferentes lugares e de conhecer diferentes realidades. O Muntadas faz isso de uma maneira que sempre me admirou, e sigo isso como um exemplo.

Estamos chegando no final e nós tivemos só essas duas perguntas do Lucas. Vou colocar a segunda pergunta, porque talvez seja uma maneira de terminarmos aqui a nossa tarde. É uma pergunta bastante direta e relacionada mais à realidade. Então, acho que a gente tocou aqui na questão mais utópica. Eu imagino, Ailton, que somos capazes de juntos, dentro de uma oca, desenhar um novo sistema operacional ou outros sistemas operacionais que possam trabalhar em parceria. Como humanidade, mesmo. Nesse sentido, a pergunta do Lucas é a seguinte: “Como fazer a crítica à academia, enquanto instituição, num momento de fragilidade institucional generalizada e de instabilidade democrática?”.

Acho que essa crítica foi montada. Ela acontece tanto no trabalho do Muntadas como aconteceu durante essa tarde. Mas aí tem uma pergunta complementar. Acho que é essa que nos interessa aqui, para a gente finalizar. “Como recuperar a imagem das instituições diante da opinião pública?” Acho que é uma boa pergunta para todos nós. Não sei quem gostaria de começar. Mais uma vez agradeço à presença de todos vocês e do público que nos assiste, assim como dos tradutores.

Muntadas: Penso, Martin, que é uma pergunta para você.

Muntadas: Porque acho que você está no meio da situação. Portanto, acho que essa pergunta, da perspectiva de conhecer os diferentes contextos, é uma situação ideal para poder respondê-la.

Grossmann: Mas, Muntadas, a própria pesquisa que o Néstor está desenvolvendo na cátedra, no IEA, tem relações diretas com essa questão da institucionalidade. O que o Lucas coloca é: “Como podemos recuperar a instituição?”. A instituição pública. Então, temos contribuições várias. A Macaé com a dela. E me perdoe, Macaé, se não descrevi você completamente. Mas você deixou muito claro, com sua apresentação, que é uma professora e que você está lá no campo. Você está na realidade. Ailton, não preciso nem descrever, porque, Ailton, você é esse ser que está em todas as partes, por espírito, pelas suas palavras e pela sua postura.

Acho que cada um de nós acredita em uma certa forma de instituição, Muntadas. E não, talvez, em uma única, seja ela denominada de caixa-preta, caixa branca ou caixa opaca. Mas aqui estamos e não estaríamos se não tivéssemos uma preocupação com a instituição, com a universidade. Afinal, a discussão de três horas se deve a uma instituição. Então, deixo a vocês.

Muntadas: Às vezes eu acho que importa a maneira como as pessoas se organizam, e vejo isso historicamente, situações em que há uma inversão, elas não estão mais questionando, mas se organizando e buscando alternativas, são situações importantes, de ação. Nos anos 1970, quando cheguei a Nova York, o mundo da arte estava, como ainda está, sob cerco em museus e galerias. E todas as pessoas que estavam fazendo um trabalho que era, de certa forma, diversificado, críticos a essa situação, movidos pelo desejo de reunir-se decidiram reformular a ideia de espaços alternativos. Essa organização para nós mesmos, para todos nós, coletiva, foi um momento muito importante para todo o trabalho realizado

na década de 1970. Tudo o que estamos vivendo agora, do ponto de vista da arte, tem a ver com aquele período. E isso aconteceu porque as pessoas se conectaram, encontraram os espaços, se organizaram. Por que a própria educação não pode se reorganizar a partir de baixo, buscando métodos, fórmulas, situações e propostas que sejam alternativas à ordem estabelecida?

Evaristo: Sabemos da fragilidade e da tensão que nós estamos passando no Brasil politicamente, mas essa crítica, que estabelecemos aqui nesta tarde, se deve exatamente ao fato de acreditarmos que a universidade precisa se fortalecer. Mas se fortalecer, no meu entendimento, não significa se fortalecer de qualquer forma. O Ailton falava, por exemplo, das universidades que hoje muitas vezes são tratadas como universidades de referência no Brasil. Então, adoram citar essas universidades, mas elas estão completamente privatizadas e a serviço de algumas empresas. Não é nem a serviço das empresas, mas de algumas, de um grupo muito pequeno.

Então, quando se faz essa crítica, acho que é exatamente para fortalecer uma ideia. Fiquei aqui pensando em inventar uma palavra. Talvez a gente não queira uma universidade, mas uma “pluriversidade”.

Quando, por exemplo, o Lucas perguntou: como a tecnologia pode ajudar nesse momento? Eu fiquei pensando: De qual tecnologia nós estamos falando? Porque eu acredito fortemente que as tecnologias podem contribuir muito com isso, principalmente se ampliarmos o nosso olhar sobre o que é tecnologia.

Por exemplo, se pensarmos o que é a tecnologia dos povos da floresta, ao lidar com a ela, veremos que é uma tecnologia precisávamos trazer para o mundo. Essa é a tecnologia que nós estamos buscando. Como se pode conviver tantos anos com a floresta e mantê-la de pé? Essa é a tecnologia que apoiamos, essa é a tecnologia que queremos.

Eu falo “nós” porque falo de um ponto de vista, de um lugar específico, do movimento popular. Mas eu sempre me pergunto sobre isso, sobre o fortalecimento da universidade estar muito ligado também a qual projeto de planeta nós queremos. Ou se vamos continuar nessa loucura que vai nos levar a fazer com que a Terra desapareça. Acho que essa, para mim, é a grande questão.

Bom, se a universidade não der conta dessa crítica que estamos fazendo, não vai

dar conta de jeito nenhum de enfrentar o poderio econômico que está aí fora. Então, há que dar conta de escutar o que a gente tem para falar.

Krenak: Essa pergunta e, obviamente, a sua justificativa diante da erosão que nós vivemos na relação das sociedades com as instituições, partindo do entendimento de que há uma grave desilusão das pessoas, disso que nós imaginamos que são as sociedades, uma desilusão com as instituições, ela pode parecer uma pergunta conservadora, no sentido de que a motivação dela pode parecer conservadora.

Como nós vamos fazer para que as instituições continuem sendo respeitadas? Para que elas continuem sendo bem avaliadas? Vamos pensar. Por que nos motivaria o esforço de preservar instituições que, por si, não conseguem angariar a confiança, a empatia e o envolvimento nos ambientes onde elas funcionam? Vamos imaginar, por exemplo, que os bancos estivessem desmoralizados. Quem de vocês se levantaria para fazer uma campanha em favor dos bancos?

Eu não. Eu quero que os bancos se danem, porque os bancos vivem de sugar a vida das pessoas. Eu não conheço nenhum banco que está preocupado com o fato de ter morrido mais de 400 mil pessoas no Brasil, porque do contrário ele daria um jeito de socorrer essas famílias, abrir os seus cofres, e ajudar milhares de pessoas que estão na linha da miséria absoluta, dormindo na calçada. E eles iriam falar: “Olha, nós vamos atender toda essa gente enquanto a pandemia estiver matando. Depois, nós vamos voltar a ganhar dinheiro”.

Assim os bancos, essas instituições sólidas, continuariam tendo a simpatia das pessoas. As instituições a que estamos nos referindo aqui, a ciência, a tecnologia, a universidade e a academia, são instituições, em certo sentido, que têm a capacidade, que têm a potência em si de afetar a sociedade. Então, elas precisam afetar positivamente. Se elas não estão afetando positivamente, se elas não conseguem suportar sequer esse debate, então elas já foram vencidas. Quando eu publiquei um pequeno texto chamado “Ideias para adiar o fim do mundo”, eu não apontei o dedo só para as universidades, eu apontei para a Unesco, para o Banco Mundial, para essas superestruturas que sustentam o capitalismo global.

Por que estou interessado na sobrevivência dessas superestruturas que não fizeram outra coisa, até a virada do século XX, senão garantir esse status quo, essa coisa que continua sempre igual. Pensar na manutenção das instituições é muito

bom, desde que as instituições pensem também em nós. Então, teríamos que desenvolver aquilo que na poesia se chama de desenvolver relações de afeto.

Nenhuma instituição que não consegue devolver para o meio social o sentido da vida precisa ser protegida, senão teremos que proteger as Forças Armadas. É uma instituição, sólida pra caramba. Se ela começar a despencar, eu vou fazer o quê? Uma campanha? Um *crowdfunding* para ajudá-los a comprar armas? Então temos que pensar de que lugar nós queremos fortalecer as instituições. É do lugar comum da sociedade? Ou é do lugar particular em que algumas instituições operam?

Eu dei o exemplo dos bancos. Os bancos faturaram absurdamente durante a pandemia. Ao se observar o fechamento do ano do banco, vê-se que o banco fatura apavorantemente. Então por que esses bancos não pegam um pouco desse faturamento e distribuem para o povo que está morrendo de fome, jogado pelas calçadas?

Parece que reclamar dessas questões, num diálogo desses, é deixar que o ambiente agradável da conversa seja invadido por temas externos ao debate. Mas há mais 400 mil pessoas enterradas, e elas têm muitos parentes aqui fora que ainda estão andando por aí: primo, cunhado, amigo, irmão, vizinho. E as pessoas se sentem ressentidas e acham mesmo que as instituições estão devendo à sociedade.

Quando eu fiz uma crítica à cooptação da ciência, aquela ciência feita nas universidades pelas corporações, eu não estava detonando a ciência. A ciência é luz, é reconhecimento. Mas a ciência não pode ser cooptada por corporações, porque então temos que fazer uma crítica responsável a essa situação de rendição da ciência a um interesse privado, que prejudica o bem comum e o interesse comum. E, no caso, que prejudica a nossa experiência comum de seres que precisam de um planeta Terra que respire. Muitas dessas instituições se esquecem que o planeta respira. Eu não sei se vazou para vocês enquanto eu falava um som de buzina. Essa buzina é da Vale do Rio Doce, uma instituição muito respeitável. Mas eu, decididamente, não vou defendê-la, porque ela matou o rio que passa aqui no meu quintal, o rio Doce.

Eu consegui falar durante quase meia hora sem citar a Vale do Rio Doce, mas ela mesma se denunciou com essa buzina. Ela passa a quinhentos metros daqui de casa. Eu não sabia que ia terminar com essa denúncia contra a mineração em Mi-

nas, mas a Macaé já fez o preâmbulo. Minas Gerais está sendo assolada por essa atividade econômica irresponsável, essa que o Drummond morreu chorando e que ninguém escutou. Viva Carlos Drummond de Andrade, nosso querido poeta.

Canclini: Acho que a última coisa que você disse é fundamental. Mudemos a pergunta. Em vez de nos perguntarmos como melhorar a imagem das universidades na sociedade, deve-se ter em mente que nenhuma instituição que não contribua para refazer o sentido deve ser defendida. Nós, universidades, temos muitas discussões elaboradas, muitas discussões até mesmo sobre o que se deve entender por sentido. Há uma grande questão filosófica aqui que já foi respondida de várias maneiras. Mas esse sentido hoje está claro, é socialmente construído. Ontem eu estava conversando com um dos maiores escritores mexicanos, Juan Villoro, que me disse: “Estou muito surpreso. As demandas dos artistas no México se devem a eles terem sido privados de subsídios. Não estão sendo pagos, estão levando seu dinheiro para outro lugar, o Estado não está cumprindo sua função como beneficiário da criação cultural. Mas todos eles pedem: ‘Devolvam o subsídio para mim, como indivíduo’. E a pergunta que a sociedade está se fazendo hoje, disse Villoro, é: ‘Por que queremos ter artistas?’. ‘Qual o resultado dessas bolsas de estudo?’”. É também uma pergunta para a universidade: O que ela está fazendo pela sociedade? Como ela é vista pela sociedade? Se a existência das universidades não é significativa para a sociedade, a pergunta que temos de nos fazer é: Como vamos reformulá-la para que a universidade seja outra coisa, com outro projeto de conhecimento, com outras questões que temos de buscar em outros saberes.

Plonski: Rapidamente, primeiro gostaria de agradecer enormemente a vocês que enriqueceram a tarde com esse painel tão importante. E, se me permitem, eu queria fazer apenas dois brevíssimos comentários. Na verdade, um comentário e uma nota de rodapé.

O comentário, caro Muntadas, é o seguinte: uma das quinze questões que você fez é sobre universidade, “instituição versus corporação”, correto? *Institución y corporación*. Penso que, no caso do Brasil especificamente, no caso das universidades públicas, o dilema não é instituição e corporação, é instituição e organização. Ou seja, há um conjunto de regras de natureza administrativa, da administração pública, e com mecanismos de controle que não respeitam características acadêmicas, que gradativamente, ao longo do tempo, tem tolhido esse papel que vocês

todos destacaram e que agora, ao final, o Ailton destacou com muita ênfase, que é a relevância.

Ou seja, para poder se enquadrar dentro dessas regras que são, enfim, enrijeecedoras, que são grades, as universidades têm tido muita dificuldade de manter esse caráter de relevância. E o que, para mim, diferencia uma instituição de organização é que a organização, quando desaparece, ninguém dá muita bola, como o Ailton falou. Se desaparecer, desapareceu.

Porém, uma instituição existe porque ela é relevante para um segmento importante da sociedade, e será defendida por esse segmento da sociedade. E, durante muito tempo, as universidades tiveram essa característica. Sinto que ela está ameaçada por causa da rigidez burocrática, que acaba, evidentemente, se tornando um ethos da própria universidade.

A nota de rodapé: eu não tenho procuração nem tenho ações de banco. Mas, Ailton, é preciso apenas lembrar que, no começo da pandemia no ano passado, criou-se um movimento chamado “Todos pela Saúde”, que foi alavancado com a doação de R\$ 1 bilhão do Banco Itaú. Eu não sei se é uma proporção relevante ou não do seu lucro, não tenho essa informação. Mas é só para que, ao olharmos talvez para um panorama obscuro, vejamos alguns pontos luminosos. Enfim, só me lembrou isso, mas não tira o mérito do seu argumento principal.

Eu queria agradecer mais uma vez a todos vocês, e ao Martin, por fazer essa articulação tão especial. É um prazer conhecer a quem eu ainda não tinha tido o prazer de ouvir pessoalmente, e desejar um bom fim de semana e, principalmente, saúde a todos vocês.

Muntadas: Eu concordo com o que o Ary diz. Nos Estados Unidos, na América do Norte, a palavra instituição ou corporação é crucial. O projeto, como venho dizendo desde o início, é muito sensível ao contexto. No contexto brasileiro, possivelmente essa dialética não seja uma realidade, mas é preciso ter cuidado, porque na Europa também, quando foi apresentado, houve discordâncias por parte das universidades públicas, com as quais concordo plenamente, dizendo que a instituição pública é importante, que temos de defendê-la.

Concordo plenamente, mas a força da economia e do mercado significa que as mesmas universidades europeias estão adotando os modelos norte-americanos.

É por isso que eu gostaria de dizer que concordo com o que você diz, mas tenha cuidado. Cuidado porque às vezes as coisas assumem influências que não percebemos e que se transformam. De qualquer forma, eu queria fazer um contraponto, porque essa questão de instituição versus corporação talvez não seja relevante no Brasil. Ela foi relevante no projeto dos Estados Unidos porque lá, como descrevi anteriormente, a economia interfere de forma tremenda na instituição acadêmica.

Participantes

Ailton Krenak

Ailton Krenak (1953) é liderança indígena, filósofo, escritor, ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, além de escritor e roteirista. Organizou a Aliança dos Povos da Floresta, que reúne comunidades ribeirinhas e indígenas na Amazônia, além de ser comendador da Ordem de Mérito Cultural da Presidência da República.

Krenak é professor doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Juiz de Fora (MG) e foi eleito intelectual do ano em 2020 pelo Juca Pato, premiação entregue pela União Brasileira de Escritores.

Ailton Krenak é autor dos livros *O Lugar Onde a Terra Descansa* (2000), *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (2019), *A Vida Não é Útil* (2020) e *Futuro Ancestral* (2022).

Antoni Muntadas

Antoni Muntadas vive e trabalha em Nova Iorque e Barcelona. Estudou na Escuela Técnica Superior de Ingenieros Industriales de Barcelona e no Pratt Graphic Center de Nova Iorque. Começou como pintor, atividade que abandonou para centrar-se no mundo das novas tecnologias. Pioneiro no uso do vídeo, desde metade dos anos setenta vem abordando questões como a publicidade, os círculos do poder, tanto ideológico como econômico, e a crítica cultural. Assim, desde então, sua produção se expandiu para o uso de várias linguagens plásticas, meios e suportes, tendo a intervenção no espaço público uma de suas mais radicais formas de crítica cultural.

Muntadas é artista e professor de comprovado reconhecimento, tendo sido convidado a ministrar cursos, workshops e palestras em várias das mais importantes escolas de arte e museus do mundo, como no Massachusetts Institute of Technology - School of Architecture em Cambridge, Massachusetts, onde ministrou a disciplina ‘Seminar on Public Art’ (início 2001); é conferencista regular do Cornell University Seminars no programa ‘Dialogues Art and Architecture’ (início 2006) e professor da IUAV Veneza, Itália, responsável pela disciplina ‘Projectos Laboratorio 3’ (início 2004). Também contribui com certa regularidade no programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

da Escola de Comunicações e Artes da USP, como por exemplo a disciplina Urban Interventions em parceria com Ana Maria Tavares e Martin Grossmann em 2006.

No ano 2017, o artista e o Fórum Permanente iniciaram o desenvolvimento do Projeto About Academia (Sobre Academia) no Brasil que, devido a pandemia, acabou sendo traduzido/interpretado/transposto de uma exposição em espaço físico para um ambiente virtual. Primeira vez que o trabalho foi realizado na América Latina. A princípio seria exposto em video-instalação na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM) da USP, mas as restrições provocadas pela pandemia levaram o artista e o Fórum Permanente ao desenvolvimento de uma versão na virtualidade, ancorada em um site na internet: <https://aboutacademia.iea.usp.br/>. A realização foi uma iniciativa do Fórum Permanente, do IEA-Instituto de Estudos Avançados da USP e da BBM-USP, com apoio do Programa de Ação Cultural (Proac) da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do governo do Estado de São Paulo. Este projeto ocorreu pela primeira vez em um espaço cultural no Carpenter Center da Universidade de Harvard nos EUA em 2013.

Macaé Evaristo

Macaé Evaristo é doutora em Educação, e foi a primeira mulher negra a ocupar os cargos de secretária municipal de Belo Horizonte (2005 a 2012) e secretária estadual (2015 a 2018) de Educação de Minas Gerais.

Nos anos de 2013 e 2014, foi titular da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação.

Foi vereadora do PT-Partido dos Trabalhadores na Câmara de Vereadores de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais e atualmente é deputada estadual pelo mesmo partido e estado, com mandato até 2026.

Martin Grossmann (moderador)

Professor Titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo / ECA-USP (início em 1993, como professor colaborador | 1996 professor doutor | 2001 livre docência | 2007 titular)

É também um culturador, um especialista de estudos e da poética da cultura.

Desde o mestrado, as pesquisas acadêmicas e os programas de gestão problematizam, exploram e potencializam a transição da cultura material para a cultura na virtualidade; a transdisciplinariedade; a relação entre arte contemporânea, seus agentes e as instituições; os processos de mediação cultural, artística e acadêmica; e o desenvolvimento e manutenção de sistemas operacionais e de informação para a arte, a cultura e a ciência.

A atuação como gestor de instituições e projetos culturais, educacionais e acadêmicos apoia-se nas pesquisas e estudos sobre interdisciplinariedade, curadoria; ação, mediação e política cultural; museologia; crítica, teoria e história da arte, da arquitetura, da cultura, da ciência; bem como a história das ideias.

Néstor Garcia Canclini

Néstor Garcia Canclini é antropólogo cultural, tendo sido o primeiro nome internacional a assumir a Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP, mantida em parceria com o Instituto Itaú Cultural. Seu projeto de pesquisa deu lugar ao livro *Emergências Culturais - Instituições, Criadores e Comunidades no Brasil e no México (São Paulo, Edusp, 2023)*.

Canclini é Professor da Universidade Autônoma Metropolitana da Cidade do México, possui doutorado em Filosofia pela Universidade de La Plata, da Argentina, e pela Universidade de Paris Nanterre, na França. Lecionou na USP e em universidades dos Estados Unidos, Espanha e Argentina.

Em 2014, recebeu o Prêmio Nacional de Ciências e Artes do México. Entre suas principais obras está *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar y Salir de la Modernidad* (1990), tendo recebido menção honrosa do Prêmio Ibero-americano Book Award da Latin American Studies Association, em 1992.

2ª Mesa-redonda:

Intercontinental Academia

Evento do ciclo de debates acerca da exposição *About Academia* de Antoni Muntadas

Com Martin Grossmann (moderador), Mariko Murata, Nikki Moore, David Gange, Érica Peçanha e Antoni Muntadas

10.05.21 | 9:00

Sala zoom do IEA-USP

Registro audiovisual:

<https://e.usp.br/rp3>

Exposição:

<https://aboutacademia.iea.usp.br/>

Grossmann: Bom dia aqui ao Brasil, boa noite ao Japão e boa tarde à Inglaterra. É um prazer estar com todos vocês aqui nesta sala e também com o público que nos assiste de algum lugar do mundo. Estamos em uma sala Zoom do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da Universidade de São Paulo (USP). Nessa ocasião, temos quatro palestrantes de diferentes partes do mundo reunidos para discutir as relações entre o meio acadêmico e a proposta apresentada pelo artista Antoni Muntadas na exposição *About Academia*. Então, é uma discussão sobre a academia a partir da perspectiva das artes visuais, eu costumo dizer, da poética visual. Antoni Muntadas é um artista que tem essa trajetória de analisar diferentes sistemas e, é claro, o sistema da arte institucional e como as artes se relacionam com outros campos de conhecimento, como também com campos da prática e ação no mundo contemporâneo. Nesse trabalho específico, *About Academia*, que começou em 2011 na Universidade Harvard, no Carpenter Center for the Visual Arts, Muntadas – já que ele tem essa experiência de ensinar em universidades, como o Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), onde esteve entre 1999 e 2014 – explora essa relação entre ser artista, ser ativo e ter uma presença muito interessante no cenário da arte contemporânea e também ser professor e pesquisador.

About Academia vem dessa experiência crítica de estar nessa posição muito interessante, uma posição estratégica no interior desse sistema, no qual todos nós também estamos, porque estamos falando de uma perspectiva universitária, de pesquisa “científica”... Muntadas apresenta, então, nesse contexto artístico-universitário essa exposição que, devido à pandemia, está sendo feita de forma totalmente virtual. Essa mesa-redonda e a exposição estão plenamente presentes na virtualidade, portanto, trata-se de uma combinação de diferentes eventos que estamos realizando, para possibilitar algum tipo de contraponto ao que ele apresentou na obra, que contou com a participação de diferentes intelectuais, professores, pesquisadores, estudantes do contexto universitário norte-americano.

Na primeira mesa-redonda *Que universidade queremos?*, tivemos uma discussão muito interessante sobre como as pessoas entendem e projetam a universidade do futuro, muito baseada no cenário brasileiro e no contexto brasileiro e latino-americano. Agora, com Nikki Moore, Mariko Murata, Érica Peçanha e David Gange, temos a oportunidade de discutir se ainda existe algum tipo de universalidade ou ideia de que a universidade em si também é um conceito universal, con-

siderando, é claro, que existem os cenários contextuais das condições, situações ou relações geopolíticas de cada um que vai apresentar hoje.

A Intercontinental Academia¹⁶, para ser bem breve, porque vocês ouvirão pelo menos David Gange e Nikki Moore falarem dessa ideia, uma vez que participaram de sua primeira edição em 2015 é um projeto e empreendimento do University-Based Institutes for Advanced Studies (UBIAS)¹⁷. Uma rede de escala global muito jovem que foi criada em 2010, observando um fenômeno que vem ocorrendo há algum tempo: importantes universidades em diferentes partes do mundo começaram a ter institutos de estudos avançados em sua própria estrutura. Um padrão e fenômeno descoberto pelo Freiburg Institute of Advanced Studies (FRIAS), na Alemanha, que decidiu organizar a primeira conferência do UBIAS em Freiburg, em 2010.

Agora, essa rede tem 46 institutos em todo o mundo e o projeto comum mais interessante e mais proeminente dessa rede é esse novo formato de academia, essa nova plataforma chamada *Intercontinental Academia*. Basicamente, é fruto do relacionamento entre dois institutos diferentes, localizados em diferentes partes do mundo, de preferência em diferentes continentes, e cada universidade organiza, em comum acordo, um evento de duas semanas reunindo professores, pesquisadores, intelectuais seniores e pesquisadores em meio de carreira ou terminando o doutorado, ou de preferência pós-doutorandos. Nesse encontro imersivo, eles podem realmente ter essa experiência muito intensa passando duas semanas diferentes em cada país e discutir, não apenas a universidade, é claro, mas a pesquisa interdisciplinar, e estar em contato com mentes diferentes e contextos diferentes. Trata-se de uma experiência cultural de fato. Além de uma maneira muito interessante de combinar diferentes experiências nesses diferentes contextos.

A partir de 2015, quando esse projeto começou, tivemos três edições da Intercontinental Academia. O primeiro abordou o tema “tempo” e ocorreu em São Paulo e Nagoia, entre a USP e a Universidade de Nagoya. O segundo aconteceu em Israel (Universidade Hebraica) e na Alemanha (Universidade de Bielfeld) e o tema foi “dignidade humana”. O terceiro aconteceu entre Birmingham e Singapura, discutindo “leis”. Todos eles em um formato muito interdisciplinar e com uma

16 Vide: <http://intercontinental-academia.ubias.net/>

17 Vide: <http://www.ubias.net/>

maneira muito interessante de reunir diferentes conhecimentos, para discutir diferentes temas. Está em preparação, agora, a quarta edição do Intercontinental Academia, entre a França, por meio de uma rede de institutos avançados, e o Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (Ieat) de Belo Horizonte, da UFMG, aqui no Brasil. O foco principal será inteligência e inteligência artificial.

Agora, dando início a moderação dessa conversa, cada um de vocês, Nikki, Mariko, David e Érica, terá alguns minutos para apresentar algumas ideias e compartilhar conosco suas experiências sobre o que pode ser uma academia intercontinental, tomando como base para essa discussão o trabalho de um artista que discutiu a academia. Além de ser impossível discutir a academia sem discutir a própria universidade, acho que estamos falando de valores importantes que todos nós compartilhamos no mundo todo em relação à academia. Também falamos de sistemas e estruturas, como as universidades, que nos permitem até mesmo estar aqui, como pessoas, como pesquisadores. Cada um de nós tem uma carreira diferente, mas tem essa base comum que é a universidade.

Apresentando brevemente Mariko ao público: ela é professora do departamento de sociologia da Universidade de Kansai e recebeu seu PhD em estudos de formação interdisciplinar na Universidade de Tóquio. Ela é especialista em estudos culturais e de mídia e estudos de museus. Nós nos conhecemos, especialmente, quando o congresso do Conselho Internacional de Museus (ICOM) foi realizado lá em Kyoto, com quase cinco mil pessoas. Foi um prazer encontrar Mariko lá e conversar sobre o museu, que também é meu interesse acadêmico. Ela tem muitas publicações sobre museus e museus como mídia. Portanto, essa relação também é muito interessante e próxima do trabalho de Muntadas. A última pesquisa com a qual ela esteve relacionada, ou ainda está relacionada, é o estudo de museus na Nova Zelândia.

Mariko, mais uma vez, obrigado por se juntar a nós nessa ocasião. Você está muito adiantada em relação a nós e agradeço novamente por isso, pois já é noite no Japão. A palavra é sua agora.

Murata: Obrigada, Martin. Olá a todos. Estou me conectando de Osaka, no Japão, onde o estado de emergência da covid-19 acaba de ser prorrogado novamente. Eu estou realmente no lado oposto do globo em relação a São Paulo, portanto, agora são nove horas da noite. Agradeço ao Martin, aos tradutores, é claro, e ao pessoal

do projeto. Também ao IEA por me receber aqui. Como esta mesa é sobre uma academia intercontinental, espero que eu possa contribuir um pouco com o projeto.

Como eu não tinha muita certeza sobre o que deveria falar, esta é a minha primeira vez nesse formato, falarei apenas sobre três coisas como meu primeiro comentário. A primeira será minha autoapresentação, que inclui um pouco da história das universidades no Japão. Na segunda, abordaremos o projeto de Muntadas e depois falarei um pouco sobre o Intercontinental Academia, mas talvez seja somente uma primeira observação e Nikki e David possam falar mais sobre isso.

Aqui é onde trabalho. Moro em Kyoto e vou para Osaka. Então, é aqui que fica minha universidade. Ela fica na parte oeste do Japão, em Osaka. Osaka fica perto de Kobe e Kyoto, e a maioria dos alunos daqui se desloca para a universidade. É uma universidade particular e talvez uma das maiores do Japão. Provavelmente em décimo lugar entre 781 universidades em termos de tamanho. Temos 28 mil alunos, 800 professores e doze departamentos, portanto, é bastante grande. A Universidade de Kansai, na verdade, começou como uma faculdade de direito, em 1886, fundada por oficiais de justiça e empresários da época. Esses fundadores foram muito afetados pelos conceitos jurídicos ocidentais, como os direitos humanos, que não existiam no Japão. A história da Universidade de Kansai é a típica história de fundação das universidades no Japão, no final do século XIX. É claro que já tínhamos essas instituições de ensino na época feudal, mas as universidades como instituições criadas como parte da construção do estado-nação e da modernização do Japão são somente do final do século XIX.

O objetivo das universidades dessa época era treinar burocratas que pudessem liderar a modernização do Japão. Assim, muitos acadêmicos estrangeiros vieram para o país e foram contratados pelo ministério para ensinar aos jovens estudantes, que eram naturalmente as superelites da época, aqueles que fariam do Japão um país forte e moderno. Eu sei que, em muitos países ocidentais, a fundação das universidades de fato precede à nação, mas, no Japão, as universidades foram criadas para construir a nação. Portanto, para ser bem precisa, as universidades no Japão não têm uma origem acadêmica nesse sentido. Não estou dizendo que, hoje, a academia não exista, e, como uma integrante da academia, sinto-me obrigada a continuar lutando contra qualquer ingerência e a invasão de qualquer

capitalismo, populismo ou conservadorismo. Achei que deveria falar um pouco sobre as universidades no Japão por causa do tópico de hoje.

O Martin já explicou um pouco. Eu sou especialista em estudos de museus de uma perspectiva dos estudos culturais e de mídia. Costumo dizer que meu estudo é sobre museus como mídia e as áreas de interesse incluem museus e cultura popular. Ultimamente, acho que estou estudando muito museus e diversidade, multiculturalismo, e museus e descolonização, museus e representação. Sempre me interessa, é claro, pelo nascimento e pela história dos museus no Japão. Basicamente, vejo o museu como um aparato para perceber e medir a cultura na qual ele está situado. Ou talvez se possa dizer que é um “dispositivo” que exerce um certo poder em um determinado domínio. Para dizer de uma forma mais casual, os museus parecem explicar muito sobre nossa sociedade, tanto cultural quanto economicamente.

De acordo com um artigo da revista *The Economist*, em 2013, havia mais que o dobro do número de museus de duas décadas antes. Portanto, até a covid-19, é claro, os museus estavam aumentando. Por exemplo, diz-se que o Japão é um país de museus. Dependendo de como você conta, há cerca de cinco mil e setecentos museus no Japão, e isso é muito quando se pensa no tamanho do país. Tanto os museus públicos quanto os privados estão espalhados por todo o território.

Minha pesquisa recente, como eu disse, concentra-se muito em museus e diversidade. Por exemplo, tenho feito workshops com um museu de arte em Okayama, o Okayama Prefectural Museum of Art, no qual estudantes universitários criam um audioguia das obras de arte, fazendo um tour pelo museu para deficientes visuais. Também fiz uma exposição para deficientes visuais, e tenho feito pesquisas sobre museus étnicos no Japão. Temos pequenos museus que exibem a cultura de minorias étnicas, mas eles são basicamente administrados por indivíduos ou pequenas comunidades. Então, eles sempre têm pouco dinheiro. É o caso, por exemplo, do Museu de História Marítima Chinesa de Kobe e do Museu Memorial do Manganês de Tamba. O segundo caso mostra os restos das minas de manganês em que os coreanos eram forçados a trabalhar. Ele foi aberto por uma segunda geração de coreanos *zainichi*, que vieram para o Japão quando o país tomou a península coreana. Atualmente, um de seus filhos administra esse museu, ou seja, ele é realmente administrado por uma família e pode fechar a qual-

quer momento. Existe também o mais antigo museu particular dos indígenas Ainu, em Hokkaido. O povo Ainu é um povo indígena da parte norte do Japão, de Hokkaido. Talvez seja difícil para vocês imaginarem isso, porque convivem com tantos grupos étnicos, mas, no Japão, a diversidade e o multiculturalismo são uma questão nova, trazida pela licitação das Olimpíadas e Paraolimpíadas de Tóquio. Até recentemente, o Japão era identificado como culturalmente homogêneo, porque a diversidade era ignorada e os povos indígenas eram assimilados. Portanto, quando você vê esses museus étnicos no Japão, pode perceber que a questão do colonialismo e também da descolonização estão em jogo. Essa foi minha breve autoapresentação.

Agora, quero falar um pouco sobre o trabalho de Muntadas, com foco especial no meio acadêmico, é claro, e também nos Asian Protocols (Protocolos asiáticos). Esse é um projeto que Muntadas expôs no Japão, na Coreia e na China. Na apresentação disponível on-line, ele indica: *“Esta exposição é uma tentativa de revelar visualmente algumas das semelhanças e diferenças, bem como os conflitos que existem entre três países que estão localizados tão próximos e, ao mesmo tempo, tão distantes um do outro, a saber, Japão, China e Coreia, pesquisando os protocolos que operam em cada um desses países e criando obras de instalação como um meio de reunir imagens coletadas em vários lugares dentro desses países¹⁸”*.

O artista também diz que a exposição é uma plataforma que pode servir como um fórum de discussão, incluindo membros do público em geral, estudantes, professores etc. Acho que, geralmente, os trabalhos de Muntadas são projetos de arte baseados em pesquisa, e, historicamente, os museus são sempre baseados em objetos, sendo que há um forte fetichismo por objetos no museu. Entretanto, penso que Muntadas estava ciente de que o núcleo das obras de arte eram conceitos. Atualmente, os artistas de mídia e os artistas contemporâneos fazem muita arte baseada em pesquisa, como se fosse metade pesquisa e metade arte. Muntadas foi um dos primeiros artistas a fazer isso, um pioneiro. Então, eu pergunto: qual é a diferença entre projetos de arte baseados em pesquisa e a pesquisa acadêmica propriamente? Ou, para ser mais direta, por que tem de ser arte? Pessoalmente, acho que a maior diferença é que a arte sempre pode ser subjetiva, e isso não é uma crítica. Na verdade, é exatamente o oposto, isso é muito importante, porque

18 Citação originalmente em inglês. Tradução nossa.

a arte tem a ver com a maneira como você vê o mundo e como você faz perguntas a partir do seu ponto de vista.

Por exemplo, o Antoni Muntadas usa muitas entrevistas em seus projetos. Eu assisti à fala dele na mesa-redonda *Que Universidade Queremos?*, e ele enfatiza como as entrevistas revelam o que está oculto, também disse que entrevistar alunos levantou questões de racismo, discriminação e hierarquia. As entrevistas em pesquisas acadêmicas geralmente exigem objetividade e, às vezes, podem se tornar muito formais, os resultados precisam eliminar a contradição, e certos procedimentos são necessários para a análise. Entretanto, como os métodos diferem de acordo com a disciplina, não é possível escapar do seccionalismo, portanto, a pesquisa acadêmica pode apagar ou cortar muitas coisas, muitas coisas pequenas que são importantes, ou mesmo as contradições. Além disso, essa transferência do modo de entrevistas para a imagem visual abre a questão ou o tópico para um público diferente.

Outra pergunta, que está intimamente relacionada à primeira: por que os museus e as galerias são necessários para esse tipo de trabalho? Essa é uma pergunta que pode ser feita a muitas das recentes obras da arte contemporânea. Eu trouxe dois exemplos. Um trabalho de Mónica Mayer, uma artista, ativista e feminista mexicana. Ela vem realizando esse projeto, *The Clothesline (O varal)*, desde 1978. Sua proposta é, basicamente, perguntar a pessoas diversas de uma cidade sobre questões de gênero. Antes de as pessoas entrarem em seus espaços expositivos, ela pergunta, por exemplo, “você já se sentiram discriminadas como mulheres?” ou “você já sofreu assédio sexual?” etc. E Mónica pede que as pessoas escrevam as respostas em papéis e os expõe em um museu. Então, essas são as perguntas, os papéis. E ela também faz isso dentro do museu. Em outras palavras, o projeto em si talvez esteja concluído fora das paredes do museu, mas exibi-lo no espaço do museu o torna um projeto de arte que convida um público diferente, e questiona o assunto de uma maneira diferente.

Outro exemplo é a exposição *The Ecology of Expression (A ecologia da expressão)*, no Arts Maebashi, uma pequena galeria de arte contemporânea, um museu de arte. Nessa exposição, havia uma obra chamada *Akatsuki Village Walking Tour*, do artista Akira Takayama, que se parece com um simples papel em uma parede mostrando um mapa turístico da vila de Akatsuki. Essa obra de arte é uma visita

guiada a uma comunidade muito pequena chamada Akatsuki, no sopé de uma montanha. Essa comunidade foi criada por um padre católico em 1979 como parte do Movimento Emaús, que tem como objetivo apoiar os membros carentes da sociedade. Historicamente, essa comunidade aceitava refugiados do Vietnã, depois disso, passaram a aceitar refugiados e outras pessoas com doenças mentais. Hoje, apenas algumas pessoas ainda vivem aqui, portanto, a obra de arte é como a promoção no design do passeio em si. Isso significa que os visitantes que virem esse simples mapa turístico no espaço do museu terão que visitar esse lugar por conta própria, que, lembre-se, fica bem longe. No museu, o trabalho é apresentado como esse mapa muito simples. Mais uma vez: isso questiona o que são museus e galerias. E podemos dizer que, atualmente, os museus são espaços para questionar ou dialogar, portanto, Akira Takayama questiona a sociedade usando diferentes tipos de mídia, e acho que o trabalho de Muntadas faz isso.

Por fim, apresento apenas uma observação simples sobre o Intercontinental Academia. Hesito em elaborar muito porque sou muito pessimista com relação a ele, e eu disse ao Martin que pareceria muito pessimista, porque o Japão está em uma situação diferente, eu acho. Martin falou sobre uma universidade móvel ou flutuante, e eu concordo plenamente, especialmente nessa crise pandêmica em que somos obrigados a ficar dentro do país, em nossa casa. A única coisa muito boa é que a internet permite que pesquisadores e alunos se comuniquem globalmente. Podemos convidar palestrantes de todo o mundo com muita facilidade, e os alunos podem ouvi-los. A rede acadêmica que estamos construindo desempenha um papel fundamental, mas, em termos de aulas oferecidas, esse não é o caso do Japão. O motivo é bastante simples: a questão do idioma, a grande barreira do idioma. E a barreira da mentalidade que vem depois disso. O Japão é cercado pelo mar. Costumamos dizer que o Japão é uma Galápagos, o que significa que é um ambiente muito fechado, e que, dessa forma, uma cultura muito singular pode se desenvolver em seu interior. O que é interessante, mas, ao mesmo tempo, ainda que exista a internet – vocês sabem, os mares não podem nos bloquear –, penso que a situação não mudou muito, e sinto que os alunos têm um acesso muito limitado a muitas informações e comunicações externas.

Espero não parecer muito pessimista, mas acho que uma coisa boa é que os alunos agora apreciam muito o fato de terem uma aula presencial normal. Situação que também aparece no trabalho de Muntadas, *About Academia*. Eu os li e os

alunos têm muito a dizer sobre como as aulas são administradas. Para nós, a situação é realmente um desafio. Vou parar por aqui e agradeço a atenção de vocês.

Grossmann: Mariko, muito obrigado por nos apresentar o Japão, a universidade e também por demonstrar seu interesse pelo trabalho de Muntadas. Você pesquisou essa exposição que foi exibida no Japão, na China e na Coreia, "Asian Protocols", então, acho que é um trabalho bastante corajoso de Muntadas fazer essas perguntas e questionar as semelhanças e as diferenças entre essas diferentes culturas e também seus diferentes processos civilizatórios.

O Japão, como você mencionou, é um país isolado do mundo, mas, depois que voltei de lá após ficar dois meses em Tóquio, na Universidade de Waseda, pesquisando sobre museus, comecei a entender que o Brasil também é um país bastante isolado no mundo. Então, ele é maior em tamanho, é de dimensão continental, mas somos bastante isolados e temos relações ambíguas com diferentes partes do mundo. Normalmente, viramos as costas para a América Latina e olhamos mais para as relações com a Europa e com os Estados Unidos da América (EUA), em vez de nos relacionarmos com essa situação bastante complexa que é a América Latina, com todas as sua diversidade e diferenças. Não vou me estender sobre isso, mas acho interessante que você tenha mencionado o projeto do Antoni Muntadas "Asian Protocols", tentando já iniciar uma discussão sobre as diferenças entre uma pesquisa acadêmica e uma pesquisa artística. São tipos de pesquisa diferentes e isso é algo que provavelmente voltaremos a abordar quando abrirmos o debate.

Érica, você gostaria de ser a próxima e terminamos com Nikki e David? Sim. Deixe-me apresentá-la. Érica Peçanha, como eu disse no início, está no IEA em um projeto incrível, que é coordenado pela Eliana Souza Silva. Vou apresentar um pouco desse contexto de pesquisa e depois, especialmente, a Érica. Eliana é titular da Cátedra de Arte, Cultura e Ciência da USP desde 2018. Eliana Souza e Silva quando tinha sete anos, com a família mudou-se da Paraíba, um estado do Nordeste brasileiro, para o Rio de Janeiro. Sua família foi morar nessa favela que hoje é o maior complexo de favelas da cidade do Rio de Janeiro, a favela da Maré. Nós chamamos de favela, uma favela, também poderíamos chamar de comunidade, conjunto de domicílios que ocupa, de maneira precária e densa, um terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e que não possui acesso a serviços

públicos essenciais. Então, na favela da Maré, estamos falando de 140 mil pessoas vivendo em condições precárias. Infelizmente, recorrentemente temos assassinatos, seja perpetrados pelas diferentes facções do tráfico de drogas e armas, pela milícia, como também pela polícia. As favelas no Brasil são áreas de tensão, zonas de conflito. E essa maneira muito estranha e deslocada de lidar com as favelas em uma situação urbana como a do Rio de Janeiro mostra claramente que, no Brasil, existe, além de uma tremenda desigualdade, um racismo estrutural, seja na estrutura do Estado, seja na estrutura da sociedade.

A Eliana é uma ativista, ela tem um perfil muito interessante e, junto com um grupo bastante ativo na Maré, no final do século passado, eles começaram a realmente trazer uma energia diferente e uma maneira diferente de ver as favelas, de atuar em seu interior: periferia como potência, como lugares que geram diferentes ideias e ações diferentes formas de agir na e para a sociedade. Assim, eles têm feito trabalhos bastante interessantes de cunho social e também trabalhos em que artistas estão envolvidos. Então, Eliana foi convidada a integrar o IEA, no contexto da Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência. Olavo Setubal, que nomeia a cátedra, foi um estadista, um banqueiro, e também prefeito da cidade de São Paulo. Uma figura destoante durante o golpe militar que tivemos em 1964 e na ditadura militar que durou até 1985. Muito ligado também às artes, à cultura e à universidade. Sua família estudou na USP, então, há uma relação muito interessante entre o Olavo Setúbal, e também o Banco Itaú, e a universidade, além dessa cátedra que, desde 2015, tem ajudado muito o Intercontinental Academia a se constituir, desde que tivemos a oportunidade de trazer recursos para isso.

Com esse apoio e com a presença da Eliana, também está sendo possível trazer mentes diferentes, com projetos diferentes, para a universidade. A Eliana trouxe para a universidade o que chamamos de “periferia”, a periferia e questões sobre como a universidade poderia ou deveria desenvolver um relacionamento com essas comunidades. É importante que vocês saibam, já que também estamos falando de contexto: 70% da cidade de São Paulo tem urbanização informal, de certa forma. Não é como Tóquio, que tem 99% do contexto urbano formal. O caso de Nova York é um pouco diferente, mas a maioria dessas grandes cidades é bastante diferente. São Paulo tem essa particularidade, apenas em 30% de sua área é onde toda a estrutura urbana está realmente disponível. Em 70%, as pessoas não

recebem toda a estrutura urbana necessária. E nossa universidade vive plenamente essa contradição. O campus da USP da Cidade Universitária, nosso campus em São Paulo, por exemplo, tem como vizinhas duas favelas: Sem-Terra/Vila Clô e Jardim São Remo. E elas estão lá; começaram, de certa forma, com a universidade, porque a universidade era um local com trabalho e as pessoas vinham de várias partes do Brasil para trabalhar no campus, em sua construção. Então, elas ficaram perto do campus. Ainda hoje, entretanto, temos uma relação muito tensa entre a universidade e essas comunidades.

A desigualdade, os diferentes valores também estão relacionados a projetos como esse. No projeto em que Érica está envolvida, ela supervisiona 74 jovens estudantes, a maioria provenientes da periferia e até de favelas, que estão sendo treinados em diferentes frentes do projeto da Eliana Souza e Silva. Uma dessas frentes é muito interessante, a realização de um recenseamento das comunidades que são nossas vizinhas, em dois campi diferentes. Além disso, Érica liderou a construção de uma plataforma que reúne todas as pesquisas relacionadas às periferias produzidas na USP, sejam elas doutorados, ementas de disciplina, projetos de pesquisa, etc. Por sua vez, Eliana, como titular da Cátedra também trouxe uma discussão muito interessante sobre a produção de arte na periferia. Todos os debates que a gente teve sobre essa questão vão sair em um livro também.

Érica Peçanha, por fim, é antropóloga cultural e eu também a vejo como crítica literária. Então, ela está muito interessada em discutir essa produção da arte em diferentes espaços e contextos, em particular na periferia, que está resultando em um debate muito interessante não só na universidade, mas também fora dela. Érica, a palavra é sua.

Peçanha: Obrigada, Martin. Bom dia para quem está aqui no Brasil, boa tarde para quem está na Inglaterra, boa noite para quem está no Japão! Eu quero começar agradecendo ao Fórum Permanente, à pessoa do Martin Grossmann pelo convite para esse diálogo sobre a academia. Quero também cumprimentar e agradecer à audiência que nos acompanha e cumprimentar meus colegas pesquisadores e profissionais do IEA, que também estão participando dessa mesa e nos ajudando nessa manhã.

O exercício que me propus para pensar universidade e academia do ponto de vista dos estudantes foi bastante inspirado não apenas pela exposição do Muntadas,

disponível no site do IEA, mas pelo próprio projeto desse artista de refletir sobre a universidade. Parte desse projeto, como já foi apresentado aqui, foi a realização de entrevistas com 150 professores pesquisadores do MIT e da Universidade Harvard. São variadas e instigantes as questões, que buscam traçar, entre outros aspectos, semelhanças e diferenças entre as universidades públicas e privadas, valores internos e externos da academia, composição dos departamentos acadêmicos e atuação docente.

Ao ler algumas dessas entrevistas, pensei que o melhor jeito de dialogar com esse trabalho seria responder às mesmas questões sob o meu ponto de vista. Escolhi apenas uma delas, a que considerei que melhor poderia responder com meu olhar específico, ou melhor, a partir da minha própria trajetória, já que eu não sou uma especialista na temática da universidade ou do campo acadêmico.

É importante dizer que minha trajetória passa pela graduação em uma faculdade particular, pela pós-graduação e pelo pós-doutorado em uma universidade pública e inclui também a atuação como professora em três universidades públicas. Eu responderei a essa questão, então, considerando também os lugares que eu ocupo atualmente como pesquisadora de pós-doutorado no IEA, como pesquisadora do grupo de pesquisa nPeriferias e como supervisora do projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais (DASP), protagonizado por estudantes negros e moradores das periferias.

A pergunta que eu escolhi responder foi: “historicamente, o que a academia e a universidade representam?” Para mim, mulher negra, originária das camadas populares e moradora de um bairro de periferia, a universidade sempre representou uma instituição de prestígio, de produção e circulação de conhecimento, mas também de ampliação das possibilidades, inclusive, ampliação das minhas possibilidades de ser e estar no mundo, a partir do diploma que ela fornece e que faz toda a diferença não apenas na disputa por um lugar no mercado de trabalho, mas, sobretudo, no conjunto das relações sociais. A universidade que eu conheci na graduação, no final dos anos 1990, pouco dialogava com as marcas sociais que eu carregava. O debate sobre ações afirmativas para populações historicamente marginalizadas no ensino superior ainda não havia aflorado no Brasil, e a única iniciativa de apoio para a permanência de pobres na universidade privada era o modelo de financiamento estudantil semelhante ao oferecido

por algumas universidades dos EUA, em que se paga com juros os valores das mensalidades após a conclusão do curso.

Além disso, a perspectiva decolonial na produção de conhecimento não fez parte do currículo da minha graduação, de modo que os autores presentes na base da minha formação são aqueles ligados às tradições europeias, francesa e inglesa sobretudo, e norte-americana. Eu passei por toda a graduação na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) tendo poucos colegas negros e nenhum professor ou professora que não fosse branco ou branca.

Por ser uma faculdade privada e, na época, de pequeno porte, com apenas dois cursos, o foco era o ensino. Não existiam grupos de pesquisa consolidados nem oportunidades de intercâmbio ou de participação em projetos acadêmicos. Faculdades ou universidades com esse número reduzido de oportunidades de aprendizagem existem aos montes no Brasil ainda hoje, especialmente aquelas que atendem à população de mais baixa renda.

Já a universidade que eu conheci na pós-graduação, em 2004, e onde eu estou até os dias de hoje, a USP, representou um marco na minha família, cujas gerações anteriores a minha, considerando tanto o lado paterno como o materno, tinham apenas um membro graduado, meu pai. Todas as outras pessoas eram analfabetas ou semialfabetizadas. No contexto da pós-graduação, eu tive um colega negro que ingressou comigo no mestrado e um colega negro que ingressou comigo na mesma seleção de doutorado, sendo que o colega de mestrado desistiu após um ano de curso, porque não conseguiu uma bolsa de estudos. O critério de distribuição de bolsas no meu departamento considerava apenas a classificação no processo seletivo e não as condições sociais de cada estudante. Nesse departamento de antropologia em que eu estudava, com cerca de quinze professores na época, havia apenas um professor negro. Hoje, esse mesmo departamento tem 24 professores, sendo uma negra. Considerando a oferta desse departamento de antropologia e da unidade a que esse departamento é ligado, a Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, minha formação teve quase nada de autores latino-americanos, nada de perspectiva decolonial. Nós paramos ali na discussão do pós-colonial e nos estudos culturais. Esse departamento não me ofereceu nada de ensino interdisciplinar e muito pouco de incentivo à pesquisa interdisciplinar.

Na pós-graduação na USP, no entanto, eu descobri a diferença que faz estar na universidade pública no Brasil, onde os professores são também as referências bibliográficas de alguns dos temas estudados, onde há um número expressivo de grupos de estudos, projetos de pesquisa, ensino e extensão sendo desenvolvidos em diferentes áreas, onde há oferta de cursos de idiomas e extensão universitária de muita qualidade oferecidos gratuitamente ou a baixo custo para estudantes e pessoas de fora da universidade, onde há oportunidades de intercâmbio ou contato com professores de diferentes partes do mundo. Essa estrutura da universidade pública brasileira tende a fazer toda a diferença na vida de jovens estudantes, especialmente aqueles que tiveram poucos recursos ao longo de suas trajetórias para investir em uma formação extracurricular, no aprendizado de outros idiomas ou em viagens internacionais.

Foi na pós-graduação, também, que a universidade passou a efetivamente significar para mim a experimentação da vida acadêmica. Ali, ao mesmo tempo em que eu aprendi a ser pesquisadora e a produzir uma dissertação, eu aprendi também um certo éthos da chamada “academia”. Um jeito de falar específico, o modo de me portar como intelectual, a dinâmica de participação em eventos como ouvinte e como autora, um conjunto de relações a serem estabelecidas com professores e pesquisadores, a disputa pela atenção, pelas oportunidades e pelos projetos oferecidos por professores e pesquisadores. Com o olhar distanciado de hoje, eu penso que eu e meus colegas fomos pouco encorajados a problematizar essa socialização da vida acadêmica, que é formada também por competições, por dificuldades para a escrita, por pressões e frustrações de ordem pessoal, teórica e profissional.

Já a USP que eu conheci como professora, cargo que exerci entre 2015 e 2018 na Faculdade de Saúde Pública (FSP) da USP, continuava bastante eurocêntrica e norte-americana no seu currículo. Eu não tive nenhum colega negro ou negra nos diferentes departamentos da instituição, mas algumas mudanças muito positivas se anunciavam. A USP havia adotado a bonificação no vestibular para estudantes negros em 2016, e alguns estudantes com esse perfil circulavam pelas salas de aulas. Porém, esses eram também os estudantes trabalhadores, os menos absorvidos pelos grupos de pesquisa e menos presentes em projetos acadêmicos, e que, por vezes, passavam pelo constrangimento de ouvir que o nível da instituição estava caindo muito nos últimos anos. É penoso para mim saber que, hoje, essa universidade, que tem quase metade de seus estudantes originários de escolas públicas

e negros, ainda tem limites nas suas políticas de permanência, e penso que a precariedade da infraestrutura de moradia estudantil é emblemática disso, que essa universidade não contempla na composição de seu quadro docente a diversidade de perfis sociais e raciais do Brasil e ainda tem um currículo eurocêntrico.

Foi ali também, nessa unidade da USP voltada para a área da saúde, que eu me dei conta de como o chamado “produtivismo” havia adentrado com força na universidade pública ou, mais propriamente, na academia. A cobrança pela quantidade de artigos, em detrimento do impacto que uma boa pesquisa poderia suscitar, gerava um sem-número de trabalhos lidos por meia dúzia de pessoas. Como professora, eu percebi que o produtivismo e o carreirismo acadêmico também podem levar a um expressivo número de eventos que não se relacionam com os anseios e os interesses de estudantes e há projetos de pesquisa que podem inclusive receber financiamento empresarial, mas que pouco dialogam com as demandas sociais.

Eu quero finalizar dizendo que universidade e academia, além de serem ideias e além de serem instituições emblemáticas do saber ocidental, com o projeto de serem instituições universais, são também instâncias de socialização formadoras das classes dirigentes e dos intelectuais. Essas instituições são instituições vivas, marcadas por uma intensa produção de conhecimentos e de formas de representação da realidade, muitas vezes contraditórias. São instituições que formam sujeitos muito concretos – eu sou uma pesquisadora muito concreta. Formam sujeitos que vão atuar dentro e fora de espaços acadêmicos, e são sujeitos que são atravessados, entre outras, por marcas sociais de classe, de raça, de território, de gênero e de sexualidade, marcas essas que não podem continuar sendo negligenciadas na estrutura universitária, sobretudo na universidade pública brasileira. Era isso, obrigada.

Grossmann: Érica, eu queria agradecer muito pela sua apresentação. Você parte da sua experiência na universidade e também dessa situação, que eu reforço: a USP, sendo a primeira e mais importante universidade brasileira, tem somente 2,7% de professores que se autoidentificam como negros em seu quadro docente. Isso acontece mesmo na realidade brasileira, cuja população é formada 60% por pessoas negras, que tem uma diversidade pela qual o país ainda é conhecido, apesar de estarmos em um momento muito difícil da nossa história. O Brasil é

visto como esse país da miscigenação, da relação, às vezes, muito mais amigável do que conflituosa. Em sua trajetória como uma jovem nação, o Brasil é um país que não é como o Japão, Mariko, ou tampouco como a Inglaterra do David – ainda que a nossa história como república, como país moderno, tenha algumas semelhanças com o Japão –, mas ainda é uma nação em formação, com todas essas contradições, com todos esses paradoxos claramente colocados nesse âmbito da academia, como tão bem Érica pontuou em sua fala.

Como evidencia a pesquisa que a Érica e sua equipe desenvolveram, a periferia é sim um tema considerado há muito tempo na USP, está em diferentes trabalhos e em diferentes níveis da pesquisa acadêmica, mas a periferia mesmo, como realidade, ainda não está introjetada na universidade. A USP ainda tem essa relação muito mais com valores, com relações internacionais universais da universidade, do que essas relações locais, contextuais ou até mesmo regionais. Talvez esse seja justamente um dos primeiros projetos nesse âmbito.

Essa equação não é fácil de resolver. Manter o nível internacional, estando nos rankings com uma participação e importância acentuadas, mas, ao mesmo tempo, atuando na realidade na qual essa universidade se encontra. Então, sobre esses níveis, de certa maneira, eu fico curioso para escutar tanto a Nikki Moore, como o David Gange. A Intercontinental Academia está nesse mundo mais da utopia. É essa possibilidade dos institutos de estudos avançados desenvolverem atividades interdisciplinares olhando para esse planeta que é pequeno, mas muito complexo e muito diverso, ao mesmo tempo em que olha para cada situação local e faz as negociações entre essas diferentes realidades.

Junto ao Muntadas, que deu ao Fórum Permanente essa liberdade de composição, pensamos mesmo em trazer essas diferentes perspectivas para justamente tentar debater isso e levantar outras questões. De qualquer maneira, eu agradeço mais uma vez a Érica Peçanha por nos dar essa contribuição, e brevemente apresento a Nikki Moore, que conheci até um pouco antes do Intercontinental Academia por seu envolvimento em pesquisas na área de arte contemporânea.

Nikki Moore explora não só a produção artística, especificamente, norte-americana ou do hemisfério norte, mas também cria e desenvolve, como historiadora da arte e da arquitetura que ela é, relações entre diferentes situações de uma geopolítica, de um momento no mundo em que havia uma união por essa for-

ça também universal que era o modernismo. O modernismo tem essa ideia de continuidade de valores que vieram do Iluminismo, mas busca uma padronização, talvez até uma homogeneização de um processo civilizatório que estaria em todas as partes. Fiquei muito impressionado, por exemplo, com a presença, no Japão, dos museus modernistas e de coleções de artes modernistas em diferentes cidades, em grandes cidades do Japão. Então, o trabalho de Nikki aborda esse momento geopolítico comandado pelos EUA, que normalmente relacionamos a um imperialismo norte-americano, e como a arte tem um papel central também nessa relação entre uma grande centralidade, como são os EUA, em relação a esses diferentes países e diferentes formações políticas e culturais da América Latina.

No ambiente do Intercontinental Academia, Nikki Moore se destacou porque realmente se envolveu, juntamente com alguns outros colegas do projeto, em levar adiante uma proposta que foi lançada logo no início das nossas atividades em São Paulo, em 2016, da criação de um Massive Open Online Course (MOOC). É um nome grande para uma coisa que tem uma dimensão relacionada a essa nossa experiência de hoje na virtualidade. É um curso que foi produzido ao longo de cinco ou seis anos e está disponível na plataforma Coursera, que é uma das principais plataformas de cursos on-line. O curso se chama *Off the Clock: The Many Faces of Time*¹⁹ e vocês vão ver que Nikki Moore está lá junto com David Gange, eles são professores e também organizadores desse MOOC, que envolveu os treze jovens pesquisadores que compuseram a equipe de participantes do Intercontinental Academia nas atividades de São Paulo e de Nagoia. Nikki, a tela, o chão é seu e estamos curiosos com a sua contribuição.

Moore: Martin, muito obrigado pelo convite de hoje e por essa introdução. Agradeço também ao Guilherme Ary Plonski e ao restante da equipe do IEA por organizarem tudo isso para cada um de nós. Obrigado aos meus colegas, Érica, Mariko e David, pelo tempo que dedicaram a esta manhã. O que estou compartilhando hoje não é diretamente sobre a Intercontinental Academia, mas eu diria que a maior parte do meu trabalho posterior à experiência desse projeto foi amplamente informada pela interdisciplinaridade, pelas múltiplas perspectivas e pelas formas de ver o mundo que foram promovidas por nosso grupo muito diversificado. Portanto, o que estou trazendo para a mesa é uma conver-

19 Vide <https://www.coursera.org/learn/offtheclock>

sa sobre o pensamento acadêmico, tomando a ideia do projeto de Muntadas como um artefato a ser examinado, assim como a universidade é um artefato a ser examinado.

Pensar sobre a Academia não pela lente do que é o meio acadêmico mas de quem compõe o meio acadêmico resulta nas perguntas: “o que é a academia?”, “o que ela deveria ser?”. E, como Martin mencionou, como historiadora da arte e da arquitetura que trabalha principalmente no hemisfério norte das Américas, desde a América Central até os EUA, a maioria dos meus exemplos e parte dos artefatos que examino vêm dessa ampla região. Dessa forma, minha apresentação terá quatro partes rápidas. A primeira parte é em homenagem ao próprio título da exposição de Muntadas, *Activating artifacts* (Ativando artefatos). Em seguida, quero considerar não “o quê?”, mas “quem?” nesse debate sobre o meio acadêmico. Depois, analisar alguns artefatos do campus pelas lentes da apresentação de Macaé Evaristo que integra essas mesas-redondas. Em um discurso muito analítico e também muito confessional, ela falou sobre como nem ela mesma nem os alunos ingressantes com quem trabalha se viam na arquitetura da universidade ou nas estruturas acadêmicas. Portanto, quero levar isso a sério por um minuto. Finalmente, terminarei com a questão do “quando?”.

Nas interações on-line, e provavelmente nas físicas, da obra *Activating artifacts*, de Muntadas, são oferecidos três modos de interpretação: discursos em texto, falas personificadas e espaço. O espaço aparece por meio de vídeos das universidades, as falas por meio de diferentes entrevistas e, é claro, o discurso em texto por meio do texto de rolagem que está acontecendo tanto on-line quanto na forma física. Pensando na estrutura da universidade que Muntadas está nos oferecendo nessa mesma configuração, surge a ideia de que a academia é texto, discurso incorporado e espaço. Há outras opções. Ao observar a obra de Muntadas, a primeira coisa que me veio à mente foi a exposição *Manifesto* de Julian Rosefeldt²⁰, na qual o visitante é levado pelos principais manifestos da história da arte, com destaque para o século XX, nos EUA, de forma muito particular, com um ou dois acréscimos ou referências sul-americanas. É um diálogo muito restrito e particular sobre o que a arte deve ser, o que ela é e o que ela deve fazer. Ao percorrer

20 Este filme instalativo (2015) integra vários tipos de manifestos de artistas de diferentes épocas com cenários contemporâneos. Os manifestos são retratados pela artista Cate Blanchett, por meio de 13 personagens diferentes, entre eles um professor, um operário, um coreógrafo, um punk, um jornalista, um cientista, um marionetista, uma viúva e um sem-teto.

a exposição de Rosefeldt, as caixas de som acima de cada estação permitem que você se envolva de fato com o filme a sua frente, a representação de um desses manifestos e suas propostas sobre o que a arte deve ser, seja o manifesto surrealista ou o manifesto futurista, entre outros. Ficando diretamente em frente à tela, é possível ter multiplicidade visual, mas só se ouve uma coisa. Até que, após cerca de oito minutos de conversa, todas as vozes se unem em uma só. Elas leem juntas uma linha-chave de um dos manifestos e, em seguida, as telas mudam.

Nessa configuração, se pensarmos na modalidade de conhecimento que está sendo oferecida na exposição Manifesto, há uma linearidade, por exemplo. O visitante passa de um manifesto em uma tela para o próximo em outra e assim sucessivamente. À medida que avança, é possível sair com uma certa compreensão da história da arte, embora seja uma compreensão muito particular e restrita, limitada principalmente ao tipo de ponto de vista canônico, branco, da história da arte ocidental. Voltando à obra de Muntadas, o que temos é a possibilidade, especialmente no formato on-line, de multiplicidade, de uma forma multimodal de consumo. Se você estiver na tela principal da exposição on-line, poderá ver seis eventos diferentes acontecendo, poderá ouvir pelo menos duas vozes e terá acesso a uma infinidade de campi ou imagens de campi. E, novamente, mesmo nessa multiplicidade, ainda temos a incorporação da universidade como texto, falas personificadas e espaço. O que está sendo oferecido nessas entrevistas por meio dos discursos dos alunos, especialmente no Academia II, são os pontos de vista do impacto do capital, do racismo e da hierarquia na universidade, sobre a forma da academia. Então, no discurso e na conversa do corpo docente, temos uma sondagem mais analítica, até mesmo de forma gramatical, do que é a academia. Em cada interação possível, a pergunta ainda é “o que é a academia?”. Mais uma vez, como mencionei, quero pensar além; não somente “o que é a academia?”, mas “quem é a academia?”. Para isso, gostaria de recorrer a um artista, Denilson Baniwa, que está questionando, não sobre a academia, mas sobre o que é o Brasil, quais são os espaços que compõem o Brasil.

No caso de Denilson, sendo um artista Baniwa, ele apresenta ao mundo não o que é necessariamente ou apenas ser um artista indígena ou dos povos originários, mas o que esse ponto de vista, essa lente, oferece a todos no Brasil. Há uma especificidade em seu trabalho que tem uma universalidade mais ampla. O que é reivindicar um território? Temos o caso de uma instalação em frente à Pinaco-

teca do Estado de São Paulo – um museu do estado de São Paulo que abriga um contingente muito importante da arte brasileira –, em que Baniwa reivindica esse território de uma forma muito física. Ele cultiva algo novo a partir do próprio solo que foi colonizado, nesse espaço colonizado, mostrando-nos outra maneira de pensar sobre o que é arte, o que é pesquisa, o que é academia, no sentido daquele conhecimento afastado do chão. Denilson Baniwa nos coloca para pensar verdadeiramente e profundamente sobre o que são essas coisas e ele mostra isso por meio de uma recorporificação da alma. É um trabalho muito poderoso. Como artista antropofágico, ou parte da história do movimento antropofágico, ele está digerindo o mundo ao seu redor, a cultura moderna, contemporânea, global, universal – qualquer extensão que você queira tomar – e reposicionando-a, trazendo-a de volta para o chão. Digerindo-a e nos levando a algo novo. Essa não é a visão dos modernistas, de Oswald de Andrade e de outros modernistas, que, como descendentes de europeus brancos, se viam assumindo esse papel. Nesse caso, temos um artista dos povos originários realmente digerindo e reivindicando isso.

A questão “quem é a universidade?” e não “o que é?” está relacionada a outro movimento recente, e que vem à tona, certamente, há pelo menos trezentos anos nos EUA. Na vanguarda, no centro, no meio da mídia e tomando conta de nossos espaços mentais, visuais e emocionais ao longo do último ano, temos o movimento Black Lives Matter, que transformou o que acontece nos campi e tem feito o possível. Dessa forma, nós, como parte da academia, estamos em uma posição em que é imperativo que respondamos a eles, não a isso, não “ao movimento” de uma forma vazia. É imperativo que transformemos não o que é a universidade, mas quem é a universidade. Quem são os professores? Quem são os alunos? Como podemos reconhecer ainda mais as diferenças raciais na equipe? E como pensamos de forma particular e explícita sobre os textos que estamos lendo? De acordo com o que Érica apontou de forma tão pungente, quais são os estudos de caso que os alunos estão recebendo? Quem são os autores que eles estão lendo? Quem são esses cientistas que eles estão procurando? Portanto, ao pensar não sobre o que é o meio acadêmico, mas quem é o meio acadêmico, é preciso ir até o fim.

É claro que, como historiadora da arte e da arquitetura, quero analisar brevemente essa questão também por meio da arquitetura. Quero ver isso de forma inversa por um momento, para pensar no que acontecia quando a resposta sobre

o que é a academia veio antes da pergunta sobre quem compõe esse espaço. Portanto, vamos tratar de alguns rápidos estudos de caso: o primeiro é o da Universidade Nacional da Colômbia, em Bogotá; e, depois, meu atual local de trabalho, a Universidade Wake Forest, na Carolina do Norte.

O plano para o campus da Universidade Nacional da Colômbia foi criado pelo arquiteto Leopoldo Rother, um planejador urbano que apoiou a necessidade de existir uma universidade em Bogotá²¹. Acho que Sigmund Freud não poderia sequer ter sonhado com esse plano de campus, e vou apresentá-lo rapidamente para explicar o porquê. Considerando a vista aérea do plano de Rother, temos algo como um ovo aninhado no meio do campus, quase que aconchegado pela paisagem ao redor. Na proposta de disposição dos diferentes prédios do campus, o ovo aparece pairando acima de um pedestal, que é a escola de zoologia. Na planta do edifício, aparece um plano muito simples e elegante para um prédio que parece estar sendo alimentado pela força vital do campus, os estádios esportivos logo abaixo. Seria, portanto, esse animal saudável e exercitado que sustenta o ovo que paira no centro da planta arquitetônica. Em outra proposta, Rother apresenta cada uma das escolas que seriam construídas no campus, e elas cercam e centralizam esse ovo presente no meio. Esmiuçando essa disposição, todas as diferentes escolas da universidade, de matemática, estudos literários etc., se abrem para a escola de filosofia no topo, um prédio em formato fálico. Não é nada sutil: o trabalho da filosofia, o conhecimento, o amor pela sabedoria vai penetrar no tipo de origem da vida ou da natureza presente no centro. Um esquema eugênico bastante explícito de transformação da população colombiana em um grupo cada vez mais branco. É a horrível supremacia branca que se manifesta nesse plano bizarro. Quando o “o que é?”, o objetivo da academia, esse tipo de visão cada vez mais ocidentalizada e, provavelmente, estamos dizendo mais nortista do que o país deveria ser assume essa forma estranha e bizarra. Este não é o projeto final do campus, ele foi riscado. As pessoas olharam para ele e disseram: “não, é muito estranho”, mas ele existiu e foi considerado.

Vamos passar para o meu local de trabalho atual . A construção do campus de Wake Forest foi concluída em meados do século XX. Na área central, temos um

21 Vide: CASTRO HERKLOTZ, Maria Julia “Do diagrama ao projeto: a Cidade Universitária da Universidade Nacional da Colômbia” IN Archdaily (publicado em 20 de Outubro de 2022): <https://www.archdaily.com.br/br/990685/do-diagrama-ao-projeto-a-cidade-universitaria-da-universidade-nacional-da-colombia>

edifício de concreto e aço, a Wait Chapel, onde acontecem palestras e há uma variedade de serviços da universidade. Recentemente, veio a público um pedido de desculpas do Reitor Nathan Hatch pelo envolvimento da universidade com a escravidão desde sua fundação em 1834²². Envolveramto que incluiu a venda de dezesseis pessoas escravizadas para comprar e construir o próprio campus, além do fato de os quatro primeiros reitores serem eles próprios escravizadores. E não é como se essa história já não estivesse evidente na aparência do próprio campus. Muntadas fez um belo trabalho ao falar sobre o que consideramos ser o campus norte-americano, algo que costuma ser mais ou menos assim: tijolos vermelhos em evidência e com todas essas características muito particulares; características particulares que vêm da história colonial dos EUA.

Atualmente, estamos no meio de um debate contínuo se os monumentos confederados devem ou não ser mantidos, ou se os monumentos aos escravizadores da Guerra Civil ainda devem permanecer em espaços públicos. Esses monumentos, assim como as bases das universidades norte-americanas, não foram construídos quando os EUA foram fundados. A maioria deles nem sequer foi construída durante a Guerra Civil. Eles foram construídos postumamente, como uma forma de nacionalismo branco que estava olhando para trás, para uma era idealizada e nostálgica que não existiu de fato. Em suas mentes, uma época em que os EUA eram brancos. Algo que, obviamente, não foi, nunca foi.

A arquitetura do campus de Wake Forest se baseia no estilo georgiano, que vem diretamente do Reino Unido. É possível ver explicitamente as maneiras pelas quais ela se baseia na arquitetura greco-romana, especialmente na arquitetura do templo. Tudo isso é uma tentativa das universidades americanas de reivindicar uma linhagem histórica muito europeia. Na época de suas fundações, a ideia era que essas estruturas universitárias representassem algo verdadeiramente americano, deveriam ter uma arquitetura que fosse verdadeiramente americana. E, é claro, esse não foi o caso. A menos que você alinhe a americanidade a um tipo muito particular de trajetória branca europeia. Se quiséssemos realmente pensar em uma forma de arquitetura americana, como outros historiadores da

22 <https://news.wfu.edu/2020/02/20/wake-forest-apologizes-for-benefitting-from-enslaved-people/>

arquitetura apontaram, poderíamos olhar para os pueblos de Taos²³. Não poderíamos considerar algumas das formas arquitetônicas indígenas que estavam aqui antes dos europeus para realmente pensar no que é a América do Norte? Poderíamos nos voltar para os Cherokee, os Lumbee, os Surah, o povo Catawba, que viviam na terra em que atualmente existe a Universidade Wake Forest.

Portanto, ao pensar não sobre “o que é a universidade?”, mas sobre “quem compõem a universidade?”, parte do que o campus faz é criar uma propaganda para a escola. Ele cria não apenas o logotipo ou a imagem, mas também cria o ambiente no qual o aprendizado será conduzido. E como podemos pensar em expandir a consideração sobre quem compõem a academia se não questionarmos a arquitetura na qual a estamos estruturando? Se continuarmos a criar campi que se assemelham a essa imagem histórica colonial muito branca, estaremos alienando um grupo inteiro de alunos que tem muito a trazer para a universidade.

Isso é algo que o Intercontinental Academia poderia investigar: precisamos de um espaço físico? Precisamos de prédios, salas de aula etc., para realizar o trabalho? E, é claro, a covid-19 acabou de exemplificar para nós. Isso é realmente necessário? Será que podemos nos abrir mais se não exigirmos que as pessoas viajem para um lugar específico para se reunir nessas estruturas historicamente alienantes? Portanto, ao pensarmos “quem compõem?” e não “o que é?”, a pergunta se torna sempre “quando?”. “Se não for agora, quando?”, como perguntou Ailton Krenak, na mesa-redonda *Que universidade queremos?*. Ele disse, especificamente, algo que realmente se destacou para mim: “Se apagarmos o século XX, a universidade é uma estrutura colonial. Ela não interrompe nem transforma nada”²⁴. E eu concordo com ele, exceto pelo fato de que, mesmo se incluirmos o século XX, a universidade continua sendo uma estrutura colonial e ainda não interrompe nem transforma nada. Essa é a minha colaboração de hoje. Estou ansiosa para falar sobre como o Intercontinental Academia remodela ou oferece alternativas a essa configuração que apresentei aqui. Espero ter uma conversa com vocês em seguida.

23 Pueblo de Taos é um antigo povoado pertencente a uma tribo nativa americana de língua Taos (Tiwa) do povo Puebloan, localizado no Novo México. Esses “pueblos” são uma das mais antigas comunidades continuamente habitadas dos Estados Unidos. A característica arquitetônica mais proeminente é um complexo residencial de vários andares de adobe marrom-avermelhado, construído provavelmente entre 1000 e 1450. (nota do tradutor).

24 Citação literal da fala de Ailton Krenak na mesa redonda *Que universidade queremos?*: “O século XX deu uma configuração para esse vasto mundo acadêmico, que é a reprodução das estruturas políticas de dominação, alimentando esse fluxo. Ele não o interrompe, ele o alimenta, e ele não o questiona.”

Grossmann: Muito obrigado, Nikki. Definitivamente já temos um material bastante interessante para analisar e voltar quando começarmos o debate. Como eu disse antes de sua apresentação, você faz isso muito bem, abrindo e trazendo mais perguntas para o que começamos. Vamos ouvir David Gange. Ele, assim como Nikki, é um dos treze pesquisadores que conheci no início de 2015, quando tínhamos todos os currículos e sua proposta de entrar para o Intercontinental Academia, nós nos conhecemos muito bem, não apenas por estarmos juntos, mas também por acompanharmos diferentes pesquisas. David é professor sênior de história moderna no departamento de história da Universidade de Birmingham.

David tem uma maneira muito interessante de se relacionar, como acadêmico, com o mundo real. Ele também é um esportista e gosta de estar na natureza, sendo o que a natureza pode ser hoje em dia. Ele está lá fora, como um indivíduo, mas tentando superar diferentes situações e condições. É um homem bastante corajoso, nesse sentido, porque, com seu pequeno caiaque, ele tem feito uma pesquisa bastante interessante sobre a relação entre o mar e as comunidades litorâneas, ou as paisagens e os diferentes ambientes, nessa relação entre a terra e a água. Uma breve introdução a você, David, vejo você como um ser humano bastante complexo. Então, por favor, apresente-se. Estamos muito ansiosos por sua apresentação.

Gange: Muito obrigado, Martin, por essa introdução e muito obrigado pelo convite para estar aqui. É uma grande honra que meu nome seja incluído nessa mesa-redonda. Foi um grande privilégio poder explorar o trabalho de Muntadas nos últimos dias, e começar a pensar sobre algumas das questões realmente profundas que ele levanta. É um enorme privilégio estar ao lado das três palestrantes que já ouvimos, cujas contribuições foram realmente profundas e significativas. Não tenho a menor ideia de como devo acompanhá-las. Então, muito obrigado a todas. Agradeço também aos intérpretes por tornarem tudo isso possível. Foi ótimo ter acesso a apresentações em outros idiomas e ter minha apresentação disponível para as pessoas ouvirem também em outros idiomas. É uma coisa maravilhosa.

Hoje, o que pretendo fazer é dar uma espécie de perspectiva pessoal sobre o que o Intercontinental Academia significou para minha carreira, como ele influenciou meu relacionamento com as estruturas universitárias em que trabalho, e por que acho que esse espaço aberto para estudar em um contexto verdadeira-

mente internacional e transdisciplinar é tão importante. Por isso, acho que esse tipo de projeto deve, de fato, fazer parte do modelo para o futuro da universidade. Além disso, buscarei relacionar o Intercontinental Academia com os papéis sociais das artes e das humanidades em particular, como o projeto de Muntadas nos esclarece.

Eu participei do primeiro Intercontinental Academia em um momento em que minha carreira estava em uma espécie de encruzilhada, quando eu não era tão complicado quanto Martin sugeriu que sou. Eu tinha acabado de publicar dois livros com editoras universitárias britânicas, que estavam firmemente dentro de minha própria disciplina, e estava me sentindo bastante ambíguo em relação ao processo e à experiência de fazer isso. Achava que a oportunidade oferecida para fazer qualquer tipo de diferença não era tão boa assim. Além disso, apesar da minha experiência relativamente limitada, eu tinha acabado de receber a função de escrever e dirigir o ensino de teoria e método para alunos de graduação e pós-graduação no departamento de história da minha universidade. Então, a necessidade de me expandir intelectualmente, bem como engajar-me para além da academia, parecia muito intensa naquele momento. Eu estava pensando muito sobre o propósito de fazer História, e procurando abordagens que pudessem dar sentido aos tipos de vínculos entre o pensamento histórico, a academia e o mundo. E acho que é realmente crucial ter saídas nesses momentos, antes do próximo trabalho de pesquisa ou da próxima proposta de bolsa, para esse tipo de reflexão mais ampla. E, é claro, algumas dessas frustrações que eu vivia nasceram exatamente dos elementos da universidade corporativa, que o trabalho de Muntadas aborda de maneira tão franca e reveladora.

A natureza dos problemas de nosso mundo não é realmente tão obscura. Está claro que eles foram criados principalmente pela economia baseada no crescimento e pela política colonial que o Iluminismo e o pensamento ocidental moderno elevaram à primazia. Essas ortodoxias econômicas são a fonte de nossa grande desigualdade e da destruição voraz de nossos ecossistemas. Está claro que não foi apenas a política ocidental, mas a ciência ocidental que facilitou essas coisas ou até mesmo as criou. Problemas que, no fim, a própria ciência ocidental afirma ser capaz de resolver para nós. E o trabalho da universidade corporativa, creio eu, tem sido cooptar a progressão acadêmica e a produção intelectual para essa ortodoxia de crescimento, de progresso, de lógica econômica convencional. Ao

fazer isso, as estruturas universitárias trabalham para marginalizar um objetivo fundamental tanto das artes visuais quanto das humanidades: imaginar alternativas a essa situação.

Quando estamos vinculados a agendas de impacto e a papéis instrumentais nas economias nacionais, o tipo de asas que deveriam nos permitir perspectivas criativas, imaginativas e alternativas são cortadas, e nossa potencial pluralidade de mundos é diminuída em prol de um tipo de caminho singular para o futuro baseado no crescimento. Por isso, candidatei-me ao Intercontinental Academia em busca de algum tipo de rejuvenescimento intelectual. Uma expansão de horizontes tanto disciplinar quanto geográfica. E foi isso o que realmente senti que obtive com essa experiência, tanto por estar na USP e também na Pontifícia Universidade Católica (PUC) por um breve período, quanto por ter sido apresentado a vários pensadores que se tornaram cruciais para tudo o que fiz mais tarde, como Eduardo Viveiros de Castro.

Eu me lembro que, durante o projeto, deparei-me com uma citação de Bruno Latour: “No final, a única coisa que importa não é se você é a favor ou contra a globalização, a favor ou contra o local, mas como registrar, manter e valorizar o maior número possível de formas de pertencer ao mundo”²⁵; e logo pensei “sim, é sobre isso que as coisas que estamos fazendo devem ser”. Enquanto pensava em coisas para o projeto, fui exposto a diversas maneiras pelas quais fotógrafos, artistas visuais e arquitetos abordaram o passado, com temporalidades extremamente diferentes. Nosso projeto era sobre o tempo que eles empregaram, e o vasto potencial que eles têm para informar nosso presente. Portanto, todos eles se referiam diretamente a esse tipo de papel da academia de imaginar outras formas de ser e como deslocar o pensamento ocidental. Acho que essa é a nossa única esperança, não apenas como intelectuais, mas como espécie.

Entre essas formas de abordar o passado por meio de imagens, a abordagem da teórica da fotografia Ariella Azoulay me parece a mais poderosa. Azoulay argumenta que o passado está vivo, que nossas temporalidades tradicionais estão realmente erradas. Ela diz que, ao trabalhar com fotografias antigas, não precisamos relegar as coisas com as quais trabalhamos a um passado fechado. “Nossa abordagem ao arquivo não pode ser guiada pelo desejo imperial de desenterrar

25 Citação originalmente em inglês. Tradução nossa.

momentos ocultos ‘desconhecidos’, mas deve ser orientada pela convicção de que outras espécies políticas foram e continuam sendo opções reais”²⁶. O que certamente é parte central de nosso projeto como universidade.

Essa abordagem anula o sentido usual das relações entre passado, presente e futuro. Nessa história potencial, nosso presente totalmente insustentável é uma espécie de coisa morta, é como uma única ramificação tóxica de toda uma série de passados vivos que o colonialismo, o Iluminismo e a economia política esmagaram. Então, esse presente vestigial é o produto de caminhos errados que começaram com as tentativas de difundir o Iluminismo e a economia política em cada centímetro da Terra, a partir dos séculos XVII e XVIII. Essa nova economia política se fez parecer inevitável ao buscar desacreditar as alternativas a ela, assim como qualquer outra visão de mundo, descartando todas as outras culturas como retrógradas, julgando-as apenas em seus próprios termos. As artes e as humanidades poderiam, por outro lado, contribuir para o nosso presente apresentando justamente as alternativas extraídas dos futuros possíveis que existiam nesses passados prematuramente cortados. Como diz outro defensor dessa abordagem das histórias potenciais, David Lloyd, “Se o trabalho da modernidade é, de fato, obliterar tanto a memória quanto a consciência presente de sua violência e naturalizar o progresso como a forma autoevidente do tempo humano, então a ruína [o tipo de passado arruinado] permanece como uma espécie de soleira não erodida que tanto relembra a destruição quanto entra em conjunção com a recusa obstinada do presente em aceitar que não há alternativas”.

Com isso, passei a acreditar, em parte graças ao Intercontinental Academia, que é aí que a imaginação histórica encontra seu métier, e há consequências óbvias em aceitar essas ideias. Uma delas é que as bolsas de estudos para indígenas, as filosofias indígenas e a ciência indígena precisam ser elevadas ao status mais alto possível em nossas academias; não com a perspectiva antropológica, mas como sistemas de conhecimento autônomos. Dessa forma, garantiríamos não apenas o aspecto realmente importante de que todos os nossos alunos em potencial possam se ver refletidos no corpo docente e nos pensadores apresentados como autoridades, mas também o oposto disso: possibilitaríamos que todos os alunos sejam expostos a toda a diversidade de formas de estar no mundo.

26 Citação originalmente em inglês. Tradução nossa.

As perspectivas indígenas expressam ideias que serão cruciais para a reinvenção do eu e da sociedade no tipo de transição necessária para novas formas de vida e de ser. Superar problemas estruturais, como as dinâmicas de poder, raça, gênero e classe social que impedem que essa transição aconteça, é obviamente nossa prioridade mais urgente, como universidade, como academia. Além disso, com o aumento da diversidade e do ativismo nas populações estudantis ao nosso redor, os orientadores da mudança de mentalidade necessária para a reinvenção do eu e da sociedade são obviamente uma grande parte disso. Não podemos permitir que as estruturas e as atitudes universitárias do presente sejam reproduzidas no futuro por meio da persistência de hierarquias que existem hoje em dia.

Portanto, minha primeira resposta à riqueza de métodos e perspectivas que circulavam no projeto Intercontinental Academia foi tentar produzir alguns trabalhos baseados em pesquisa direcionados a um público não acadêmico mais amplo. Sair o mais longe possível da minha disciplina e olhar para o grupo de ilhas de onde venho a partir da perspectiva de seus muitos pequenos idiomas indígenas marginalizados, como o gaélico escocês, o irlandês, o galês e o shetland, em vez da língua inglesa das cidades do interior. Então, como Martin disse, meu método foi pegar um pequeno caiaque e remar por dois mil quilômetros da costa irlandesa e britânica do Atlântico, armado com uma câmera e materiais para realizar entrevistas, continuando a aprender os idiomas dos litorais e passando um tempo nos arquivos.

Dormir ao relento, ao ar livre, perto ou acima da água, sem barraca nem nada, todas as noites; passar tempo em oficinas de barcos, com pessoas ajudando na construção de embarcações profundamente tradicionais, e ouvir histórias do oceano; colaborar com artistas e poetas, com construtores de barcos, artesãos e pescadores; essa foi a raiz do projeto. E sua lógica era simples: derrubar a perspectiva transmitida pelas histórias nacionais britânicas. Sete das doze etapas foram feitas na Escócia, enquanto apenas uma, a última, abordou a Inglaterra. E as cidades quase não foram mencionadas, eu já tinha feito metade da viagem antes de chegar à segunda cidade com mais de seiscentos habitantes. Uma grande parte da viagem passou por regiões onde o inglês não é o primeiro idioma predominante, seja em regiões com falantes de shetland, gaélico, irlandês ou galês.

É claro que as regiões que se abrem para o oceano também se abrem a uma espécie de vasta influência geográfica. Grande parte do litoral irlandês, por exem-

plo, apresenta conexões com a China séculos antes de mostrar conexões com a Inglaterra, antropologicamente falando. Qualquer um dos idiomas desses litorais tem uma história de dois séculos de resistência à padronização, à integração nacional e ao capitalismo extrativista. Eles têm vocabulários e filosofias que estão muito mais ligados ao lugar e ao ambiente, o que Elizabeth Povinelli chamou de “geontologias”. Eu quero construir uma história das ilhas irlandesas e britânicas escrita a partir das perspectivas dessas comunidades linguísticas, sobre a marginalização, os espaços urbanos, as perspectivas vindas do sudeste e a língua inglesa. Então, eu estava conceituando se isso conta como um encontro bem-sucedido, mas marginalizado na história moderna, porque a economia política do interior, do Iluminismo, achou muito difícil integrar essas regiões do litoral atlântico e tentou eliminar seus idiomas e suas culturas. Assim como as 150 línguas indígenas da América do Norte ou as 160 línguas indígenas do Brasil, as línguas celtas e nórdicas das ilhas irlandesas e britânicas incorporam modos de ser e tradições de resistência com três ou mais séculos de idade, das quais o mundo está precisando desesperadamente. Dessa forma, uma mudança global que integre essas perspectivas é agora cada vez mais amplamente defendida por meio de conceitos como o da “ecolinguística”, defendido por Michael Cronin, que busca situar o idioma irlandês no contexto das lutas ecológicas indígenas. Assim, no livro que resultou dessa pesquisa, *The Frayed Atlantic Edge*, o caiaque e a câmera falam do significado de fazer, ser e viver a importância da experiência perceptiva; do emaranhamento elementar e interespécies; e das geontologias como perspectivas tão significativas quanto o conhecimento proposicional, que a modernidade privilegiou com tanta intensidade.

Em última análise, em um mundo em que toda a cultura está sendo cooptada por esse entusiasmo crescente pela nação e por esses tipos de mitos de identidade nacional que vêm com isso, a questão é como defender abordagens que tenham uma visão clara dos maiores problemas que enfrentamos e que objetivem imaginar como as coisas poderiam ser diferentes. Assim, na Grã-Bretanha, a imprensa e o governo agora conceituam cada vez mais essa agenda decolonial como uma derrota para o país. As humanidades são apresentadas como antipatrióticas por não celebrarem exclusivamente esses mitos nacionais do passado e do presente. Ao colocar as contribuições mensuráveis para a economia nacional acima das possibilidades de imaginar alternativas livremente, a universidade corporativa

obviamente se alinha com essa delimitação do papel da academia. Parece que estamos rapidamente perdendo de vista a ideia de que imaginar alternativas e explorar a alteridade é um bem público. Penso que nossa única esperança nas artes, nas humanidades e nas ciências é, sem dúvida, defender a ideia de que a pluralidade de mundos e a diversidade de perspectivas são a base fundamental de qualquer sociedade saudável. Somente dessa forma haverá um potencial para que nossos modelos de financiamento se afastem do individualismo incapacitante e da instrumentalidade econômica do financiamento baseado principalmente em taxas estudantis. É nesse ponto que um projeto como *About Academia*, que nos fornece tanto os dados para analisar os problemas que enfrentamos quanto a interpretação artística para conceituá-los, é um complemento poderoso para o projeto do Intercontinental Academia.

Espaços para pensar grande, fora das estruturas nacionais e muito além de nossas disciplinas, são muito raros, e são raros também os espaços em que os acadêmicos são colocados em colaboração com uma verdadeira diversidade de perspectivas. O mesmo acontece com os espaços em que o objetivo é o processo e não o resultado. Por isso, acho que é especialmente importante que o Intercontinental Academia ofereça a pesquisadores em início de carreira a oportunidade de fazer algo que seja prestigioso e não aquilo que seria instrumental e automático para suas carreiras, permitindo que eles saiam de um modelo linear, orientado por metas, do que significa uma carreira de pesquisa e ensino para refletir sobre o propósito em uma escala global. Obviamente, eu adoraria ver o projeto diversificar ainda mais suas propostas, trazendo perspectivas e instituições indígenas para seu núcleo, lidando diretamente com a crise existencial e ecológica de nossa época, mas o Intercontinental Academia já é uma espécie de manifestação moderna de como podemos nos manter fiéis à ameaça e aos valores da academia, sem ficarmos nostálgicos de um passado em que os benefícios de maior liberdade e tempo eram superados pelos problemas de falta de diversidade e de limitações de acesso. Paro por aqui e passo a palavra de volta ao Martin. Muito obrigado.

Grossmann: Obrigado, David. Foi ótimo e estou muito feliz por termos terminado essa primeira etapa do nosso encontro com apresentações brilhantes de cada um de vocês. Temos uma diversidade de maneiras de ver a possível relação entre o trabalho de um artista, como o de Muntadas em *About Academia*, e vocês todos sobre o trabalho de pesquisa, mas também algumas perguntas mais diretas e

precisas sobre qual é o papel das universidades hoje em dia. Considerando que todos vocês tocaram nesses assuntos ou objetos, ou até mesmo no “sobre quem estamos falando?”, “por que temos essas estruturas?”, e “quem está relacionado a esse sistema de ensino superior e quais os propósitos disso?”, temos muitas coisas para discutir. Em vez de direcionar o caminho que devemos seguir, eu abro a palavra para que vocês quatro façam perguntas uns aos outros ou voltem ao que disseram em relação ao que os outros apresentaram. A palavra está aberta, neste primeiro momento, entre nós. Então, Nikki, David, Érica, Mariko. Silêncio? Vamos lá, nenhuma pergunta?

Gange: Fiquei particularmente inspirado pela ideia do DASP e gostaria que Érica nos contasse um pouco mais sobre isso.

Peçanha: Bem, esse projeto foi iniciado em 2018, no IEA. Ele foi idealizado, como o Martin comentou, pela ativista social Eliana Souza Silva e está centrado em três ações principais. A primeira é um ciclo de eventos chamado Centralidades Periféricas, que tem o objetivo de reunir artistas, ativistas e acadêmicos para pensar as produções artísticas e culturais das periferias.

A segunda ação é a que eu desenhei, formei a equipe e coordenei, que é a plataforma Conexões USP periferias, uma base de dados digital e multidisciplinar que sistematiza e dá visibilidade às ações da USP de ensino, pesquisa e extensão com foco nas periferias e nas favelas. Trata-se de uma base de dados que reúne a produção acadêmica, as disciplinas de graduação e pós-graduação, os projetos de extensão, os grupos de pesquisa e ensino, e os coletivos estudantis protagonizados por sujeitos das periferias e das favelas, sujeitos negros ou aqueles que estão focados em pensar a presença dessas populações no contexto da universidade.

A terceira ação, que está sendo finalizada agora, é um censo das duas comunidades, duas favelas, existentes no entorno da USP. Esse censo procura levantar informações sobre as condições de vida dos moradores desses territórios e também as características dos seus domicílios. Começou a ser desenvolvido em 2019 e foi encerrado em março de 2020. Foram entrevistadas mais de quinze mil pessoas, então, temos uma base de dados significativa para pensar o entorno periférico da USP. Além desse levantamento das informações sobre os moradores e seus domicílios, também foram pesquisadas questões sobre os animais domésticos presentes nesse território, uma inovação que aborda a presença multiespécie no

contexto das periferias. Também levantamos informações sobre a vida comunitária e associativa nesses territórios, com um mapeamento dos atores locais, dos equipamentos públicos, dos coletivos, dos grupos artísticos, culturais e religiosos presentes ali.

Atualmente, temos uma equipe mais reduzida, mas por esse projeto já passaram e se formaram 72 estudantes de graduação e pós-graduação da USP, sendo que tivemos a felicidade de incluir no corpo de pesquisadores, na equipe responsável pela realização do censo, alguns moradores dos próprios territórios pesquisados. Então, esses moradores contribuíram não só divulgando a pesquisa em seus territórios, mas atualmente contribuem também na análise dos dados que foram produzidos, para a crítica das análises que estamos fazendo e produzindo suas próprias análises dessa experiência de pesquisa nos seus territórios. O DASP é isso.

Murata: Posso perguntar um pouco mais sobre isso? Acho que... Martin mencionou que a USP fica mais ou menos próxima a essa área de favela, essa área realmente pobre, e, como a Érica fez um projeto perguntando às pessoas de lá, eu queria saber como os moradores reagiram a essa entrevista? Porque, do ponto de vista deles, Érica, você é uma espécie de integrante do sistema de elite. Então, há uma tensão ou eles estão felizes por ter a universidade lá, que é a melhor universidade da América Latina? Você poderia falar um pouco mais sobre o relacionamento que vocês construíram ou sobre a tensão que existe?

Peçanha: Essa tensão esteve presente desde o início do projeto, até porque, de fato, essas favelas são vizinhas dos territórios da USP. Uma delas, a Jardim São Remo, ocupa um terreno da USP, inclusive. Então, há uma relação histórica de tensão com a universidade e, para além disso, dada essa proximidade geográfica entre as comunidades e a universidade, esses territórios são usados ou são vistos há tempos como laboratórios de pesquisa de estudantes, pesquisadores e professores da universidade. Eles são alvo de diferentes projetos acadêmicos para o desenvolvimento local, de projetos de extensão ou de projetos que visam a relação, a aproximação e as trocas entre a universidade e o seu entorno. Entretanto, também há uma série de propostas que são realizadas que, do ponto de vista dos moradores, pouco dialogam com a realidade local. O problema principal é que alguns projetos não devolvem seus resultados para a própria comunidade.

Então, os moradores dizem que muitas vezes convivem com estudantes e professores por algum período, dão as suas contribuições, as suas perspectivas e não obtêm retorno, não sabem como aquelas falas, aqueles discursos e aquelas narrativas são utilizados, para que são utilizados, e também não veem esse conhecimento gerando algum tipo de desenvolvimento local. Sim, essa é uma crítica presente, mas houve uma aposta do DASP – e eu entendo que foi inclusive de ordem metodológica – de que selecionar pesquisadores com perfil semelhante ao dos moradores desses territórios poderia gerar uma maior aproximação, também mais afinidade e, com essa qualidade na relação estabelecida, consequentemente haveria também uma qualidade nos resultados obtidos. Por isso o projeto é protagonizado por estudantes negros e periféricos, que carregam também um conjunto de saberes específicos sobre territórios periféricos, que foram formados para pensar em uma ética específica de produção de conhecimentos sobre esses territórios periféricos. Também foi importante que o projeto pensasse essa formação específica, o modo de se produzir conhecimento com, para e sobre os territórios periféricos. Eu acho que essa foi uma outra dimensão importante do projeto.

Como eu falei anteriormente, a própria presença dos moradores na equipe de pesquisa. Esses moradores foram fundamentais não só para divulgar a pesquisa nos territórios, mas para formar os nossos pesquisadores, para compartilhar os seus saberes sobre os moradores, sobre aquele contexto local, sobre a própria relação da USP com seu entorno, e continuam contribuindo, agora colocando o seu olhar sobre os resultados que foram produzidos.

Grossmann: Érica, muito obrigada. Eu gostaria de acrescentar algo, Mariko, que é muito interessante e acho que isso realmente faz a diferença, neste caso, em relação às pesquisas anteriores. Em primeiro lugar está o fato de levarmos em consideração a percepção da maioria das pessoas que vive nessas comunidades: elas se veem como cobaias de diferentes projetos da universidade. A universidade não tem um projeto específico em relação a si mesma e a seus vizinhos. Há uma parede separando os dois campi da USP e as comunidades ao redor deles, onde o censo foi aplicado. As nossas universidades são um mundo fechado, como Nikki mostrou no exemplo de Bogotá, na Colômbia, academias encasteladas, comunidades que realmente se segregam do restante.

O que é interessante sobre Eliana é que ela vem da favela. Evidentemente isso tem um componente político muito presente, um ativismo. Eliana faz parte de um grupo, proveniente das favelas, que se formou na universidade e que acabou desenvolvendo um modo muito interessante de se relacionar com as centralidades da cidade, com a cidade formal. E fizeram isso negociando, realmente começando a mudar não apenas o relacionamento, mas também a situação. Então, com esse projeto, em que também estou envolvido como coordenador acadêmico, nós buscamos mudar não apenas a política da universidade em relação a sua vizinhança, mas também a maneira como a universidade se relaciona com a sociedade em geral.

Gostaria apenas de lembrá-los que Guilherme Ary Plonski, diretor do IEA, está conosco, assim como estive na primeira mesa-redonda. Não sei se Ary quer nos dizer algo...

Plonski: Sim. Estou extremamente feliz por... Devo falar em inglês ou em português? Acho que, se estamos descolonizando, eu não deveria falar nem em inglês nem em português, mas em algum idioma local. Entretanto, como não estou familiarizado com os idiomas locais dos habitantes originais, continuarei em inglês. Estou extremamente feliz. Fiquei muito impressionado com tudo o que vocês falaram, e cada um de vocês teve uma maneira fantástica de contribuir com o assunto provocado por Muntadas. O debate continua. Apenas continue, estarei com vocês.

Moore: Uma reflexão surgiu para mim ao ouvir sua explicação complementar sobre esse projeto fascinante, Érica, e sua resposta, Martin. Na verdade, acho que ela é influenciada pelo projeto original de Muntadas. Parte desse discurso de centro e periferia sempre precisa ser desconstruído se a porcentagem da periferia for maior do que a do centro. Então, o que eu relatei ao projeto de Muntadas foi o fato de ele ter feito o Academia I e o Academia II, mas seria fascinante ver uma terceira abordagem disso: perguntar aos não acadêmicos o que é a academia. Quais são seus processos ideais de aprendizagem? Se perguntarmos o que é o mundo acadêmico de dentro da academia, obteremos uma resposta muito autocongratatória ou crítica, mas ainda assim... Por isso, Érica, agradeço que o projeto com o qual você está envolvida esteja fazendo esse trabalho de maneira rigorosa. Isso pode se relacionar ao projeto do Muntadas, se e da maneira como ele continuar a pensar sobre isso.

Grossmann: Tenho uma pergunta para a Mariko. Como eu lhe disse em relação à minha pesquisa sobre museus, fiquei fascinado com a estrutura de museus do Japão. E você compartilhou conosco a importância dos museus no Japão, mas também me questiono: por que a universidade no Japão? É uma história complexa, na verdade. Não podemos nos aprofundar nisso agora, mas explique como você vê esse Japão moderno? Porque, considerando a museologia, olhando para diferentes museus e diferentes tipologias de museus, no Japão, eles começaram a se descolonizar do Ocidente, dos padrões europeus – como Nikki mencionou em sua apresentação –, investindo profundamente em arquiteturas diferentes. É claro que ainda se trata de um tipo de arquitetura capitalista. Ela está muito presente e é bastante cara. São museus que se destacam como espaços singulares, mas, no Japão, vejo essa nova arquitetura de museus associada de certa forma aos templos. É por isso que, durante minha estadia de dois meses no Japão, voltei a visitar Kyoto, também visitei Nara e Tóquio para ver diferentes museus. Além disso, fui a casas históricas japonesas, porque queria entender os fundamentos do espaço, como os japoneses se relacionam com seu próprio espaço. Seu espaço privado, não o espaço moderno, mas aquele espaço que tem sido seu padrão cultural por séculos. Então, como você vê essa relação? Acha que as universidades estão mudando no Japão? Por exemplo, talvez de uma forma bem disposta e mais utópica. Estamos olhando para o Brasil, e, mesmo com as apresentações de Nikki e de David, posso ver que vocês, como uma nova geração, estão trazendo novas ideias para a universidade. É claro que talvez ainda sejamos um movimento pequeno, mas, de alguma forma, eu realmente acho que a universidade está em um momento interessante de questionamento e de busca por novas possibilidades. Isso está acontecendo no Japão?

Murata: Pergunta difícil, mas, pensando em museus e universidades juntos, e me referindo à apresentação de Nikki, acho que todas as universidades e museus começaram com uma arquitetura colonial no Japão. Entretanto, elas não tinham nenhum significado colonial. Então, isso é muito diferente. Significa que eles achavam que o estilo colonial era um símbolo de modernização. Quando o Japão ocupou a Coreia e Taiwan, foram feitos muitos edifícios, edifícios europeus, edifícios de estilo colonial, porque achavam que isso era modernização. Ou seja, o contexto ou o significado são completamente diferentes. Penso que o Japão é o único país que não foi colonizado, mas quis fazer a mesma coisa, quis copiar o

estilo. Então, novamente, talvez você possa chamá-lo de Galápagos, mas esse tipo de significado diferente está em jogo.

Em termos de museus, Martin acabou de dizer que viu muitos museus que usavam edifícios japoneses, casas japonesas. No contexto da arquitetura ou do espaço, poderia dizer que os museus japoneses meio que “indigenizaram” os museus ocidentais. Quanto às universidades, não tenho muita certeza. Por exemplo, muitas universidades ainda usam a arquitetura de estilo colonial. Há muitas universidades que foram criadas nos anos 1990, e elas têm um estilo de arquitetura mais moderno. Não sei se isso vem de Le Corbusier ou do estilo ocidental, mas acho que ainda há uma forte imagem da ideologia ocidental nas universidades japonesas.

Grossmann: Não temos perguntas do público. O Guilherme Ary Plonski tem uma pergunta.

Plonski: Tenho uma pergunta, Martin, e ela é fácil, é para quem quiser responder. Falamos muito e de forma muito importante sobre como chegamos a essa situação e quais as origens dela. Agora, se cada um de vocês fosse dar uma sugestão para uma universidade como a USP, o que diriam? Érica conhece a USP, David e Nikki também. Mariko não conhece, mas, de qualquer forma, se você quiser dar uma sugestão concreta. Pergunto, como poderíamos avançar? Somos um instituto de estudos avançados, portanto, nosso lema é avançar, e gostaríamos de avançar de uma maneira melhor ou diferente do que vem acontecendo nesses nossos primeiros 34 anos. Então, qual é a sugestão de vocês?

Murata: Não é uma sugestão, mas acho que em São Paulo há muitas pessoas de origem japonesa. Há muitas pessoas de origem japonesa na USP?

Plonski: Posso lhe responder, Mariko. Sim. Eu estudei engenharia e, na minha época, a quantidade de pessoas de origem japonesa – nisseis, sanseis etc. –, principalmente na escola de engenharia, fez com que ela ganhasse o apelido, de forma simpática, em vez de Escola Politécnica era “Nipotécnica”. Ou seja, a resposta é sim, nós temos. É tradicional que imigrantes tenham primeiro as carreiras profissionais mais básicas, como engenharia. Entretanto, hoje em dia, há descendentes do leste asiático – chineses, japoneses, coreanos – em todas as escolas da USP, e a porcentagem é muito alta proporcionalmente.

Moore: Agradeço sua pergunta. Não posso falar sobre como a USP pode mudar, porque precisaríamos passar muito tempo lá para ter uma ideia do que está acontecendo. Entretanto, as experiências até agora têm sido fantásticas, com o IEA e a USP. Uma das coisas que adoro no trabalho que faço é pesquisar sobre os modernistas mexicanos, os modernistas brasileiros, os modernistas uruguaiois. E fico pensando em como, para definir um futuro, eles olharam para quem eram antes. Contato, certo? E o período de pré-contato. Pensam em quem eles eram antes para pensar em quem eles se tornariam.

Falando do contexto norte-americano, os norte-americanos estão muito, muito atrasados nesse aspecto. Estamos muito atrás dos mexicanos, por exemplo, nessa reflexão sobre quem somos e depois como podemos construir um futuro a partir dessa base. Então, minha sugestão é para minha própria nação, eu poderia dizer, não sei se isso é algo que vocês também podem considerar, apenas pensando: quem somos? Quem estava aqui no passado? Quem está aqui atualmente? Em uma abordagem realmente crítica, quem deveria estar aqui e não está? Então, a partir daí, construir. Esse é meu ponto de vista sobre isso.

Grossmann: Obrigado, Nikki.

Gange: Concordo plenamente com tudo o que Nikki acabou de dizer. Eu também ficaria extremamente hesitante em dar conselhos à USP nesses termos. Porque acho que a USP cria espaço para discussões e reflexões abertas muito melhor do que a maioria das universidades britânicas faz atualmente nessa estrutura, então, eu não gostaria de dar nenhum tipo de conselho direto como esse. Penso que falta espaço, nas universidades contemporâneas, para as pessoas pensarem fora das estruturas que são especificamente instrumentais para suas carreiras. Então, configurações como essa, esses tipos de fórum em que pessoas de origens muito, muito diversas podem ser reunidas apenas para discutir coisas sem ter que criar qualquer tipo de resultado, sem ter que pensar sobre para onde isso está indo; acho que colocar recursos nesse tipo de configuração é o tipo de coisa que beneficiaria todas as universidades atualmente.

Plonski: Obrigado, David. Eu diria que esse, obviamente, também é meu sonho. Às vezes, as agências de financiamento que apoiam a pesquisa frequentemente são menos, eu diria, atentas a essa proposta, mas eu concordo 100%. O IEA foi criado em 1986 pelo professor José Goldemberg, que você conheceu. Você o ou-

viu. Abro um parênteses: pela primeira vez em 34 anos, temos uma mulher na direção do instituto, nesse caso como vice-diretora do IEA. Até agora, éramos apenas homens, para não dizer apenas homens brancos. Em outro contexto, havia também minorias nesse grupo, no sentido de minorias perseguidas na história, tivemos um diretor judeu e eu também sou judeu. A história judaica também é uma história de sofrimento. Parênteses fechados.

Quando eu estava me preparando para assumir a direção, junto com a Roseli de Deus Lopes, dei uma olhada no que o professor José Goldemberg escreveu, e ele disse que queria o IEA como um lugar onde pessoas diferentes, com ideias diferentes, se reunissem e pudessem conversar sobre assuntos e confrontar ideias. Acho que é isso que você está dizendo. Basicamente, é o que o professor José Goldemberg sugeriu desde o início, portanto, você está reforçando isso. Então, mais uma vez, agradeço novamente a Nikki e a você.

E eu gostaria muito de ouvir a Érica. Fiquei fascinado com sua história, Érica, apesar de compartilharmos... Podemos falar em português com Érica? Érica, eu fiquei supertocado pelo seu relato. Eu não conhecia a sua trajetória anterior à USP, e eu achei muito importante que você, por um lado, valorizou a universidade pública em geral e a USP em particular, e, por outro lado, você criticou. Eu penso que esse é o olhar que a gente deve ter: nem ser só patriótico e dizer que tudo está ótimo, e tampouco ser destrutivo e dizer que nada de bom existe. Acho que você conseguiu fazer um equilíbrio notável. Então, considerando isso, se você puder dar uma sugestão, duas sugestões... Enfim, se puder e sentir-se confortável, será mais do que bem-vinda.

Peçanha: Eu sou uma cientista social. Então, quando falo de trajetória, falo das minhas relações sociais no contexto em que vivo ou, em alguma medida, também trago à tona o contexto a partir da minha biografia. Dessa forma, o objetivo ou a estrutura da minha apresentação tem a ver com isso. Não à toa fui pensando em diferentes momentos históricos e diferentes instituições pelas quais passei, assumindo ou ocupando diferentes posições, de estudante, de pesquisadora e de professora. Eu acho que esse é um ponto importante também.

Considerando tudo isso, eu fico pensando em apontamentos que estão aqui. Eu gostei de ouvir Nikki e Mariko pontuando, sobretudo, que é papel da arte colocar questões. Eu não sou uma artista, nem uma pesquisadora da arte propriamente.

Tomei a literatura para pensar o contexto da periferia, mas penso que o trabalho, todo o projeto About Academia, a reflexão sobre a academia me levou a pensar, então, que respostas eu daria. Ao colocar minha trajetória e pontuar essas críticas, em alguma medida eu estava trazendo aqui respostas também para essa universidade que eu gostaria de ver.

Então, a universidade que eu gostaria de ver é uma universidade que escuta os estudantes. O mapeamento do DASP trouxe à tona um número expressivo de coletivos estudantis na universidade. Então, além do centro acadêmico – que já estava previsto nessa estrutura universitária, um tipo de órgão mais formal de representação dos estudantes –, temos o surgimento dos coletivos estudantis mais recentemente. E vários coletivos assentados nas marcas de gênero, raça e sexualidade. Com isso, fico pensando na importância de se criar canais de interação mais profícuos com esses coletivos. Vou citar aqui, por exemplo, o coletivo negro da FSP da USP. Quando fui professora lá, eu criei um evento, o Outubro Negro, que se tornou pioneiro na história da instituição. Em cem anos de história, a faculdade nunca tinha realizado um evento específico para discutir questões raciais. Esse foi um dos dados colocados pelo centro de documentação e memória da FSP: nós entramos para o livro que contava os cem anos da instituição a partir da realização desse evento. Eu saí de lá em 2018, e esse evento continua vivo. Tornou-se um dos mais importantes da instituição porque esse coletivo negro tomou o evento para si, apropriou-se dele e o realiza com muita qualidade desde então. Além disso, o coletivo passou a ser uma entidade expressiva das demandas que os estudantes carregam, das questões específicas que estudantes negros pobres carregam, sobretudo estudantes que vieram de países africanos de língua portuguesa.

Esse exemplo ressalta a importância de dialogar também com essas novas instâncias, que têm um outro tipo de atuação e um outro perfil de protagonistas. Eu acho que esse é um ponto. O segundo ponto que apareceu na minha apresentação é sobre a própria forma de realização dos concursos docentes e também de progressão de carreira de alguns professores. Parece que não há, por exemplo, uma professora titular negra entre os docentes da USP. E eu também não conheço nenhum tipo de ação com relação a isso. As ações afirmativas são recentes na graduação, mais recentes ainda na pós-graduação, e são inexistentes nos concursos para docentes da USP. Então, esse discurso da diversidade não pode estar presen-

te só quando se olha o perfil dos estudantes, ele precisa estar presente também quando se pensa a composição do quadro docente. Para mim, isso é fundamental, porque, quando pensamos em perfis de funcionários, docentes e estudantes, a gente está pensando também em um conjunto de repertórios específicos que vão se desdobrar em currículos diversificados, em temas de eventos que serão diversificados, em projetos acadêmicos com outras preocupações.

É preciso valorizar os repertórios, as experiências de vida e os saberes que estão para além daqueles já cristalizados e consolidados na universidade. Então, eu penso que a universidade que eu quero ver é essa universidade que incorpora nas suas práticas, nos seus concursos e nos seus projetos essa noção de diversidade, e que dialoga não só com o momento que a gente está vivendo, mas com o próprio contexto desse país. Não dá para ser global dialogando só com contextos externos. É preciso ser global atentando também para um tema que faz sentido para todo mundo, que é a noção da diversidade ou a noção do multiculturalismo, porque essas noções, inclusive, apareceram nos discursos de todos os participantes desse diálogo de hoje.

Plonski: Muito obrigado, Érica. Vamos conversar mais.

Grossmann: Érica, muito obrigado mesmo por esse complemento. Eu penso que isso também teve um impulso com a curiosidade dos outros membros desse nosso encontro aqui, mas a gente poderia começar a amarrar um pouco esse nosso encontro e voltar ao Antoni Muntadas. Não que a gente vá chegar a alguma conclusão.

Como Nikki mencionou, novamente, com Muntadas, Érica também mencionou esse relacionamento e até mesmo a Mariko, em sua apresentação inicial, fazendo uma espécie de diferenciação entre o que é uma pesquisa artística e uma pesquisa acadêmica. E é interessante que, por estarmos em uma plataforma interdisciplinar como o IEA, é claro que buscamos essas diferentes formas de olhar para a universidade, como a universidade está estruturada e qual a sua estrutura de poder. Entre outras razões, porque, como Ary estava mencionando em relação ao IEA, é a primeira vez em sua breve história, seus 34 anos de história, que temos uma mulher como vice-diretora. Em algumas ocasiões, não tínhamos nem mesmo mulheres no conselho da instituição. Portanto, isso é algo que realmente mudou a maneira como o instituto se vê. E podemos ver que isso também se reflete

na forma como a universidade está sendo administrada. Mas as mudanças nas universidades são sempre um processo muito demorado, às vezes.

Quero voltar a essa relação entre as artes e a universidade, isso que Muntadas traz com muita clareza, e a que vocês reagiram de diferentes maneiras. David, para mim, não reforçou muito o trabalho de base de pesquisa em arte, mas mencionou a postura interdisciplinar e a importância de estar na Intercontinental Academia nesse sentido. Como você vê isso em relação a um modelo futuro de universidade? Estamos no caminho certo? A arte é tão diferente de outras pesquisas ou de tipos de pesquisa? Como você vê essa relação em um sentido mais amplo, como Nikki também mencionou, que é a arte e a arquitetura olhando para essa relação com o planejamento da universidade, o design da universidade? Como você vê essa contribuição das artes? Ela é tão especial que, às vezes, também olha para si mesma e diz: “não, nós somos diferentes” ou estamos falando mais de uma relação de contexto interdisciplinar?

Gange: Eu diria que, de todas as partes da universidade, é a arte que tem o maior potencial para imaginar uma pluralidade de mundos possíveis, para imaginar o papel da universidade na criação de algo diferente da coisa problemática que temos. É na arte que está o verdadeiro poder. Ela também é a maneira pela qual podemos escapar mais facilmente da obsessão com o conhecimento proposicional que a ciência ocidental traz para a mesa. Assim, podemos pluralizar ao máximo os tipos de abordagem que temos do mundo. Portanto, a arte deve ser a força motriz que as ciências e as humanidades devem seguir. Eu colocaria a arte no centro dessas áreas. E acho que é um problema real com a natureza instrumental de como construímos a universidade atualmente, que não seja esse o caso.

Moore: Eu apenas complemento o que David disse. Acho que, se pensarmos na arte ou na arquitetura como ideias que tomam forma no mundo, elas são a personificação às vezes de um ideal, às vezes de uma pergunta, às vezes de um protesto, às vezes apenas de uma observação ou de um prazer, certo? Então, colocar essas coisas em forma, colocar muitas delas em muitas formas. Possibilitando-nos algo como o ex-primeiro-ministro da Islândia costumava falar: “a política como um brinquedo”, certo? Basta tirar todos os brinquedos da caixa de brinquedos. Experimente todos eles. Dê uma olhada, veja o que você tem. E acho que, no momento, não temos brinquedos suficientes. Temos um ou dois modelos muito pesados e

precisamos brincar, mas de maneira rigorosa. Não quero dizer assim... Há muita coisa em jogo, mas precisamos de mais brinquedos para olhar e examinar. E a arte e a arquitetura certamente podem cumprir esse papel.

Murata: Talvez eu responda a isso de um ângulo diferente, mas acho que... Dou aulas para alunos em escolas de arte e, quando faço isso, sempre me sinto... Minha universidade, a Universidade de Kansai, não tem um departamento de arte. Por isso, sinto que a maneira como os alunos funcionam é muito diferente, e sinto que aqueles que pertencem à escola de arte ou ao departamento de arte sempre têm que produzir algo, sempre têm que fazer algo, literalmente. Então, acho que é uma coisa muito saudável ter que criar o tempo todo. Entretanto, ao mesmo tempo, o que lhes falta é teoria, por exemplo, ou estudo, ou aprender a história, os antecedentes, pensar sobre filosofia etc. e vice-versa. Se você estiver apenas pensando em teoria e não usar seu corpo ou sua mão, isso não será saudável novamente. Então, esse equilíbrio é, na minha opinião, o mais importante. É o mais difícil, mas acho que é o mais importante.

Grossmann: Érica, você mencionou a importância da literatura em sua pesquisa de base social. Por que você escolheu a literatura?

Peçanha: Porque a literatura produzida pelas periferias me apareceu como grande novidade para pensar o próprio contexto das periferias. Já na minha graduação, eu me inclinava para a formação nos estudos urbanos, já tinha desenvolvido uma pesquisa de iniciação científica com foco no território periférico a partir do movimento cultural hip-hop. Quando descobri que havia uma “cena” de sarau sendo organizada na cidade, centenas de publicações sendo produzidas por sujeitos que se afirmavam como periféricos ou que também tomavam a periferia como referência para sua escrita criativa e para sua atuação sociocultural, isso me pareceu uma novidade, um recorte importante para ser explorado com relação ao território periférico. Esse contexto me ajudava a pensar, de um lado, não só quais seriam as contribuições estéticas que esse sujeitos periféricos traziam para o campo literário a partir de seus perfis sociais; mas também, por outro, parecia muito significativo pensar o próprio território da periferia – historicamente estudado na tradição de estudos urbanos a partir de suas precariedades materiais, da falta de serviços, de infraestrutura, ou às vezes em função de sua vida associativa – agora a partir dessa nova entrada em

cena de sujeitos periféricos que atuam no espaço pública a partir do foco na cultura, mais propriamente na literatura.

Então, era uma aposta de novidade acadêmica, mais propriamente, que eu percebi em diferentes pesquisas. Primeiro nessa pesquisa de 2004, sobre o surgimento da produção literária da periferia a partir do contexto de São Paulo. Depois, ampliando para uma pesquisa de doutorado com foco nas estratégias de produção e consumo cultural na periferia da cidade, a partir de um grupo bastante significativo para a história cultural de São Paulo que é a Cooperifa – entre outras atividades, eles realizam saraus literários semanais em um boteco da Zona Sul de São Paulo, em uma região bastante estigmatizada pela pobreza e pela violência. Na sequência, em pesquisas de pós-doutorado. A primeira, que eu já concluí, pensava na perspectiva de profissionalização na área cultural para jovens de periferia a partir desses diferentes movimentos e diferentes linguagens artísticas. E, atualmente, embora eu também atue como supervisora do projeto idealizado pela Eliana Souza Silva, eu sou uma pesquisadora de pós-doutorado do IEA com uma pesquisa autoral, que busca apresentar um estado da arte das pesquisas de pós-graduação realizadas no Brasil com foco na literatura de periferia.

Então, eu até queria responder a pergunta anterior dizendo que, se olho também para a minha trajetória, eu penso... Inclusive, a minha primeira participação em projetos do IEA foi no Centralidades Periféricas, falando sobre minhas pesquisas de literatura da periferia. Participar desse evento, hoje, foi importante para mim, porque eu estou muito acostumada a pensar e a perceber como a academia olha para as produções artísticas, e como a arte nos serve para pensar variadas questões, não apenas relacionadas ao campo da arte. Para mim, foi um prazer refletir sobre como um artista pode usar a sua produção e a sua atuação para questionar também o espaço acadêmico, o espaço da universidade, provocando teóricos, professores e pesquisadores a partir não só das suas questões, mas a partir também de todo o produto que foi gerado, com uma série de vídeos, de imagens e de registros também dessas questões.

Grossmann: Eu gostaria muito que cada um de nós dissesse suas últimas palavras e seus últimos comentários em relação a esse encontro. E Guilherme Ary Plonski, por favor, sintá-se à vontade também para participar deste momento final.

Plonski: De minha parte, gostaria de agradecer a todos vocês, Mariko, Nikki, David e Érica. Especialmente ao Muntadas e a você, Martin, por organizarem essa sessão. Fiquei muito emocionado com todas as palavras. Acho que as perguntas e o trabalho artístico de Muntadas, com sua capacidade de organização, Martin, fizeram com que isso acontecesse. Além, obviamente, de seu diálogo com Muntadas sobre arte. Muito obrigado. Acho que foi realmente um evento que aprimora o que o IEA faz há 34 anos, e nos dá uma ideia de como seguir em frente. Muito obrigado.

Murata: Muito obrigada por essa discussão. Estou muito interessada em seus trabalhos. Acho que a palavra-chave de hoje seja “arte da periferia”, ou “periférico”. Não sei se o caiaque de David é... Acho que também é uma forma de arte. E penso que isso é muito interessante, porque, ir para a periferia com o caiaque e usar o corpo, e também muita imaginação, isso meio que descoloniza ou desestabiliza o contexto em que normalmente estamos. Então, talvez o caiaque seja tudo. Obrigado.

Moore: Gostaria de agradecer a todos vocês por compartilharem seus trabalhos hoje. Érika, Mariko, David e Muntadas, em especial, por colocarem esse artefato em interação e consideração. Foi um prazer. Saio com muitas perguntas, mais do que quando entrei. E isso é sempre um prazer. Portanto, muito obrigado.

Gange: Eu diria que sinto algo muito semelhante. Foi um privilégio humilde poder explorar o mundo dessas ideias nos últimos dias e especialmente hoje, com palestrantes tão excelentes cujos discursos, como eu disse antes, foram realmente profundos. É uma humildade incrível estar ao lado delas. Gostaria de acrescentar que a questão ecológica é uma coisa que não discutimos muito hoje e que acho que é um contexto importante para desafiar o tipo de estrutura de poder colonial e os sistemas de conhecimento que temos. A maneira de diversificar ou pluralizar o que a universidade faz é justamente sair da lógica destrutiva do sistema em que vivemos atualmente. Portanto, essa é a única coisa que eu acrescentaria. Mais uma vez, muito obrigado ao Muntadas e ao Martin por organizarem isso, e a todos os envolvidos.

Peçanha: Também quero agradecer pelos aprendizados, pelo tempo de vocês, pelas perguntas que foram colocadas. Como acadêmica, sempre penso que o bom dos debates e dos textos não são as respostas, são as perguntas que ficam. Aqui,

tivemos boas perguntas para seguir com nossos projetos, para provocar nossos colegas. E fico com esse desejo de que, para além dessa circulação no mundo virtual, a gente possa ter a oportunidade de acompanhar essa exposição presencialmente também quando for possível. Muito obrigada!

Grossmann: Vou agradecer a todos vocês. Obrigado, Érica. Obrigado, Muntadas, por nos inspirar. Obrigado Nikki, David e Mariko por estarem conosco no Brasil. Este encontro comprovou que ainda estamos em uma espécie de instituto de estudos avançados apesar de estarmos totalmente virtuais neste momento,. Esperamos realmente que possamos estar juntos em uma das próximas etapas do seu projeto, Muntadas. Seja em que lugar for. Não sei onde pode ser, mas ele tem provocado muitas perguntas e respostas interessantes. Espero que essa discussão permaneça conosco por um bom tempo como uma peça inspiradora para aqueles que pensam e têm essa relação crítica com a universidade. Até logo.

Participantes

David Gange

David Gange é professor titular de história moderna na Universidade de Birmingham. Completou seu doutorado na Trinity College de Cambridge (2007). Membro da primeira Intercontinental Academia.

Gange foi pesquisador do século XIX no programa de Pós Doutorado em um projeto financiado pela Leverhume Fellowship na Universidade de Cambridge intitulado “Past versus Present: Abandoning the Past in an Age of Progress”.

Pesquisou as costas, oceanos e as comunidades e espécies que os ocupam, num trabalho que envolve a narrativa em primeira pessoa a partir de jornadas de caiaque de longa distância, e que inclui os livros *The Frayed Atlantic Edge: a Historian’s Journey from Shetland to the Channel* (Harper Collins, 2019), e artigos como ‘Time, Space & Islands’, *Past & Present* (Maio de 2019).

Érica Peçanha

Érica Peçanha é antropóloga e crítica literária, doutora e Mestra em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo, com estágio pós-doutoral na Faculdade de Educação da mesma instituição. Graduada em Sociologia e Política pela FESP-SP, Peçanha é especialista em literatura periférica brasileira, autora de *Vozes Marginais na Literatura* (2009), trabalho sobre a projeção de escritores da periferia no cenário contemporâneo, e coautora de *Polifonias Marginais* (2015), livro que traz entrevistas com produtores literários negros e periféricos.

Atua nas áreas de antropologia urbana, pesquisa social e ciências humanas e saúde, com focos na discussão sobre periferia, cultura e juventude.

Mariko Murata

Mariko Murata é professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Kansai. Recebeu seu PhD pela Faculdade de Estudos de Informação Interdisciplinar da Universidade de Tóquio. Murata especializou-se em Estudos Culturais e

de Mídia e Estudos Museais. Sua pesquisa é focada principalmente em “museus como mídia” e suas principais publicações incluem *Museums as Ideology: Media Studies on Objects and Spaces* (2014) e *Popular Culture Museums: Collecting, Sharing and Consuming Culture* (2013). Seus mais recentes artigos incluem “A Report on the Auckland War Memorial Museum and New Zealand’s Multiculturalism’ (2019) e *Art/Museums and Accessibility: Creating an Audio Guide for Visually Impaired Persons’* (2020).

Martin Grossmann (moderador)

Professor Titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo / ECA-USP (início em 1993, como professor colaborador | 1996 professor doutor | 2001 livre docência | 2007 titular)

É também um curador, um especialista de estudos e da poética da cultura.

Desde o mestrado, as pesquisas acadêmicas e os programas de gestão problematizam, exploram e potencializam a transição da cultura material para a cultura na virtualidade; a transdisciplinariedade; a relação entre arte contemporânea, seus agentes e as instituições; os processos de mediação cultural, artística e acadêmica; e o desenvolvimento e manutenção de sistemas operacionais e de informação para a arte, a cultura e a ciência.

A atuação como gestor de instituições e projetos culturais, educacionais e acadêmicos apoia-se nas pesquisas e estudos sobre interdisciplinariedade, curadoria; ação, mediação e política cultural; museologia; crítica, teoria e história da arte, da arquitetura, da cultura, da ciência; bem como a história das ideias.

Nikki Moore

Nikki Moore é professora visitante da universidade de Wake Forest, nos Estados Unidos. Onde também realiza o seu pós-doutorado. Sua pesquisa se concentra na industrialização de commodities de alimentos e práticas de desenvolvimento transnacional concomitantes nas Américas, com foco em sua relação simbiótica com a arte e a produção arquitetônica. Sua pesquisa conta com o apoio do So-

cial Science Research Council, da Mellon Foundation, da Graham Foundation, da Wagoner Foundation, da Rice University e da Society of Architectural Historians. Moore é bolsista do Instituto Universitário de Estudos Avançados da *Intercontinental Academia* (2016-2020). Seu trabalho foi publicado na Europa, no Brasil, na Austrália e nos Estados Unidos.

Moore completou seu doutorado no Departamento de História da Arte da Universidade de Rice em maio de 2019. Membro da primeira Intercontinental Academia e coordenadora de seu MOOC “on time” que está na plataforma Coursera desde abril 2021. Seu mestrado em Arquitetura foi defendido no MIT-Massachusetts Institute of Technology em 2005.

3ª Mesa-redonda:

Universidade e contexto

Evento do ciclo de debates acerca da exposição *About Academia* de Antoni Muntadas

Com Renato Janine Ribeiro (moderador), Guilherme Wisnik, Helena Nader e Naomar de Almeida Filho

10.05.21 | 14:00

Sala zoom do IEA-USP

Registro audiovisual:

<https://e.usp.br/rp1>

Exposição:

<https://aboutacademia.iea.usp.br/>

Ribeiro: Temos o grande prazer de ter aqui nesta mesa-redonda o artista Antoni Muntadas, autor da exposição About Academia, sobre a qual versa a nossa discussão. Inicialmente, vou dar a palavra ao Antoni Muntadas, dizendo que temos grande prazer em recebê-lo aqui, ainda que virtualmente. Por favor, *si puedes hablar*, estaremos encantados de *escucharle*.

Muntadas: Bem, olá a todos, nos locais em que vocês estão. Eu falo em espanhol, um “portunhol” que, quando vou ao Brasil, eles me entendem. Espero que também através do Zoom isso possa funcionar. Bem, eu farei uma introdução mínima, falando sobre o contexto, sobre como o contexto é importante para mim e está em todo o meu trabalho. Quando trabalho em um lugar, tento entender ou falar, conversar, ler para entender os contextos que considero importantes. Neste trabalho, é fundamental entender que a apresentação é em São Paulo e é complementada por estas mesas-redondas.

Sem as mesas-redondas, a primeira, no dia de abertura da exposição e a segunda hoje de manhã, e as que continuarão, não se pode entender o projeto About Academia porque ele pareceria uma colonização de um modelo americano na América Latina. Não é essa a ideia. Em outras palavras, esse é um modelo que funciona lá. Vamos ver o que funciona e o que não funciona aqui. E as perguntas que foram feitas no projeto deixaram bem claro que eram perguntas para a América Latina. Portanto, as perguntas que vocês podem fazer são perguntas válidas para um modelo, um possível modelo latino-americano ou brasileiro, porque, nesse caso, estamos falando quase exclusivamente do Brasil. Portanto, gostaria de agradecer a todos os participantes e ouvintes, pois as contribuições são importantes para esse projeto. Eu sempre digo que gosto de jogar tênis, não gosto de jogar frontão²⁷. Em outras palavras, a possibilidade dialética da discussão é fundamental. Deixo vocês aqui e agradeço a todos por suas contribuições para essas mesas-redondas. Muito obrigado.

Ribeiro: Agradeço a nosso convidado inspirador, Antoni Muntadas. Um pouco antes de iniciar esta reunião, ele dizia que, na América Latina, há um problema importante nas universidades, o problema do acesso. Eu gostaria de acrescentar

27 Paleta frontón é um esporte peruano que nasceu na capital, Lima, em 1945. Esse esporte tem suas raízes na “pelota vasca” trazida pelos colonizadores espanhóis e na “pelota mano” doméstica, chamada de “handebol” na época devido à influência inglesa. O esporte é semelhante ao squash, mas é jogado diante de um paredão, em uma quadra aberta. (nota da tradução)

que também temos o problema da permanência. Quando eu trabalhei no Ministério da Educação (MEC), nos governos Lula e Dilma, essa era uma questão muito importante não somente porque foram feitas políticas de ação afirmativa para incluir novos alunos, mas também porque nós temos um grande problema de alunos que não têm como pagar alojamento universitário, alimentação, livros. Simplesmente não vivem se não tiverem bolsas. Então, uma das iniciativas muito importantes para a expansão do ensino superior no Brasil foi essa. Tanto é assim que, quando Lula assumiu a Presidência da República, tínhamos no Brasil três milhões de estudantes universitários e, ao terminar o governo de Dilma, eram oito milhões, tendo subido mais de 100% o número de alunos universitários e ultrapassado em 20% o percentual de jovens entre 18 e 24 anos que estavam no ensino superior ou que já o tinham concluído. Isso representou um avanço que não teria sido possível sem a questão do acesso e a permanência, como dizia nosso convidado Antoni Muntadas.

Começo o evento agradecendo mais uma vez. Primeiro, quem apresenta sou eu como moderador; em seguida, Helena Nader e na sequência, o professor Naomar de Almeida Filho e por fim o professor Guilherme Wisnik. Cada um terá vinte minutos de apresentação e depois abriremos a discussão. O que eu gostaria de dizer da leitura e do trabalho de Antoni Muntadas e da apreciação de sua exposição é que me chamou muito a atenção, entre outras questões, a relação entre sociedade e universidade. Essa relação é um problema que me preocupa, que me interessa há muitos anos, porque é um ponto de corte, de conflito.

No mundo acadêmico, por um lado, há aqueles que identificam a sociedade com uma empresa. Então, há toda uma disposição para fazer com que a universidade colabore mais com a empresa. Nós temos muitos níveis disso, alguns corretos, outros não. Por exemplo, a importância de que a universidade engendre mais patentes, de que ela produza, de que ela favoreça o avanço tecnológico, de que ela milite em prol da inovação. Tudo isso é importante e, sem dúvida, tudo isso envolve uma colaboração com empresas. Por outro lado, porém, nas pessoas que defendem e geralmente falam em defesa da colaboração da universidade com a sociedade, há uma grande ausência da sociedade. Quer dizer, a sociedade é reduzida ao mundo empresarial. Eu vi isso muito aqui na Universidade de São Paulo (USP), a ideia de que a universidade deveria colaborar com a empresa, mas a questão da sociedade era um não assunto. Para colocar em outras

palavras, você oferecer um MBA, um curso que forma melhores profissionais para o mercado de trabalho, era bem-visto. A ideia de dar um curso para o movimento dos sem-terra, para o movimento dos sem-teto ou para a militância trabalhista nem era pensada. Isso é algo comentado no About Academia pelo Noam Chomsky e pelo David Harvey, nos seus respectivos depoimentos, que me pareceu muito importante.

Eu me preocupo também que as pessoas das áreas de ciências humanas e sociais, em vez de discutirem o que é sociedade e exigirem um diálogo maior da universidade com a sociedade, elas acabavam assumindo esse discurso que iguala sociedade e empresa, entendendo e se colocando contra ele de forma radical, em vez de se colocar a favor. Eu me colocaria a favor, mas entendendo que a universidade tem que cooperar com a sociedade, sim.

Cooperar com a sociedade significa fortalecer os movimentos sociais. Entre outros objetivos, fortalecer a igualdade. Aliás, eu pretendia trazer a foto da capa da *Folha de S.Paulo* de sábado, que mostra a manifestação das pessoas da favela do Jacarezinho contra a chacina cometida pela polícia lá. Na foto, é visível que a grande maioria dos manifestantes é negra, o que mostra o quão longe estamos da democracia no Brasil e o quanto a chacina de jovens pobres, e sobretudo negros, é praticada. A universidade tem um papel em relação a isso, ela tem um papel no sentido de enfrentar isso, de coibir isso, de reduzir isso e de fazer com que isso se torne puramente passado. Preocupa-me um pouco que, nas áreas acadêmicas de ciências humanas e sociais, nem sempre existe essa ideia de que devemos defender, de que devemos fazer um fortalecimento da cooperação entre universidade e sociedade em outro contexto.

Para esclarecer um pouco mais, quero lembrar que, quando fui diretor de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), nós recebemos propostas de cursos de pós-graduação a serem ministrados por fundações ligadas à USP. Fundações que são de direito privado foram criadas para ajudar a USP, mas começaram a oferecer mestrados pagos. Por serem fundações, elas podiam cobrar e o mestrado teria no seu diploma: “Fundação tal, ligada à Universidade de São Paulo”. Isso causou muita polêmica, uma vez que, pela Constituição, as universidades públicas não podem cobrar pela educação regular. Quer dizer, não seria possível cobrar por esse curso, mas havia de certa

forma esse truque, não sei se chega a ser uma burla, mas esse truque pelo qual algumas fundações queriam receber dinheiro ao mesmo tempo que usavam a grife da USP em seu favor, o que é bastante complicado. Então, essa relação da universidade com a empresa – que não deve ser coibida – deve ser regulada e deve estar no quadro de uma relação. Essa, sim, muito mais importante da universidade com a sociedade.

Nesse ponto queria passar algo que é da ordem praticamente da experiência vivida, mas é uma coisa curiosa, é uma experiência muito da USP. Na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), onde eu fui professor visitante durante dois anos, eu não vi isso. Não vi isso nas universidades federais que eu visitei nem nas que eu conheço, mas é uma coisa curiosa: na USP, a grande maioria dos professores dá aula sem terno e gravata. No entanto, quando nós vamos à reitoria, reitores, pró-reitores e as lideranças universitárias estão de terno e gravata. Até do ponto de vista da indumentária, do ponto de vista simbólico, há um descompasso entre a liderança universitária e a comunidade universitária. Creio que temos em comum aqui, para todos nós, que o simbólico é muito importante, e não se poderia desconsiderar dizendo: “é apenas simbólico”. Simboliza justamente uma certa distância entre a reitoria e o corpo por ela representado, supostamente representado.

Não podemos esquecer que uma das grandes polêmicas na USP tem sido a questão da escolha do reitor; que foi relativamente democratizada, mas continua dependendo de uma lista tríplice. Não por ordem do governo do Estado, mas espantosamente por decisão do próprio Conselho Universitário (CO) da USP, que deseja que haja uma lista tríplice. Desde 1980, em todas as trinta sucessões de reitores das universidades estaduais paulistas, houve uma única vez em que o reitor nomeou um nome que não foi o primeiro colocado da lista de votos da comunidade. Foi o governador José Serra, aqui na USP, acho que oito anos atrás ou um pouco mais, que nomeou alguém que não era o mais votado da comunidade. É algo pouco usual, mas que representa também uma situação delicada. Na minha experiência com as universidades federais, embora algumas tenham efetivamente problemas de escolha de reitor, eu constatei que a participação, que a escolha do reitor pela comunidade representava um compromisso muito forte dele com a comunidade. Então, vejo aí dois compromissos importantes: um compromisso da universidade com a sociedade e outro da direção univer-

sitária com a própria universidade, expresso pela escolha da universidade e expresso até mesmo simbolicamente pela forma como o reitor se veste e como ele se relaciona com a sua comunidade.

Para concluir, creio que seria muito importante nós pensarmos quais são as agendas fundamentais com as quais a universidade pode contribuir para a sociedade. Hoje, é mais do que evidente, dada a crise mundial agravada no Brasil, que nós temos contribuições em duas ordens da área da saúde: a prevenção da pandemia e o tratamento da pandemia; e os gestos de barreira e as medidas de vacinação preventiva. Além das questões decisivas no tocante à educação que temos em todos os níveis.

O Brasil continua com uma deficiência grande na educação básica. Nós temos questões de poder aquisitivo, questões de inclusão social. Há todo um pacote de questões que são problemas prioritários do Brasil mais ou menos consensuados nos governos eleitos democraticamente entre 1994 e 2014. E esses consensos, que depois se partiram e nos últimos anos foram estilhaçados, eles, me parece, continuam a representar uma agenda importante para a contribuição acadêmica. Eu penso que nós deveríamos insistir em como podemos realizar isso.

No caso da Unifesp, eu tive a grande satisfação, como professor visitante, de criar o Instituto de Estudos Avançados e Convergentes (IEAC). Sua primeira pesquisa visa justamente verificar alguns possíveis impactos na vida humana do crescente aumento da expectativa de vida, portanto, da quantidade de vida e da qualidade de vida. Na significação que atribuímos à vida pessoal, nas formas de vida coletiva, que impactos tudo isso traz? É algo que tem sido subestudado na comunidade acadêmica brasileira. Na verdade, quando participei de discussões a respeito da expectativa de vida, o discurso automático era: “Temos que contribuir mais tempo para a previdência social”. Uma discussão tola, uma discussão secundária, uma discussão que foge totalmente aos ganhos de produtividade, mas que é a discussão vendida pela mídia. Frente a ela, seria importante nós desenvolvermos mais o que significa toda essa expansão de vida e de qualidade de vida. Esse é um dos pontos importantes da nossa cooperação.

Como conclusão, penso que nós temos que levar em conta as demandas sociais e o nosso aporte social em dois aspectos básicos: atender carências, necessidades, frustrações e deficiências, déficits sociais, que no caso brasileiro são inúmeros; e

entender superávits, avanços, projetos, propostas, a abertura de um futuro cada vez maior que também é muito significativo. Eu pensaria assim a cooperação.

Muito obrigado pela atenção. Agora passo a palavra à professora Helena Nader. Uma querida amiga, ex-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), uma grande cientista, professora da Unifesp, além de muitas outras coisas. Helena, por favor, a palavra é sua.

Nader: Obrigada, senhor Renato, querido Renato. Muito importantes as suas intervenções iniciais. Primeiro, eu quero dar boa tarde a todas e todos, dizer que é um privilégio estar aqui e lembrar da minha vivência no Instituto de Estudos Avançados (IEA), na Cátedra Olavo Setúbal de Arte, Cultura e Ciência, onde eu tive o privilégio de trabalhar com um grande ser humano. Além do Martin, é claro, e da Liliana Sousa Silva, com um grande ser humano que é o Paulo Herkenhoff. Então, para mim, é uma honra estar aqui hoje. Inicialmente, a gente tem que relembrar todos os mais de 421 mil brasileiros e brasileiras que, segundo o último dado tabulado, perderam suas vidas para a covid-19. Isso é uma coisa de que nós temos que nos lembrar, especialmente nós nessa discussão do papel da universidade.

Eu quero agradecer muito ao Martin Grossmann por ter trazido essa exposição do Antoni Muntadas para o Brasil. Eu não vou ter diapositivo, nenhuma imagem. Quem sou eu para ter imagem depois das imagens e dos textos da exposição? Eu até fiquei pensando: “Meu Deus, aonde eu estou? O que eu vou poder falar que já não tenha sido falado, pensado?”. Eu vi a exposição várias vezes, porque eu fiquei assistindo primeiro aos estudantes, depois à fala dos professores, aí àquele texto que corria.

E o timing, o momento de trazer essa exposição para o Brasil? Eu estava falando um pouco antes da gente começar: é perfeito. O que nós estamos atravessando não é só a maior crise sanitária, eu acho que é a maior crise social do país. O sanitário vem junto com todo o resto. E qual é o papel da universidade nesse contexto? Qual é o debate que ele coloca à academia, à universidade? Qual é o conceito? Vocês viram, quem assistiu à exposição percebe que fala-se a mesma coisa com nuances distintas. Então, eu vejo que essa é uma falta das universidades brasileiras. Uma vez que a maior parte da ciência – a maior parte, não estou dizendo toda – é feita nessas instituições públicas, a universidade deve uma autocrítica,

ela deve um debate, como bem já apontou nosso ex-ministro, Renato Janine, com a sociedade. A universidade serve à sociedade, a sociedade serve à universidade, é claro. E qual é o papel que a gente tem que desempenhar hoje?

Como o Muntadas bem colocou no início dessa sessão, é o modelo estadunidense. Eu até usaria um pouco mais, eu não sei se ele serve para todos os Estados Unidos porque existem vários Estados Unidos. Existem os Estados Unidos de Harvard, de Yale, das *Ivy Leagues*. E existem os Estados Unidos dos *colleges* que estão formando a força de trabalho desse povo americano, que faz os tecnólogos. Então, a universidade tem que dizer a que ela veio, cada uma tem o seu projeto, mas ela tem que estar voltada a olhar o produto, no bom sentido. Para o que nós, a universidade, estamos olhando? Eu faço ciências, sou pesquisadora, eu amo fazer ciência. Mas e a parte de formação de recursos humanos? Para quem nós estamos formando? Como eu posso fazer uma universidade que dialogue mais? Não é uma resposta simples. Eu não vou entrar no modelo americano, eu vou olhar aqui dentro do Brasil.

Nós temos agenda e ela cabe direto dentro dos debates do Muntadas na exposição. O Brasil foi signatário e teve um papel impressionante na Agenda 2030 da ONU²⁸, dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). Quanto as nossas universidades estão, de fato, mergulhadas nos ODS? Individualmente, professores, grupos podem estar, mas não vejo a universidade como um todo. Pode ser que eu esteja errada. E se nós, considerados uma “elite do pensar”, não estivermos mergulhados nesses objetivos, como que a gente espera que eles aconteçam? Eu estou dando alguns exemplos. Aí você vê que há universidades que querem fazer e querem mudar, porém, dentro desse contexto mundial da avaliação, as universidades mantêm mais do mesmo, porque elas querem fazer parte do ranking: o ranqueamento, que deveria ser uma consequência, torna-se em si a meta. Eu acho muito complicado. Como é que você atinge a equidade quando você diz que as coisas têm degraus? Além disso, muitas vezes, alguém é muito bom em um primeiro aspecto, mas não é nos outros. O mundo também está pensando em outras formas de avaliação, mas isso é preocupante.

Para onde nós caminhamos dentro de uma universidade plural? O Renato já trouxe esse ponto, mas, no Brasil, eu acho que nos saímos bem na inclusão. Não gosto do

28 Vide: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>

nome “cota”. “Cota” para mim não serve. É “ações afirmativas”, “ações de reparo”. É isso que a gente está fazendo. Só que paramos, paramos e não queremos reconhecer que paramos. O MEC tem que olhar isso. Eu sei que aqui não é o ponto, mas isso está dentro dessa questão: para que a universidade? Por que, sem o auxílio-permanência, não se pode dizer: “você pode entrar na universidade”. Como foi bem colocado, é preciso garantir a permanência e a permanência não está acontecendo. A igualdade não acontece aqui no Brasil. Quando a gente vê as aulas remotas e a dificuldade dos estudantes de terem acesso, não é todo mundo que tem banda larga e, quando se tenta dar a banda larga, têm discursos dizendo que não há necessidade.

Eu vejo essa exposição, que é belíssima, é assim... Eu assisti com muita avidez, talvez eu tenha que ir com mais calma, não com tanta sede ao pote, e assistir por partes. Deixar aquilo penetrar, porque há informações fundamentais, inclusive nos textos que correm, para a gente pensar a universidade. Não existe fórmula única, não é uma solução para um país. Eu acho que não existe fórmula única para nenhuma universidade, cada uma tem a sua característica.

Vou dar um exemplo. O professor Naomar foi reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e eu não esqueço: ele é médico, todo mundo vê o Naomar como educador, mas esquece que ele fez medicina antes, e é um grande pesquisador da área médica. Ele revolucionou a UFBA com a criação dos bacharelados nos novos campi localizados a setecentos ou oitocentos quilômetros de Salvador. O que ele fez foi inovador, era de quebrar as estruturas. Você não entra mais no curso para fazer medicina, engenharia, filosofia, você entra para ser um cidadão. Depois você vai escolher a profissão. Você vai ter uma formação.

Infelizmente, esse projeto regrediu. Naomar saiu e acabou o projeto. Então, ele criou a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), que eu conheço em detalhes. Outra maravilha, com um outro enfoque. Aquilo que você colocou, Renato, dos *stakeholders*, acontecia lá. A sociedade fazia parte do conselho universitário. Então, eram os indígenas, os quilombolas, todas as pessoas. Esse é um modelo da UFSB que talvez possa ser aplicado em outras com uma sociedade igual. Apesar de que, a gente também não forma aqueles que vão ser professores para serem pessoas diferentes de nós. Essa é uma crítica que eu faço à nossa universidade. A gente tem que romper barreiras. Esse é o debate que o Muntadas coloca, coloca claramente em vários momentos.

Outro exemplo: a pesquisa e a extensão aqui no Brasil. A gente foi dividindo muito e depois se quer que o professor seja o animal racional mais polivalente do mundo. Ele tem que ser bom em didática, ele tem que ser bom em pesquisa, ele tem que ser bom na extensão, ele tem que ser bom em gestão. Ele pode até tentar fazer todas as coisas, mas daí a se exigir o chamado “tripé” – que agora já é um “quadripé”, um “quintapé”, “sextuplé” – ao professor também é matar a criatividade e não respeitar a universidade como tudo.

Anísio Teixeira, o nosso querido fundador da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), junto com nosso querido Maurício Rocha e Silva, foi presidente da SBPC. Foi ele quem criou a nossa Capes, que está fazendo setenta anos neste ano. Ele deixa bem claro: a universidade não é para acumular saber, é para criar saber, e o criar saber não quer dizer só aquele saber na minha visão. Eu me sinto tranquila porque estou publicando nos livros, do jeito que o pessoal acha que tem que ser, mas eu não acho que pode ser só por aí. E nós temos que saber fazer para o olhar do outro. Em especial a universidade brasileira, e a latino-americana também, elas têm um papel social na inclusão, porque não é só o Brasil que não incluiu para valer os seus indígenas. Não é só o Brasil que não incluiu os negros. O Brasil é segregador. E nós estamos revertendo esse quadro, mas ainda estamos aquém do necessário.

Partindo para minhas conclusões, um outro aspecto que é muito diferente das universidades públicas brasileiras em relação às universidades ditas públicas americanas é que o público no Brasil é encarado como gratuito. O público nos Estados Unidos é encarado como sub judice do Estado, sob avaliação do Estado, não quer dizer gratuito. Eu não quero o modelo deles, mas, no nosso, nós temos que ter um olhar ainda mais profundo sobre a universidade, porque é investimento público. Então, o nosso retorno para a sociedade tem que ser muito claro e nós não estamos deixando tão claro.

Eu recebi no fim de semana e fiquei em estado de choque. Tenho que ver quando essa pesquisa foi feita, porque, quais são os números reais etc. É uma pesquisa que trata do número de brasileiros e brasileiras que acham que a Terra é plana, que vacina mata, que o vírus SARS-CoV-2 foi manipulado em laboratório. São dados impressionantes que possivelmente mostram um buraco no nosso diálogo de universidade ou de centros universitários – porque eu não acho que a uni-

versidade é o único ponto. É onde eu discordo do modelo americano, acho que a contribuição vem do *college*, dos colégios, vem de toda a sociedade, mas nós como universidade temos um papel ainda maior de saber dialogar com o público. Nós temos que fazer isso.

Eu vou parando, Renato, para não gastar muito tempo. Deu quinze minutos, eu pus o relógio, para a gente ter bastante debate. Quero dizer que foi uma honra e um privilégio pra mim, realmente, e agradecer ao Martin por essa oportunidade de parar para pensar em alguma coisa que me interessa muito que é: "para que eu sirvo?". É isso. Muntadas perguntou para mim com essa exposição: "Para que serve tudo isso que você está fazendo? Essa universidade a que você pertence? Essa pesquisa que você faz? Você já parou para analisar profundamente?". E mexe com a gente, viu? Antoni Muntadas, você mexeu profundamente com o meu interior. Muito obrigada.

Ribeiro: Muito obrigado, Helena. Ótimo. Eu passei para você o link dessa matéria que você mencionou, dos 20% de brasileiros que acreditam na Terra plana, aos quais se somam 56% que acreditam que os hospitais são pagos para aumentar o número de mortes por covid-19. Saiu no dia 7 de maio no *UOL*, mas, infelizmente, o articulista não deu a fonte da pesquisa, de modo que ainda estamos aguardando essa pesquisa. Eu queria realçar um ponto que a professora Helena colocou e que me parece que vai bem na linha central dessa discussão: a universidade pública não pode ser entendida apenas como universidade gratuita, ela tem que ser entendida como pública no seu telos, na sua meta, no seu compromisso, na sua finalidade.

Nader: No seu éthos.

Ribeiro: No seu éthos, então estamos em grego, Helena, éthos... Esse é um ponto muito importante, porque nós temos aí a questão do próprio sentido do que é público. Público não pode ser entendido como um espaço no qual alunos, que fizeram colégio particular pago, privatizam o bem público para depois ganharem bastante dinheiro nas respectivas profissões. A universidade nunca será pública de fato se ela for apenas gratuita e se ela estiver reservada aos alunos mais ricos. Como muito bem disse a Helena, a questão do acesso, a questão da ação afirmativa permitiu que a universidade pública deixasse de ser a reserva de mercado dos alunos ricos. E isso foi um grande passo. Acesso e permanência permitiram isso,

porém, é preciso dar um passo adicional, que consiste em garantir que a formação dos nossos alunos os levem a se comprometer com os bens públicos. E esse é um desafio especialmente para nós professores, gestores, pensadores, educadores. Quer dizer, como fazer para que a universidade tenha esse papel?

Então, muito obrigado, Helena, pela contribuição para a discussão. Eu passo a palavra, agora, para o professor Naomar Almeida Filho. Também querido amigo de longa data, que fez um trabalho notável na UFBA e depois expandiu, como Helena já comentou, para a UFSB, sendo um dos grandes pensadores e criadores da nova universidade brasileira.

Eu penso que, sem desdouro para as outras universidades, mas o trabalho que Naomar fez na Bahia e o trabalho que Luiz Bevilacqua fez na Universidade Federal do ABC (UFABC), e muitas pessoas cooperaram com um e com outro. São dois trabalhos que realmente representam uma renovação muito grande. Eu não posso deixar de acrescentar a Unifesp, que de uma Escola Paulista de Medicina (EPM) se converteu em uma universidade pujante, com vários campi, com várias dimensões e tudo mais. Então, nós vemos nesses anos um resultado admirável e eu passo a palavra, sem mais delongas, ao professor Naomar, por favor.

Almeida: Bom, obrigado, Renato e Helena, pelas carinhosas menções. Ambos são inspiradores de muito do que a gente buscou avançar. Eu preparei uma apresentação, muito inspirada na visita à exposição, que traz um impacto não só visual, mas um impacto profundo, como Helena mencionou, que nos interpela em muitos dos temas que estamos discutindo aqui.

Muito rapidamente, para discutir sobre os futuros possíveis para uma universidade na América Latina, é claro que há premissas que são postas e essas premissas têm referência a um certo futuro. Eu não vou entrar no detalhamento desse futuro, apenas indicar que precisamos dessa referência e que a premissa fundamental é o tema da educação como um direito especial. É um direito político especial por sua possibilidade de ser uma capacidade de construir e conquistar outros direitos.

A educação superior, além disso, tem a missão de ser mais significativa na integralidade da formação dos sujeitos e – é claro que, de modo preliminar – precisamos discutir um ponto com muita clareza: a educação superior, educação ter-

ciária não é educação universitária. A instituição chamada de universidade, que implica essa interpelação que nos traz Antoni Muntadas, tem uma referência que se pode desdobrar em uma série de possibilidades. Essas interpelações abrem uma agenda para a educação superior que não é só das universidades, mas para a educação em geral. Essa agenda busca reconhecer o conhecimento, de uma forma mais específica, como um ativo. A palavra “ativo”, em português, não é muito boa, porque lembra o tema dos investimentos, mas é quase como uma referência para a centralidade dessa ideia.

E há uma discussão, que eu acredito ser importante de se fazer, sobre a noção de formação geral, retomando temas que, por exemplo, na universidade medieval, eram chamados de *trivium* e *quadrivium*. Aqui, apresento quase uma brincadeira, Renato, o “*pentavium*”. Você estava falando da Grécia, vamos falar de Roma ou pelo menos da influência do pensamento latino. Agora, proponho o “*pentavium*”: Precisamos desenvolver a competência linguística, o domínio de pelo menos uma língua franca, a depender do campo do conhecimento. Além disso, ter uma formação sólida para a produção do conhecimento. Podemos dizer, formação para pesquisa – pesquisa em seu sentido mais amplo, pesquisa incluindo criação. Nesse “*pentavium*”, eu incorporaria também a competência pedagógica. Acho que todos nós precisamos desenvolver competências para o compartilhamento, e a competência pedagógica é fundamentalmente isso. Quer dizer, o conhecimento poder ser assumido não como uma mercadoria, um produto ou um bem privatizado, e sim, um bem coletivo, no seu sentido mais amplo. E a competência tecnológica crítica para que a gente compreenda a razão dos instrumentos e os limites desses instrumentos. Por fim, a sensibilidade ecossocial, muito referida ao tema da diversidade humana. Claro que podemos dizer que esse “*pentavium*” pode ser lido como uma versão contemporânea da *Bildung*²⁹.

Agora, existem terminologias que estão também aparecendo nesse mesmo referencial ou em outros referenciais possíveis, que podem ser modelos a se tentar. Por exemplo, as universidades chinesas: várias delas, estão se chamando de

29 Para o filósofo e administrador educacional prussiano Wilhelm von Humboldt (1767-1835), o indivíduo deve “absorver a grande massa de material que lhe é oferecida pelo mundo ao seu redor e por sua existência interior, utilizando-se, portanto, de todas as possibilidades de sua receptividade. Deve assim, remodelar esse material com todas as energias de sua própria atividade e apropriar-se dele de modo a criar uma interação entre sua própria personalidade e a natureza da forma mais geral, ativa e harmoniosa”. (“Theory of Bildung” by Wilhelm von Humboldt, Chapter 3 in *Teaching as a Reflective Practice: The German Didaktik Tradition*, edited by Ian Westbury, Stefan Hopmann, Kurt Riquarts). [Nota do editor].

universidade *tōng shí*. *Tōng shí*, no confucionismo, é um pouco o equivalente a *Bildung*, mas uma *Bildung* não individualizada e sim, mais coletiva. E o tema da sensibilidade ecossocial também pode ser desdobrado nos pontos que Helena trouxe, fazendo referência a algo que, multilateralmente, já se discutiu e que até o momento não teve grande repercussão nas universidades, mas que precisa de um engajamento sincero, efetivo e produtivo com os temas que dizem respeito ao planeta. Isso tudo se pode agregar aqui. Pode ser que precisemos pensar nagô, não pensar *tōng shí*, não pensar *Bildung*. Talvez não o latim ou o grego, mas a língua iorubá traga alguma referência nesta direção.

Isso completa um pouco o infográfico que resume essa introdução. E é claro que, com esses temas dos estudos gerais trazidos aqui, do que se chama de educação geral ou artes liberais – como eles costumam pensar nas universidades americanas –, e tendo a efígie da coruja de Palas Atena como uma referência da sabedoria, pode parecer que algo esteja faltando. Mas vou entrar agora nos futuros possíveis. Numa discussão de como trabalhar essa questão ou, pelo menos, de formular o tema dos futuros possíveis como questão.

É claro que podemos tomar como referência autores que são famosos no Ocidente, o Italo Calvino, o Edgar Morin... Italo Calvino, só uma brincadeira aqui, fala de seis lições ou seis memorandos, que são: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência. O Edgar Morin menciona sete reformas ou sete saberes para o século XXI: econômico, social, político, ético, conhecimento, educação e modo de vida. Aqui, seis é mais do sete. E, se pudermos encaminhar, avançaremos para uma discussão sobre a questão das máquinas. Eu posso dizer que a consulta a figuras tão célebres tem uma vertente perigosa. Nós precisamos tomá-los como uma referência de consulta, para uma certa formulação que estamos buscando construir numa independência de pensamento. Ou reforçando esses pensamentos, mais avançados ou pelo menos convergentes ou confluentes, com o ponto de vista, digamos, de transformação da sociedade. Então, há aqui toda uma discussão sobre o sentido de transformação da sociedade: Em que direção? Na direção desse conjunto de informações quase banais que nos impõem um binarismo entre global e local? Que, na base disso, de fato existe uma realidade muitas vezes dura e crua, e que é tratada metaforicamente, essa imensa miséria? Essa questão vem a ser de muitas maneiras traduzida como um diálogo que nós estamos buscando estabelecer e instituir.

Então, eu penso que, nessa agenda para a universidade, do ponto de vista mais de construção intelectual acadêmica, universitária, formulada com essas referências, há alguns autores que aparecem na moda. Um deles, que abre um caminho muito importante para discutir criticamente a universidade, é o francês Pierre Bourdieu, que dedica parte importante de sua obra a estudar educação, com foco na universidade. Há também um outro francês, contemporâneo do Bourdieu, mas que morreu mais cedo: o Michel Foucault. Neste momento, os dois estão sendo retomados em leituras do que Boaventura de Souza Santos chama de epistemologias do Sul. Exemplos disso são o camaronês Achille Mbembe e o sul-coreano Byung Chul Han que, buscando retraduzir Foucault, reposicionam a discussão da violência como constitutiva da sociedade.

Boaventura de Sousa Santos propõe um tratamento dessa questão que coloca em discussão a centralidade do pensamento ocidental, pensamento eurocêntrico ou pensamento colonizado, na universidade. É claro que a história das universidades não nos deixa mentir, não deixa que a gente desconsidere a história dessa instituição como uma história da cultura ocidental. A instituição chamada universidade tem essa referência, faz parte dessa linhagem. Então, quando temos, em certos momentos, alguma discussão sobre a história dessa instituição que nos abriga, nos acolhe e até nos estrutura como intelectuais, de certa forma buscamos reconstituir na nossa realidade aquilo que foi projeto de outras realidades e outros tempos. Então, esse tema da especificidade dos contextos, que tem aparecido desde a introdução e que Helena avançou, gente precisa ser trazido para esta nossa discussão.

Boaventura de Souza Santos questiona o que chama de privilégio epistemológico da ciência moderna. Aí temos uma discussão sobre outro tema que ele problematiza, a “epistemodiversidade”. Há uma discussão sobre a questão da inclusão de sujeitos: teremos uma universidade aberta para a diversidade da sociedade se incluímos somente sujeitos específicos, as pessoas individuais? E suas visões de mundo, seus modos de conhecer e de saber? E seus saberes, suas linhagens, suas matrizes culturais? Ficarão fora de questão? Aí, as universidades podem sim constituir um grande espaço, um grande mecanismo, um grande dispositivo, de resto extremamente poderoso, para cooptação de sujeitos. Essa é uma preocupação que eu teria, mesmo neste momento nacional, sobre o que implica acesso mais alargado a instituições que, milenarmente, têm sido eficazes do ponto de

vista da cooptação. Será que a inclusão é, digamos, uma categoria relevante para pensarmos esse acolhimento dos sujeitos? Será que, além de acolhimento, eles estão também pedindo respeito? Ou, considerando a contribuição de um colega querido da cátedra de educação básica do IEA-USP, o professor Luiz Carlos de Menezes, será que não temos que, além de incluir, acolher, respeitar, reconhecer, mas também admirar a diversidade? Estabelecer algum tipo de relação que tenha mais afeto, que seja mais sensível?

Então, a “epistemodiversidade” deve ser vista não no sentido antropológico clássico do exótico, do diverso e do diferente. Boaventura de Souza Santos fala de uma ecologia de saberes, como perspectiva de inovação radical na maneira de conhecer e reconhecer o outro. Essa ecologia de saberes precisa ser melhor conhecida e explorada na universidade em função de sua possibilidade de criação e recriação, de trazer para uma instituição extremamente conservadora – que tem uma história de permanência conservadora, uma história de tradições – a possibilidade de se fazer inovadora, mais crítica, mais ativa, mais rápida, mais mutante e, com isso tudo, mais sustentável. Além de tornar-se respeitosa das diferenças. Logo, mais sensível.

Aquela referência que eu trouxe sobre o pensar nagô não foi somente uma referência bibliográfica. É uma referência intelectual. O querido amigo Muniz Sodré, baiano também, escreve um livro intitulado *Pensar nagô* e avança na discussão da cultura institucional. Também podemos terminar com uma citação de outro baiano – Milton Santos – em relação ao tema da inovação ou do novo. Como ele, eu prefiro falar mais do “novo” do que da “inovação”, em função até da confusão semântica com as teorias econômicas do produtivismo inovador. Milton Santos teve uma relação de grande conflito com as instituições que foram submissas, quando foi perseguido politicamente. Ele escreve e fala sobre as universidades com um pensamento pessimista, não exatamente a partir de um ressentimento, mas como uma queixa justa: as universidades são instituições inerciais e conservadoras. São instituições que têm resistência ao novo. A pergunta que ele faz é: por que essa resistência ao novo? Por que o novo produz tanto medo nessas instituições? E ele responde: “o apego às velhas ideias parece uma enfermidade”, isso é sintoma de alguma patologia da universidade. E, com as instituições que continuam nesse caminho, há uma questão de raiz, porque da inércia resulta uma grande dificuldade de se introduzir e sustentar transformações nessas

instituições. Não estamos lidando somente com mudanças em estruturas curriculares ou educar com novos processos. É possível ter universidades no Brasil fazendo experimentações pedagógicas, aplicando tecnologias, até programas curriculares novos e inovadores, mas as culturas institucionais são atrasadas e retrógradas, são muito mais difíceis de lidar e, portanto, desafiadoras neste aspecto da própria discussão que estamos fazendo nesse momento.

Eu estou buscando entender a valiosa iniciativa transnacional e até transcontinental do Antoni Muntadas nesse registro e sei que podemos dialogar um pouco mais sobre algumas dessas questões no debate. Obrigado.

Ribeiro: Muito obrigado, Naomar. Quero cumprimentá-lo, em especial pela definição do que chamou “*pentavium*”. As cinco, eu não gosto da palavra “competências”, porque me parece que ela reduz, nem da palavra “habilidades”, mas os cinco focos principais da formação.

Se você me permite, eu apenas sugeriria que, ao detalhar a sensibilidade ecosocial, você fortalecesse a questão do enfrentamento da desigualdade social. Isso apareceu como solidariedade e empatia, no sentido de superar o individualismo egocêntrico. Eu acho que deveria ser uma coisa mais forte, porque não é apenas uma superação de uma deficiência psicológica, de um egocentrismo, mas sim um traço essencial da sociedade em que a gente vive, essencial da sociedade capitalista, e, mais ainda, do capitalismo atrasado em que vivemos. Então, penso que talvez esse assunto merecesse ser vitaminado dentro da sua proposta, que me parece extremamente importante, como sempre. Além de muito original e muito rica. Se permite essa contribuição, é a sugestão que eu faria.

Agora, eu convido o professor Guilherme Wisnik a falar também. Será a última das apresentações introdutórias. Bem-vindo!

Wisnik: Obrigado, Renato. Obrigado também ao Martin Grossmann, e ao IEA, pelo convite. Um grande prazer estar aqui também na companhia da Helena e do Naomar, de quem eu já pude desfrutar as contribuições, formando um diálogo muito plural entre nós a partir das provocações iniciais, e muito desafiadoras, colocadas pelo Antoni Muntadas, artista que eu muito admiro desde longo tempo. Aliás, por isso mesmo, começo dizendo a ele que sou veículo da transmissão de um abraço a ele enviado pela nossa amiga em comum Paula San-

toro, professora na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU-USP) junto comigo, e que se tornou amiga do Muntadas desde o Arte/Cidade³⁰, quando ele participou a um bom tempo atrás, em São Paulo. Muito bem.

Como já foi muito bem colocado aqui, essa exposição é um espaço virtual de discussão muito polifônico criado pelo Muntadas, que o recém-inaugurou, embora de forma virtual, aqui em São Paulo. A exposição coloca esse grande parlamento socrático, digamos assim, para as nossas imaginações, porque é uma exposição essencialmente dialogal, baseada no verbo e no argumento oral. É uma polifonia de vozes, as mais variadas e interessantes, tratando de temas que são fundamentais. O Muntadas é um artista que já traz essa abordagem, no meu registro, pelo menos desde o trabalho *Between the frames*, dos anos 1980, em que ele dispõe de uma série de telas com entrevistas feitas com pessoas de origens muito distintas. Naquele momento, os docentes universitários já eram uma parte dessas vozes, e compunham um mosaico de reflexão, que, no fundo, é de autorreflexão de uma certa *intelligentsia* do mundo, de vários países.

Inclusive, outro aspecto fundamental da obra de Muntadas como artista é a capacidade de tradução. *On translation*, um trabalho persistente que ele faz, opera traduções entre idiomas, entre culturas, entre mídias, porque o Muntadas é um artista da mídia, um artista que incorpora a tecnologia como uma das questões cruciais para pensar a linguagem. Então, para dizer em coro com os meus colegas aqui: essa exposição é um grande incentivo à nossa imaginação sobre o lugar. No caso, focando-se no lugar da universidade na nossa sociedade. Muntadas traz, de forma muito provocativa – como sempre faz nos seus trabalhos como artista –, esse questionamento de uma certa ideologia norte-americana como sendo o centro do mundo, ou como sendo o lugar físico e simbólico de emanção de certos valores que se pretendem universais ou globais, quando, na verdade, não são, porque não servem muito bem a muitos dos contextos de países, cidades ou culturas que são diversos. E, como a Helena disse aqui também em certo momento, talvez não sirvam até para os próprios Estados Unidos como um todo.

30 De acordo com seu idealizador e curador, Nelson Brissac, “Arte/Cidade” é uma série de intervenções urbanas realizadas em São Paulo, Brasil, de 1994 a 2002. Foi inspirada na percepção da metrópole contemporânea como um espaço complexo e dinâmico, em permanente mutação, engendrando novas e inusitadas configurações urbanas. Operações que questionam o status e os procedimentos convencionais da arte, da arquitetura e do urbanismo, na medida em que o enfrentamento dos processos gerados pela globalização exige a transcendência de abordagens e técnicas estabelecidas. (...) | vide: BRISSAC, N. *Arte/Cidade* – uma revisão in *ARS* (São Paulo) 4 (7), 2006

Nessas falas, nessas conversas, nesses depoimentos surgem questões que me tocam mais de perto. Eu entendo que o dispositivo dicotômico não tem a intenção de ser redutor ou dualista, ao contrário, traz à luz certas divergências que, na verdade, são muitas vezes complementares, como entre universidade e academia, ou entre público e privado. Esses temas do público e do privado, por exemplo, tocam de perto em uma série de reflexões que eu tenho feito na crítica de arquitetura, e também na crítica de arte e de urbanismo, sobretudo na cidade, assim como os temas do mercado imobiliário e da gentrificação. No caso das universidades norte-americanas, muitas acabam sendo grandes conglomerados imobiliários. No Brasil, nós temos muitas universidades privadas que também podem ser pensadas assim, nessa relação do espaço e da construção. Então, a minha fala aqui parte mais do ângulo da arquitetura, que é o meu ângulo.

O Martin me contou que na mesa-redonda que debateu a ideia de uma “Intercontinental Academia” foi mostrada uma imagem da FAU-USP. Eu não pude assistir, mas talvez seja uma foto muito conhecida que retrata uma assembleia estudantil no final dos anos 1970, de autoria do Raul Garcez. Ela potencializa o espaço da FAU-USP como um fórum político. Esse espaço que, ao contrário de um panóptico – porque o panóptico é o espaço de controle a partir de um centro –, é um centro vazio para o qual tudo se volta. E que tem a biblioteca como o grande espaço protagonista. Nessa foto, o espaço à esquerda, com janelas que se abrem, é a biblioteca da faculdade. Então, no edifício da FAU-USP, o coração é a biblioteca, que se abre para fora, na fachada, e se abre para dentro, na segunda fachada, que é essa fachada interna, do chamado Salão Caramelo.

Há uma outra imagem muito bonita dessa faculdade – onde eu tive o prazer de estudar, e, hoje, de ser professor –, onde aparece o chamado “piso do museu”, um piso inteiro que pertence aos estudantes. Nele, os estudantes fazem as intervenções que desejarem. É um espaço de livre apropriação, digamos assim. Então, num certo momento, houve essa instalação feita pelos alunos em que redes foram penduradas em estruturas móveis, e permitiram que esse espaço, que é um espaço de conexão importante da universidade, se configurasse também como um lugar de descanso, de lazer, de reflexão, de encontro. O que traz novamente um dos tópicos das entrevistas feitas pelo Muntadas, que é o dos espaços de ensino. É muito nesse ponto que eu quero me deter para falar, porque estamos procurando falar de uma ótica ao sul, de um Sul Global, onde cabe a experiência

paulistana, por exemplo. Considerando que o prédio da FAU-USP foi projetado no início dos anos 1960, e construído ao longo dessa década, ele encarna em grande medida toda uma ideologia de um momento em que se pensou um terceiro-mundismo como “estética da fome”. Isto é, uma possível fraqueza que se transforma em força, ou uma singularidade que distingue a realidade brasileira, ou latino-americana, dos centros do hemisfério norte, mas que enxerga essa singularidade como potência. Certamente, o projeto desse edifício, e a pedagogia que dele emanam, participam desse pensamento, que é um pensamento, em grande medida, muito atual ainda hoje.

Eu gosto de relacionar essa imagem da instalação com redes, que é uma imagem espontânea, criada de repente pelos alunos na FAU-USP, com o pavilhão do Brasil na Trienal de Milão de 1964, feito pelo Lúcio Costa. O Lúcio Costa tinha escolhido, para representar o Brasil, um espaço com redes e violões disponíveis para as pessoas se deitarem, tocarem e, portanto, terem na rede —que é uma presença da arquitetura indígena entre nós, ou talvez, melhor, de um design, ou mobiliário indígena—; desta presença tão bonita, dessa leveza, deste espaço aéreo que sobrevoa, e que se tornou o paradigma do nosso convívio cordial no melhor sentido. Não no sentido da violência do homem cordial, do Sérgio Buarque de Hollanda, mas do cordial no sentido da generosidade.

Todos se lembram, de uma outra imagem que é recente ainda para nós. Imagem da mobilização de estudantes secundaristas que aconteceu depois do momento em que o nosso colega Renato Janine Ribeiro foi ministro da educação. Depois disso, já numa virada muito terrível do Brasil, quando o projeto de reorganização escolar foi colocado em prática, em 2015, pelo Governo do Estado de São Paulo. Houve uma reação muito forte dos estudantes secundaristas, que, de alguma maneira, tomaram uma politização muito forte da sociedade civil. Apesar de toda a situação da sociedade brasileira, eles se mobilizaram para resistir contra aquela política que, se implementada tal como previsto inicialmente, simplesmente reduziria o que resta do ensino público no nosso estado às regras do lucro, da sociedade de empresas e de desempenho, que não consideram qualquer horizonte de um bem público. Ao mesmo tempo que as resistências dos estudantes secundaristas aconteciam, uma série de outras iniciativas foram gestadas aqui no Brasil em prol de uma ideia de cidade não apenas como um espaço de vivência e de circulação, mas um lugar de direitos coletivos pela cidadania.

Apontando para a conclusão, gostaria de dizer que a nossa arquitetura moderna, inaugurada com o Palácio Capanema (o edifício do Ministério da Educação e Saúde), na cidade do Rio de Janeiro, idealizado com consultoria do Le Corbusier³¹, e projeto final elaborado pela equipe brasileira liderada pelo Lúcio Costa, na qual o Oscar Niemeyer era um jovem discípulo, é uma arquitetura que constrói espaço público. Quer dizer, a grande distinção desse edifício é a praça térrea. Uma praça sob pilotis, que atravessa o quarteirão, e que cria uma grande permeabilidade numa cidade toda de edifícios que constituíam o quarteirão como uma mancha sólida.

Em depoimento importante, no início dos anos 1970, Paulo Mendes da Rocha falava de sua formação como arquiteto. Ele estudou na Universidade Presbiteriana Mackenzie, nos anos 1950, e contou o que era aprendido naquele momento. Segue seu depoimento: *“A informação que recebíamos nas escolas estava muito distante das exigências práticas. Era um ensino acadêmico, para projetar edifícios de estilo. Era necessário um esforço de autodidatismo que se tirou da experiência brasileira de Lúcio Costa, Vilanova Artigas, Niemeyer, Atílio Correa Lima, Francisco Bolonha, Reidy. Obras impregnadas de densa mensagem poética e popular. Voltadas já para o urbano, o edifício público e as soluções mais amplas, onde o social, a vida e a vocação a uma nova forma de viver se delineava”*. Agora o mais importante: *“Arquitetura que refletia uma visão de universidade, principalmente pelo seu significado urbanístico. Espaços largos, destinados à multidão, uma arquitetura que, decididamente, orientava-se para uma sociedade nova, com vistas para um mundo que se abria”*.

Isso que eu falei, que é um edifício que constrói a cidade porque abre uma praça, corresponde a essa ideia dos “espaços largos voltados para a multidão”; essa vocação ao urbano que o Paulo Mendes da Rocha identifica como uma visão universitária, são exatamente aquilo que ampara a ocupação desse mesmo espaço, por exemplo, dessa maneira que eu gosto muito: um Cordão do Boi Tolo, do Carnaval de rua da cidade do Rio de Janeiro, que acontece nos pilotis do prédio do Ministério da Educação e Saúde. Usos como esse, ou o do famoso show da Daniela Mercury, em 1992, no vão livre do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp), que se tornou a maior ocupação da Avenida Paulista sem ser em manifes-

31 Trata-se do Palácio Capanema ou também conhecido como o edifício do Ministério da Educação e Saúde (1937–1945)

tações políticas. Esse vão livre que vira um mar de gente infinito é o paradigma do nosso espaço público moderno.

Para terminar, volto ao prédio da FAU-USP, que é a faculdade. É um prédio que ensina ao mesmo tempo em que ele abriga o ensino. A arquitetura mesma já ensina. Mas ensina o quê? Ensina esses valores do convívio coletivo, do convívio com as diferenças, do convívio que respeita o limite do outro. Como acontece nos ateliês da FAU-USP. Para quem não conhece o prédio, todos os estúdios de projeto são integrados, as paredes não vão até o teto, o ambiente na verdade é totalmente unificado. Quando escreve o memorial do projeto antes da construção do prédio, o autor do projeto, Vilanova Artigas, faz uma definição que eu acho muito bonita. Ele diz: *“É uma escola de acabamento simples, modesto, como convém a escola de arquitetos, que é também um laboratório de ensaios. A sensação de generosidade espacial que sua estrutura permite aumenta o grau de convivência, de encontros, de comunicação. Quem der um grito, dentro do prédio, sentirá a responsabilidade de haver interferido em todo o ambiente. Aí, o indivíduo se instrui, se urbaniza, ganha espírito de equipe”*. Eu gosto do verbo “se urbaniza”, nessa frase, equiparado à ideia de se instrui. *“O indivíduo se instrui, se urbaniza, ganha espírito de equipe”*. Ele sabe que se ele der um grito muito alto vai atrapalhar todo mundo, portanto, a liberdade de cada um é norteadada pela liberdade dos outros. É um edifício em que você não consegue se esconder numa salinha fechada, dentro de quatro paredes, nas “pelúcias da agorafobia burguesa”, tal como descreve Walter Benjamin em seu famoso ensaio “Experiência e pobreza”.

Ao contrário desse fetiche burguês de se fechar no seu reduto, na FAU-USP, você está sempre convivendo com todos os outros. De novo, como diz o Vilanova Artigas, aqui “o estudante se instrui, se urbaniza, ganha espírito de equipe”, e eu penso que essa é uma das balizas importantes para a gente pensar uma perspectiva espacial da universidade pública no chamado Sul Global nos dias de hoje. Eu agradeço, e fico por aqui.

Ribeiro: Muito obrigado, Guilherme. Eu queria observar que você, até pela sua formação, foi quem tratou de um dos temas que nenhum de nós outros levantou a respeito do trabalho do Muntadas, que é a articulação do espaço físico com o mundo acadêmico. Uma questão que ele levanta várias vezes e que, certamente por deficiência minha, eu não tratei e nem os outros colegas trataram. Então, foi bom.

Eu queria fazer uma associação entre o professor Milton Santos, de quem o Naomar sempre se lembra que era baiano, e que eu sempre lembro que foi da USP. Foi professor destacado da nossa universidade. E eu lembro de uma palestra do Milton Santos, Guilherme, em que ele fez um extraordinário elogio da vida urbana, dizendo que é justamente ir para a cidade que emancipa a pessoa. Não no sentido da famosa frase medieval de que o ar da cidade torna o homem livre – ou talvez até ele estivesse pensando nisso –, mas eu estava pensando mesmo na urbanização, no fato de que o mundo urbano te dá muito mais liberdade. O que a gente pode associar também ao que o Karl Marx diz do camponês: como o modo de produção no campo torna as pessoas isoladas, segmentadas, e quando você passa a ter um trabalho coletivo, no caso do Karl Marx, uma vida coletiva, no caso da sua apresentação e no da fala do Milton Santos, você passa a ter mais liberdade, mais espaço comum. Eu acho que é um ponto de associação entre as várias ideias que foram levantadas.

Então, vou apresentar uma pergunta que chegou do público, de Antônio José Cardoso, dirigida ao Naomar. A pergunta é: Como compatibilizar os critérios de validade dos muitos saberes que precisam ser incluídos na universidade para que essa possa ser inclusiva no sentido mais amplo a que você se referiu? Pode responder, Naomar?

Almeida: É uma pergunta muito difícil.

Ribeiro: Você quer que eu repita, para ficar mais fácil?

Almeida: Não, não é por isso. É porque a pergunta é difícil. A universidade nunca discutiu critérios de validade de seu próprio conhecimento. Há toda uma referência que é interessante, até do ponto de vista histórico, ao traduzir os modos como a ciência se autogestiona para os modos como a universidade faz sua própria autorreferência. E, na história da universidade, inventaram – e a invenção foi num certo momento da história, naquela viradinha lá do Iluminismo, que Renato conhece muito bem porque já escreveu sobre isso – aquilo que se chama de liberdade de cátedra. A liberdade de cátedra vem como referência para uma certa autonomia, que é uma autonomia dela própria e não uma autonomia referida ao contexto que abriga a instituição. É por isso que as universidades se parecem muito umas com as outras e pouco com as comunidades de seus entornos, com a sociedade, com os territórios em que elas se situam. É muito difícil responder a

essa pergunta. Eu acho que, se a universidade de fato não dialogar com a sociedade, seguiremos com esse distanciamento, e certamente teremos dificuldade de entender porque certas cosmologias têm tão grande permanência, são mesmo mais antigas do que as cosmologias que nos orientam.

Ribeiro: Eu vou passar a palavra ao diretor do IEA, o Guilherme Ary Plonski. Ary, por favor.

Plonski: Boa tarde, Renato. Muito obrigado pela gentileza. Embora seja um momento festivo, eu não posso deixar de seguir a linha da querida Helena e, além de endossar o respeito às 421 mil pessoas que se foram – um pouquinho mais já –, queria também trazer uma pessoa especificamente, cujo primeiro mês de falecimento, de perda, nós sentimos na sexta-feira, o professor Alfredo Bosi. Uma pessoa de múltiplas facetas, acadêmico, combativo e foi diretor do IEA, conselheiro do IEA, editor por décadas da nossa revista *Estudos Avançados*, mas, principalmente, um ícone de tantas gerações. Eu acho que ele representa o espírito que permeia esse debate.

O Naomar, como sempre, em sua interessantíssima apresentação faz referência à coruja como símbolo da sabedoria. Eu queria trazer dois aspectos da coruja, Naomar, que acredito também fazem parte dessa nossa conversa: o primeiro é que uma característica da coruja é ela ter hábitos noturnos, e acho que os acadêmicos e acadêmicas também acabamos sendo seres noturnos, para conseguir fazer todas as coisas que nós temos que fazer, nos prazos às vezes um pouco atrapalhados que nós temos; o outro fato é que algumas espécies de coruja são aves de rapina. Eu acho que essa preocupação que Renato nos trouxe na abertura, quando chama a atenção de que, na comunidade acadêmica brasileira, na comunidade universitária e certamente em outros países também, nós temos gente que faz coisas indevidas. O que não é privilégio da universidade, em qualquer instituição nós veremos isso, não só na instituição universitária. Se os exemplos muito desagradáveis que o Renato nos trouxe são preocupantes, eu queria dizer que em outros contextos as universidades foram muito mais cruéis. Não só no Brasil durante o período de 1964 a 1985, mas eu posso dizer também, por questões de origem familiar, que nas universidades alemãs e italianas, por exemplo, os professores judeus e judias foram boicotados desde o começo, e parte dos boicotadores foram pessoas no nível de Martin Heidegger, entre

outros. Portanto, nós temos essa questão de que o mundo tem luzes e sombras e a universidade também.

Finalmente, Renato, não estou aqui para fazer fala, mas eu queria só mencionar duas breves referências à exposição realmente maravilhosa do Antoni Muntadas. A primeira, que eu já pude mencionar a ele na primeira mesa “Que Universidade Queremos?”, organizada pelo Martin. O Martin é fantástico para criar ambientes de diálogo, ambientes construtivos de confronto de ideias. Na ocasião, aponte para o fato de que também na exposição ou nas conclusões existe uma certa necessidade de, talvez, olhar outros mundos universitários. Por exemplo, quando Muntadas coloca a contraposição entre instituição e corporação. Se isso é válido na universidade americana, eu penso que, na universidade brasileira, a contraposição válida não é instituição e corporação, mas sim instituição e organização burocrática, que a torna enrijecida, paralisada e a faz perder sua tenacidade.

Finalmente, uma questão que eu deixo para vocês, se houver essa possibilidade: eu sempre fico um pouco tocado quando eu ouço falar em “abertura da universidade para a sociedade”, “relação da universidade com a sociedade”, como se não fôssemos parte da sociedade. Parece que nós somos um ser externo a ela e que estamos procurando criar canais com a sociedade. Eu vejo a universidade como parte integrante da sociedade. Não sei se é só uma questão terminológica, um excesso de precisão da minha parte, mas talvez a gente necessite de uma outra forma de expressar melhor essa relação que a gente tem com os demais segmentos da sociedade.

Finalmente, voltando à coruja, usando agora o entendimento de gíria da palavra coruja. Eu queria dizer que eu sou muito coruja de vocês! Renato, você é conselheiro do IEA e criador do IAC na Unifesp. Helena, querida, de tantas e tantas aventuras, mais uma vez agradecendo a sua participação no IEA, também como catedrática junto com Paulo. O Naomar, então, que é professor visitante e titular, com uma cátedra vibrante sobre educação básica. E Martin, para nem falar, conselheiro, culpado por eu estar aqui agora, depois diretor, e continuando diretor ex officio, enfim. Professor Wisnik. Só queria dizer que eu sou coruja de vocês e, no que o IEA puder contribuir para que esse espaço continue, contem com a gente. Antoni Muntadas, agora você faz parte da família IEA e, uma vez que você entrou na família, ficará sempre conosco. Muito obrigado!

Ribeiro: Muito obrigado, Ary. Vamos dar continuidade, então, à discussão. Eu queria levantar mais uma questão, enquanto não chegam mais questões do público. Queria levantar de novo a questão da desigualdade, que já teve uma participação muito grande da Helena também. A Helena, quando na Unifesp, tomou muitas iniciativas no sentido da inclusão social. Naomar também fez muito isso tanto na UFBA quanto na UFSB. E parece-me que Helena tem toda razão ao objetar o termo “cotas”, um termo que acabou adquirindo um sentido altamente pejorativo. Como se fosse uma questão de privilegiar determinado grupo.

É bom lembrar que, no Brasil, há uma grande mentira e um grande engano sobre as cotas. Eu me recordo de uma ocasião em que, estando no MEC, conversei com Helena e com outra pessoa muito ilustre da comunidade científica, mas que não sabia como funcionava a inclusão social nas universidades federais. Vamos dizer, acreditando no discurso que a mídia propagou de que a inclusão se dá por cotas raciais ou étnicas. Tanto que é muito comum a gente ver gente dizendo: “não tem que ser racial, tem que ser social”. O que só pode ser fruto de ignorância, porque a lei federal é claríssima: metade das vagas são para egressos de escola pública, que é exatamente o sentido social da inclusão. A parte étnica é um subconjunto apurado em cada estado em função do percentual da respectiva etnia, seja de afrodescendentes ou descendentes de indígenas, presente naquela unidade da federação. Por exemplo, na Bahia, certamente haverá mais negros do que no Rio Grande do Sul e, no Amazonas, mais descendentes de indígenas do que nos estados aos quais nós aqui presente pertencemos. Então, é importante frisar que existe uma mentira, um equívoco por parte de alguns. É uma mentira por parte daqueles que divulgam dados, que deveriam, pela própria profissão – muitas vezes jornalistas ou até mesmo professores –, ter consciência e estar informados.

Ao mesmo tempo, essa inclusão é um aspecto muito importante porque ela tem permitido revelar talentos. Então, pessoas que não tinham capacidade, possibilidade de desenvolver seus dotes, seus dons, começaram a ter essa possibilidade. São os Mozarts assassinados de que fala Antoine de Saint-Exupéry numa passagem famosa, creio que do *Voo noturno*. Ele relata uma viagem de trem, acho que durante a Segunda Guerra Mundial, e vê crianças famintas, subnutridas, sem nenhum cuidado, e pensa: “quantos gênios estão sendo assassinados? Quantos Mozarts estão sendo assassinados?”. Parece-me particularmente digno de nota que a sociedade brasileira é especialista em assassinar Mozarts. Parece que é uma das

principais características dessa sociedade. É uma sociedade que tem promovido um morticínio. Nós não sabemos, nas favelas – como na favela do Jacarezinho na semana passada –, não sabemos quantos talentos, quantas capacidades estão sendo assassinadas. Esse é um ponto importante.

Complementando o que o Ary disse, acredito que, se é verdade que a universidade até se sai bem na comparação com outras entidades que pertencem à sociedade, a universidade, por outro lado, tem uma exigência ética mais elevada. Eu espero mais da universidade do que eu espero de uma empresa privada, por exemplo. De uma empresa privada, eu espero que ela faça bem o que ela tem que fazer, eu espero que ela cumpra as leis do país, e eu espero em especial que as leis sejam feitas de tal forma que ela tenha que desempenhar um papel ético também – inclusive pela inclusão social, que é uma coisa que deve se estender também aos outros setores da vida urbana e humana, como também rural. No caso da universidade pública, eu diria sem nenhuma sombra de dúvida, eu espero que ela tenha uma finalidade ética muito clara. Quer dizer, nós não estamos aqui apenas para cumprir um papel de formar pessoas para o mercado de trabalho. Nós estamos aqui para fazer pesquisa, para trazer conhecimento novo e trazer conhecimento novo que traga um impacto importante.

Agora, vamos fazer o seguinte. Teremos uma rodada na ordem das apresentações e, depois, se tiver ocasião, nós faremos uma segunda rodada. Então, passo a palavra a Helena e depois ao Naomar e ao Guilherme, assim a gente faz um diálogo entre nós todos.

Nader: Obrigada, Renato. Obrigada, Guilherme. Eu quero parabenizar tanto o Naomar quanto o Guilherme Wisnik e o Guilherme Ary Plonski, foram fantásticos. Realmente, os dois brilhantes. As imagens que você trouxe, Guilherme, são muito bonitas. Penso que seria legal se todos os espaços universitários brasileiros tivessem a beleza do espaço da FAU-USP, se todas as universidades brasileiras estivessem localizadas em espaços como os da USP. Infelizmente, isso não é a realidade. Quando você olha a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o espaço em que ela está, a tragédia mostra o cuidado... E aí, Guilherme Ary Plonski, em relação ao que você colocou, respondo que nós somos sociedade. É óbvio, mas nós não nos integramos dentro do conceito da sociedade. A sociedade não nos integrou ainda. É como quando mencionam: “na USP só entram pessoas ricas”.

Eu ficava revoltada. Eu conheço um monte de filhos de pessoas de classe média muito baixa que são estudantes da USP. Como você tem coragem de falar isso? É, de novo, um imaginário coletivo. No imaginário coletivo, posso estar muito errada, a universidade é um negócio à parte. As pessoas não nos incluem dentro da chamada sociedade. E a universidade tem que fazer isso.

Quando eu vejo a beleza que é o campus da USP, seja em São Paulo, seja em Ribeirão Preto e olho também para outras universidades pelo Brasil afora, eu digo que isso está diretamente relacionado ao que pensam da universidade. Isso é uma coisa que a universidade americana tem. Os espaços mais elegantes e mais interessantes de uma cidade são os espaços onde estão localizadas as universidades. É claro, se você está dentro de uma cidade como Nova York, o campus da Universidade Columbia vai ser intermediário, mas, no todo, esses locais têm essa importância: a universidade é uma propriedade da sociedade. Eu ainda não vejo isso aqui no Brasil.

Em relação aos pontos que o Renato levantou, é muito triste, mas a realização de uma inclusão total está muito longe de ser alcançada. Nós já temos turmas de médicos formados dentro das ações afirmativas e eu planejava seguir esses egressos e ver o quanto eles impactaram a sociedade como um todo, sejam brancos, sejam negros, pardos. Entende? Não temos esses dados e, para planejar qualquer coisa, você teria que ter. A universidade poderia ter feito isso, mas não fez. O que me preocupa muito é o fato de os projetos de inclusão ainda não serem entendidos pela sociedade brasileira. Eu já ouvi pessoas hoje, em 2021, dizendo: “o número de vagas diminuiu muito, porque tem que compartilhar com o tanto que vai para negros, o tanto que vai para indígenas”. Como se fosse uma “competição”, com aspas injustas. Então, o conceito de ética também tem que ser muito bem trabalhado dentro da universidade. Minhas contribuições são por aí.

E quero agradecer. Realmente, as imagens que Guilherme Wisnik apresentou. Aquela imagem... Você não era nascido, Guilherme, eu acho que você é muito novinho, mas aquela época do movimento estudantil... Eu era estudante naquela época. Estou velha, mas já fui jovem um dia. Foi exuberante a ocupação dos espaços pela sociedade. É isso. A gente tem que ocupar mais. E a ocupação de espaços, por exemplo, da USP tem que ser maior, porque têm espaços da USP que são belíssimos, locais em que concertos poderiam acontecer. Essa ocupação pode ser maior

e aproximar mais. Quando eu vejo o trabalho que a Eliana Souza Silva fez com as comunidades... Ela iniciou lá na favela da Maré (RJ), mas depois fez um trabalho maravilhoso no IEA exatamente sobre essa apropriação de espaços e de cultura.

Então, eu tenho inveja do trabalho que vocês estão fazendo. É uma inveja boa. Eu gostaria de ver isso espalhado por todo o Brasil e ver a participação dos jovens. O que eu vejo é que nós estamos regredindo. E eu estaria sendo falsa de não comentar: estamos diminuindo o número de bolsas de iniciação científica júnior, aquela que traz crianças para dentro da universidade, crianças de Ensino Médio. Estamos diminuindo o número de bolsas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), que estabelece a relação da universidade com as escolas do Ensino Médio. Estamos diminuindo o auxílio permanência. Tudo isso foi um processo muito longo de construção desse Brasil, e estamos perdendo tudo muito rapidamente. Então, a inveja que eu tenho da USP é uma inveja boa. Eu espero que a nível federal a gente consiga reconstruir tudo o que está sendo destruído muito rapidamente. Então, entrariam todos os conceitos de novo da participação da sociedade. A sociedade não percebeu, e encerro, que ela está perdendo a universidade que é dela. A sociedade ainda não se apropriou disso.

Ribeiro: Muito bom, Helena, excelente intervenção. Eu não posso deixar de registrar a grande combatente pela ciência, pela tecnologia e pela educação que você sempre tem sido. Ao longo dos seus mandatos na SBPC, a importância que teve sua luta em uma fase tão difícil, quando o Brasil estava começando a descer ladeira abaixo, e você defendendo as nossas bandeiras, que são muito importantes. Naomar, por favor.

Almeida: Primeiro, gostaria de agradecer pela referência à metáfora da coruja que nos trouxe o Guilherme Ary Plonski, nosso líder no IEA. A metáfora é clássica porque a coruja vê no escuro, mas o contraponto é que, durante o dia, ela enxerga pouco. Entretanto, Ary, parece-me que essa metáfora zoológica da sabedoria tem muita relação com aquela imagem da coruja ficar de olho grande prestando atenção, dando sempre a impressão de que está entendendo tudo. Eu acho que essa aparência é o que talvez justifique a metáfora.

Eu queria comentar, Renato, sobre a questão da desigualdade que você traz. Acho que a gente precisa ter uma compreensão de que o tema da desigualdade não é novo, nem mesmo se trata de uma discussão até mais, digamos, inclusiva. É um dos

temas do liberalismo mais clássico. Um dos primeiros a escrever sobre o assunto é Adam Smith, que formula de modo insistente essa questão. Os revolucionários da Revolução Francesa, muitos deles – e, em minhas pesquisas no IEA, tenho até me interessado um pouco pela influência desses intelectuais na educação médica – têm textos fantásticos sobre a desigualdade como uma praga social, que se pode até dizer que descrevem o Brasil de hoje. Agora, a visão da desigualdade como subproduto de um certo modo de produção, de uma maneira de realizar o desenvolvimento econômico ou do modo como uma sociedade pode se organizar, é antagônico a vermos a desigualdade como estruturante desse processo político, desse modo de produção. Então, podemos considerar a hipótese de que as instituições universitárias foram criadas e “returbinadas” em momentos de reafirmação dessa desigualdade, como para criar um certo desequilíbrio, capaz de produzir ciclos de desenvolvimento econômico ou de transformação política. É um assunto, novamente, de grande complexidade. Eu mencionei brevemente o Pierre Bourdieu. Para ele, a universidade produz herdeiros intelectuais e também herdeiros de posições de poder. A universidade produz herdeiros de posições de vantagem econômica. Eu acho que a universidade brasileira cumpre bem esse papel. Às vezes, entretanto, ela finge que não é com ela; assume a posição, em especial, de uma instituição que se especializou em formar profissões, mais ainda, profissões imperiais, mas que por exemplo tem se negado sistematicamente a se preocupar com a educação básica.

Esse é um certo mantra da nossa cátedra nesse momento. É um paradoxo que eu chamo brincando de “paradoxo de Bernadete Gatti”, uma das ilustres integrantes do nosso grupo. Por que quase 90% do professorado do sistema público de educação básica é formado em instituições privadas? A quase totalidade não é formada em universidades. Não há qualquer *ethos* transmitido nessa formação. Por outro lado, nas instituições de educação básica do setor privado, a maioria dos docentes são formados em instituições públicas de altíssima qualidade e inegável competência. Além disso, se verificarmos territorialmente, a contribuição das instituições ditas públicas para a educação pública é mínima. Muitos dos licenciados em áreas de extrema especialidade vão para o setor bancário, vão para administração, vão para a área de investimentos e vão para os quadros do Estado.

Enfim, essa discussão da desigualdade na universidade precisa ser enfrentada de uma maneira até mais crítica porque – e isso é interessante também, se você me permitir citar mais um desses paradoxos – a universidade é uma instituição extre-

mamente crítica para tudo o que não se refere a ela. Então, quando tivemos uma possibilidade de internalizar ou pelo menos de pensar sobre essa questão – e você, Renato, foi inclusive testemunha e protagonista nos poucos momentos em que se pôs essa questão – a própria instituição universitária barrou sua exposição.

Eu vou finalizar lembrando a resposta que a Macaé Evaristo apresentou na mesa-redonda “*Que universidade queremos?*” que abriu esse nosso ciclo de debates. Alguém entre as pessoas que estavam assistindo disse: “mas, nesse momento, a universidade está tão fragilizada, não vamos abrir essa discussão”. A resposta de Macaé Evaristo foi: “olhe, se a instituição universitária não conseguir fazer esse debate, quem vocês acham que vai fazer essa discussão? E, se ela não aguenta esse debate, essa universidade não tem sentido, não tem razão de ser”. Achei fantástica essa reflexão, porque é uma reflexão de alguém de fora da instituição, e que está buscando dialogar com a instituição. Temos, então, que abrir na própria instituição espaços, criar possibilidades para que esse diálogo seja feito do modo mais crítico e também de modo autocrítico, construtivo, que é o mais necessário neste momento.

Ribeiro: Naomar, muito obrigado. Como sempre, você colocando o dedo na ferida, não hesitando em fazer crítica e autocrítica. Eu penso que são sempre muito importantes os apontamentos que você faz sobre as falhas da universidade, ainda mais porque você soube enfrentá-las duas vezes como gestor e num trabalho importantíssimo. É pena que você não tenha dirigido a Secretaria de Educação Superior (Sesu), onde você teria feito um trabalho certamente de revolução no ensino superior no Brasil. E eu lamento não ter tido você como secretário de ensino superior quando estive no MEC, porque certamente, apesar das dificuldades pelas quais passávamos, teria sido muito bom.

O curso a que você aludiu é um projeto que eu fui convidado a fazer aqui na USP, pela então pró-reitora Ada Pellegrini Grinover, que seria um curso experimental de graduação interdisciplinar em humanidades. A inspiração era o curso, existente há tempos, de ciências moleculares, que é um êxito na USP, mas esse curso de humanidades foi boicotado, para dizer o mínimo. Desde o movimento estudantil até o reitor eleito foram contra, derrotando a professora Ada que não quis implementar um projeto vinculado a ela. Então, é pena, mas eu fico contente de que esse curso tenha inspirado outras iniciativas. Acho que isso é muito bom.

Eu queria acrescentar uma coisa sobre igualdade e desigualdade. Sim, o liberalismo defende a igualdade, mas a igualdade de oportunidades. É a igualdade no ponto de partida, que, no Brasil, é quase uma revolução. Quando esse tema foi levantado pelo Guilherme Boulos, em debate no Roda Viva, teve um senhor apoiador do então candidato Jair Bolsonaro que disse que igualdade de oportunidades era um absurdo porque as pessoas são desiguais entre si. Eu não consigo entender a lógica desse indivíduo, porque, se as pessoas são desiguais entre si, a igualdade de oportunidades faria justamente com que as pessoas desiguais, com mais capacidade, preponderassem, mas eu acho que isso mostra muito bem como a sociedade brasileira é uma sociedade avessa à igualdade.

Na verdade, é bom lembrar, Helena, quando a gente fala em cotas, que a primeira lei de cotas no Brasil foi a Lei do Boi, de 1968. Não sei quantos conhecem essa lei. É uma lei que foi votada pelo Congresso e sancionada pelo presidente Artur da Costa e Silva. Acreditem se quiserem, essa lei reservava metade das vagas nas faculdades de agronomia e veterinária a filhos de fazendeiros, ou seja, essas pessoas socialmente prejudicadas, socialmente em desvantagem, seus latifundiários, tinham direito a metade das vagas. O que era uma confissão dos seus pais de que, provavelmente, num regime de livre concorrência, eles não conseguiriam entrar nessas faculdades. E essa lei interessantemente foi revogada em 1985. É uma lei que precede em alguns meses ao Ato Institucional n. 5, de 1968, e que dura um pouco além do fim da ditadura, mas é uma lei da fase mais perversa da ditadura. É uma coisa assustadora. É uma sociedade que realmente tem tanto medo da igualdade, porque está convencida, no fundo, de que os rebentos da elite econômica não são competitivos no mercado. É disso que ela tem convicção, então, procura evitar a igualdade na educação básica, procura garantir que seus filhos tenham uma educação que os capacite melhor a entrar na universidade, e ela hostiliza as cotas ou as ações afirmativas no ensino superior, mesmo levando em conta que eram cem mil vagas no ensino superior federal, em 2003, e 230 mil, em 2015. Ou seja, dar metade dessas vagas aos alunos que vêm da escola pública, os chamados cotistas, significa aumentar assim mesmo o número de vagas para os não cotistas, porque, se passou a haver 115 mil vagas para cotistas, passou a haver outras 115 mil vagas para não cotistas, que antes tinham apenas cem mil. Quer dizer, ninguém perdeu vaga. Quando alguém diz: “meu filho perdeu a vaga na universidade para um

cotista”, é mentira. Essa vaga que ele supostamente perdeu não existia, ela foi criada no mesmo projeto.

Para concluir isso, eu queria dizer que o projeto liberal, que no Brasil seria uma revolução de esquerda, é um projeto de igualdade de oportunidades, enquanto o projeto socialista é de igualdade no ponto de chegada, não no ponto de partida. A ideia liberal é que, tendo uma igualdade no ponto de partida, todos poderão fazer valer suas qualidades e se distinguir depois. Quer dizer, o projeto liberal legitima a desigualdade fruto do mérito, fruto da diligência, fruto até mesmo de a pessoa ter sido capaz de encontrar um nicho de mercado mais satisfatório. O projeto liberal, então, legitima a desigualdade a partir de uma igualdade de oportunidades. O projeto que podemos chamar de socialista é um projeto que parte até mesmo de uma crítica à utopia dessa visão liberal. Eu entendo que é puramente utópico você conseguir distinguir o papel de cada um na produção. Eu já ouvi histórias de ambientes coletivos de trabalho em que a pessoa que acabava tornando o ambiente mais feliz, e até mesmo mais produtivo, era um servente, um servidor, uma pessoa que distribuía café. E nenhuma planilha iria dizer que essa pessoa foi quem fez melhorar a produtividade. Não há possibilidade de você fazer isso, porque, na medida em que uma produção é fruto de uma série de interações, só por muita abstração – no sentido hegeliano do termo, ou seja, da dissociação da realidade – que você consegue determinar o papel de cada um. Então, nós temos uma ideia de competição, que é a ideia da igualdade liberal, e uma ideia de cooperação que é a ideia da igualdade socialista, e são duas ideias importantes a discutir. O Brasil está a anos-luz de qualquer uma delas, mas acho que é muito bom discutir isso. Acho que você pedir que a universidade trate mais da questão da igualdade e da desigualdade é muito importante, Naomar, e vai muito na linha de tudo o que você já fez e ainda fará. Guilherme Wisnik, eu acho que nós não vamos ter muitas condições de um segundo turno, então, fale à vontade. Agora é sua vez.

Wisnik: Obrigado, ainda que certamente eu não vá usar esse tempo todo que nos resta, mas obrigado pela gentileza. Sobre o comentário da Helena, de fato, para mim, aquele momento dos movimentos estudantis são fotos que eu vejo como páginas de história. Eu nasci em 1972. Então, não acompanhei diretamente, mas, por outro lado, acompanho de perto, digamos, o retorno disso. Eu acho que essa é uma forma de começar a abordar o assunto. Uma das razões que participam

desse retrocesso moralista que a gente vive no Brasil – que é um retrocesso conservador em vários aspectos, político, moral, comportamental, religioso – é o fato de que, nos últimos dez anos, além de toda uma política explícita de melhoria na qualidade de vida da dita “classe C”, nos governos do Partido dos Trabalhadores, houve um grande amadurecimento da sociedade civil no que se refere à ocupação dos espaços públicos. E fica um pouco a pergunta: por que isso aconteceu? Por que, de uma hora para outra, surpreendentemente, em várias cidades do Brasil, as populações passaram a demonstrar explicitamente que elas queriam fazer valer a sua cidadania no espaço público?

Porque essa não era uma característica nossa, dos nossos cidadãos ou do nosso comportamento na cidade até então. O Brasil, como todos nós sabemos, é um país que se desenvolveu sendo colônia, tendo escravidão, e se modernizando na base da conservação das relações de desigualdade estrutural que alicerçam a nossa sociedade. A nossa modernização, de certa maneira, aprofundou essa desigualdade ao invés de erradicá-la, e isso criou na sociedade brasileira – e é claro que isso não é um “privilégio” do Brasil, talvez ocorra na América do Sul como um todo – uma sociedade patrimonialista. Isto é, uma sociedade que parece não compreender bem o que é a esfera pública. Compreende no sentido, mas não cultiva a esfera pública enquanto pública. Porque todas as dinâmicas da esfera pública estão sendo, o tempo inteiro, atravessadas pelas relações pessoais, pelas relações privadas, pelas relações de favor, que fazem com que a dinâmica patrimonialista da nossa sociedade contamine a possibilidade de que a nossa sociedade entenda o público como uma dimensão coletiva, onde todos se reconhecem na igualdade de direitos e de acesso etc. Acho que isso é uma tônica da conversa que está sendo feita aqui.

Claro que não é um mistério tão grande, nenhum milagre, mas o fato é que, nos últimos tempos, em várias cidades do Brasil, a população começou a ocupar o espaço público como que a dizer: “nós queremos espaço público, sim”. Até algum tempo antes, parecia que pelo menos as nossas classes médias e elites se contentavam em circular de automóvel, morar no condomínio fechados e buscar sociabilidade no shopping center. Mas alguma coisa mudou nessa lógica. E nas ruas da cidade apareceram corpos indesejados, corpos que incomodam muito. E, hoje em dia, vivemos uma situação bastante esquizofrênica no Brasil, temos um amadurecimento da sociedade civil no que se refere à sua cidadania como existência livre e coletiva na cidade, ao mesmo tempo em que há um recrudesci-

mento moralista e uma regressão política gigantesca e conservadora. Essas duas coisas convivem, e não é por acaso. Uma é reação à outra, em grande medida. Então, eu acho que é muito bem-vinda toda essa discussão que é colocada a nós pela exposição do Muntadas, e através dessas mesas-redondas que o IEA está promovendo, porque a universidade, indo muito na linha do que o Naomar falou, a universidade pública é não só o lugar da produção de conhecimento de ponta, de pesquisa, de investimento, mas também é o lugar onde a sociedade se critica a si mesma. É a instância que a sociedade tem para elaborar uma crítica dela própria, porque o mercado não faz isso, a política também não. Quem faz é a universidade, e tem que ter coragem para fazer essa autocrítica. Às vezes, a universidade tem coragem de fazer a crítica da sociedade, mas não a crítica de si mesma. Esse é um ponto interessante que foi colocado aqui: tem a ver com a burocracia. A universidade pública é o lugar da elaboração autocrítica da sociedade enquanto tal. É o lugar onde a sociedade emancipada, amadurecida, pode fazer essa crítica. Isso é fundamental.

A gente entende, portanto, que tenha tantos setores da sociedade que não gostam da universidade, porque não querem essa crítica. A crítica pode ser muito ruim para quem não quer que ela exista, porque revela certas mazelas, certas fraquezas. A crítica estabelece esse permanente exercício de pôr em dúvida as coisas. Exercício que é fundamental, e que é o que movimenta, o que faz uma sociedade ser potente, forte, porque ela não tem medo dos seus traumas, não tem nada a esconder, a jogar debaixo do tapete. Então, eu saúdo esse exercício de metacrítica que é feito aqui nesse ciclo de debates. Lembrando, como foi colocado também na apresentação do Ailton Krenak, por exemplo, que precisamos ser muito críticos em relação ao elitismo da universidade brasileira, e essa crítica é necessária, ainda que a universidade pública esteja sob ataque. Concordo inteiramente com o que foi colocado aqui pelo Naomar.

O Renato comentou: “se a universidade não aguentar essa crítica, então, é melhor procurar outra coisa para fazer”. Entretanto, ao mesmo tempo, eu quero crer que, com toda a tragédia que a gente está vivendo, ainda poderíamos dizer a mesma coisa pelo argumento oposto. Toda a desgraça que a gente está vivendo no Brasil, agora, vai ser redimida pela valorização exatamente do Sistema Único de Saúde (SUS), da universidade pública, de tudo isso que importa, que é o nosso patrimônio, e que há de ser percebido como um grande valor, como o SUS já é. De certa

maneira, a não reeleição do Donald Trump nos Estados Unidos tem a ver com isso, com aquele sistema de saúde absolutamente desastroso dos Estados Unidos, todo privatizado etc. É a percepção de uma parte importante da sociedade de que não era isso que se desejava mais. Então, eu acho que a universidade pública, a saúde pública, todo esse nosso acordo que foi firmado na Constituinte de 1988, ele vai ser revalorizado. Ele ainda é a nossa baliza para a construção do futuro, e é por isso que a gente luta. Eu fico por aqui nesses meus comentários, por enquanto.

Ribeiro: Muito obrigado, Guilherme Wisnik. O professor Guilherme Ary Plonski quer fazer uma retificação. Ary?

Plonski: Muito obrigado, Renato. Seguindo o esclarecimento do Naomar, a coruja não vê muito bem de dia e, no caso, não me considero a coruja, mas “o coruja” de vocês. Naomar, você tem razão, durante o dia, nem “a”, muito menos “o” coruja consegue enxergar bem.

Ribeiro: Essa ideia é muito interessante, porque é uma frase famosa do Hegel: “a ave de minerva somente alça voo ao escurecer”, a ave de minerva sendo a coruja. A ideia, então, é que a filosofia só reflete *ex post facto*, só a posteriori. Ela tem esse papel. O que, por sua vez, remete a um personagem grego pouco conhecido que é *Epimeteu*, o irmão de Prometeu. Na verdade, ele nomeia uma famosa série de filosofia das Press Universitaires de France (PUF), que era a série *Epimeteu*. Então, o que temos como ideia? Temos Prometeu, que é aquele que trouxe o fogo aos homens e que, dessa maneira, permitiu o advento do que chamamos de civilização, e temos *Epimeteu*, que só pensa depois, que vem depois. Então, eu acho muito interessante, porque, hoje, a palavra “filósofo” é usada como uma espécie de galardão. Você vê que a imprensa no Brasil é quem chama as pessoas de filósofos. Quem trabalha com filosofia no Brasil se autointitula professor de filosofia, mas a imprensa tem os seus chamados filósofos. Já vi até a Folha de S.Paulo publicando um artigo de uma mocinha de 23 anos, filósofa. Achei fabuloso. Agora, é curioso porque então filósofo se tornou um termo muito ambicioso, quando, na verdade, filósofo é apenas um amigo do conhecimento. A ideia da filosofia é que ele é menos que o *sophos*, o sábio, aquele que seria o detentor, o dono do conhecimento. O filósofo tem com o conhecimento uma amizade, mas não uma coisa de propriedade. Então, a rigor, o filósofo é menos que o cientista. O filósofo tem que ter essa humildade, de que ele está colocando perguntas, mas ele jamais é dono de respos-

tas. Enfim, a gente entraria pela mitologia, porque é extremamente prazeroso e bom. O Martin quer falar também. Você quer fazer um comentário, Martin?

Grossmann: Como a gente está chegando ao fim desse nosso último encontro, Renato, mais uma vez agradeço a participação de vocês nesse fechamento da dessa fase inicial de debates que a exposição do Muntadas suscitou. Eu, assim como o Ary, também sou coruja de vocês, fã de carteirinha e por diferentes razões. Eu acho que a batalha em que a gente está nesse momento é uma batalha muito difícil, mas vemos aqui nessas diferentes apresentações que a gente continua sendo otimista, e que o tempo passa e as coisas vão ter o seu caminho. Não uma solução, mas certamente há uma fortificação aqui, um processo de muita potência mesmo.

Quando a Eliana Sousa e Silva foi mencionada aqui, logo a imagem da periferia como potência aparece, e é uma imagem muito bonita. Uma imagem que não é só bonita, mas que, de fato, gera essa ideia de que o que está nas bordas de uma centralidade, ainda que se veja muito pelo espelho, pode com certeza provocar uma grande transformação nessa participação, já com uma efetividade nesse momento. O antagonismo é muito grande, mas eu acho que esse papel que todos aqui prezaram e relacionaram, o papel da metacrítica, mais uma vez, que o Guilherme Wisnik suscitou e reforçou... Não fazendo uma defesa da arte, mas eu entendo que a arte também está na periferia ainda da universidade, porque há um equívoco no pensamento do que seria essa arte, qual seria esse papel da arte dentro de uma estrutura que tem, obviamente, como foi debatido nas três mesas-redondas, o papel muito importante de trabalhar o contexto. E a nossa universidade brasileira certamente gostaria de ter um prêmio Nobel, mas ela não foi feita para isso. Ela foi feita para ter um diálogo com a sociedade.

Por mais que o Guilherme Ary Plonski fale “Sim, nós somos a sociedade”, né, Ary? Mas há essa visão que a Helena lembra muito bem de uma ausência de pertencimento. A sociedade ainda não introjetou esse papel que todos nós aqui, pelo menos, e nessas outras duas mesas-redondas que ocorreram, enxergamos para a universidade, como essa plataforma de metacrítica não só de si mesma, mas da sociedade. Um lugar privilegiado, nesse sentido, porque nós temos uma formação e temos uma condição de fazer isso. Então, eu lembro também do nosso atual catedrático, o Néstor García Canclini, que fala desse papel mesmo de

iminência, de a arte não só de refletir o belo, necessariamente, mas ainda ter esse ferramental em si, de antever, mesmo que de forma fugaz, o futuro, ou o que está adiante de nós.

Ao longo do que nós chamamos de arte contemporânea, a arte vem contribuindo com coisas que eu acho bastante interessantes. Eu citei três no meu texto da exposição do Muntadas, mas eu vou reforçar aqui que a primeira delas é a ideia do *site specific*. São palavras em inglês com difícil tradução, mas seria o “sítio específico”, o “lugar específico”. Então, eu acho que não só a exposição do Muntadas nos inspirou, mas esses debates mostram muito claramente que nós temos que valorizar e reforçar nesse nosso discurso, esse lugar. Não é um lugar necessariamente só da fala, mas esse espaço-tempo da nossa condição de agentes de uma reflexão, de um trabalho crítico. Obviamente que tem que partir da universidade. Esse papel da metacrítica, ele vem com essa noção de que nós estamos no lugar, que, diferentemente de uma universidade universal que ainda carregamos, ela tem a sua relação com o contextual, em diferentes níveis, como vocês deixaram claro nas apresentações.

A outra contribuição, a gente não pode esquecer, é a curadoria. É interesse que a curadoria se espalhou, é um termo que, hoje, até tem um desgaste grande, mas a curadoria nasce nas artes visuais. Ela nasce nos anos 1960, com essa tentativa mesmo de fazer com que o discurso da arte deixe necessariamente de ser só específico, especializado, que são só dos connoisseur, aqueles curadores iniciais que estão ligados às linguagens da arte, para ser de fato um papel de mediação crítica, que faz uma relação entre a produção dos artistas contemporâneos ou não contemporâneos até, artistas de outras épocas, com essa sociedade. Então, é essa preocupação não só com a recepção, mas com a inclusão do público na equação da arte, ou do sistema da arte. Isso muda e o agente da arte muda de papel. Hoje a gente fala “curador” em vez de falar “editor”, fala “curador”, “curador de informação”. A internet, esses sistemas que nos vigiam, que nos controlam, fazem uso desse papel do curador o tempo inteiro.

Por fim, existe a *institutional critique* e um outro termo do inglês de que eu gosto muito que é *criticism from within*, que em português fica difícil traduzir... A “crítica elaborada, fomentada, desenvolvida no interior de alguma coisa”. E eu acho que é isso que a gente está fazendo aqui. E é isso que eu defendo para o IEA, ele

é um *think tank*, ele é um lugar do *advocacy*, de fazer isso que Helena, que todos nós fazemos, mas Helena aqui é nossa mestra maior, também Renato como ministro, Naomar como reitor. Guilherme, eu acho que você não tem essa experiência de gestão, e a gente gostaria muito que talvez você se encaminhasse para isso. Precisamos de uma nova geração assumindo papéis de liderança na governança.

Wisnik: Assim como você, eu sou curador.

Grossmann: Pois é, mas eu mudei minha descrição, Guilherme. Agora, eu me chamo de “culturador”, um especialista em estudos da cultura e da poética da cultura. Eu acho que a gente está falando, aqui, de cultura. O curador ficou muito associado à arte. Então, eu acho que você é também um “culturador”, Guilherme, porque você consegue fazer esse jogo entre a arquitetura e o urbano, e fazer ligações e conexões bastante importantes nessa produção que sempre transcende as especialidades. Então, você tem essa formação de arquitetura, mas você consegue ir para a transdisciplinaridade com uma certa facilidade. Isso é um dom que a gente, de novo, como fã, acompanha.

Por fim, eu acho que essa ideia mesmo do *criticism from within*, dessa crítica institucional, é um papel que o IEA sempre teve. Certo, Ary? Desde a criação com o José Goldenberg. O papel de ser um posto avançado, de estar mais atento a universidade e a sociedade. Uma vez que a gente não tem o peso da docência, isso se torna mais fácil. Justamente pelo encontro de diferentes conhecimentos, de diferentes mentalidades, do poder da escuta. Tudo isso faz com que o IEA vá além de uma plataforma de *think tank* e seja uma incubadora também. A gente não pode esquecer desse papel... O Instituto de Relações Internacionais da USP, por exemplo, surgiu dentro do IEA. Também temos esse papel de estarmos atentos aos diferentes governos, pois, também refletimos e destacamos o fato de que no Brasil é necessário desenvolver uma política de Estado, vem daí o foco do IEA nas políticas públicas. Acho que era importante reforçar essa ideia da capacidade do IEA e que está na sua natureza fazer o que nós fizemos nesses três encontros aqui. Passo a palavra para vocês.

Ribeiro: Martin, com licença, eu vou ter que sair. Pode continuar, a conversa está ótima. Provavelmente, Guilherme, Naomar e Helena vão querer responder. Então, meus caros, foi um grande prazer estar com vocês. Um abraço a todos.

Grossmann: Obrigado. Um abraço para você.

Almeida: Eu levantei a mão digital enquanto você estava falando. Era para anunciar, e eu acho que posso fazer isso, que eu e você estamos “culturadores” ou curadores de uma proposta que o Canclini fez, de discutirmos até o final deste ano a autonomia das universidades. E uma das coisas, Ary, que antecipamos, eu e Martin, é a busca por um formato que nos dê calma e tranquilidade para fazer isso, porque os formatos a que a universidade de alguma forma está se rendendo são muito rápidos e apressados. Não dá para ultrapassar aquela situação de paralisia, para podermos nos pensar enquanto universidade.

Então, Martin, eu me inscrevi para isso. Agora, como você trouxe essa questão ainda em aberto desses muitos outros saberes – e eu acho que o tema da arte entrar como um saber que reage, apesar de não ser naquele registro dos outros saberes externos – que dentro da própria instituição buscam um espaço, temos um caminho muito frutífero de fazer essa escuta da própria instituição.

Você falando da questão do criticismo, da crítica para dentro... Essa ideia de “auto” traz muito uma referência de você precisar sair de onde está para se ver. É como se precisasse de uma energia externa para se mover. Talvez, seja “intracrítica”... Não sei se alguém já pensou, certamente que já se pensou nisso, porque é muito óbvio. O *criticism from within* é interno, ele é íntimo. Não é uma autorreferência como ter gente saindo para se referir, fingindo que não somos nós. Creio que a construção de uma internalidade mais objetiva, no sentido preciso do termo objetivo, pode ser um belo caminho. Até para responder àquela única questão que nós tivemos do público, do Antônio José.

Eu terminei pensando em falar, mas não falei, desse tema da escuta, e você trouxe. A universidade precisa abrir espaços para escutar outras vozes, quer dizer, não é para ela falar sobre os outros, mas ter espaços de diálogo para falar com os outros. E, na nossa cátedra, que você tem acompanhado de perto, estamos fazendo um esforço nesse sentido. As reuniões acadêmicas deixaram de ser internas. Estamos sempre buscando interlocutores externos; isso tem funcionado, já está saindo do nosso controle. Já existem segmentos buscando espaço, querendo ser escutados. Não é só serem ouvidos, querem ser escutados. Então, isso combinado a essa referência que você faz sobre o IEA, acho que, talvez até de um modo inadvertido, *serendipity* clássico, estamos promovendo uma certa subversão de

um modelo mais arcaico de organização institucional das universidades, que é a cátedra. O IEA está buscando produzir um dispositivo de transgressão. O que vai ser uma belíssima ironia, se isso avançar na velocidade, ritmo e intensidade que a gente está verificando. É muito bacana, obrigado.

Nader: Eu queria, Martin, concordar com todas as suas colocações e as feitas anteriormente pelo Ary, pelo Guilherme, pelo Naomar, mas tem um ponto que eu acredito ser legal discutirmos futuramente. Foi algo levantado nessa exposição do Muntadas e vai ter que ser aprofundado. No caso da exposição, é uma professora que fala da liberdade dela em relação à pesquisa que ela fazia, e ela diz que só depois do *tenure*³² que realmente passou a fazer aquilo que ela pensava, só depois que ela se libertou. E isso é uma contradição, quer dizer, nós aqui no Brasil não temos o *tenure*. Você entra na universidade, você vai progredindo, o *tenure* poderia ser visto como a bolsa de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), apesar de ser um percentual tão pequeno de pessoas que não daria para chamar assim. Para aqueles que aplicam, não cabe, mas o que eu vejo é que existe uma incoerência do sistema externo e interno da própria universidade. É aquilo que eu comentei brevemente, e eu acho que a gente deveria se aprofundar. Como eu posso mudar quando eu tenho o *goal* de ser a número um? É muito mais fácil eu continuar como estou e garantir minha ascensão do que eu refazer uma grande revolução. E existem esses rankings de universidades que deveriam ser no sentido de promover, mas estão virando um comércio.

A universidade não pode se omitir de olhar e discutir o que tem de positivo e o que tem de negativo, porque, hoje, existem sistemas especializados. Por exemplo, eu sou da EPM, na Unifesp, eu me lembro quando a gente começou... Você lembra, Naomar, a discussão dos cursinhos para residência médica? Hoje, isso tomou conta do país. Então, existem cursinhos, têm coisas especializadas para criar... Como você quer se sair bem? Você quer se sair bem como uma universidade que inclui, como universidade de ciências? Então, isso a universidade tem a obrigação de discutir.

32 Tenure: é uma categoria de nomeação acadêmica existente em alguns países. Um cargo titular é uma nomeação acadêmica por tempo indeterminado que só pode ser rescindida por justa causa ou em circunstâncias extraordinárias, como exigência financeira ou interrupção do programa. Trata-se de uma estabilidade empregatícia que visa defender o princípio da liberdade acadêmica.

Eu vejo que o IEA tem tudo para poder fazer uma discussão profunda sobre isso. É óbvio que a gente quer ver as dez primeiras universidades do mundo sendo brasileiras. Já pensou, que maravilha? Mas qual o impacto disso para a nação brasileira? E em relação ao Nobel? E estou encerrando, nós temos vários prêmios Nobel, viu, Martin? Vários. Inclusive, vários deles da USP. Um deles se chama Sérgio Ferreira, que foi rapinado no prêmio Nobel, nunca recebeu. O outro se chama Maurício Rocha e Silva, mas nunca recebeu. Na época em que descobriu a bradicinina, ele estava no Instituto Biológico. Temos Johanna Döbereiner, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), que descobriu a fixação de nitrogênio. Eu não estou nem um pouco preocupada com o prêmio Nobel para o Brasil, de verdade, porque o Brasil deu contribuições para a ciência que pouco se conhece sobre essas contribuições. Acho que isso a gente tinha que fazer, advogar, mostrar o que a gente tem. Como é o nome daquele pesquisador que foi presidente da Academia Brasileira de Ciências? Um psiquiatra formado na UFBA, negro, que revolucionou a psiquiatria brasileira. Juliano Moreira! Além de Nise da Silveira. Estou falando só de alguns da psiquiatria, que agora está sendo tão importante nessa pandemia.

E gostaria de agradecer, realmente. Parabenizar também. Essa exposição mexeu muito comigo. As imagens e as falas, a maneira como foram criadas. Eu fiquei imaginando uma versão lá na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, sabe? Com algumas imagens. E aquela menina que fala da biblioteca de Yale, que ela diz “Por fora é tudo velho, e por dentro é tudo novo”. Enquanto, a gente aqui, nossas bibliotecas, nossas universidades estão sendo sucateadas. Existe essa falta de apropriação da universidade pela sociedade. Ela não percebeu que a universidade é dela. E acho que essa é a nossa função. Parabéns, Martin, adorei estar aqui. Pude contribuir muito pouco, mas eu aprendi muito com esses mestres que estavam aqui. Obrigada.

Grossmann: Mestres que certamente incluem você, Helena. Acho que a gente está chegando ao final, o Renato se foi por uma boa causa. Eu não sei se o Ary ainda tem algum comentário a fazer, se vocês ainda têm alguma outra coisa a dizer.

Plonski: Não, só quero discordar da Helena quando ela fala que contribuiu pouco. Você contribuiu enormemente, para mim, exatamente na questão que levantei, entre outras, mas, falando pessoalmente, quando questioneei o posicionamento da universidade e da sociedade, como se não fosse parte dela. Você me deu uma

resposta que eu nunca tinha pensado. Então, você contribuiu com todos e comigo também. Então, me permita discordar de você também.

Grossmann: Muito obrigado por estarem com a gente nesta tarde. A audiência online, a gente nunca sabe direito quem vocês são. Os números revelam só uma parte dessa audiência, mas os nossos agradecimentos sinceros e profundos a vocês, assim como ao Naomar, ao Guilherme Wisnik, a Helena e ao Renato por contribuírem magistralmente em nosso debate desta tarde.

E, Ary, muito obrigado pelo seu apoio. O Ary é um diretor como ninguém. Ele esteve presente, de fato, participando ativamente nas três mesas redondas que foram sempre não só densas, mas longas. Então, a gente sabe muito bem o que exige um papel como o seu, de direção, e quantos assuntos existem simultaneamente nesse momento. Então, é uma honra poder contar com você nesses debates. E aviso que o Muntadas já quer produzir um outro livro. Então, a gente acha que vai terminar de trabalhar, mas tem mais trabalho adiante, porque a ideia é criar mais uma publicação com todas essas contribuições que tivemos ao longo deste um dia e meio. Começamos no dia 30 com a presença da Macaé Evaristo, que foi lembrada aqui, do Néstor García Canclini e do Ailton Krenak. Hoje de manhã, tivemos uma mesa fantástica com a presença de pesquisadores do Japão, da Inglaterra, dos Estados Unidos e do Brasil e a presença da nossa Érica Peçanha, que é uma pós-doutoranda no IEA que supervisiona o projeto da Eliana Sousa e Silva, o Democracia, Artes e Saberes Plurais - DASP. Todos foram excelentes nas suas contribuições, e tivemos essa possibilidade de viajar pelo mundo, ter uma noção de diferentes contextos.

Muito obrigado à toda a equipe do IEA e também aos tradutores que estão aqui, que permitiram que esses diálogos também cheguem para um público maior, uma vez que nós temos as três línguas. Boa tarde e até a próxima.

Participantes

Guilherme Wisnik

Guilherme Wisnik é Professor Livre Docente na FAU-USP, instituição da qual é Vice Diretor (2023-2026). É arquiteto, ensaísta, crítico, curador e colaborador do jornal *Folha de S.Paulo*. Publica *Lucio Costa* (Cosac Naify, 2001), *Estado Crítico: à Deriva nas Cidades* (Publifolha, 2009), *Espaço em obra* (2018) e *Dentro do nevoeiro* (2018), e organiza o volume 45 da revista 2G (Gustavo Gili, 2008) sobre a obra recente de Paulo Mendes da Rocha. Escreve, também, o ensaio *Modernidade Congênita*, na obra *Arquitetura Moderna Brasileira* (Phaidon, 2004) e *Exercícios de Liberdade*, em Marcos Acayaba (Cosac Naify, 2007).

É membro da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e foi curador-geral da 10ª Bienal de Arquitetura de São Paulo (2013).

Wisnik foi curador do projeto de Arte Pública Margem (Itaú Cultural, 2008-10), das exposições Cildo Meireles: rio oir (Itaú Cultural, 2011), Paulo Mendes da Rocha: a natureza como projeto (Museu Vale, 2012), Pedra no céu: arte e a arquitetura de Paulo Mendes da Rocha (Museu Brasileiro da Escultura, 2017, com Cauê Alves), São Paulo: três ensaios visuais (Instituto Moreira Salles, 2017), Ocupação Paulo Mendes da Rocha (Itaú Cultural, 2018) e Infinito vão: 90 anos de arquitetura brasileira (Casa da Arquitectura de Portugal, 2018, com Fernando Serapião). Foi o Curador Geral da 10ª Bienal de Arquitetura de São Paulo (Instituto de Arquitetos do Brasil, 2013).

Helena Bonciani Nader

Helena Bonciani Nader é professora titular da Unifesp (1989), bolsista de produtividade do CNPq (nível 1A), membro titular da Academia de Ciências de São Paulo (1989), da Academia Brasileira de Ciências (1999), e da World Academy of Science (TWAS) for the Advancement of Science in Developing Countries (2013). É presidente de honra (desde 2017) da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Membro do Conselho Superior da Capes. Seus trabalhos envolvem glicoquímica e glicobiologia estando voltados para o estudo da estrutura e função biológica de proteoglicanos, em especial de heparina e heparam sulfato, com especial ênfase a função desses compostos na hemostasia, no controle da divisão celular e na transformação celular.

Foi titular da Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência, do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA), da USP, em 2019 juntamente com o curador, crítico e gestor cultural Paulo Herkenhoff.

Naomar de Almeida Filho

Naomar Monteiro de Almeida Filho é Professor Titular de Epidemiologia do Instituto de Saúde Coletiva da UFBA, ex-reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e vice-presidente da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco). Monteiro foi professor visitante do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP) até fevereiro de 2021, com o projeto “Desenvolvimento de Modelos Inovadores de Educação Superior: Foco na Formação Geral Universitária em Saúde”. É mestre em saúde pública e doutor em epidemiologia.

Renato Janine Ribeiro (moderador)

Renato Janine Ribeiro é professor titular de Ética e Filosofia Política na Universidade de São Paulo. Também foi diretor de Avaliação da Capes – Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior, órgão do Ministério da Educação, onde teve a incumbência de dirigir a avaliação dos mais de 1800 programas de mestrado e doutorado stricto sensu do País. Foi condecorado em 1997 com a Ordem Nacional do Mérito Científico, pelo Presidente da República.

Começou pesquisando o filósofo inglês Thomas Hobbes, em seu mestrado (Sorbonne, 1973) e seu doutorado (USP, 1984). Há vários anos se tem interessado em pensar uma filosofia política que leve em conta sociedades ocidentais “dissidentes”, como a brasileira e outras de Terceiro Mundo, que dão maior importância ao afeto na vida pública. Entre seus principais interesses, estão a natureza teatral da representação política e as dificuldades na construção da democracia no Brasil.

Assim, depois de publicar *A Marca do Leviatã* (2ª edição, Ateliê Editorial, 2003) e *Ao Leitor sem Medo* (2ª edição, Ed. UFMG, 1999) sobre Thomas Hobbes, escreveu ensaios de filosofia política (*A última razão dos reis*, Companhia das Letras,

1993) e mais recentemente uma obra na qual procura discutir, com base na filosofia política, a cultura e a sociedade brasileiras. Este livro é *A sociedade contra o social: o alto custo da vida pública no Brasil* (Companhia das Letras e Fundação Biblioteca Nacional, 2000), que ganhou o Prêmio Jabuti 2001, na área de ensaios e ciências humanas.

4ª Mesa-redonda:

Universidade e contexto

Evento do ciclo de debates acerca da exposição *About Academia* de Antoni Muntadas

Com Guilherme Ary Plonski (moderador), Soraya S. Smaili, Marcos Buckeridge, Antoni Muntadas e Martin Grossmann

19.11.21 | 10:00

Sala zoom do IEA-USP

Registro audiovisual:

<https://e.usp.br/rp2>

Exposição:

<https://aboutacademia.iea.usp.br/>

Grossman: Muito bom dia a todos. É um prazer enorme tê-los aqui mais uma vez no Instituto de Estudo Avançados (IEA), em especial nessa série de debates que estão ocorrendo desde abril, quando nós lançamos a exposição About Academia, uma interpretação on-line do artista catalão, espanhol e norte-americano Antoni Muntadas, que há muito tempo coopera, trabalha e vem desenvolvendo projetos de escala global, mas com uma forte relação com o Brasil, como é o caso deste projeto, que nasceu em Harvard, nos Estados Unidos, onde ocorreu a primeira exposição, mas também tem corrido o mundo, majoritariamente em espaços de arte, discutindo basicamente a relação entre a academia, que é um conceito mais abstrato, mais filosófico, e a universidade, esse lugar do ensino superior, da pesquisa científica. O trabalho do Muntadas, então, se interessa muito por esse tensionamento entre o papel mais operacional da universidade e essa maior abrangência conceitual e filosófica da academia.

Desde abril fizemos três debates: “*Que universidade queremos?*”; uma problematização de um modelo padrão global de universidade, que é a Intercontinental Academia, da rede University-Based Institutes for Advanced Study (Ubias); e “*Universidade e Contexto*”: uma discussão sobre o universalismo da universidade em contraponto a sua relação contextual, que pode ser local, regional, nacional, mas que também é territorial, de certa maneira. No debate que encerra essa sequência de encontros e mesas-redondas, nós estamos trazendo um questionamento que vem da formação escolar, do papel da ciência nessa formação: o tensionamento dos STEM e dos STEAM, sendo o primeiro uma estrutura que é muito mais ligadas às ciências, às tecnologias, à matemática, enquanto no segundo há a inclusão da arte nessa discussão, nessa estrutura interdisciplinar. Então o que estará em jogo hoje é a questão do papel da arte na universidade.

A mediação caberá ao nosso diretor do IEA, Guilherme Ary Plonski, a quem agradeço imensamente., seu envolvimento foi integral desde o início da produção da exposição, que, originalmente, deveria estar na Biblioteca Brasileira da Universidade de São Paulo (USP), no campus Butantã, mas que, devido à pandemia, foi transferida para o universo online. Por esse motivo há um processo de tradução de uma exposição física, um espaço de exposição, para a virtualidade, como tantos outros projetos também fizeram.

Assim, a mediação será feita pelo Guilherme Ary Plonski, com a participação do artista Muntadas, a quem, mais uma vez, agradecemos pela cooperação, pelo en-

volvimento e, enfim, por essa parceria que permitiu que fizéssemos várias mudanças e que pudéssemos desenvolver um debate como esse que teremos hoje.

Agradeço, em nome de todos aqui, do IEA e do Fórum Permanente, à participação da Soraya Smaili, que foi reitora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Ela participa ativamente na discussão da universidade, não apenas quanto ao aqui e agora, mas também nessas projeções de universidade no futuro. Agradeço também ao Marcos Buckeridge, colega de longa data que no IEA mantém um perfil interdisciplinar, bastante aberto e permeável a outras áreas do conhecimento. Além disso, em sua prática como biólogo e gestor ele tem uma relação muito importante com a interdisciplinaridade e talvez até com a transdisciplinaridade, da qual o IEA é um grande fomentador.

Então eu desejo um excelente debate e mais uma vez agradeço a presença de vocês, a da audiência e daqueles que nos acompanham, além de toda a equipe de apoio do IEA e também do Fórum Permanente, no caso, aqui, o Diego.

Plonski: Muito obrigado, Martin. Reitero os agradecimentos que o Martin já fez, mas incluo um agradecimento ao professor Martin Grossmann, que foi o idealizador, organizador e animador desta festa intelectual e sensorial que é participar – mais do que assistir – da exposição About Academia, do Antoni Muntadas. Eu vou direto ao meu papel de mediador. Na verdade, eu diria que mediar não é bem o termo, porque ninguém vai brigar aqui para que eu separe. Mas, enfim, um papel de participante da conversa que acontecerá daqui a alguns minutos. Assim, me permito fazer três comentários.

O primeiro comentário, em adição ao que o professor Martin já expôs, se refere a essa transposição da exposição presencial, que ocorreria na Biblioteca Brasileira – à qual agradecemos pela disponibilidade e parceria –, para o modelo virtual, o que fez com que nós tivéssemos uma presença expressiva, um número de visitas expressivo, de quase 3 mil pessoas. Porém, o que me impressionou, e o Diego acabou de comentar isso enquanto estávamos aguardando o início da reunião, foi que mais de 40% desses visitantes são do exterior, o que nos leva de volta ao tema do interesse global trazido pela exposição tão especial que o Antoni Muntadas preparou.

O segundo comentário é relativo ao fato de que a exposição continua, se eu não me equivoquei, até 31 de dezembro. Então, acho que ainda podemos fazer um es-

forço de divulgação agora – e evento é parte desse esforço – para conseguir que mais gente possa se inspirar no material coletado e apresentado pelo Antoni Muntadas, de modo a, enfim, valorizar ainda mais esse trabalho que é feito e compartilhado conosco.

O terceiro e último comentário prévio: penso que essa reunião de hoje ocorreu um pouco em função da conversa que tivemos depois dos primeiros eventos, que foram absolutamente importantes. Vendo a exposição do Antoni Muntadas, um dos comentários que eu fiz – além do elogio e do prazer intelectual e sensorial que é participar da exposição – dizia respeito, de certa maneira, a uma carência de falas de pessoas que não fossem das áreas das humanidades, ciências sociais, artes... Não quero dizer que não fosse desejável que essas falas todas tivessem ocorrido, mas apenas que precisaríamos ouvir também e ver outros olhares. Então o Martin conseguiu um lugar na agenda, além do interesse, da professora Soraya e do professor Marcos Buckeridge, ambos da área das ciências biológicas. A professora Soraya é da área da farmacologia e o professor Marcos Buckeridge é diretor do Instituto de Biociências da USP. Ambos são pessoas de visão global, institucional e dedicadíssimos.

A professora Soraya teve duas gestões como reitora da Unifesp, de 2013 a 2017 e de 2017 até poucos meses atrás. Se me permite, professora, não vou elogiar todas suas realizações, mas eu não posso me furtar a mencionar uma delas, que é a criação do Instituto de Estudos Avançados Convergentes (IEAC), instituído na Unifesp durante a sua gestão. Esse processo foi muito inteligente: a universidade chamou o professor Renato Janine Ribeiro, que foi, por muito tempo, conselheiro aqui do IEA, para ser professor visitante da Unifesp, e a missão que ele recebeu foi a de germinar o IEAC. Então, por isso, eu queria cumprimentá-la. Participei recentemente de uma reunião no IEAC e ele está muito dinâmico. Trata-se, além disso, de um desafio, porque a Unifesp, que começou na Escola Paulista de Medicina, acabou se tornando uma instituição multicampi – São José dos Campos, Guarulhos, Osasco... Enfim, é um desafio ter um instituto com tantos campi. A USP possui três: São Carlos, Ribeirão Preto e São Paulo, mas para o da Unifesp também não é pequeno esse desafio.

O professor Marcos Buckeridge, como já foi dito pelo Martin, é uma pessoa que vem da área das ciências biológicas e que é muito interessada no campo da flo-

ra, das florestas e das árvores. Mas, além disso, ele tem uma visão estratégica e inovadora sobre as formas de pesquisa. Eu aprendi com o professor Buckeridge sobre o modelo adotado no programa USP Cidades Globais, que ele coordena, que é o modelo de centros de síntese. Ou seja, trata-se da ideia de que existe já muito conhecimento primário. Assim, como se organiza e traduz esse conhecimento de uma forma que possa gerar valor para a sociedade?

Por fim, eu termino dizendo que me chamou muito a atenção – e que foi objeto até de uma pergunta durante os debates no começo desse ciclo – foi justamente uma preocupação que o Antoni teve em relação às universidades norte-americanas, que foram o foco principal do olhar dele, que é a questão do público e do privado. De fato, a presença do privado no sistema universitário americano é muito alta, não só porque instituições como Harvard são privadas, mas porque as questões de valor na universidade americana são muito diferentes do que nós vemos por aqui. Vou dar dois exemplos e com isso eu termino a minha apresentação introdutória.

Um exemplo é de natureza mais macro, e o outro, micro. O macro é o seguinte: nesse momento, na verdade anteontem, a informação que descobrimos é que o valor total da dívida que as famílias americanas fizeram para que seus filhos e filhas cursassem algum *college* ou algum formato de ensino superior é de US\$ 1,75 trilhão. Não são milhões, não são bilhões. São trilhões de dólares. São 43 milhões de estudantes, e suas famílias devem para bancos, para sistemas de financiamento que recebem algum apoio do governo federal americano. Elas devem essa quantidade que, para nós, é até difícil de entender. Ou seja, é uma outra lógica. Nós temos as nossas questões aqui no Brasil, mas são lógicas de operação diferentes, e por isso eu entendi muito bem o Antoni chamar a atenção para o público e o privado.

O segundo exemplo é uma experiência, se me permitem, micro. Eu estive lá nos Estados Unidos por um tempo como pesquisador visitante e, conversando com minha principal parceira na universidade onde fiz esse estágio, perguntei, mais ou menos por volta de junho ou julho (o ano acadêmico começa em setembro), que disciplinas ela daria no ano seguinte. E ela falou: “Não, no ano seguinte eu não vou dar curso nenhum”. Eu perguntei o que havia acontecido: “É o sabático?”. Ela respondeu: “Não, não é o sabático. O que aconteceu é que eu recebi a confirmação de que um grande apoio, um grande *grant*, me foi dado para coordenar um

projeto e, portanto, eu vou me dedicar durante ano próximo ano e o seguinte a esse projeto”. Eu falei: “Bom, mas e quem vai dar aula por você?”. “Eu”, disse ela, “contratei um professor sob minha responsabilidade que vai dar aula em meu lugar”. Eu pensei: “Se uma ideia parecida com essa fosse sequer pensada por aqui, a pessoa já estaria no mínimo com sindicância”. No mínimo. Isso me lembra de uma placa em Nova York que fica lá na região dos brasileiros: “*Don’t even think of parking here*”, “Nem pense, nem por um minuto, em estacionar aqui”.

Enfim, só quero dizer que, quando o Antoni fez a exposição que, de novo, é uma coisa maravilhosa, alguns focos são bem norte-americanos e com questionamentos fortes das humanidades: a questão do Vietnã, o Noam Chomsky etc. Por outro lado, nós temos as nossas questões, e uma dessas questões é que seria bom termos também o olhar de áreas para além das humanidades e das ciências sociais. Por isso nós temos a professora Soraya e professor Marcos. Porém, a primeira apresentação, por favor, será do professor Antoni Muntadas. Eu falo “professor” porque você nos ensina e ensinou muito com essa exposição.

Muntadas: Quero agradecer a todos que colaboraram com o projeto e que ativaram o projeto, especialmente ao Martin Grossmann que entendeu, quando soube desse projeto, que poderia apresentá-lo na biblioteca Brasileira e depois, por causa da pandemia, foi necessário inventar outra forma, o que é interessante, porque acho que inventar formas de comunicação, nesse caso, para interpretar, converter, traduzir About Academia do analógico físico para o virtual foi uma experiência muito interessante. Quero agradecer também ao Ary, e a todos da USP. Aproveito também para me desculpar por não estar falando em português ou portunhol, porque estou lecionando em Veneza em italiano e trocar de idioma, seria demais, seria uma bagunça.

Bem, o que eu quero introduzir no assunto de About Academia é que, para mim, a About Academia começa primeiro, pelo meu interesse em educação, interesse em tornar os elementos e o acesso à educação seja o mais aberto possível e, obviamente, essa educação começa com uma educação básica e vai de uma maneira mais específica, tornando-se, chegando na Universidade.

About Academia é uma relação entre Universidade e Academia em um sentido macro, mas no fundo ela fala também sobre o que é a universidade Norte-americana, na qual participo há mais de 40 anos e me fez pensar sobre quais são as partes

positivas e negativas desse modelo de ensino. Eu trabalhava no MIT há 40 anos e recebi uma proposta de Harvard para fazer um projeto e achei que era hora de fazer uma autorreflexão e uma reflexão em geral sobre a educação no sentido de uma universidade que tem acesso muito amplo a muitos alunos de todo o mundo, além dos americanos. Mas tem a questão do custo econômico que às vezes chega a ser escandaloso. Embora apareçam histórias interessantes como ontem descobri, que o departamento de arquitetura do MIT está fazendo um esforço para torná-lo um curso gratuito, isso seria uma boa notícia porque há muito poucas instituições gratuitas nos Estados Unidos. Havia a Cooper Union mas ela voltou a ser pagante. Enfim, são situações de acesso e acredito que é importante que todos tenham acesso à universidade e é difícil com estes custos econômicos.

O projeto About Academia é iniciado por uma série de entrevistas a especialistas, professores que participaram durante muitos anos no ensino e que trabalharam principalmente nas universidades de MIT e de Harvard. O projeto veio a partir de um convite de Harvard e parecia-me que era para centralizá-lo em Cambridge para, em seguida, pouco a pouco abri-lo para outras universidades como NYU e Princeton etcetera. O que eu tenho a dizer muitas vezes é que esse é um projeto que, quando apresentado no exterior, precisa ser ativado, como Martin entendeu perfeitamente, com mesas-redondas, com conversas, com acesso ao contexto e para poder discutir esse modelo criticamente e ver que é o modelo americano, mas ele não funciona em qualquer lugar. Não é um bom modelo para lugar nenhum, nem mesmo para os Estados Unidos, é necessário criticá-lo. Então a exposição desde o início, que eu entendi das mesas anteriores, é que evidentemente o modelo europeu, o modelo brasileiro, o modelo latino-americano está muito distante e cada um trata de fazer o seu modelo.

As perguntas que foram feitas durante o processo de About Academia eram perguntas que começaram com a questão Academia versus universidade, privada versus pública, a importância da economia, a importância do aprendizado e do conhecimento. Foram perguntas que se estenderam até situações mais definidas sobre a questão do acesso, ao gênero, da etnia. Da importância que poderia ter diferentes disciplinas e a interdisciplinaridade. O que a docência pensava que o ensino poderia ser no futuro e o que poderia ser a mudança, tudo isso está registrado no projeto sobre o qual não vou falar. Mas o que eu acho interessante foi que, em um determinado momento, depois de tê-lo apresentado em Harvard, no

Canadá e na Holanda, tive a impressão de que faltava algo: as vozes dos alunos, os alunos eram a segunda parte da About Academia II. Entrevistei alguns de meus próprios alunos e alguns alunos de outras universidades e o resultado é interessante porque é uma visão muito diferente do professor, ou seja, nós ensinamos e os outros recebem, mas essa é a maneira de receber que traz outras perspectivas, talvez não tão homogêneas. O resultado daqueles que foram participantes poderíamos chamar de estudante, é quase mais crítico do que o dos professores, com isso significa que bem, a universidade está em questão. A universidade tem que devolver, a universidade tem que se fazer acessível, tanto quanto possível, a todas as possibilidades de educação das pessoas.

Agradeço a todos os participantes de hoje e aos anteriores por terem sido receptivos ao projeto e por desejarem participar de uma problemática tão grande quanto a universidade.

Plonski: Agradeço ao Antoni Muntadas por sua fala introdutória que contextualiza o clima no qual ele criou essa exposição. Queria dizer apenas que as perguntas que você faz são particularmente relevantes no momento atual da USP, no ápice do processo de sucessão reitoral. No dia 25, na semana que vem, nós escolheremos o próximo reitor e a vice-reitora e, portanto, as perguntas que você faz, “que universidade queremos?” etc., são perguntas que estão presentes. Muito obrigado mais uma vez. Professora Soraya, poderia nos fazer a gentileza de ser a primeira a contribuir, por favor?

Smaili: Bem, antes de mais nada, quero agradecer imensamente por essa oportunidade. Gosto muito de estar no IEA e na USP, que é a minha alma *mater*, porque me formei nela, embora eu tenha já passado mais do que uma vida inteira na Unifesp, inclusive antes de ser Unifesp, quando ainda era a Escola Paulista de Medicina. Mas é um prazer enorme, Ary, estar com você aqui novamente, poder contribuir, se possível, com o nosso debate. E é um prazer enorme reencontrar o Martin, pois é sempre muito bom podermos trocar essas informações e experiências. Além disso, quero agradecer imensamente ao Antoni Muntadas pela maravilhosa experiência.

Eu sou uma daquelas 3 mil pessoas. Eu aproveitei muito a exposição. De fato, entrei e assisti algumas vezes, e pude fazer alguns paralelos com muitas coisas que eu mesma tenho vivido e vivi nos últimos tempos como reitora da Unifesp.

Então, para mim, é uma grande oportunidade poder contribuir. Queria agradecer também à companhia do Marcos Buckeridge, além de tudo, porque estamos trabalhando juntos agora no Centro Sou Ciência, sobre o qual vou falar daqui a pouco, ao final da minha apresentação.

Então eu quero trazer também alguns elementos, dentre os quais algumas provocações, mas também alguns refrescos para nós, se pensarmos que, em uma universidade brasileira com todas as suas crises e suas dificuldades, nós também podemos fazer algumas diferenças e que nós também podemos criar algumas coisas para um futuro diferente.

Primeiro, quero dizer que entrei nas duas partes da exposição, About Academia. É um projeto magnífico e alguns pontos me chamaram muito a atenção. A exposição tem o seu conteúdo voltado para as universidades e problematiza a universidade norte-americana, estadunidense, mais especificamente, Mas, chamam a atenção muitas questões que foram colocadas nas falas e na própria exposição, nos dados apresentados, sobre nós vivermos hoje, principalmente no que diz respeito à liberdade de expressão; à dicotomia ou à contradição entre público e privado, porque é realmente uma disputa que nós vivemos aqui, diferente da dos Estados Unidos, mas hoje é uma questão importante também para nós; à questão da autonomia versus a heteronomia, que hoje estamos vivendo profundamente, em especial as universidades federais, que estão ligadas a um governo que não respeita a autonomia das universidades; e à questão do poder econômico na universidade pública brasileira, que hoje é muito menor e muito mais complicada do que no passado. Além disso, há a questão de quanto a sociedade quer e deseja a transparência no uso dos recursos, mesmo sendo poucos, depois de tantos cortes, bem como as contradições relacionadas ao ativismo e à excelência acadêmica. Muitos de nossos colegas frequentemente nos questionam quando nós temos muito ativismo ou quando nós temos uma atividade política ou engajamento na sociedade. Na verdade, a combinação dos dois é fundamental para a constituição da vida acadêmica.

Quero destacar uma frase de uma das entrevistas: “As universidades do século XXI terão que ser totalmente permeáveis”. Essa frase significou muito na montagem dessa apresentação, então eu quero destacá-la. Mas, antes disso, eu gostaria de fazer essa provocação: muito se diz no Brasil a respeito da crise da educação

superior ou da educação. Darcy Ribeiro, há muitos anos, mencionou que a crise da educação no Brasil não era uma situação de crise, era um projeto.

Então, nós temos sempre essa pergunta em mente, porque temos vivido, especialmente na educação superior, momentos de grande instabilidade permeados por alguns poucos momentos de estabilidade. Então, o que não falta são manchetes estampadas nos jornais, na televisão, do corte de verbas, da crise financeira das universidades públicas. Principalmente a partir de 2016, do impeachment da presidenta Dilma, as universidades federais tiveram realmente uma derrocada nos orçamentos.

Além disso, mais recentemente, nos últimos dois anos, houve uma interferência de fato nas suas ações, com medidas de restrição à liberdade de expressão ou mesmo na escolha dos reitores das universidades, algo que eu também vou mencionar daqui a pouco. Apesar disso, desde os anos 1990 assistimos a uma expansão das universidades no Brasil. Tanto das universidades federais como das universidades particulares, das universidades privadas no Brasil, que tiveram uma expansão muito maior, ligada à educação como uma forma de obtenção de lucros.

Muitas universidades privadas, não todas, mas muitas delas, estão voltadas realmente para a obtenção de recursos financeiros. Mesmo assim nós tivemos uma expansão muito grande e estávamos a caminho de atingir a Meta 20 do Plano Nacional de Educação, que seria dobrar o número de jovens com entre 18 e 24 anos nas nossas universidades até 2023. Isso não vai acontecer, pois nós estamos estagnados. Pelos nossos cálculos, se continuarmos assim, levará talvez quarenta ou cinquenta anos para atingirmos esse patamar da Meta 20 do Plano Nacional de Educação. Mas nós tivemos uma grande expansão, especialmente das universidades federais. Havia 48 universidades. Hoje são 69 universidades, com mais de quatrocentos campi em todo o Brasil, inclusive em regiões bastante interiorizadas do país, distantes de centros urbanos. Isso foi importante, porque levou a universidade a diversos lugares.

Hoje, por conta da expansão do sistema de permanência que foi criado, que dá auxílios às famílias mais vulneráveis, bem como em razão do sistema de cotas que as universidades federais têm há dez anos – no ano que vem completaremos dez anos da Lei de Cotas –, 70% dos estudantes são baixa renda, de famílias de baixa renda, sendo os primeiros de suas famílias a cursarem a universidade. São

mais de 50% de negros e negras nas universidades. Nós tínhamos um nível muito abaixo disso há dez anos. Muitos, mais de 60%, também concluíram o Ensino Médio em escolas públicas.

Acredito que o Muntadas conheça o sistema brasileiro e sabe que as universidades públicas, diferentemente dos Estados Unidos, são as universidades que fazem muita pesquisa. Mais de 80% dos pesquisadores do nosso país estão nas universidades públicas e são essas universidades que estão produzindo ciência de qualidade. Dentre as vinte universidades mais produtivas e de qualidade, vinte são universidades públicas.

Entre essas universidades nós temos as federais e as estaduais, e, eventualmente, dependendo do sistema de avaliação, temos também a Pontifícia Universidade Católica (PUC), que é comunitária, presente em diferentes cidades no Brasil, que tem uma situação diferente das universidades privadas no Brasil. Essas universidades públicas têm muitos cursos de pós-graduação, logo, há uma ampla formação de novos doutores e pesquisadores.

Mas, como eu disse, a situação é bastante difícil.

Nós temos, desde 2015 principalmente, uma queda no investimento em educação. Quer dizer, hoje nós temos menos da metade dos recursos que tínhamos em 2014. Portanto, trata-se de uma situação de muita dificuldade. Neste ano particularmente, 2021, as federais tiveram um corte de mais de 16% e seus orçamentos ficaram completamente condicionados ao resultado primário. Ou seja, se o Brasil conseguir alcançar o resultado primário no teto dos gastos, o orçamento é liberado. Se não conseguir, ele dependerá de uma aprovação do Congresso Nacional.

Então, essa é uma situação de instabilidade permanente e com constantes cortes.: Cabe também frisar que nos últimos dois ou três anos do governo Bolsonaro, 36% dos dirigentes dessas 69 universidades foram nomeados pelo presidente, ou seja, não eleitos pelas comunidades. Nossa autonomia, que era respeitada havia mais de trinta anos e que prezávamos tanto, não está mais sendo respeitada. Nós tínhamos um sistema em que o eleito pela comunidade era eleito pelo conselho universitário e depois indicado pelo presidente da república. Hoje isso não está acontecendo, o que tem gerado grandes tensões e até crises nas universidades que não tiveram seus reitores eleitos.

Eu quero voltar aqui à nossa *About Academia* e falar agora da outra parte da exposição e dos pontos que me chamaram a atenção a partir das falas dos estudantes. A “universidade aberta e derrubando muros”, o desejo dos estudantes, a “conexão com as comunidades”, quer dizer, uma forma contínua de atuação da universidade aberta com as comunidades do seu entorno e “comprometida com os problemas da cidade”. Isso é algo que chama a atenção e acredito que nossas universidades terão que caminhar para isso. “Derrubando os muros”, como já falei. Com “padrão de qualidade, sim, edifícios, nem tanto”, expondo uma crítica bastante forte na exposição a partir da fala deles sobre a exploração imobiliária, sobre como a universidade acaba sendo também um foco para a aquisição de edifícios e a valorização dos recursos imobiliários do seu entorno.

Mas também precisamos falar que é muito mais importante a infraestrutura do que as edificações, quer dizer, infraestrutura para o estudo, para os laboratórios, para a pesquisa é muito mais importante hoje do que as edificações maravilhosas. No Brasil nós temos, no caso das universidades particulares, em algumas delas, edificações que parecem verdadeiros shopping centers, de tão grandes e ostensivas que são.

Então, essas questões que foram colocadas pelos estudantes são extremamente importantes, que eu mobilizo para o caso da Unifesp. Durante nosso tempo de gestão na reitoria, eu diria que estava tudo em paz na Unifesp, até que veio a expansão. Ela ocorreu de forma muito intensa na nossa universidade e tivemos muitos confrontos de ideias, de gerações e de áreas de conhecimento. Era uma universidade que antes estava apenas na cidade de São Paulo, mas que hoje se apresenta em várias cidades no entorno da capital, nas regiões metropolitanas, muitas delas altamente vulneráveis.

Tínhamos cinco cursos de graduação. Hoje são 54. As federais no Brasil expandiram 177%, enquanto a Unifesp aumentou 1000%. Então, proporcionalmente nós temos uma transformação que gerou muitas mudanças, inclusive no ambiente, na formulação. Aqui eu remonto ao ano de 2012, que foi o ano da nossa primeira campanha para reitoria, quando nós vivíamos uma grande crise, porque havia uma dicotomia. Nesse sentido um dos nossos lemas era: “A Unifesp é uma só”. Não era o campus São Paulo ou o campus Diadema, ou o campus Osasco, não. Nós queríamos ser uma única universidade, com toda a sua diversidade. Então nos

candidatamos, duas mulheres, à reitoria em 2012. Essa campanha foi vitoriosa e difícil. Muitos não acreditavam que nós chegaríamos lá, mas chegamos. Apesar das dificuldades, acreditamos que a Unifesp está em transformação buscando manter uma harmonia entre seus espaços físicos com também entre seus gestores, professores, alunos e funcionários. Compartilho com vocês algo que simboliza essa transformação.

A Unifesp geralmente tinha nas suas posses alguém que levava o reitor, que conduzia o reitor à posse. Era um professor titular, um professor emérito ou dois professores eméritos. Então aqui começa uma mudança, uma marca da nossa gestão. Uma servidora do Hospital São Paulo, assistente de enfermagem, e um estudante, naquele momento, do quinto ano de medicina, nos conduziram para a posse. Depois, na segunda posse, as mesmas servidoras e um servidor nos ajudaram na condução.

Foram muitas experiências, muito conhecimento e, creio eu, muitas transformações. Quero trazer aqui algumas coisas que eu considero emblemáticas na nossa experiência. “A humanização”:

- Nós temos a Escola Paulistinha de Educação, em que nós trabalhamos e atuamos para fazer encontros geracionais, inclusive tratando das questões do meio ambiente;
- “A arte na universidade”: isso foi uma transformação imensa. A Unifesp era uma escola médica que depois se transformou em universidade, expandiu e passou a ter todas as áreas do conhecimento. Nós construímos atividades de integração, de intercâmbio chamadas Unifesp Mostra sua Arte e passamos a ter a arte na nossa formação. “Lutando junto com os movimentos sociais” em particular, objetivando a implantação da nova unidade em Guarulhos, o campus Zona Leste da Unifesp . Nos unimos a diferentes lideranças da comunidade como o padre Ticão, pessoa importante da região, com vários parlamentares e com outros membros da região que abriga o novo campus;
- “Derrubando muros e abrindo portas”, programa esse implementado em: Guarulhos, onde fica a Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Unifesp, que abriu suas portas para os estudantes, para a comunidade do entorno, em uma região de altíssima vulnerabilidade, como o bairro dos Pimentas;

- “A saúde e a educação indígena”: temos uma licenciatura para os indígenas;
- “Núcleo de assistência à pessoa trans”: é uma experiência que nós acreditamos ter sido muito importante para a nossa universidade, porque também abriu espaço para essa questão fundamental hoje;
- “A construção permanente da participação”: isso ocorreu a partir do Congresso da Unifesp, que foi paritário e que levou a uma estatuinte, concluída depois, em 2018. Levamos quase quatro anos para concluir a reforma do estatuto. Instituímos as plenárias, por meio de um conjunto de audiências públicas e de plenárias ao longo dos oito anos. Tínhamos como objetivo o controle social, principalmente quanto à questão orçamentária, e nós colocamos isso no estatuto, incluímos na reforma de estatuto que as plenárias se tornariam obrigatórias aos futuros dirigentes“;
- Instituímos o Conselho Estratégico Universidade e Sociedade” (Ceus): nele há a participação de diversos membros da sociedade civil. É um conselho consultivo que também consta do nosso estatuto.

Para finalizar essa parte da minha apresentação, eu queria falar das mulheres. Nossa gestão trouxe uma outra questão importante. Eram duas mulheres assumindo a reitoria. As primeiras mulheres a assumirem a Unifesp. Mesmo antes, quando ainda era Escola Paulista de Medicina, nunca havíamos tido uma mulher na reitoria, desde 1933. A pergunta era: onde estavam todas aquelas mulheres fantásticas que, de repente, surgiram e passaram a dizer: “Essa universidade também é minha”?

Foi uma gestão de mulheres. Nós tínhamos apenas o Éspere Cavalheiro como um dos pró-reitores, mas todas as outras gestoras, junto comigo, eram e são mulheres em todas as pró-reitorias, e em diversas áreas e debates que fizemos.

Então, para enfatizar esse fato, eu quero mostrar esse vídeo:

[Segue transcrição do vídeo (diferentes vozes femininas) exibido na ocasião (4:06min) com depoimentos de mulheres pesquisadoras da Unifesp, cujas cenas são ambientadas por excertos textuais dessas falas e pela performance do grupo de alunas percussionistas da Escola Paulista de Medicina da Unifesp, a Bateria 51, responsáveis pela trilha sonora do vídeo.]

“O que eu diria para as mulheres que desejam desbravar o ambiente científico é que não existe, no conjunto das ciências, territórios proibidos para elas. A palavra ‘desbravar’ é muito rica, pois implica ousadia, curiosidade, determinação, descoberta, ou seja, as qualidades de um espírito científico” – Ligia Fonseca Ferreira.

“Uma mulher que já esteja no caminho pelo conhecimento é uma mulher que já deu um passo importantíssimo na busca pela sua liberdade, pela sua autonomia, pela sua independência” – Esther Solano.

“Apesar de todas as dificuldades inerentes aos espaços para nossa atuação, diria que a pesquisa é um campo que deve ser abraçado cada vez mais pelas mulheres, e assim contribuir para o reconhecimento e a reformulação dos problemas que afligem a nossa sociedade” – Izabel Meister.

“Vejo que muitas conquistas e muitas mudanças ocorreram nas últimas décadas, mas ainda é preciso fazer muito mais, em especial ocupando os lugares de direito com inteligência e com a habilidade que temos” – Soraya Smaili.

“O trabalho na ciência exige dedicação, observação com olhar curioso e, principalmente, interesse em produzir conhecimento. Devemos ocupar nosso lugar na ciência e nos valorizarmos nesse espaço” – Maria de Fátima Queiroz.

“O fato de eu ser uma mulher influencia as meninas a se interessarem por tecnologia também. Quando você entrar em uma sala de reunião ou em um evento e vir que é a única mulher presente, fale, participe e mostre que você está bem preparada” – Maria Elizete Kunkel.

“Eu vou continuar lutando não só pela mulher cientista, mas, principalmente, por aquela mulher trabalhadora do dia a dia do nosso país, para que ela possa superar todas as nossas sequelas e mazelas” – Helena Nader.

“Envolver-se na pesquisa é isso: se entregar a uma necessidade de ampliar o conhecimento. Nós podemos e devemos fazer a diferença” – Thais Cyrino de Mello Forato.

“É preciso ter coragem e ousadia para acreditar e seguir em frente. E há um grupo, no qual eu me incluo, que sofre ainda maior invisibilidade: o das pesquisadoras negras aqui da Unifesp, que tem um papel pioneiro nas ações afirmativas. Nós temos o dever de incentivar e inspirar para que os seus talentos não fiquem ocultos entre nós. É no caminho da luta por direitos iguais, sermos donas de nossos corpos e de

nossos saberes. Então, alunas e futuras alunas, na luta sempre pelo conhecimento e na luta por uma universidade pública, gratuita e de qualidade para todos e para todas! Avante mulheres. E parabéns!”

[Fim do vídeo]

Smaili: Alguns outros momentos também se destacam, como a vinda da pesquisadora Judith Butler no auge dos negacionismo. Quero também falar rapidamente, para finalizar, sobre os dados das mulheres na Unifesp. Nós, hoje, somos maioria em praticamente todas as áreas do conhecimento na Unifesp, com exceção do Instituto de Ciência e Tecnologia, que é a área de engenharias e de tecnologia, mas na qual o número de mulheres está crescendo. E somos maioria não só como alunas, mas também como orientadoras, pesquisadoras, praticamente em todas as áreas. Na enfermagem somos maioria absoluta. Na medicina somos mais de 60%. Então nós realmente estamos em um momento de grande transformação, pois aqui, as mulheres são maioria também na pesquisa, no cômputo geral, e quase 60% dos nossos estudantes são mulheres.

Acho que vou parar por aqui, embora eu tenha mais a expor, referente aos momentos de conflito que nós tivemos nesses oito anos, conflitos que geraram diálogos como as greves dos estudantes, a audiência pública com os estudantes e as situações que vivemos com os trabalhadores do nosso Hospital São Paulo, entre outros

Certamente há uma transformação enorme por acontecer e da qual ainda não sabemos exatamente qual vai ser o resultado, mas nós temos que continuar na defesa da educação pública no nosso país, especialmente em razão do momento político que nós vivemos, o momento político-orçamentário. Muito obrigada.

Plonski: Muito obrigado, professora Soraya, pela sua apresentação fascinante, não só pela forma engajada com que expôs, mas por descrever um processo de transformação institucional profunda e feita em um período extremamente curto. Eu lembro com clareza de uma noite de dezembro de 1994 em que eu acompanhei o então reitor da USP, o professor Flávio Fava de Moraes, na cerimônia, que contava com a presença do então ministro da Educação, Murílio Hingel, de transformação da Escola Paulista de Medicina em universidade. Inclusive, na época, o ministro Murílio Hingel chamou a atenção para o fato

de que seria, pelo menos essa era a ideia inicial, a primeira universidade especializada na área da saúde. E você descreveu esse processo, que eu acho que é, inclusive, um processo orgânico, no sentido de que nasceu de forças internas de expansão, não só numérica, mas de diversificação da universidade, não só geográfica, mas também em termos de áreas, tornando-se de fato uma universidade no seu sentido mais universal do termo.

Então, agradeço muito a sua exposição. Com relação à questão da presença da mulher, eu fico sempre emocionado com a foto que você mostrou da nossa querida Helena Nader, que também foi catedrática na cátedra que o professor Martin coordena, a Cátedra Olavo Setubal. Ela foi catedrática em um momento singular e inovador de uma cátedra bicéfala: ela na ciência e o Paulo Herkenhoff na arte. Foi um ano maravilhoso na história do instituto, na história da universidade, graças à professora Helena.

Gostaria de dizer que a professora Roseli de Deus Lopes, a vice-diretora do instituto, está nos acompanhando pelo YouTube, pois ela teve um problema com o Zoom. Ela também vem de uma situação interessante, porque é professora de engenharia na Escola Politécnica da USP, de engenharia eletrônica, e ela acabou se encantando com tecnologia e educação. Fez essa ponte e foi a idealizadora da Feira Brasileira de Ciências e Engenharia (Febrace). Muito obrigado, professora Soraya. Passo então agora a palavra ao querido amigo, professor e colega Marcos Buckeridge.

Buckeridge: Obrigado. É difícil falar depois da professora Soraya, depois dessa excelente apresentação. Obrigado, professora. É um prazer estar contigo. Vou, então, iniciar a minha apresentação. Talvez ela seja bem mais simples do que a da professora Soraya, mas eu tinha a ideia de que a professora Soraya iria apresentar alguns dados sobre as universidades federais que eu não tenho, que traz uma visão diferente.

Eu queria cumprimentar o Muntadas pelo trabalho. Pelo que se vê e que se ouve é uma experiência única. Foi uma experiência realmente muito interessante assistir os depoimentos dos professores e dos alunos, porque, com esse diálogo eu ouvia uma opinião de um aluno e depois a de um professor, com pontos de vista diferentes, como se eu estivesse fazendo uma viagem pela semiosfera da academia e ouvindo vozes enquanto eu passava. Foi essa a sensação que eu tive, que você me propiciou e que só a arte pode fazer.

Eu sou um produto do ensino particular, pois eu me formei na Universidade de Guarulhos. Mas, ao mesmo tempo, sou um produto da universidade pública federal, pois me formei, no mestrado, justamente na Escola Paulista de Medicina. Então eu sou da mesma universidade que a professora Soraya. Depois fui para o exterior e agora sou professor da USP. Eu não sei se o Muntadas tem essa ideia. Não sei se o Martin, o Ary e a Soraya concordam comigo, mas eu penso que São Paulo é uma espécie de Catalunha no Brasil. Nós temos uma personalidade própria.

Eu queria que São Paulo fosse até mais Catalunha. Nossa arte e nossa forma de ver o mundo é diferente e o Martin estava comentando sobre a diferença cultural que existe no Brasil em relação ao resto da América Latina, o que se deve a uma origem cultural diversa. Eu acho que nós em São Paulo também somos diferentes por causa de alguns fenômenos que ocorreram no século XIX, no século XX, que foi a questão da evolução da agricultura e a entrada dos bandeirantes. Depois, um fato muito importante que tivemos na década de 1920 foi a Semana de 22, que é super importante. O antropofagismo é uma marca que eu sinto em mim. Eu não sou artista, mas eu me sinto totalmente marcado pela Semana de 22 e seus efeitos.

Além disso, a fundação da USP foi uma resposta a uma tentativa de revolução que São Paulo fez para sair do Brasil, para ser independente. Nós perdemos a guerra, mas nossa resposta foi: “Nós vamos fazer uma universidade que será extremamente importante”. Daí é que veio o símbolo “*Scientia Vincet*”, “*A Ciência Vence*”. Nós não vencemos a guerra, mas nós vencemos na ciência. Então, essa experiência foi muito interessante.

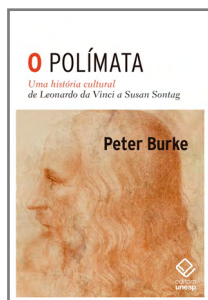
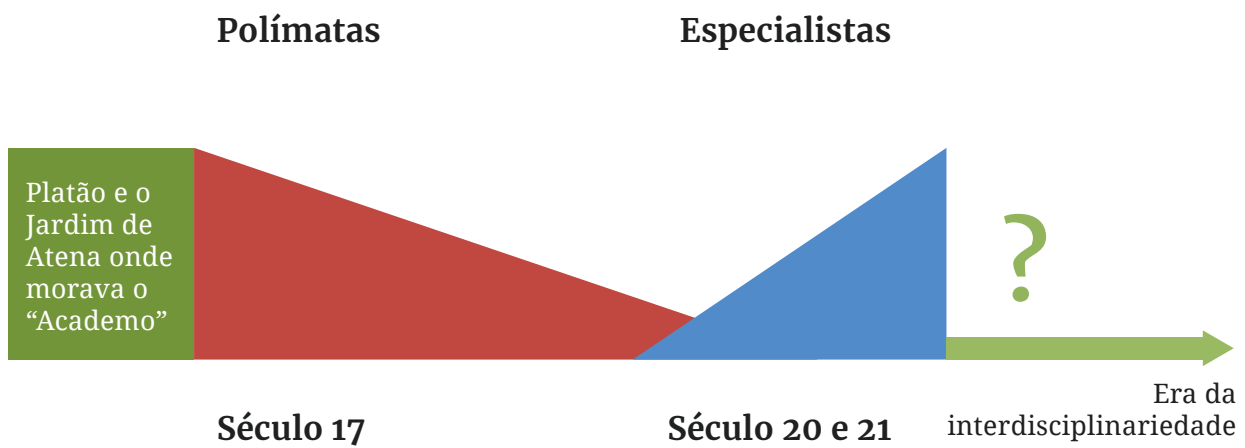
Eu fui olhar a questão da academia, a ideia de academia, pelo que entendi, começa com Platão e em um jardim. Platão começa sua academia em um jardim, o jardim de Atena, e o nome dado foi “academia” porque ali morava uma entidade, que era o *Academo*. Daí vem a palavra “academia”.

Eu sou um jardineiro, sou botânico de origem. Jardim, para mim, é a estrutura. Jardim é beleza, jardim é arte, é emocionar, é se comunicar com o sistema límbico do cérebro e provocar sensações nas pessoas. Assim, eu acho que a estrutura dos prédios é com certeza muito importante. Por exemplo, é importante estar em um lugar que tem uma estrutura, em que a arquitetura – que é uma

espécie de ponte entre a arte e a engenharia –, te provoca. Não sei se o Muntadas chegou a entrar na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP, mas quando você entra e vê aquele prédio, não é possível não se emocionar, pois se fica absolutamente extasiado com a arquitetura do lugar. Eu acho que isso é importante. É importante que haja a infraestrutura, é importante que haja a arquitetura.

Outra questão que versa sobre a academia e a universidade, que é o ponto da exposição: recentemente li um livro fenomenal do Peter Burke. Ele reuniu quinhentos polímatas e mostrou como são pessoas que podem ser artistas. Ele menciona em sua palestra que se pode definir um polímata como alguém que tem uma banda de Jazz e ao mesmo tempo é um cientista, ou que é ao mesmo tempo um esportista. Ele ou ela fazem várias coisas e a polimatia é isso. E o principal lugar dos polímatas na USP chama-se IEA. É para onde os polímatas vão. Essas pessoas não se encaixam na era da especialidade, e o Burke descreve muito bem isso em seu livro, que a especialidade começa principalmente no século XX. A USP é um produto dessa especialidade. A história linda que a Soraya contou da Unifesp é a história de uma Escola Paulista de Medicina que se transforma em uma universidade, mas que se transforma numa universidade especializada. Nós temos os departamentos, que são estruturas muito complexas do ponto de vista social e que, na minha opinião, são algo que cria uma dificuldade ou barreira muito grande para a interdisciplinaridade. Na minha humilde visão, eu me considero uma espécie de polímata e acho necessário começarmos a retornar. Por isso eu coloco que futuramente, no século XXI, devemos entrar na era da interdisciplinaridade. Muito se fala sobre isso, nos Estados Unidos e aqui. A interdisciplinaridade exige método, porque não é o mesmo que ser um polímata. Quando os polímatas existiram a quantidade de conhecimento era menor.

Outra curiosidade é que os polímatas não eram necessariamente da universidade. Eles podiam ser e geralmente eram pessoas ricas, pessoas que conseguiam dinheiro suficiente para estudar várias coisas e não precisar trabalhar. Eram sempre homens, porque as mulheres eram discriminadas. Felizmente isso está mudando, mas ainda existem poucas mulheres polímatas por causa dessa discriminação. Ou então, como Leibniz, eram pessoas que se tornaram bibliotecários e que entenderam o mundo por meio das bibliotecas.

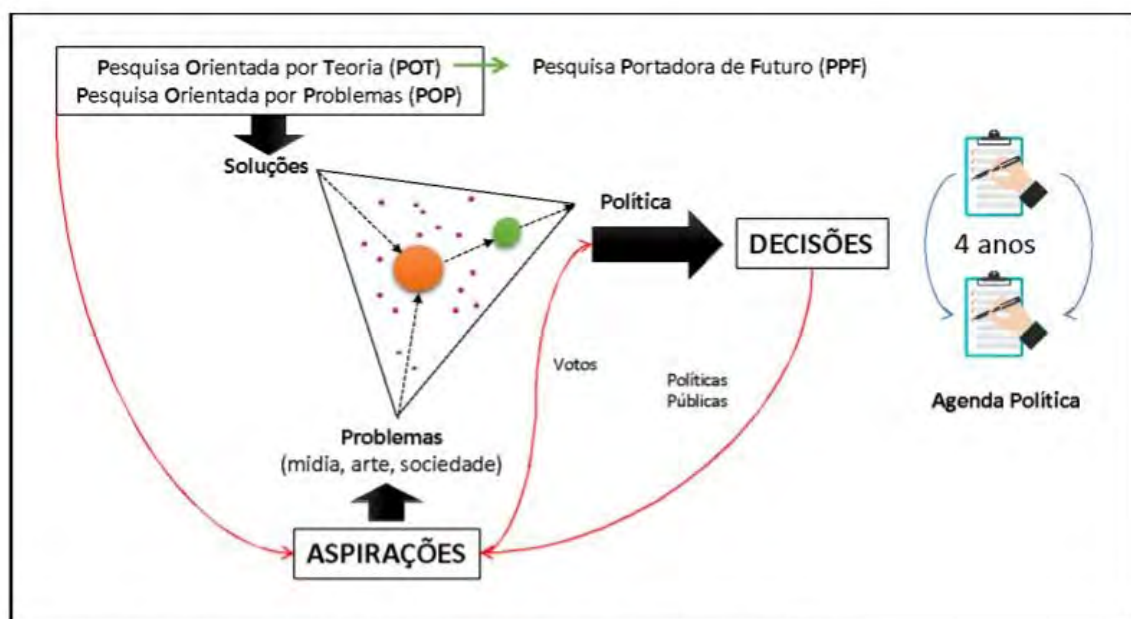


Peter Burke: O polímata
2020

Esta é uma pequena visão, com alguns elementos, como a boa arte que o Muntadas colocou, e eu estou aqui me apropriando do Umberto Eco. Assim, esta é a minha “visão Muntadas”. Se você me permite, Muntadas, ao fazer arte, você torna a mensagem minha, e não mais sua. Mas ela é Muntadas e ela continua a ser Muntadas.

Eu vou expor uma visão do que eu percebo até chegar na estrutura da USP e, talvez, fazer uma ligação com o que a professora Soraya colocou. A primeira coisa é que a academia, e eu entendo “academia” aqui por “pesquisadores”, nela há a pesquisa orientada por teoria, chamada também de pesquisa básica, que gradativamente, geralmente depois de dez anos, vai se tornar uma pesquisa portadora de futuro. Eu acredito que a metodologia da qual estou falando aqui vale para a ciência, e o Martin pode depois comentar sobre isso, mas deve valer para a arte também, pois o processo criativo não é muito diferente. Costumamos fazer essa diferenciação, e eu acho que existem diferenças no processo criativo. Eu sou um fanático por um canal de televisão – o Muntadas mencionou a televisão –, pelo Arte 1. Acho que é a melhor televisão que a televisão do Brasil já fez e é admirável no Arte 1 que, a todo momento, eles estão perguntando o que é arte e colocando pessoas diferentes para responder. Me parece que, se fosse feito um canal de ciência, o resultado seria o mesmo, as perguntas e as respostas seriam muito similares.

Retomando: a pesquisa orientada por teoria pode se tornar a pesquisa aplicada, que vai gerar a tecnologia. Essa é a produção de soluções. Aqui eu apresento um triângulo e, dentro desse triângulo, há algo que nós chamamos de “sopa primordial”, que é onde flutuam as soluções e as aspirações, ou aqueles apontamentos de problemas ou caminhos que uma dada sociedade quer. Então, é muito interessante ver como é a universidade nos Estados Unidos e como ela é aqui, e entender que isso está eternamente ligado à sociedade. Sempre esteve e sempre estará. A arte é uma das formas de apontar tanto soluções quanto aspirações. E nós temos aí a política, as ideologias e toda essa carga, que é onde se tomam decisões. Geralmente, nos sistemas democráticos, essas decisões têm uma agenda de quatro anos. Então, para que um sistema caminhe bem, ele teria que ser mais bem embasado em ciência. Quanto maior for a base de conhecimento, ou seja, quanto maior for a influência da academia nas decisões, desde que a academia seja uma instituição que enxergue a sociedade, melhor serão as soluções, que são as políticas públicas.



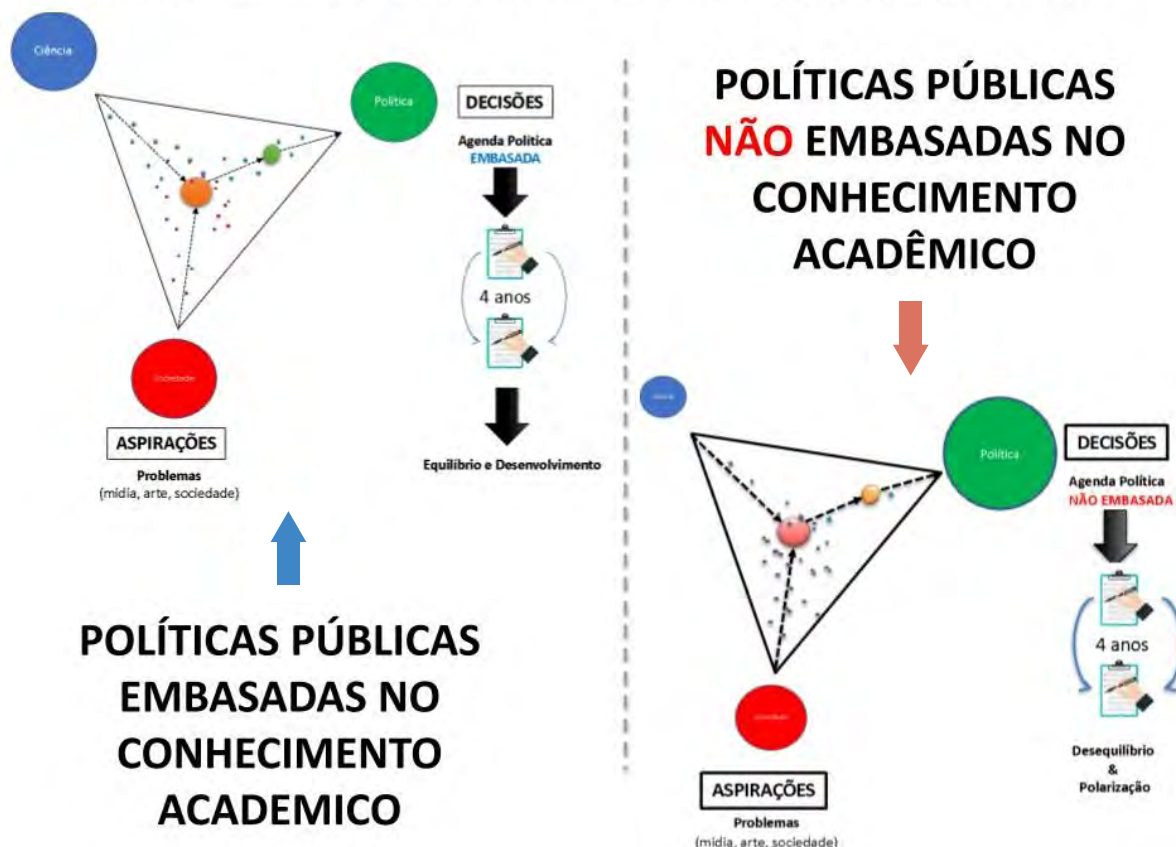
Fonte: Buckeridge e Philippi Jr. Estudos Avançados 34 (99), 2020

Assim, nesta imagem eu apresento os dois lados: políticas públicas embasadas no conhecimento acadêmico, situação na qual a ciência produz bastantes soluções e a há um equilíbrio entre ciência e sociedade – a sociedade pede, a ciência produz as soluções e a política captura essas soluções, coloca nas suas agendas e aumenta o equilíbrio. Essas sociedades avançam melhor, dão maior bem-estar para as pessoas. O segundo caso ocorre quando as políticas públicas não são embasadas

no conhecimento acadêmico. Por exemplo como acontece no Brasil e em vários lugares, e é algo que acontece periodicamente na história do mundo: a política toma que são embasadas no que a academia produz. A sociedade continua apontando os problemas porque ela é sempre estável ao apontar o que deseja, desde que seja permitido, pois tivemos um sistema militar aqui, e às vezes a academia não consegue apontar. Na ditadura militar nós não conseguíamos apontar esses problemas. Na Espanha vocês tiveram problemas parecidos, em vários lugares do mundo, mas, em geral, a sociedade fica bombardeando a sopa primordial com o apontamento de problemas, e, se a política começa a tomar decisões sem base, o sistema tende a ser um sistema perdedor.

Mesmo no sistema chinês, que não é um sistema democrático, há um aumento cada vez maior do espaço para a academia. Eles mudaram completamente a forma de ver a academia e estão produzindo conhecimento com uma velocidade incrível e em uma quantidade incrível. Copiaram o sistema acadêmico americano, basicamente, mas o tornaram público, e com isso estão gradativamente aumentando o bem-estar físico das pessoas, não necessariamente o bem-estar político, fisiológico e a liberdade, mas a cópia consegue emular uma parte disso.

As cidades enfrentam problemas que exigem aplicação de conhecimento científico



Outro ponto extremamente importante é o equilíbrio da cultura. Aqui eu gosto de usar o Edward Tylor. É uma visão antiga de cultura, mas uma visão que nos permite notar que o equilíbrio entre saber, produção de arte, moral, costume, crenças e leis é muito importante. Por exemplo, em locais onde as crenças sobrepõem o restante, como é o caso do Irã, atrasa-se a vida da sociedade e a liberdade das pessoas. Se houver um excesso de saber talvez também ocorra a mesma coisa. Se houver problemas com moral e costumes – que é um problema que o Brasil está tendo agora –, isso também afeta o andamento das coisas.

Outro elemento muito importante da academia, principalmente no século XX, foi a entrada de uma ideia coletivista, de uma ideia de uma nova ética, chamada “ética socioambiental”, que gerou o ambientalismo moderno. Isso contaminou a sociedade, que criou uma demanda sobre a academia. A academia precisou e precisa se adaptar a isso, e nós temos uma adaptação enorme sendo feita. Nas minhas buscas, começando lá em 1935 com o Arthur Tansley, que era um botânico, aparecem os primeiros conceitos de ecossistema. Os primeiros conceitos de ecologia surgem em um artigo de 1935 do Tansley, o que ocorre na mesma época em que matemáticos como Norbert Wiener, da década de 1930, e biólogos como Ludwig von Bertalanffy olhavam para o mundo de um ponto de vista sistêmico. Eles olhavam o mundo como se os polímatas fossem o caminho.

Nós temos um brasileiro nisso, daqui do meu instituto, inclusive. Eu não estou falando só porque é do meu instituto, mas porque foi um brasileiro absolutamente fundamental para o ambientalismo no mundo, que é o professor Paulo Nogueira Neto, que geriu a primeira entidade de governo nacional e que criou todo o sistema voltado para o meio ambiente no Brasil. Ele disse e escreveu coisas nas décadas de 1960 e 1970 que são equivalentes ao que ocorria no mundo. Tínhamos uma tendência muito grande de os americanos dominarem a história. Me desculpe, Muntadas, mas os europeus também, de forma que a história que é feita aqui não é vista. A história é sempre “primeiro os americanos fizeram e depois o resto do mundo”. Em todos os aspectos. Até no avião. Mas vários americanos, obviamente, foram muito importantes.

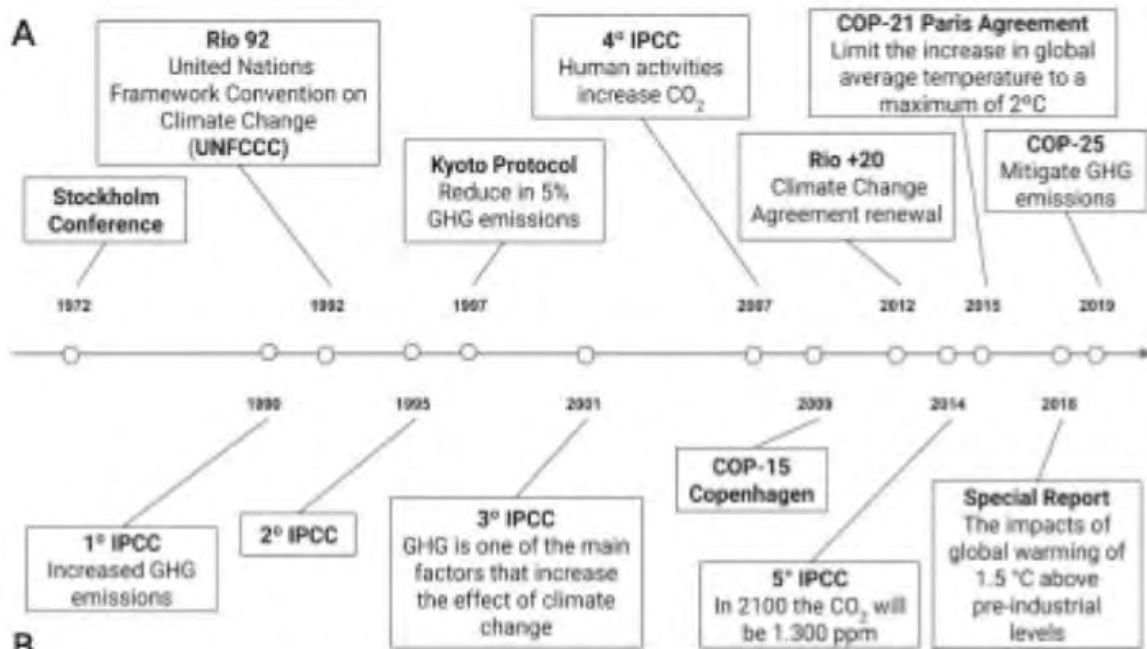
Foi Eugene Odum quem escreveu o primeiro livro, junto com o irmão dele, Howard Odum. Ambos escreveram juntos o primeiro livro de ecologia, que é um livro-texto de ecologia para as faculdades, para as universidades no mundo. Eu

estudei por meio desse livro. O Eugene era biólogo e trabalhou a vida inteira na parte de biologia, enquanto o Howard tinha uma visão um pouco mais politizada. O Howard tinha a visão sistêmica, pendia mais para a polimatia, ao passo que o Eugene tendia mais para o especialista. No meio disso tudo, nós temos duas mulheres que foram fundamentais. Uma delas é Donella Meadows, comandante de um relatório encomendado pelo clube de Roma em 1968 e que criou um desses primeiros relatórios modernos que conhecemos. Além disso, a Rachel Carson, cientista que trabalhava com cascas de ovos de pássaro, percebeu que elas estavam muito fracas e que os ovos estavam eclodindo antes do tempo. Ela viu que existia uma relação disso com um inseticida que estava sendo usado com muito sucesso na época, que era o DDT. Então ela escreveu inicialmente um artigo para o *The New Yorker*, o que acabou se tornando um livro, publicado em 1962 e chamado de *Primavera silenciosa*, porque não havia o barulho dos ovos dos pássaros chocando. Esse livro viralizou, como dizemos hoje, e mudou a visão da sociedade americana em relação ao ambiente.

Essas mudanças levam ao ambientalismo moderno, que para mim é uma revolução copernicana, porque muda gradativamente da ética de valores intrínsecos, a ética que considera o indivíduo ou uma espécie como importante, para a ética de valores instrumentais, que enxerga o mundo tendo nós, o *Homo sapiens*, não como centro, e sim como uma parte de um sistema muito maior. Com isso na biologia e na ecologia, nós acabamos descobrindo que realmente existem os ciclos biogeoquímicos e que sem eles nós não podemos existir, a civilização não pode existir. E mais do que isso: existem os microbiomas, que são milhares e milhares de microrganismos que vivem dentro de nós, sem os quais também não podemos viver. Essa é uma mudança copernicana, é uma visão completamente diferente não só da biologia, mas uma visão que está transformando a sociedade.

Essa transformação é nítida até mesmo nas Nações Unidas, em particular, ao lançar em 2016 os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). O objetivo número quatro é o objetivo da educação – e acho que o trabalho do Muntadas se encaixa muito bem aí, em vários aspectos do ODS 4. Tudo isso começa lá atrás, no fim do século XX, com o relatório Brundtland, e depois acaba se transformando nesse conjunto de dezessete objetivos, cujo objetivo central é: satisfazer as necessidades da geração atual sem comprometer a capacidade e as necessidades das gerações futuras.

Essa é uma transformação que vem ocorrendo, e outra visão dessa transformação está nesta imagem.



Importance of Meta-analysis in Studies Involving Plant Responses to Climate Change in Brazil

Janaina da Silva Fortes¹, Adriana Grandis¹,
Camila de Toledo Castanho², and Marcos Silveira Buckridge¹

Nela vemos que houve uma mescla de reuniões do painel intergovernamental de mudanças climáticas, que começa em 1990. Esse primeiro relatório é aquele que vai dizer que o clima está mudando, sendo um produto direto da academia. Eu trabalhei em alguns desses relatórios mais recentemente, não em 1990. Trabalhei desde o ano 2000 no *The Intergovernmental Panel on Climate Change* - IPCC, que é um produto direto da academia. Por quê? Porque nós vamos buscar o conhecimento que existe, juntamos esse conhecimento em um livro ou em um conjunto de livros e colocamos esse conhecimento à disposição dos 195 países das Nações Unidas.

Trabalhando paralelamente há as Conferências das Partes (COPs), que são as junções, as discussões que ocorrem a partir do que o IPCC define. Por exemplo, a COP26, que na minha opinião foi o maior fracasso que nós já vimos até agora dentre todas as COPs, pois deveria estar discutindo o que fazer para aumentarmos mais de um grau e meio a temperatura. Mas não se discutiu nada, os governos não foram.

A COP é feita para governos, cientistas e ativistas discutirem. A academia está lá naquele recheio, naquele centro, porque ela é o conhecimento, é a base do conhecimento. Por que a COP26 é um fracasso retumbante? Porque nós produzimos o conhecimento, trabalhamos duro para juntar todo o conhecimento que os humanos já produziram, publicaram e que são confiáveis, de modo a apresentar isso para os países, mas os países não estão interessados em discutir isso, e sim interessados em fazer “pedaladas ambientais”. Ou seja, não estão interessados em mudar seu padrão básico para que se consiga atingir as metas prometidas lá na COP de Paris. Mas isso não está levando a nada. De qualquer jeito, agora ocorrerá uma COP no ano que vem, no Egito, um país que não é central na produção de combustíveis fósseis. Eu não sei como será isso, porque vai ser muito difícil o Egito se impor e fazer com que as Nações Unidas consigam se impor em relação aos países. Assim, esse é o mundo em que nós vivemos, e a academia está nesse meio.

Por fim, eu só queria mostrar algo para o Muntadas e para vocês. O professor Arlindo Philippi e eu escrevemos um capítulo no livro sobre a USP, que não é para dizer nada sobre a história da USP, mas sobre a estrutura de poder da USP. E é muito interessante. Vocês viram a apresentação da professora Soraya com todas as questões, greves e discussões sobre mulheres, sobre negros e a sociedade etc. A universidade brasileira está bem diferente da universidade americana, me parece, pelo trabalho do Muntadas principalmente. Ela está bastante diferente porque a universidade brasileira está mais enfrontada com a sociedade, está mais mesclada com a sociedade, e não importa se é privado ou público. As três universidades estaduais de São Paulo têm um custo de cerca de 10% de toda a arrecadação do estado. Quer dizer, alguém está pagando, nós estamos pagando. Então ou você paga no privado ou você paga no público. Em um país como o Brasil, que tem desigualdades muito grandes, é melhor você pagar no público, porque você dá, como a professora Soraya mostrou, a oportunidade para pessoas que são mais pobres participarem. Isso muda a academia? Provavelmente não. Mas melhora o sistema, porque nós temos a participação de mais cérebros.

Na USP, O “poder legislativo” são os Conselhos de Departamentos, as Congregações das Unidades, o Conselho Universitário e os Conselhos das Pró-Reitorias: formas de decisão que nós temos, que são sempre colegiadas. O poder “executi-

vo” da universidade, que é aquele que nós vamos eleger agora: o Reitor, os Pró-Reitores, os Diretores de Unidades, como eu, como o Ary, como o Martin já foi, como a Soraya. Nós pertencemos ao poder executivo por um tempo. O “poder legislativo” são as caixas em vermelho, são os conselhos. Em verde nós temos o que eu chamo de “poder acadêmico”, no capítulo nós chamamos isso de poder acadêmico. Por quê?

O que está acontecendo agora, na USP pelo menos, Muntadas, é o seguinte: cada professor produz o seu plano acadêmico, o que ele vai fazer nos próximos cinco anos. Esse plano acadêmico é reunido pelo departamento, que tem seu próprio plano acadêmico, baseado nos planos dos professores. Os planos acadêmicos dos departamentos são reunidos e então se chega ao plano acadêmico da faculdade, da unidade do instituto. Esse plano acadêmico vai ser executado dentro dos parâmetros que ele mesmo criou. Portanto, existe uma liberdade acadêmica enorme na USP. Eu não sei se a Universidade de Campinas (Unicamp) e a Universidade Estadual de São Paulo (Unesp) já estão fazendo isso, mas na USP a liberdade é enorme, ainda que a liberdade seja muito pequena para quem está no poder executivo, pois as decisões são tomadas sempre por meio desses conselhos já mencionados.

Existem alguns poderes que estão se desenvolvendo ao longo do tempo. Existe um “poder judiciário”, que é a procuradoria geral. A parte da legislação e das regras está cada vez mais importante, pois determina se as decisões dos conselhos podem ou não ser tomadas, se quem está no poder executivo pode ou não fazer alguma coisa... E existe uma fonte externa de poder, que são as agências financiadoras de pesquisa.

O Ary citou uma pessoa nos Estados Unidos que não daria mais aula porque havia ganhado um *grant* muito grande. Esses *grants* muito grandes aqui na USP têm um valor parecido: acabamos dando menos aulas e trabalhando mais na direção desses grandes projetos. E esses grandes projetos têm um peso político, um grande peso de poder, que se contrapõe ao poder executivo da universidade, que têm seu orçamento e que controla um orçamento, mas um orçamento votado pelos colegiados.

Então essa é a estrutura. Deixo aqui, para o Ary e para o Martin comentarem: a universidade é um microcosmo da sociedade? Isso que nós estamos vendo

reflete a sociedade, a política brasileira, certo? Funciona mais ou menos desse jeito. Ou a sociedade é o macrocosmo do que é a universidade? Assim, eu deixo essa pergunta, um desafio para vocês e para discussão. Agradeço muitíssimo, Martin, Muntadas, Ary. Foi uma grande honra para mim poder ter falado nesse evento de vocês.

Plonski: Obrigado. Eu queria dizer que o livro do Peter Burke deve ser atualizado com 501 biografias de polímatas, incluindo o número 501, do professor Marcos Buckeridge. Eu penso que você transita em vários campos e procura mais do que transitar em vários campos. Ou seja, é mais do que ter uma pizza de vários sabores. Você busca, de fato, como foi sua proposta e está sendo, no seu trabalho junto com o professor Arlindo, criar um centro de síntese, criar a capacidade de fazer a síntese, como o olhar do biólogo Bertalanffy, sobre o qual você comentou, considerado o pai da teoria dos sistemas contemporâneos. Acho que você segue a tradição do Bertalanffy.

Eu, quando tinha um pouco menos de juventude acumulada, fui muito fã do Bertalanffy e o conheço um pouco. É bem legal vermos o teu olhar e o olhar dele, vermos como essa origem desenvolve a capacidade de visão sistêmica. É muito bacana mesmo. E você evidentemente se arrisca a aplicar isso na USP. A professora Soraya também é da casa, então devo dizer que é um ente de elevada complexidade.

Nós temos vinte minutos, arredondando. Eu queria sugerir o seguinte: nós temos uma pergunta objetiva para fazer. Depois eu gostaria de, caso não surja outra questão relevante, de passar a palavra ao Antoni Muntadas e, finalmente, passar a palavra ao Martin para o encerramento, mas, evidentemente, deixando espaço para uma possível manifestação final. A professora Soraya talvez até já faça sua manifestação na resposta da pergunta, e, se o Marcos quiser depois complementar, será bem-vindo.

Professora Soraya, a pergunta é de um doutorando, o Felipe, que é do doutorado em geografia humana aqui na USP, do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Ele faz a pergunta diretamente para a senhora. Eu vou ler o trecho relevante: “Dada a exposição dos cortes de verbas e da perda de autonomia nas universidades, como pensar em novas articulações por parte dos pesquisadores, docentes e discentes da academia?”. Ele inclui federais e

estaduais: “Para retomada de novos investimentos e mais autonomia para as universidades do país”. A partir da problematização, pensando – aqui já são palavras minhas – em como podemos encaminhar a saída às alternativas. Por favor, professora Soraya.

Smaili: Essa é uma excelente pergunta. Eu agradeço muito e também agradeço à exposição do Marcos. Tentando já compor uma finalização, eu diria que nós vivemos um momento de crise permanente no nosso país, ao que nos parece. E a crise do sistema educacional superior no Brasil atingiu um patamar bastante elevado agora. Nós temos uma situação de muitas dificuldades, isso porque eu nem comentei a questão da pandemia e do quanto a pandemia vai mudar e já mudou as nossas vidas.

Além disso, nós não conseguimos medir o impacto da pandemia nas nossas universidades, nos nossos jovens e nos nossos professores, incluindo nas nossas pesquisas. Mudou a forma. Agora mesmo a Unifesp está em um momento de escolha dos seus órgãos centrais. Nós estamos agora em um momento que ocorre a cada dois anos na Unifesp, que é a escolha dos representantes em todos os conselhos centrais. São mais de cem posições, no caso dos docentes, eles têm que votar, e é a coisa mais estranha que aconteceu nos últimos dez anos, porque ninguém fala. Ninguém está falando sobre esse assunto na universidade, as pessoas não estão debatendo, não estão falando sobre política, não estão falando sobre as propostas. Quer dizer, estamos escolhendo, pela via virtual, on-line, os representantes que vão estar nos conselhos universitários, nos conselhos de graduação e de pós-graduação, sem que tenhamos uma formulação ou mesmo uma conversa sobre isso.

Quando os grupos se reuniram para solicitar apoio, os votos foram solicitados individualmente. As pessoas vão até seus conhecidos, enviam mensagens por WhatsApp, que é a forma de fazer política hoje, pelas redes sociais e por essas formas digitais de comunicação. Nós estamos realmente em um ambiente em que, além dos cortes orçamentários, nos coloca diante da nossa separação física, embora nós tenhamos ganho muito com este encontro, por exemplo, pois há pessoas que estão fora do país, além de pessoas que podem nos assistir de qualquer lugar do Brasil ou da América Latina. Quer dizer, ao mesmo tempo que nós temos uma aproximação, há também uma separação, uma dispersão e

até uma individualização. Assim, a política universitária autônoma de partidos e de governos precisa ser feita. Não é possível sair dessa situação orçamentária e política no nosso país se nós não nos envolvermos e não nos engajarmos nisso.

Nós vamos ter que inventar uma fórmula, porque precisamos ir ao parlamento, falar com os parlamentares, precisamos formular as propostas. O ano que vem é um ano eleitoral e nós temos que cobrar de todos os candidatos as suas propostas para a educação superior, no nosso caso para a ciência, para o sistema da ciência e tecnologia do nosso país, que está realmente em situação muito difícil por causa da questão orçamentária.

A realidade de São Paulo é uma realidade muito diferente, e nós, como estamos em São Paulo mas fazemos parte de uma rede federal, conhecemos as realidades das nossas universidades federais. A situação de São Paulo, felizmente, é diferente, por termos o investimento do ICMS, uma conquista também dos movimentos sociais que foram em busca desse apoio e desses recursos lá em 1989, 1988, e depois houve também o compromisso do vínculo com os recursos do ICMS para a Fapesp. Por isso nós temos uma realidade um pouco diferente. Ainda bem. Que bom que temos isso. Mas o Brasil precisa de um projeto e de um compromisso diferente do que nós temos hoje.

É preciso ter uma unidade de todas as áreas, de todos os atores da sociedade civil, não só os da universidade, para a ciência, as nossas agências financiadoras, as nossas universidades, a estabilidade orçamentária e do orçamento da União. A universidade hoje precisa se abrir, como eu disse, e isso também está na exposição do Muntadas. “A universidade do século XXI precisará ser totalmente permeável.” Essa foi uma das frases mais marcantes para mim. Eu acho que há alguns movimentos nesse sentido, principalmente nas universidades federais, mas nós estamos caminhando e precisamos caminhar mais e, ao mesmo tempo, ter a sociedade ao nosso lado, para que nós possamos ter uma política diferente e possamos também tratar e levar à sociedade essas questões, de modo a ter o apoio dela.

Aliás, uma pesquisa do Sou Ciência, do Centro de Estudos Sociedade, Universidade e Ciência, que eu atualmente coordeno – não pude falar sobre isso, mas está no nosso site, www.souciencia.unifesp.br –, mostra que 92% da população brasileira apoiam as universidades. Apenas 8% desejam a privatização. Mais de

95% da população confiam, somando todas as modalidades, nas universidades, na pesquisa e na ciência que é feita nas nossas universidades. Ao mesmo tempo, olha que interessante, querem tomar a vacina. Ou já tomaram ou querem tomar, e não entraram nos movimentos antivacina e anticiência, que hoje as nossas universidades também precisam enfrentar.

Então, para finalizar, não há formas alternativas nessa questão. Há, sim, uma grande coalizão da sociedade com as universidades, com os atores das universidades, para que nós possamos de fato ter um projeto de educação superior que valorize as nossas universidades e a nossa ciência. Nós temos essa oportunidade, nós podemos fazer. Finalmente, quero agradecer. Muito obrigada, um grande abraço, foi um enorme prazer estar com vocês.

Plonski: Nós é que agradecemos, professora Soraya, e também ao professor Marcos Buckeridge pela participação. Queria cumprimentar a professora Soraya pela dedicação a essa construção da permeabilidade. Nós aqui no IEA costumamos chamar de “porosidade”, mas acho que é o mesmo conceito. Agora, quanto ao Sou Ciência, confesso que não tive ainda oportunidade de conhecê-lo, mas, com a dica que a senhora deu, já tenho no fim de semana algo a fazer. Muito obrigado. Professor Marcos, alguma palavra final antes de eu passar para o Muntadas?

Buckeridge: A Soraya comentou sobre essa questão da universidade ou da porosidade, que eu chamei na minha cabeça de “universidade líquida”.

Nós temos uma discussão muito interessante na USP no momento, com duas chapas, e eu acho que a discussão está muito bem colocada pelas duas e está sendo feita a respeito de pontos importantes. Eu acho que o exemplo da “universidade líquida” pode ser encontrado na gestão da professora Soraya. Ela fez isso. Quer dizer, é possível fazer. O meu ponto é que é possível, ou mais do que isso, já existe a universidade líquida. Ela já foi até a sociedade, ela já foi até a indústria. Temos que permear tudo.

Soraya, eu não sei se vocês dizem isso, mas é uma coisa que eu não gosto, que o pessoal comenta aqui na USP: dizer que a USP tem que seguir a sociedade. Não. Não, a USP e a Unifesp têm que ser a locomotiva. Nós temos que mostrar o caminho, e a sociedade vai ser melhor porque nós estamos mostrando o caminho. Afinal, nós produzimos o conhecimento. E junto com a sociedade, eu acho que

podemos ter uma universidade que é bastante diferente. Acho que o que a Soraya colocou da gestão dela é um bom exemplo e acho que temos bons exemplos aqui na USP, pois já estamos em 50% de cotas etc. Para uma universidade do nosso tamanho, é uma vitória muito grande. Eu acho que podemos, realmente, ter uma universidade bastante diferente do que vemos na universidade americana. A Europa é mais um mosaico, talvez, de estilos diferentes.

Eu gostaria de finalizar dizendo que acho que a universidade brasileira já pode dizer que tem um estilo, e esse estilo foi mostrado pela professora Soraya. Porque em outros campi das federais, professora, as pessoas estão indo no mesmo sentido.

E aqui nas universidades estaduais também estamos indo no mesmo sentido, no sentido dessa liquidez, dessa participação com a sociedade. E, para isso, é preciso não distinguir mais arte de ciência, de política. Nós precisamos pensar as coisas realmente de uma forma polimática. Por isso eu coloquei aquela pontinha do século XXI no caminho da interdisciplinaridade. É isso. De novo, abraços fortes ao Muntadas e ao Martin. Parabéns pela iniciativa, muito obrigado pelo convite e um abraço ao Ary também.

Plonski: Obrigado. Antes de passar ao Muntadas, nós temos uma mensagem que não é uma pergunta, mas merece ser lida, de um colega servidor da universidade, o Paulo Rocha. Ele é um doutor em biologia e arte-educador ambiental, tendo também esse de lado multiolhares e práticas. “Parabenizo o evento pelo tema e pelos convidados e convidadas. Excelente e emocionante relato da professora Soraya da Unifesp. Também ampla e interessante a apresentação do professor Marcos do Instituto de Biociências.” Antoni Muntadas, como você vê, você despertou mentes, olhos e também corações, pelas falas da professora Soraya e do professor Marcos”. Muntadas, por favor, a palavra é sua, com muita alegria.

Muntadas: Fiquei agradavelmente surpreso com as duas brilhantes participações da professora Soraya e do professor Marcos, para mim a ideia do *About Academia* no Brasil era ajudar a contextualizar um modelo externo e a colocá-lo em questão. Hoje eu aprendi muito, aprendi com informações que eu não tinha e isso deu sentido ao projeto, deu sentido ao projeto porque se o projeto de que eu falo tem que ser ativado não é necessariamente uma obra de arte é um artefato antropológico que deve ser ativado e hoje ele foi ativado em um contexto Brasil em sua dimensão máxima.

Eu ficaria grato aos responsáveis Martin e Ary se for possível publicar os depoimentos que tivemos nestes dias. Porque seria um complemento incrível poder entender que este projeto foi compreendido e transmitir algumas informações que em ambos os casos são informações privilegiadas muito importantes com isso quero dizer hoje e em relação ao resto muito obrigado Martin e alguém porque isso chegou ao fim, mas eu sempre digo continuamos, espero que as coisas não acabem e que haja um continuum.

Eu também gostaria de agradecer ao Diego por ser a pessoa que manualmente e intelectualmente tem sido capaz de fazer este trabalho no sentido do que você está transmitindo, a tradução analógico-digital, que eu acho que é um modelo. Martin, teremos que pensar que quando as coisas não podem ser feitas de uma maneira, elas têm que ser feitas de outra e traduzir tudo digitalmente neste momento em que a pandemia nos fechou, tem sido um bom modelo, mas do qual eu eu tinha minhas dúvidas, tenho que dizer.

Pensava que perderíamos o movimento de uma excursão a um espaço físico, uma sociabilidade, um encontro entre pessoas, mas reconheço que isso possibilitou que você acompanhasse mais pessoas e que, é claro, acho que a possível publicação com esses depoimentos seria fundamental. Obrigado a todos e, também pontualmente, obrigado à Soraya por trazer a referência à permeabilidade da Universidade no século XXI e ao Marcos por lembrar do jardim de Platão em que tudo começa e que o jardim e a peripatética do conhecimento é algo que deve continuar talvez com outros meios, estamos em uma peripatética virtual mas lá vamos nós, muito obrigado.

Plonski: Muito obrigado, caríssimo Muntadas. Queria dizer que, como nós teremos pelo menos duas formas de perenização dessa exposição. Uma são os próprios vídeos, que ficam disponíveis, e isso faz parte da nossa experiência, de muito antes da pandemia, pois isso vem desde a gestão do professor Steiner, há um bocado de tempo. Essa midiateca é bastante acessada posteriormente e, portanto, esses debates que aconteceram em abril e agora ficarão disponíveis. Mas conversamos depois, não é, Martin e Diego? Conversaremos para, não fazer uma transcrição, porque talvez fique um pouco extenso, mas para tentar fazer algo, evidentemente consultando os participantes e as participantes. E junto com o Muntadas, para ter uma característica não só de diálogos, mas de

arte também. Bom, e aí você, Martin, você, que é em nosso guru artístico, terá muito a sugerir. Eu agradeço, mas certamente ficam muitas perguntas no ar. Uma das perguntas que eu deixo é a questão de que, nos Estados Unidos, na instituição de ensino superior, há vários modelos. Nós acabamos olhando mais para o que é o nosso modelo específico, que são as chamadas universidades de pesquisa, conforme chamamos no Brasil, *research universities*, naquela classificação da Carnegie. Mas o sistema de ensino superior é muito variado. Enfim, é uma das questões para se refletir, mas temos material para outros temas e para outros encontros. Novamente, como sempre, ficaremos muito agradecidos se pudermos contar com a presença da querida professora Soraya. O Marcos já é da casa. Além do Antoni Muntadas. Você continua em Nova York ou não? Onde você está fisicamente, além de estar no espaço virtual?

Muntadas: Estou em Veneza, lecionando. Todo ano, três meses entre outubro e dezembro, estou na Universidade de Arquitetura Del Veneto. E, bem, é um bom complemento para Nova York, é mais calmo.

Plonski: Certo, muito bom. Então desejamos uma boa estada, um bom passeio de gôndola e felicidades. Continuamos juntos, principalmente pelo Martin e pelo Diego. Mas queremos saber do teu *whereabouts*, “onde está Muntadas?”. Martin, você fez a abertura, por favor, conclua.

Grossmann: Farei muito rapidamente, porque passamos já do horário previsto. Fechamos com chave de ouro essa sequência, como o Muntadas também já mencionou. O que eu acho interessante, este o meu último comentário, é que no Brasil, como eu sempre falo, nós nunca tivemos necessariamente uma academia de arte forte como vemos na Europa, essa formação mais específica do artista.

Aqui no Brasil, realmente, nós somos modernistas na base, e o ensino, a formação do artista, se faz na universidade, que é esse campo que o IEA explora talvez como ninguém, além do mesmo ser feito por institutos congêneres, e a boa lembrança do Ary, da recém-criação do Instituto de Estudos Avançados e Convergentes da Unifesp, criado pela reitora Soraya. Isso é importante, porque são esses instrumentos de interface, mas também que investem na transversalidade – e que eu sempre menciono que é um campo muito rico que ainda não foi explorado pelas nossas universidades –, que permitem de fato esse encontro entre as várias áreas.

Então faz muito sentido a arte estar nesse campo, apesar da dificuldade de conversarmos e nos entendermos. Mas acho que este dia de hoje, esta manhã, mostra que há, sim, convergências, há, sim, diálogo, e a possibilidade do diálogo e da escuta. Eu acho que o mais importante, antes de tudo, vem da escuta, para que haja interação e a possibilidade de talvez imaginarmos outras possibilidades de universidade, sejam elas líquidas, sejam elas permeáveis, porosas, sejam elas o que forem, mas certamente mais próximas à sociedade, mais próximas às diferentes realidades que encontramos ao redor do mundo.

Então, as universidades precisam, sim, olhar para o contexto. Eu acho que o Muntadas tem essa preocupação permanente nos seus vários projetos, e esse, apesar da sua especificidade, deixa isso muito claro, isto é, a necessidade de estarmos permanentemente pensando a universidade.

Participantes

Guilherme Ary Plonski (moderador)

Guilherme Ary Plonski é Professor Titular da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (Departamento de Administração) e Professor Associado da Escola Politécnica (Departamento de Engenharia de Produção) da USP. É Diretor do Instituto de Estudos Avançados. É também Coordenador Científico do Núcleo de Política e Gestão Tecnológica e Vice-coordenador do Centro de Inovação, ambos da USP.

Foi Fulbright Visiting Research Scholar (Center for Science and Technology Policy, Rensselaer Polytechnic Institute EUA), Diretor Superintendente do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo e Presidente da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec). É Diretor da área de Gestão de Tecnologias em Educação da Fundação Vanzolini e Coordenador de Projetos na Fundação Instituto de Administração. É Membro Titular e Conselheiro da Academia de Ciências do Estado de São Paulo (ACIESP).

É Pesquisador-Emérito do CNPq e coordenou a rede internacional University-Based Institutes for Advanced Study (UBIAS) e integra a Junta de Governadores do Technion - Israel Institute of Technology.

Marcos Silveira Buckeridge

Marcos Buckeridge foi Pesquisador Científico do Instituto de Botânica da Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo por 20 anos. Em 2006 se mudou para a USP, onde hoje é Professor Titular do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. Foi Presidente da Associação dos Estudantes e Pesquisadores na Grã-Bretanha (1993 e 1994) e Presidente da Sociedade Botânica de São Paulo por dois mandatos (2001 à 2005). Entre 2015 e 2019 Buckeridge foi presidente da Academia de Ciências do Estado de São Paulo.

Em outubro de 2018 foi eleito Diretor do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. É membro do Instituto de Estudos Avançados da USP, onde co-criou e coordena o programa USP-Cidades Globais. O trabalho de Buckeridge

já gerou 4 livros, 8 patentes, mais de 50 teses de mestrado e doutorado e mais de 180 publicações científicas em fisiologia, bioquímica e biologia molecular de plantas. Foi membro fundador do Programa BIOEN-FAPESP e de 2009 a 2012 foi diretor Científico do Laboratório Nacional de Ciência e Tecnologia do Bioetanol (CTBE) em Campinas.

Hoje desenvolve também pesquisas relacionadas às Ciências Urbanas Aplicadas, trabalhando principalmente no desenvolvimento de Políticas Públicas embasadas em conhecimento científico para aplicação no ambiente urbano. Em 2010, Buckeridge foi selecionado como um dos autores líderes do Fifth Assessment Report (AR5), publicado em 2014 pelo Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC). Em 2017, se tornou o único cientista radicado no Brasil a participar como autor do Relatório Especial 1,5C Warming Word do IPCC, publicado em dezembro de 2018.

Soraya Soubhi Smaili

Soraya Smaili é Professora Titular do Departamento de Farmacologia da Escola Paulista de Medicina da UNIFESP. Ocupa a Cadeira 36 da Academia Nacional de Farmácia. Graduada em Farmácia e Bioquímica pela Universidade de São Paulo (1985), realizou Mestrado, Doutorado e Livre-Docência pela Escola Paulista de Medicina, UNIFESP.

Smaili é pós-doutorada na Thomas Jefferson University e no National Institutes of Health (NIH). Foi Pesquisadora Visitante no NIH e fellow da Fogarty Foundation. Estabeleceu e coordenou os Laboratórios de Microscopia de Alta Resolução, Microscopia Confocal e o Laboratório de Sinalização e Morte Celular. Coordenou o Programa de Pós-graduação em Farmacologia da Unifesp. Foi reitora da Universidade Federal de São Paulo entre 2013 e 2021 e coordena os Centro de Saúde Global e o Centro SoU_Ciência, ambos da Unifesp.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Catálogo na Publicação
Divisão de Gestão de Tratamento da Informação da
Agência de Bibliotecas e Coleções Digitais da USP

About academia : (estudo de caso : Universidade de São Paulo, SP)
[recurso eletrônico] / um projeto por Muntadas ; organização
Martin Grossmann. -- São Paulo : Instituto de Estudos
Avançados, Universidade de São Paulo, 2024.
196 p. : il.

ISBN 978-65-87773-71-1

DOI 10.11606/9786587773711

1. Universidade 2. Educação 3. Universidade de São Paulo I.
Muntadas, Antoni. II. Grossmann, Martin. III. Subtítulo.

CDD (23.ed) – 378.007

Elaborado por Cristina Miyuki Narukawa – CRB-8/8302

Universidade de São Paulo

Reitor: Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-reitora: Maria Arminda do Nascimento Arruda

Instituto de Estudos Avançados

Diretora: Roseli de Deus Lopes

Vice-diretor: Marcos Buckeridge

Grupo de Pesquisa Fórum Permanente: Sistema Cultural entre o Público e o Privado

Coordenador: Martin Grossmann

Vice-coordenadora: Isis Baldini Elias

Título

About Academia (Estudo de Caso: Universidade de São Paulo, SP)

Coordenação

Antoni Muntadas

Organização

Martin Grossmann

Autores

Ailton Krenak

Antoni Muntadas

David Gange

Érica Peçanha

Guilherme Ary Plonski

Guilherme Wisnik

Helena Nader

Macaé Evaristo

Marcos Buckeridge

Mariko Murata

Martin Grossmann

Naomar de Almeida Filho

Néstor Garcia Canclini

Nikki Moore

Renato Janine Ribeiro

Soraya S. Smaili

Produção editorial

Diego de Kerchove (FP) e Fernanda Cunha Rezende (IEA-USP)

Tradução

Diego de Kerchove

Revisão

Henrique Torres e Ulisses Marques Rocha Franco

Projeto gráfico e diagramação

Tie Ito

Número de páginas

199

